LUIS BERNARDO L. D'ATHAIDE

NOTAS SOBRE ARTE

SÃO MIGUEL—AÇORES

(SUBSIDIOS HISTORICOS)

OFICINAS
da
PAPELARIA MICAELENSE
PONTA DELGADA
—S. MIGUEL—
AÇORES
1915

...t. ...
...rat. 22
...um. ...
...bser. ...

P. 22

Est. 6 Prat. 2 .21
Caixa ____ Núm. 6373

NOTAS SOBRE ARTE

LUIS BERNARDO L. D'ATHAIDE

NOTAS SOBRE ARTE

SÃO MIGUEL—AÇORES

(SUBSIDIOS HISTORICOS)

OFICINAS
da
PAPELARIA MICAELENSE
PONTA DELGADA
—S. MIGUEL—
AÇORES
1915

Estudo dedicado e oferecido á Secção de Arte do Museu Municipal de Ponta Delgada, = Dr. Carlos M. Gomes Machado =, destinando-se o producto resultante das suas vendas a auxiliar novas aquisições para enriquecimento da mesma Secção

PREFACIO

Ao terminarmos a publicação de uma serie de artigos onde compilamos algumas notas e apontamentos sobre arte em São Miguel e parecendo-nos terem despertado um certo interesse, resolvemos reunil-os em volume e acompanhal-os de documentação fotografica, formando assim o presente trabalho de investigação historica.

Nas noticias que se seguem, colhidas umas nos documentos e outras na tradição, encontram-se seguras provas da cultura de certos ramos de arte n'esta Ilha, os quaes se não apresentam no seu conjunto um passado brilhante, legaram-nos comtudo uma apreciavel acumulação de trabalho que não merece ser votada ao desprezo e ao esquecimento.

Essa cultura artistica é bastante remota e se pretendermos investigar as origens das primeiras manifestações de arte, teremos de atender não só ás condições em que se realisou a colonisação no seculo XV, como ainda aos seus elementos constitutivos.

Nas epocas mais afastadas, alguns anos depois do descobrimento d'esta Ilha, apareceram nucleos de população, esbôços das futuras vilas e aldeias, congregando-se em volta de pequenas ermidas que depois se transformaram em templos mais espaçosos á medida que o aumento da população os

ia exigindo, onde com fervorosa fé medieval, se retemperavam os animos e se iluminavam os espiritos enfraquecidos e desalentados pelas agruras de um intenso labor rustico e pela pressão do meio cujo isolamento devia oprimir fortemente a alma popular.

A proteção dada ao culto religioso, como factor importante da ordem e da disciplina sociaes e consequentemente do progresso economico, não podia ser olvidada nem pelo infante D. Henrique, nem pelo rei seu sobrinho, uma vez que diligenciavam realisar rapidamente a povoação das ilhas e de certo atenuar as desordenadas perturbações resultantes de uma sociedade nascente, á qual concorriam elementos heterogeneos de proveniencias diversas e onde se faziam representar o espirito aventuroso, irrequieto e guerreiro que então caracterisava o modo de ser nacional e a escoria continental subtraida á acção da justiça

A arte portugueza atravessava n'este tempo um periodo dos mais notaveis sob o impulso da pleiade ilustre dos filhos de D. João I.

O infante D. Henrique, para quem as artes, (pintura e iluminura,) tinham um valor muito particular, especialmente pela sua aplicação á cartografia e o rei D. Afonso V, dotado com um delicado temperamento idealista que o levou a prodigalisar vasta proteção á pintura, não deixariam de ponderar as vantagens da existencia de arte religiosa nas igrejas açôreanas em proveito do melhor e mais eficaz desempenho do culto divino, nas suas comuns aspirações á fixação e normalisação da nova colonia, com organisação social vasada em seguros moldes de tranquilidade e trabalho, para assim a verem transformada, sem delongas, em uma força compensadôra dos grandes encargos determinados pelas arrojadas e gloriosas emprezas maritimas em que se expandia o povo portuguez.

A falta de documentos coevos e a acção constante de um clima saturado de permanente humidade que tudo dilue com o andar dos tempos, não nos permitem demonstrar a vinda de retabolos portuguezes no seculo XV, sob a provavel indicação e o natural estimulo d'aqueles dois ilustrados principes

artistas, achando no entanto esta hipotese perfeitamente admissivel.

Não concorreram, porem, exclusivamente a essa colonisação habitantes do continente portuguez e ao desejarmos discriminar as mais afastadas influencias que por ventura possam ter determinado o nosso ulterior desenvolvimento artistico, devemos atender tambem á immigração de extrangeiros, castelhanos, alemães e flamengos, naturaes de paizes onde se desvendavam então periodos da historia da arte verdadeiramente gloriosos.

Entre esses primeiros povoadores apareceram espanhoes, (mestres de obras biscainhos,) e na segunda metade do seculo XV derivaram para os Açores dois mil flamengos trazidos pelo capitão donatario do Pico e do Faial Jobs Van Huerter, protegido pela duqueza de Borgonha, filha de D. João I, na maior parte lavradores e artifices, os quaes por 1490 formavam já uma importante colonia que depois se foi estendendo pelas outras ilhas do arquipelago (1).

Importados do norte os usos, os costumes, as alfaias, os moveis e a orientação artistica ali dominante, estava preparado o meio para se estreitarem as relações comerciaes entre os Açôres e a Flandres, as quaes atingiram no seculo XVI maior incremento, quando o pastel e o assucar se tornaram o mais fecundo manancial de riqueza na primeira fase da nossa historia industrial e agricola.

D'essas incipientes relações com povos dotados de notavel compleição e esmerada cultura artistica, resultou o apparecimento de objetos de arte, taes como retabolos, tapeçarias e depois mesmo de artistas e ainda, atè certo ponto segundo se nos afigura, o desabrochar de algumas formas de arte que só mais tarde no decorrer do seculo XVI, nos são então claramente reveladas pelos documentos.

Vindo, porem, a grande base da colonisação de Portugal e sendo nós portuguezes, predominou a arte nacional que de-

(1) Manifestações de arte entre nós nos seculos XV, XVI, e XVII — (pequeno estudo por nós publicado, ao qual damos no presente arquivo maior desenvolvimento).

pois seguiu a sua evolução geral, alterada apenas em parte, sob o ponto de vista interpretativo, pela idiosincrasia particular dos artistas indigenas. Os tramites d'essa evolução estão patentes nos templos, onde uma grande acumulação de produções pode ser ainda observada, vinda desde quasi o alvorecer da nossa existencia.

De todas as epocas notam-se vestigios ou manifestações completas, podendo marcar-se um periodo inicial até meados do seculo XVI em que na arquitetura é seguido o estilo chamado manuelino, e outro, que prolongando-se pelos seculos XVII e XVIII, é orientado exclusivamente pelos estilos derivados da decadencia da Renascença italiana.

Não é por consequencia destituido de interesse o estudo feito sobre o que existe disseminado pelas igrejas e ermidas, as quaes, bem se pode dizer, constituem em conjunto um museu de manifestações de arte de origens diversas e de epocas diferentes. Assim poderemos mencionar, -*grosso modo*,- a par dos extravagantes motivos decorativos que revestem as portadas manuelinas, as formas de transição para o novo estilo-barôco- dos começos do seculo XVII, que depois se fixou definitivamente: os retabolos mais antigos de modesta decoração, com colunas geralmente de ordem composita, nichos ovados, ornamentados com folhagens simples, rosaças e anjos em baixo relevo no fundo das composições, cedendo depois o logar aos dois tipos predominantes, o romanico e o jesuitico, umas vezes aparecendo distintos e outras conjugados: alguns paineis e esculturas de estilos, espanhol, flamengo e portuguez, concorrendo com outros de proveniencia indigena: decorações muraes de artistas micaelenses e continentaes emoldurando outras executadas nos retabolos, onde sobresae o ouro: azulejos correspondentes ás fases porque passou a ceramica nacional do seculo XV-, (ultimo quartel), em diante, revestindo muitas das paredes dos templos e ainda a interferencia, na sua decoração interna, de produtos da serralharia, da ceramica e da ourivesaria micaelenses e estranhas.

N'este trabalho de ornamentação, colaboraram os nossos artistas durante quatro seculos, reconhecendo-se haverem

eles lançado sempre mão das suas aptidões sem que fosse muito frequente o apelo a auxilio alheio. Trata-se portanto da revelação de uma forma especial da nossa actividade, até aqui esquecida ou ignorada que nos propomos evidenciar no presente estudo, procurando especialmente provar a sua existencia por meio de noticias documentadas de artistas e designando ao mesmo tempo algumas das produções de arte importadas e ainda hoje visiveis.

No conjunto d'essas noticias, encontramos uma variavel mediocridade artistica aqui e além iluminada, na sua semiobscuridade, pelos lampêjos d'algumas aptidões mais notaveis, ou d'algum periodo de maior aperfeiçoamento, limitando o ambito dentro do qual evolucionaram as nossas artes, parte das quaes apresenta uma sequencia ininterrupta desde os começos do seculo XVI até hoje.

As condições particulares em que elas germinaram e se desenvolveram, incompativeis com notaveis florescencias e fecundas prosperidades, não permitiam, na verdade, trajectoria diversa.

Como já tivemos ocasião de notar e de novo insistimos, se por um lado o meio fisico era sob certos pontos de vista excecionalmente favoravel ao desabrochar das tendencias artisticas, por outro ele proprio e causas sociaes diferentes, sobre elas exerceram uma acção atrofiante, paralisadora e permanente.

Os mais sensiveis temperamentos de gerações consecutivas não podiam deixar de sofrer a benefica influencia, não só de um clima inalteravelmente confortavel, como dos sugestivos aspectos da exuberante natureza que os rodeava, outr'ora muito mais emotiva quuando a Ilha recamada de esparsos arvoredos seculares, de um pitoresco inconfundivel, inspirador de algumas das mais interessantes paginas de Fructuoso, se apresentava ainda na sua forma virginal e misteriosa.

Ainda hoje ela conserva a maior beleza revelada quer na caprichosa originalidade dos recortes e ondulações do seu solo acidentado e uberrimo, quer na riqueza da sua policromia.

Aos primeiros planos, quando nitidos, seguem-se fundos

opalinos ou de um cobalto deslumbrante; quando suavisados pela humidade intensa, tomam então, esses fundos, um finissimo esbatido violaceo, onde os meios tons se conjugam n'uma harmonia perfeita.

Tonalidades brandas e violentas de lavas de diferentes epocas que vão desde o vivo vermelhão até ás mais finas nuanças carminadas, destacam dos verdes aveludados das montanhas, sempre envolvidas atè aos cumes em amenos acordes de côr; e o mar umas vezes tranquilo, profundo e intensamente azul, outras oferecendo tonalidades em extremo variadas quando agitado, tem a iluminal-o, assim como a paisagem, um ceu que o valorisa pela deslocação rapida do seu nublado intermitente, pela consequente incidencia de enormes sombras movediças e pela infinita oscilação de fugitivas projeções, atingindo então por vezes um grao de beleza excecional, quando se avivam as tintas vigorosas e os reflexos iriados dos nossos impressivos poentes, fontes fecundas de sã inspiração para as indoles de verdadeira compleição artistica.

E por toda a vasta gama de tons opostos e dessemelhantes e pelos relevos das mais caprichosas e asimetricas formas, perpassa invariavelmente a assetinada transparencia do ar, um compensador subtil que tudo eguala, equilibra e adoça, estendendo por sobre a terra a gaze tenue de uma imperceptivel neblina maritima.

O grande valor policromico da paisagem, repleta de ricos matisados, onde a par das manchas de verdes quentes e esmeraldinos, da sua vegetação variada, sobresaem por vezes os tapetes de ouro fulvo, as massas de azul limpido, de branco immaculado, e de rubro e ardente carmim das nossas odorosissimas flores, explendidas tanto pela côr, como pelas suas avantajadas dimensões, brotando expontaneamente do solo n'uma efusão e n'uma pujança notaveis, conduziu a nossa retina ao culto da côr.

Ela encontra-se sempre nas formas puras da decoração popular, nos estreládos das sebes festivas do Espirito Santo, nos tecidos dos teares aldeões, nas flôres prediletas do povo e nas paredes das nossas casas.

Essas tonalidades aparecem ainda nos cascos esbeltos dos barcos de pesca e costeiros, legitimos representantes das heroicas caravelas do tempo glorioso das primeiras descobertas e vestigios da importante e antiquissima construção naval micaelense, decaida já nos fins do seculo XVI, depois de ter o provedor da fazenda e armadas, proibido em 1594 a construção de embarcações de mais de 40 toneladas, no intuito de impedir o iminente e total desaparecimento das madeiras n'esta Ilha.

Essa utilisação das côres, sempre mais ou menos notada, deve ser a consequencia da longa acção exercida por uma vegetação opulenta, posta em destaque pela luz dimanada de um ceu inexcedivelmente belo, ao qual, usando da frase de Taine, ao falar do da Holanda, chamaremos tambem—uma grande escola de coloristas—.

O caprichoso relevo orografico e a sinuosidade e elevação das costas, as reentrancias bruscas das montanhas, as arestas torturadas e contrafeitas das rochas vulcanicas e mesmo as espiraes e os enovelados fantasticos das nossas nuvens constantes, devem por seu turno ter contribuido para que o desenho se acumulasse por meio de complicadas linhas vivas e salientes e fosse geralmente concebido em acentuadas contorsões. Assim, a natureza fazendo vibrar o sentimento e a alma popular, incutiu-lhe um cunho proprio que sob outras mais influencias do meio, atingiu então um perfil caracteristico e autonomo.

A vida de outrora foi asperamente agitada; ao rude e intenso trabalho agricola primitivo, imposto pelas Sesmarias, sucedeu um longo isolamento do Continente, para onde as comunicações eram dificeis e perigosas, tendo os navios de exiguas tonelagens de atravessar um mar infestado de corsarios que pairavam nas alturas dos Açores em busca dos preciosos carregamentos das naus da India e do Brazil, cujo rumo em geral era o d'este arquipelago, a fim de fazerem aguada.

O receio dos piratas não existia porem apenas no mar; em terra os assaltos eram frequentes, incutindo as suas desvastadoras pilhagens, profundos terrores e grandes sobresal-

tos, principalmente nas povoações do litoral. A par d'estas desoladoras calamidades, surgiram pavorosas convulsões sismicas que n'uma insistência seguida de subversões e assolamentos amedrontaram, oprimiram e estiolaram indelevelmente a alma popular, que permanecia desde os meados do seculo XVI sob a acção da Companhia de Jesus.

Esta longa acumulação de deprimentes estados de alma, deve ter determinado o nosso modo de ser violento, exagerado e supersticioso que transparece sempre mais ou menos nas concepções artisticas, atravez dos estilos e das correntes dominantes em que se enquadraram.

Um amplo desenvolvimento das Belas-Artes necessita de tranquilidade e calma e nunca se verificaram entre nós, nas epocas passadas, por forma duradoura e completa, essas duas condições essenciais para o seu progresso e florescimento.

Das mencionadas pressões do meio, umas fecundas e estimulantes, e outras estereis e paralisadoras, resultou a notada atonia artistica que só depois começou a dissipar-se, quando atravessámos essa fase da vida nacional do seculo XVIII, ávida de exibições espectaculosas e de requintadas sumptuosidades e que apesar de esbatida, se repercutiu nos usos e nos costumes micaelenses coevos, alimentada pelo ouro que então do Brasil corria a flux para Portugal.

Mais tarde, á medida que a emancipação de tão perniciosas e asfixiantes pressões foi sendo conquistada, vamos vendo a arte progredir naturalmente sob o domínio quasi exclusivo das benéficas influencias do meio fisico e de uma mais completa normalisação social, impulsionada finalmente pela fecunda generalização da cultura moderna.

Alcançado assim um estádio de mais visivel progresso artistico, começou então a salientar-se a necessidade de um auxílio directo e eficaz prestado ás Belas-Artes, já reconhecida ha cerca de sessenta anos pela Sociedade dos Amigos de Letras e Artes que chegou mesmo a pensar na organização de uma Academia de Pintura, e como ela aflorasse mais visivelmente no espirito publico, alvitrou o senhor coronel Francisco Afonso de Chaves, em 28 de Outubro de 1912, á

Comissão Municipal Administrativa, a creação de uma nova secção no museu Carlos Machado, destinada a Belas-Artes.

Aceite a idea sugerida, na justa interpretação do sentir comum, foi preenchida a lacuna ha tanto aberta, dando-lhe a referida Comissão realização prática, no bom desejo e no louvavel intuito de atenuar os inconvenientes da nossa situação divorciada dos meios de educação artistica.

Logo depois, honrou-nos a Camara Municipal com a nomeação de director da referida secção, cargo que aceitamos convictos de que as deficiencias resultantes da pouca competencia para o seu integral desempenho, serão até certo ponto supridas pela bôa vontade de que nos achamos possuidos, de concorrer com o nosso esfôrço para o seu maximo progredimento.

Foi então que reconhecemos a inutilidade de um trabalho que se limitasse apenas á colocação no museu dos quadros que o acaso fosse deparando e na idea de que n'uma secção d'arte deve desaparecer o prejuizo da distinção entre grande arte e as chamadas artes menores, uma vez que em todas se revela igualmente o mérito, a aptidão artistica e a habilidade manual, foi nosso primeiro cuidado edentificarmo-nos com o meio, tanto nas suas tradições sob o ponto de vista da arte, como no que n'ele existia revelador de merecimento artistico ou de valor documental, de proveniencia local ou extranha.

Como nada aparecia escrito e a tradição era em muitos pontos confusa e duvidosa e de posse apenas de exíguas notas dispersas, truncadas e por vezes desconexas e de poucos apontamentos por nós colhidos, reconhecemos ser o melhor caminho a seguir o de uma metodica investigação historica logo empreendida e de cujos resultados derivou a revelação, em face dos documentos, de algumas produções de arte antiga e moderna, assim como da cultura de artes indigenas, umas de origem antiquissima, outras mais modernas, umas atualmente vivas e florescentes, outras paralisadas e decaidas, nenhuma no entanto, das que conhecemos, por completo desaparecida.

Assim podemos indicar com segurança como formas de

artes tradicionais n'esta ilha, a obra de talha, a arquitetura, a pintura, as flôres artificiais, a ceramica, a tecelagem, a sarralharia e a ourivesaria; das que conhecemos, repetimos, pois outras poderão ter existido ainda, vindo mais tarde a lume em novas pesquizas coroadas de melhor exito.

De posse d'estes dados e inspirando-nos no que respeita á organisação da secção d'arte, na orientação que nos diz dever ser um museu, tanto quanto possivel, no seu conjunto um documento onde esteja exposta com clareza, bom gosto e criterio a evolução historica da arte, por meio da apresentação das mais seguras fontes de inspiração e das mais legitimas conceções do belo, desempenhando assim uma complexa missão social, como estabelecimento scientifico de alto valor historico e didatico, e ao mesmo tempo de recreio e de educação artistica popular; considerando tambem que o nosso museu, (embora com o andar dos tempos, possa vir a fazer aquisições de certo valor), não passará de um simples e modesto museu de provincia e por consequencia fatalmente condenado, pelos seus fracos recursos, a não possuir obras de primeira ordem, julgamos estar indicada a colecionação das melhores produções d'artes tradicionais locais, podendo reunir-se, muito especialmente nos dois ramos da obra de talha e da pintura, exemplares interessantes.

D'esta forma passará o museu a ser tambem um factor valioso e direto para o progresso das artes indigenas, avivando a um tempo as que estão em decadencia, dando vigor ás florescentes e animando-as a atingir étapes mais perfeitas e consequentemente mais lucrativas.

Entendemos pois, dever ter a secção d'arte do novo Museu Municipal que em breve vae construir-se, alem da parte respeitante a obras de arte que proventura a ele concorram, continentais e extrangeiras, devidamente classificadas por epocas, escolas e nacionalidades, uma outra exclusivamente destinada á arte micaelense, onde a utilisação das nossas artes industriais, como forma decorativa, aliada á exposição dos quadros de profissionais e amadores, dará a impressão de conjunto, rapida, exata e sintetica das aptidões artisticas do meio.

A nossa tradição, sob o ponto de vista da arte ficará reatada, desempenhando o museu, por assim dizer, a missão de um elo forte no encadeamento da sua passada evolução historica, com novas e futuras fases que prognosticamos virão a ser de sucessiva e ascencional perfectibilidade.

Creada portanto a secção de arte do museu pela Camara Municipal, e demonstrada tambem a vantagem de n'ela se representar a arte local, falta ainda atender ao problema do seu desenvolvimento, de dificil resolução, se notarmos a exiguidade dos recursos de que atualmente dispõe.

Como temos em vista a rapida realisação pratica da secção d'arte, julgamos dever fazer algumas considerações a este respeito.

A historia da organisação dos museus mostra-nos uma evolução crescente no sentido de facilitar e generalisar o mais possivel a educação artistica nacional, interessando todas as aptidões e colhendo a colaboração de todas as competencias, nos complexos trabalhos de aquisição, seleção, e distribuição.

Passada a fase embrionaria dos museus, durante os seculos XVII e XVIII, em que as coleções de curiosidades e as galerias de pintura eram meros apanagios dos principes e por consequencia desconhecidas da grande massa popular, abriram os legisladores da Convenção o novo periodo da sua historia, decretando a organisação de um grande museu nacional no Louvre, formado com as obras de arte dos palacios reais e das igrejas, sendo já considerados os museus publicos, factores primaciais do renascimento moral e intelectual dos povos.

Esta orientação revolucionaria que iniciou a vasta missão social dos museus, estendendo-se depois a outras nações e frutificando por toda a parte, atingiu já modernamente uma maior generalisação manifestada na grande creação não só de museus nacionais, provinciais e municipais, como das suas respectivas especialisações, nos paises que seguem na vanguarda da civilisação.

A Alemanha, após as guerras napoleonicas, ao embrenhar-se no esfôrço gigantesco e febril da reconstituição das suas

esfaceladas energias utilisando as privilegiadas qualidades de método de organização e de empreendimento que a caracterizam, abraçou tambem com entusiasmo a orientação ditada pela Revolução Francesa, (embora sem a feição acentuadamente democratica), e procurando dar o maior vigor às suas forças intelectuais, criou a Universidade de Berlim e depois o seu museu em 1830, o -Alte-Pinacothek- de Munich em 1826 e outros mais, os quais são considerados as pedras angulares da expansão germanica atual no campo das artes e das sciencias.

Humbolt chamado por Frederico Guilherme III a estudar a organização dos museus, emitiu então uma doutrina segura que sendo depois seguida com crescente sistematização e com progressiva sequencia de reformas, pelos seus mais notaveis continuadores, como Gustav Friedrich, M. Bode, M. Lichtwark, Brinckmann e outros, veio demarcar o amplo e solido caminho porque enveredou a arte alemã, colocando o império no primeiro plano na ordem dos paises que cuidam dos seus museus com critério verdadeiramente scientífico, tanto no que respeita ás suas construção e administração, como á formação metódica e ao bom acondicionamento das colecções.(1)

A intervenção de diversos elementos de reconhecida competencia, como auxiliares no trabalho de selecção, foi uma idea expressa por Humbolt que indicou uma comissão mista constituida por historiadores de arte e por artistas, para apreciar o valor das obras a expôr, em relação ao fim a que se propõe um museu.(2)

Mais tarde, recorreu-se ainda á intervenção de elementos extranhos, no trabalho de aquisição, fundando-se em França, a Sociedade dos Amigos do Museu do Louvre, e na Alemanha, a dos amigos do museu do Imperador Frederico em 1894, por iniciativa de M. Bode, cuja missão consiste em impulsionar o seu mais amplo desenvolvimento, abonando quantias para compra de obras de arte etc.

---

(1) L' Organisation des musées — Louis Reau.
(2) Les musées de Berlim — Louis Réau.

As vantagens d'estas agremiações foram alem de toda a espectativa, não só na Alemanha e em França onde se multiplicaram, como na Bélgica na Inglaterra e em outros paises.

Os otimos resultados obtidos com esta forma de protecção devem levar naturalmente todos os diligentes conservadores dos museus a procurar constituir sociedades identicas, formadas pelos mais dedicados amigos das Belas-Artes, iniciativa particularmente indicada, quando esses museus se organizam, contrabalançando-se assim por meio do concurso, da colaboração e do interesse de entidades competentes, as habituais deficiencias da protecção oficial.

E se a necessidade de um tal impulso é manifesta e clara nos meios importantes onde os museus dispõem de avultadas dotações, torna-se, a nosso vêr, imperiosa e inadiavel para os pequenos museus provinciais que destituidos em geral de recursos próprios e quasi sempre abandonados pelo poder central, permanecerão indefenidamente votados a uma quasi inalteravel estagnação e condenados a uma vida esteril, se a iniciativa particular não vier n'uma benéfica missão subsidiária, amparal-os com o seu auxílio e dedicação.

Entre nós vemos felizmente a secção de arte do Museu Municipal precedida de uma animadora corrente no sentido de a fazer prosperar.

Assim, a constituição n'esta cidade, de uma comissão destinada a promover exposições de Belas-Artes anuais, com o intuito de adquirir com os lucros d'elas provenientes objectos de arte para o museu e que transpondo innumeras dificuldades realisou ja tres certamens de arte em 1913, 1914 e 1915, as mais importantes e valiosas exposições organizadas nos Açores até hoje, e mesmo talvez em Portugal, não falando nas de Lisbôa e Porto, ás quais têm concorrido notaveis pintores e escultores portuguezes da atualidade, tais como Condeixa, Carlos Reis, Malhôa, Veloso Salgado, Simões d'Almeida (Sobrinho) e outros; o auxílio prestado pela Junta Geral do Distrito, votando verbas para a aquisição de quadros, e a oferta feita ao museu por um grupo de amadores de pintura, de uma tela de Veloso Salgado, dádiva valiosa e de um a-

preciavel significado moral, são factos que pela sua espontaneidade estão a provar o particular interesse que entre nós vão despertando as questões de arte e que bem merecem ser n'este momento salientados.

Pelo que deixamos dito e notando ainda o bom acolhimento que por parte do publico tem tido essas exposições, parece estar indicada a creação de uma Sociedade dos Amigos do Museu de P. Delgada que continue a organizar exposições anuais, a atrair artistas continentais, a valorizar o museu com novas aquisições, a estimular a cultura artistica do meio e que junto das corporações administrativas, junto dos governos, dos conselhos de arte e arquiologia e dos directores de outros museus do Pais, procure zelar pelos seus interesses, advogando-os como sendo uma causa propria e com a autoridade de uma associação que se impõe pelo seu traballho desinteressado em prol da instrução publica.

Apesar do nosso isolamento da metrópole e da exiguidade dos recursos pecuniarios, cremos poder ainda assim fazer-se muito, bastando integrarem-se no mesmo ideal e solidarizarem-se n'uma propaganda comum todas as bôas vontades, que d'esta forma valorisarão consideravelmente a incipiente secção de arte do museu, robustecendo-a na fase inicial e dificil da sua existencia, na qual todo o apoio e toda a iniciativa de resultados práticos e imediatos são valiosissimos elementos que cuidadosamente devem ser colhidos e aproveitados.

Assim entraremos em um periodo de maior desenvolvimento artistico, dimanado da acção que deverá exercer o museu, onde a par da realização de conferencias sobre assuntos relativos a arte, terá a sociedade a sua séde, os artistas o seu atelier e o publico a sua escola, onde finalmente deverão ser ensinadas pintura e escultura gratuitamente, completando se assim, em parte, o ensino oficial das Belas-Artes ministrado na Escola Industrial Velho Cabral e no Liceu, concorrendo para a realização d'este desideratum de reconhecida importancia as nossas corporações administrativas, por meio de um modesto subsidio.

Resta-nos agora falar do estado atual da Secção de Arte do Museu.

Adquirido ha pouco o pavilhão que pertencia á Sociedade de Agricultura Micaelense, situado no Relvão, foi destinada para esta secção a sala central que brevemente será aberta ao público com a exibição de algumas produções de arte, as quais, embora sejam em reduzido número, constituem no entanto um ponto de partida já apreciavel.

Seguindo o plano atraz delineado, começámos por coordenar alguns quadros de azulejos portugueses vindos do Convento da Esperança de Ponta Delgada e oferecidos ao museu pela Junta Geral do Distrito.

Esses azulejos, barbaramente arrancados dos seus primitivos logares e aplicados depois ás paredes das celas, a esmo e sem o menor cuidado, foram dispostos em quadros agrupados por epocas e classificados.

Assim, possue o museu tres quadros com exemplares diversos, lisos e em relevo dos seculos XVI e XVII, (1500 a 1650); outros dois do seculo XVII, de pintura solta, da fase de transição para o período das grandes composições, em azul sobre branco do século XVIII; um truncado de diferentes padrões; e ainda outro, tambem em parte truncado, do seculo XVIII, representando uma scena pastoril, encimado por um azulejo com a assinatura de Oliveira Bernardes, a quem adiante nos referiremos e datado de 1712.

Esta assinatura pertencia a um painel grande completamente arruinado e insusceptível de se reconstituir, onde se descobrem vestígios de um scenário da Paixão, quadro conservado na arrecadação do museu.

Na pintura a óleo existem as seguintes produções: um cartão de José Veloso Salgado de 33-25 representando Casas de Leça da Palmeira, comprado por um grupo de amadores de Belas-Artes, na exposição de 1914, por iniciativa do Sr. J. Arruda Pereira e oferecido ao museu: uma tela de Artur Alves Cardoso, com o título, Pelo Ribatejo, estudo de nuvens, de 70-61, adquirido como o que se segue, pela comissão organizadora da referida exposição de 1914, com o subsídio

votado pela Junta Geral do Distrito, de 250$00, para auxiliar a formação da Secção de Arte; um cartão de João de Melo Falcão Trigoso, Margens do Meuse, Bélgica, de 40-32; um retrato em tela do Sr. Sholtz, atribuido ao pintor micaelense Marciano Henriques da Silva, assim como um outro de uma senhora, comprados pelo museu; o retrato em tela do Dr. Choque, segundo reitor do Liceu de P. Delgada, do mesmo artista, executado antes de ir estudar na academia e dois painéis grandes vindos da igreja da Graça, dos quais ainda não podémos cuidar.

Alem d'estes quadros, possue mais o museu os que foram adquiridos pela comissão promotora da exposição d este ano, com o rendimento d'ela auferido e com o segundo subsídio da Junta Geral; uma natureza morta de Aires Pinto de Mesquita, 51-81; uma tela, Práia da Rocha, (Portimão), 18-28, de João Vaz; uma tela, Moinho (S. Pedro do Sul), 37-45, de Ezequiel Pereira; uma tela, Religioso, 34-22, de António Tomás da Conceição Silva, diligenciando ainda a comissão comprar o quadro de Carlos Reis, - Geranios e Malva-rosa - que figurou na exposição de 1914.

É esta a base com que será aberta a Secção de Arte que contamos virá a oferecer para o futuro um conjunto de certo valor, se a Camara Municipal, ao proceder-se á construção do novo edifício do museu, ordenada na disposição testamentária do benemérito Manuel Inácio Correia, reforçar esse legado de maneira a ser ela concluida.

Temos por consequencia agora apenas uma adaptação provisória modesta que esperamos será substituida em breve por uma grande galeria que venha a preencher plenamente as deficiências da atual instalação, com as condições de luz próprias e dividida em tres salas uma arte original, para de proveniencia extranha, outra para arte indigena, como deixamos dito, e outra ainda para atelier e exposição de cópias e de quadros que não pertencendo ao museu, deligenciaremos, no entanto, apresentar ao público por emprestimo de particulares, ou por cedencia de outros museus, tornando assim conhecidos especímens de diferentes escolas e de nacionalidades diversas.

Embalados, portanto, na esperança da próxima edificação de uma ala destinada á arte, entendemos dever desde ja dizer que, se toda a construção tem de ser subordinada á cuidadosa defeza do grande adversário dos museus,-a humidade-, as maiores prevenções serão necessárias, na parte a que nos vimos referindo, pois as telas tornar-se-hão fatalmente as principais vitimas, se por ventura as devidas precauções não forem previamente tomadas.

Os quadros estão, na frase de um autorizado museógrafo francês, sujeitos a doenças como os seres vivos e d'essas a mais perigosa é, sem duvida, a determinada por um clima excessivamente húmido, como o nosso, onde nem os vernizes, nem as camadas de tintas e de óleos isoladores, nem o sistema inglês das caixas de ar e da protecção por meio do vidro, (a nosso ver prejudicial n'esta Ilha), poderão impedir a acção lenta, mas contínua e dissolvente, de um recinto pouco seco e de arejamento imperfeito.

Não se restringindo a missão de um director de museu apenas á classificação dos objectos expostos e a uma racional, criteriosa e artística apresentação, mas muito particularmente ainda, á sua segurança e bom acondicionamento, julgamos de grande oportunidade chamar desde ja a atenção para as condições especiais em que têm de ser construidas as salas do novo museu, sem as quais ficarão logo no seu início condenadas a uma fatal inutilidade.

Eis rapidamente indicada a justificação do estudo em que vamos entrar e conjuntamente traçada a orientação que entendemos dever ser seguida, para, em vez do estiolamento e da inércia de uma lúgubre e desconfortavel necrópole de quadros destituida de alcance, procurarmos, dentro do limitado ámbito dos nossos recursos e tanto quanto possivel, fazer surgir uma energia pujante, e uma organização instrutiva e de bôa estrutura estética, onde se possa colher a viva sensação da arte, encarando-a, não no seu falso aspecto de futil curiosidade, mas sim como a imagem palpitante do que de mais superiormente belo enflora a vida, e como um poderoso elemento impulsor do progresso social inde-

levelmente ligado ao destino dos povos; onde ainda, por meio da educação do sentimento do Belo, concorramos para o gradual aperfeiçoamento psíquico coletivo, fazendo seguras conquistas morais, suprema e primacial aspiração para cuja efectividade todos os bem intensionados têm o indeclinavel dever de concorrer, e para cujo incitamento todo o tributo é honroso, e terminando estas linhas, com que vimos prefaciando o presente arquivo, constituido na sua maior parte por notícias colhidas em antigos documentos devidamente coordenadas, diremos ainda que se reconhecemos não possuir essa compilação o valor e a importancia das pesquizas similares feitas em outros meios nos quais a arte atingiu culminancias memoraveis, supomos, no entanto, ter interesse local, razão porque a damos á publicidade e por julgarmos tambem não dever desprezar o historiador, no futuro, os subsídios secundários e mesmo os mais pequenos detalhes, na reconstituição d'esse vasto e empolgante quadro que é a evolução da Arte Nacional.

CAP. I

OBRA DE TALHA E ESCULTURA

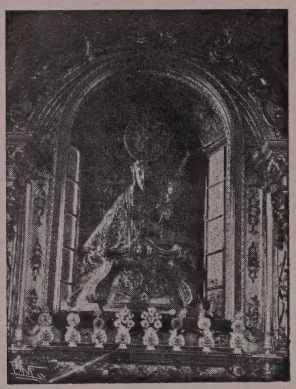
A obra de talha é uma das formas de arte que mais intensamente foi cultivada n'esta Ilha.

A preferência dada á arte de trabalhar a madeira, oferecendo-nos aspectos decorativos, rapidamente notada ao percorrermos os templos, deve ter sido determinada já pelas condições climatéricas do meio, onde a humidade exerce uma constante acção destruidora sobre as pinturas, já pela feição do povo micaelense, habitando uma ilha acidentada e cujo relevo orográfico é em extremo caprichoso, procurando sempre, talvez por este motivo, sensações mais nítidas e palpaveis, as quais se encontram na talha com maior facilidade e rapidez do que na pintura.

Esta arte, evolucionando por forma monótona, legou-nos uma acumulação de produções, algumas d'elas dos séculos XVII e XVIII, ainda hoje visiveis, que mais interessam pelo seu valor tecnico do que pela concepção artística e onde as mesmas tendências aparecem em geral acusadas. Nelas é notória, como de resto em outros ramos de arte, a propensão para os contrastes, muitas vezes derivando em flagrantes exagêros, propensão revelada não só nas artes plásticas, co-

mo nos cantos, nas danças e costumes populares, deixando transparecer sempre um temperamento rude e violento.

A talha é antiquissima entre nós, notando-se os primeiros sinais de empreendimentos n'este ramo de arte, denominado então, -imaginária-, (ensambladura e escultura), logo que o desenvolvimento económico se foi acentuando e que as condições de vida entraram em um estado de maior tranquilidade, normalisando-se nas suas múltiplas formas, até que na primeira metade do século XVI ela aparece ja defenida.



(Fot. I) Santo Cristo do Convento da Esperança de P. Delgada

No segundo quartel d'este século trabalhava em P. Delgada um artista imaginário chamado Francisco Teixeira, dizendo-nos Gaspar Fructuoso ter ele feito o primeiro retábulo para a matriz de P. Delgada.

A obra foi realisada aproximadamente por 1555. (1)

Esta lacónica informação pode ser reforçada com outros esclarecimentos por nós colhidos.

Assim, encontrámos nos fins do mencionado século e ainda em P. Delgada, dois artistas chamados Francisco Teixeira e Francisco Teixeira o moço imaginário, donde poder-se-ha concluir serem pai e filho.

Até 1645 descobrímos várias referências a estes imaginários, não sendo em algumas d'elas possivel discriminar ao certo, se dizem respeito ao primeiro se ao segundo.

Em 1 de Outubro de 1577, é enterrada pela Santa Casa de P. Delgada, a *mãe do imaginário Francisco Teixeira,* pagando este de esmola 300 reis. (2)

Em 1593 figura como testemunha em um testamento, *Fran-*

(1) — Saudades da Terra — Livro 4.º cap. 43.

(2) — Livro de receita e despesa da St.ª Casa de P. Delgada de 1577 e 1578 a pagg. 8 e 109 verso — no seu arquivo.

cisco Teixeira o moço imaginário (1) e dois anos antes, é admitido como irmão, pela dita Santa Casa, um artista do mesmo nome, assinando o respectivo assento. (2)

Em 1610, colabora na decoração da primitiva ermida de Nossa Senhora da Boa Nova de P. Delgada um destes artistas, fazendo o retábulo por 15$000, reis dando a móldura, (3) e nos anos seguintes aparece ainda como foreiro de um tal Francisco Brochado. (4)

Na procissão de quinta-feira santa feita pela Misericórdia de P. Delgada em 1623, toma um d'estes parte n'ela (5), falecendo em 6 de junho de 1626, não sabemos se um se outro, não vindo a profissão mencionada no assento de óbito. (6)

Este ficou sepultado na matriz de P. Delgada.

Supomos ser o mais antigo o que trabalhou no retábulo da igreja de S.Pedro d'esta cidade, retábulo concluido depois, entre 1642 e 1645, por Nicolau Domingues, o que adiante provaremos.

Em Ponta Delgada cultivava-se portanto a obra de talha pelos meados do século XVI, não estando a arte circumscrita a este ponto, pois na vila da Ribeira Grande viviam, por 1593, outros artistas.

Lourenço Teixeira, denominado o moço imaginário, fez o retábulo para a confraria de N. S. do Rosário d'aquela vila no dito ano.

Não tendo terminado a obra no tempo próprio, foi então forçado, pelo ouvidor Licenciado Ascêncio Gonçalves em carta monitória de 28 de abril de 1593, a concluil-a nas condições convencionadas até ao dia de S. João d'esse ano, sob pena de dois mil reis de multa e de lhe ser imposta sentença de excomunhão maior (7)

---

(1) — Papeis antigos da St.ª Casa de P. Delgada — testamento de Maria Rodovalho, mulher de João Alvares Rodovalho, feito em 15 de Fevereiro de 1593 em P. Delgada pelo escrivão Paulo Antonio.

(2) — Livro da irmandade da St.ª Casa de P. Delgada que começa a pagg. 3 — já sem capas — de 1591 a pagg. 46 — no seu arquivo.

(3) — Arquivo dos Açores volume XII a pagg 445.

(4) — Livro dos testamentos do convento de S. Francisco de P. Delgada — no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade, a pagg. 158.

(5) — Livro das lembranças da St.ª Casa de P. Delgada de 1623 a pagg 182 — no seu arquivo.

(6) — Livro dos mortos da Matriz de P. Delgada de 1586 — 1676 a pagg 93 verso — no seu arquivo.

(7) — Arquivo dos Açores vol. I pagg. 391.

Tratando-o, o documento por—moço imaginário—,parece demonstrada a existencia de outro artista do mesmo nome, talvez seu pai.

As noticias que deixamos dadas ácerca d'estes artistas nada nos dizem sobre a natureza das suas obras, não se sabendo ao certo, se se dedicaram apenas á talha propriamente dita, se produziram tambem esculturas.

A denominação de imaginário está indicando a factura de imagens de vulto, tendo nós encontrado apenas uma notícia clara a este respeito, nas pesquisas a que procedêmos sobre Gaspar Borges.

Em 1574 foi ele encarregado de armar e ornamentar a igreja da misericórdia de P. Delgada, dizendo o documento: «*com a obra que fez de figuras da Paixão*»,recebendo em abril do referido ano, como pagamento por esse trabalho, mil e seiscentos reis (1).

(Fot. 2) Cristo do Paço Fonte Bella

Nada se pode dizer com segurança sobre o valor artístico d'estes primitivos retábulos e imagens micaelenses, pela razão de nenhuma apreciação vir registada nos documentos que temos compulsado, nem tão pouco existirem as obras, segundo nos parece.

Tudo, porem, leva a crer terem esses artistas recebido particularmente a influência da arte portuguesa, manifestando as mesmas tendências, obedecendo á mesma evolução, caracterisada n'esse tempo pela interferência da Renascença italiana, sem comtudo perder por completo as formas originais e naturalistas determinadas pelas exigências da imaginação nacional exaltada pela vida aventureira que então levava o povo português e que chegou a impelir os açoreanos, embora moderadamente, para emprêsas de certo vulto, quer no sentido dos descobri-

(1)—Livro da despesa e receita da St.ª Casa de P. Delgada, de 1574, pagg. 27—no seu arquivo.

mentos de novas terras, quer no de ir batalhar com os mouros em Africa, ou exercer o comercio entre o Oriente e a Europa, transportando-os a longiquas e desconhecidas paragens.

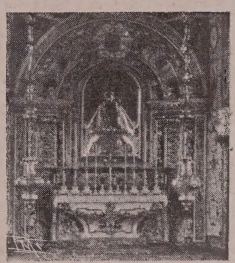
E' esta a idea que formamos d'essa primeira fase da obra de talha, nos séculos XV e XVI.

Como manifestações de arte importadas, mencionaremos duas esculturas, a imagem do St.º Cristo do convento da Esperança de P. Delgada (Fot 1) e um Cristo crucificado que pertencia ao falecido sr. Conde da Fonte Bela. (Fot 2)

Relativamente á imagem do Ecce-Homo, nada poderemos acrescentar ao que nos relata a tradição. Consta ter sido oferecida por um Pápa a duas religiosas que haviam ido d'esta ilha a Roma, soliçitar bula para edificarem um convento em Vale de Cabaços pelos principíos do século XVI.

A imagem entrou no convento da Esperança no ano de 1541, trazida por uma freira, madre Inês de St.ª Iria, quando, com mais oito companheiras, abandonou o convento de Vale de Cabaços, segundo consta, sujeito a frequentes assaltos dos piratas.

A historia d'esta imagem dentro do convento da Esperança, de 1541 até ao século XVIII, está feita por José Clemente, no seu livro sobre a vida de Madre Teresa da Anunciada e por este motivo nada mais acrescentamos, devendo sublinhar-se o facto de ter ela sido encarnada por artista indígena em 1680, aproximadamente, sendo talvez a carnação que ainda hoje apresenta, a d'esta época.



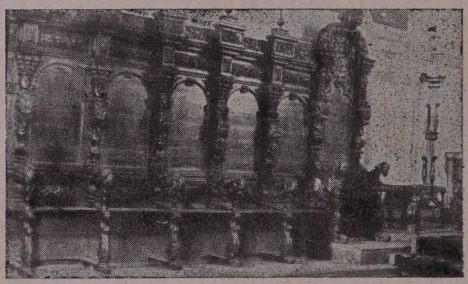
(Fot. 2) Capela do St.º Cristo do Covento da Esperança de P. Delgada

Esta escultura parece bem vir do começo do sèculo XVI e assim, afigura-se-nos não ser destituida de fundamento a tradição corrente.

Passando ao Cristo crucificado, diremos haver um equívoco na determinação da sua proveniencia. Esta imagem quando foi mandada a Italia pelo Sr.

Conde da Fonte Bela, segundo nos afirma o Sr. Dr. Ernesto Canto, no intuito de ser d'ela tirada uma cópia para uma oferta ao Bispo de Angra, foi atribuida a João de Bolonha de Douae, escultor que se estabeleceu em Italia, decorrendo a sua vida entre 1524 e 1608.

Foi então a imagem avaliada em alguns contos de réis e parece ter havido certa dificuldade em a reaver, pois sendo considerada como produção de arte do mencionado artista, pretenderam guardal-a ali como autêntica obra de arte.



(Fot 4) Cadeirado da Capela mor da matriz da R. Grande: desenho do vigario Souza Freire

Voltáram por fim as imagens para esta Ilha, não chegando a cópia a ir para a Terceira.

Eis o que temos ouvido dizer a seu respeito, relatando o Sr. Dr. Ernesto do Canto (1) o ocorrido, nos mesmos termos, e ainda ter sido comprado o original a um capitão de navio, por Jacinto Inácio da Silveira, 1.º Barão da Fonte Bela.

Ao entrarmos no seculo XVII, encontramo-nos no começo de um periodo a que bem se pode chamar do apogeu da técnica do entalhador.

A fundação dos conventos, a construção de templos mais amplos, de capelas mais espaçosas, a riqueza crescente da terra, e uma maior expansão comercial para centros importantes, tais como Flandres, Inglaterra e Sevilha, foram, sem duvida, factores que muito concorreram para um desenvolvimento acentuado da imaginária entre nós n'esta epoca, achan-

(1) — Extractos de documentos micaelenses do sr. Dr. Ernesto do Canto, na biblioteca de P. Delgada, ao falar do oratorio do Paço.

— Em maio de 1913, constou ter sido roubado o Cristo do — Paço Fonte Bela —, não se podendo descobrir o seu paradeiro: disse-nos, porem, ultimamente o Sr. Francisco Carvalhal ter sido roubada a cópia por engano e que pertencendo-lhe a verdadeira escultura, a mandára submeter ao exame de abalisados peritos em Paris, sendo por eles classificada como trabalho de autoria espanhola e não italiana.

do-se, depois, no século XVIII, as provas de um mais notavel aperfeiçoamento, felizmente ainda hoje visiveis em grande parte.

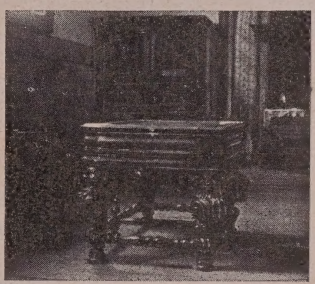
Um dos artistas mais conhecidos do século XVII foi Nicolau Domingues.

Não sabemos o ano em que nasceu, tendo notícia do seu casamento na matriz de P. Delgada, com Águeda Fernandes, em 4 de Setembro de 1606.

O assento do casamento diz ser filho de Antonio Gaspar e de Maria Álvares (1).

Em 1610 foi encarregado de forrar o arco da capela da antiga ermida de Nossa Senhora da Bôa Nova de P. Delgada, (outrora existente no local onde modernamente se construiu a penitenciária), forrando tambem o frontispicio e o corpo da igreja, «*tudo dividido em paineis com suas molduras*» conforme declara o documento, custando esta obra quarenta mil reis (2).

Nicolau Domingues foi o artista escolhido pela Santa Casa de P. Delgada para, em 1629, proceder a varios concertos nas —*bandeiras*—, sendo-lhe pagos por esse trabalho 2$500 rs. (3); e no ano seguinte é admitido como irmão, deixando patenteada a sua assinatura no livro dos assentos, (4).



(Fot. 5) Mesa da sacristia da matriz de P. Delgada outrora pertencente ao Colegio

Mais tarde, em 1637, volta a trabalhar na Santa Casa fazendo então uma cruz para a bandeira, concertando o crucifixo do consistorio e fazendo mais o retabulo do mesmo consistorio, o

(1) — Livro dos Casamentos da Matriz de P. Delgada, no seu arquivo — de 1584 1615 — n.º I a pag. 89.

Nota. — Nos livros d'esta epoca encontramos o nome de Nicolau Domingues, umas vezes com a mencionação do oficio — imaginário — e outras não, parecendo-nos comtudo tratar-se sempre da mesma pessoa e n'esta presunção são dadas as noticias a seu respeito.

(2) — Arquivo dos Açores, volume XII pagg. 445.

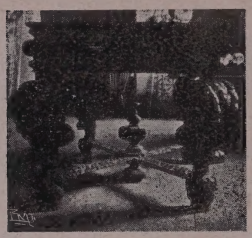
(3) — Livro da receita e despesa da Santa Casa de P. Delgada — no seu arquivo —, de 1629, a pagg. 38 verso

(4) — Livro dos assentos dos irmãos da mesma Santa Casa, feito em 1621 — no seu arquivo a pagg. 64.

qual representava a figura de Cristo, sendo-lhe pagos 4$000 rs. por esta ultima obra (1)

Entre 1642 e 1645, ocupa-se no trabalho mais importante de que temos conhecimento, — o retábulo do altar mór da igreja de S. Pedro d'esta cidade, contratando-o por cento e trinta mil reis (2).

D'esta data até ao fim da vida nada mais conhecemos da sua autoria por emquanto.



(Fot 6) Mesa da Sacr'stia de S. Francisco de P. Delgada

Nicolau Domingues vivia, por 1630, em P. Delgada, em uma das travessas da rua dos Mercadores (3) e faleceu em 6 de Setembro de 1660, sendo sepultado na matriz d'esta cidade (4).

Outras mais referências de valor secundário achamos, relativas a este imaginário, tais como, ter servido de testemunha no auto de aprovação do testamento do capitão Alexandre, em 1619 (5) e pagar um fôro á St.ª Casa de P. Delgada de mil reis, nos anos de 1629 e 1638 (6).

Faleceu, como deixamos dito, Nicolau Domingues *imaginário*, em 1660, tendo notícia mais tarde, em 1676, de outro artista da mesma profissão e do mesmo nome, desconhecendo ainda quais tenham sido as obras a que se dedicou(7).

Outros ensambladores nos aparecem no decorrer do sé-

---

(1) — Livro da receita e despesa da Santa Casa de 1637, no seu arquivo a pagg. 49 e 174.

(2) — Livro do tombo de S. Pedro de P. Delgada — no seu arquivo, a pagg. 177 — O retábulo do altar mór procurou o dito vigario fazer-se á custa dos herdeiros de Francisco Teixeira imaginário por ter recebido o dinheiro d'ele de sua magestade, havia muitos annos, o qual fez Nicolau Domingues em preço de cento e trinta mil reis, entrando no dito preço certas peças que tinha feito o dito Francisco Teixeira o que custou trabalho ao dito vigario por serem cousas muito antigas e em buscar os autos de arrematação que estava feita ao dito Francisco Teixeira

(3) — Livro das lembranças da Santa Casa de P. Delgada de 1638 — no seu arquivo a pagg. 39.

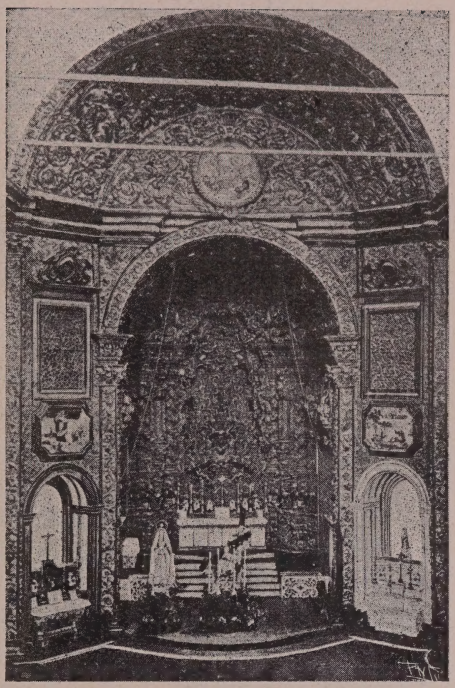
(4) — Livro dos mortos de 1586-1676, da Matriz d'esta cidade — no seu arquivo a pagg. 167.

(5) — Livro dos testamentos do convento de S. Francisco de Ponta Delgada a pagg. 265 — no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade.

(6) — Livro da receita e despesa da Santa Casa d'esta cidade de 1629 a pagg. 15 e livro das lembranças de 1638, a pagg. 39 ambos no seu arquivo.

(7) — Livro da irmandade da mesma St.ª Casa, sendo provedor o capitão Gaspar de Medeiros de Souza — no seu arquivo.

culo XVII, tais como João da Fonseca (1), Manuel Romeiro (2), Matias Rodrigues(3) e Miguel Romeiro, um dos mais conceituados artistas d'esta epoca, filho de Francisco Luis e de Bárbara Muniz freguezes da Sé d'Angra que casou na matriz de P. Delgada em 1 de Dezembro de 1675 com Maria de Souza (4). Romeiro teve um filho chamado André que faleceu em Fevereiro de 1690 (5) e vivia por 1707 na rua do Panchinha d'esta cidade.



(Fot. 7) Capela mór da igreja do Colégio de Ponta Delgada

Deixou obras importantes.

Em 1683 encontramos Romeiro armando o camarim da igreja da St.ª Casa de P. Delgada (6), e seis anos antes, em 1677, é aceite como irmão da mesma no dia 23 de março (7).

---

(1) — Em 1687 fez o retábulo e camarim da igreja de St°. Andre de Vila Franca por 180$000 reis, trabalhando ainda n'este convento nos ultimos anos do seculo XVII — Livro das Despesas do Convento de St°. Andre de Vila Franca de 1682 — 1693; — na folha do mez de Fevereiro de 1687 — livro existente no arquivo da Repartição de Fazenda de P. Delgada.

(2) — Foi o autor do retábulo e tribuna da igreja da St.ª. Casa de P. Delgada feitos por 1700 e custando 95$995 reis e mais 116$100 reis. Em 1708 concluiu a obra da igreja recebendo por ultimar o camarim 199$457 reis — Livro da Conta Corrente da St.ª. Casa de 1700, a pagg 102 verso, no seu arquivo, Livro da Conta Correntede 1702 em 16 de junho de 1708, no mesmo arquivo

(3) — Fez em 1699 os armarios para a sacristia da Capela do St°. Cristo no Convento da Esperança, referindo-se a este entalhador Jose Clemente no seu livro ja citado

(4) — Livro dos Casamentos da Matriz de P. Delgada de 1650 — 1677 a pagg 153, no seu arquivo

(5) — Livro dos mortos da matriz d'esta cidade de 1677 a 1709, a pagg 100 verso, no seu arquivo

(6) — Livro da Santa Casa d'esta cidade de 1664 — 1665, com a lista dos defuntos e lembranças de 1683, no seu arquivo

(7) — Livro da Irmandade da mesma Santa Casa, sendo provedor o Capitão Gaspar de Medeiros de Souza de 1654 — 1727 a pagg 115, no seu arquivo

Por conta da citada obra do camarim recebeu em 1681, 62$820 reis (1).

Em 1685 concertou a tribuna da mesma igreja (2) e em 1706 recebeu 29$128 reis para concluil-a e mais 58$660 reis pelo feitio dos retábulos de dois altares colaterais do dito templo (3).

A sua assinatura aparece-nos em diferentes recibos. De todos os trabalhos de Miguel Romeiro o que se apresenta como mais importante é o retábulo da capela do Stº Cristo do Convento da Esperança d'esta cidade e para darmos todo o valor a esta nossa impressão e ainda para melhor revelarmos o conceito em que era tido, cederemos o logar a Jose Clemente que ao falar da construção da capela, historía o sucedido com este entalhador.

Assim se refere José Clemente a Miguel Romeiro.

«. . . Faltava ainda a obra do retábulo para o altar da Capela. Para o fazer falou a serva de Deus (madre Teresa da Anunciada) a Miguel Romeiro, *um dos máis peritos na arte.*

Ao entrar em ajuste o oficial que sabia avaliar caro o trabalho, digo a obra das suas mãos, pediu um preço exurbítante. Não se acomodou a serva de Deus e lhe rogou por muitas vezes que abaixasse d'aquele preço porem sem fruto porque o oficial era d'aqueles que faziam timbre de não ceder do que uma vez pediram.

Vendo Teresa que com obstinação persistia no seu empenho pediu ao Senhor que o tocasse de sua mão com algum castigo que o obrigasse a um preço racional.

Não tardou em deferir esta petição.

Na noite seguinte se viu Romeiro acometido de intoleraveis dôres por todo o corpo de modo que desejando falar á serva de Deus, no outro dia o trouxeram em uma besta com grande trabalho.

Antes que ele pronunciasse palavra lhe disse Teresa que

---

(1) — Livro da conta corrente da mesma Santa Casa de 1681 a pagg 87, no seu arquivo
(2) — Livro da conta corrente da mesma Santa Casa de 1685 a pagg 101, no seu arquivo
(3) — Livro da conta corrente da mesma Santa Casa de 1706 a pagg 112 verso, no seu arquivo

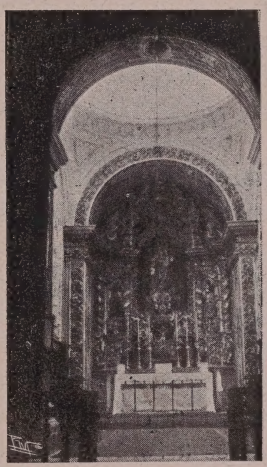
a causa do que padecia não era outra senão pelo excesso que pedira pela obra do Santo Cristo, porem que estivesse certo que no mesmo tempo em que prometesse fazel-a por um preço acomodado, experimentaria total melhora. Assim o fez ele obrigado da veemencia das dôres e foi causa averiguada que ao mesmo tempo em que fez a promessa desapareciam as dôres e ficou livre de toda a molestia, de modo que voltou para sua casa sem necessitar de socôrro alheio.

Em um dos dias seguintes entrou no mosteíro o dito Miguel Romeiro para delinear o risco do retábulo e *ainda que n'ele pôs todo o seu estudo e aplicação*, não agradou á Serva de Deus, a qual lhe deu a entender não ser aquele o desenho que o Senhor queria para o altar da sua Capela.

Desculpava-se Romeiro dizendo que ele obrára quanto sabia e conforme lhe ditavam as mais seguras regras da sua arte.

Não aquietou comtudo Teresa, ordenando-lhe que insistisse de novo em formar outro desenho que talvez o Senhor lhe inspiraria o modo como o desejava.

N'este tempo se apartou a serva de Deus e ficando Romeiro só principiou a formar diversas ideas para novo desenho até que cansado adormeceu.



Capela de N.ª S.ª do Rosário da matriz de P. Delgada

Em sonhos viu que a imagem do Cristo no passo do — Ecce-Homo —, com uma capa encarnada, se chegára aonde ele estava e lhe ia ensinando o modo como havia de riscar.

Acordou do sonho e com as especies tão vivas que sem dificuldade desenhou o retábulo como o Senhor o ditára.

Acabado o risco entrou a serva de Deus, á qual disse Romeiro que já estava concluido como ela desejava, porque o Senhor lhe aparecera em sonhos e lhe ensinára o que ele havia

executado. Sorriu-se a veneravel madre como quem já tinha noticia d'aquele sucesso e o oficial confuso e admirado publicou estes prodígios».

As referencias a Romeiro que deixamos transcritas, têm particular interesse por revelarem ser ele um artista afamado e ainda por afirmarem com segurança ter sido o autor da talha feita para a capela do Santo Cristo.

Será ela a que é ainda hoje ali visivel?

Não o podemos por emquanto assegurar, embora nos inclinemos com alguma confiança para a afirmativa.

Conhecemos uma estampa antiga da capela, representando-a com duas colunas em espiral, não tendo o arco talha apreciavel e uma outra mais moderna e muito vulgarizada, com uma simples cercadura de flores em volta, sendo ambas muito diversas do que lá se encontra atualmente.

Julgamos serem estas estampas fantasias dos seus autores, pois nem mesmo a imagem do Cristo acusa a mais pequena semelhança com o modelo.

Achamos provavel ser o atual retábulo o de Miguel Romeiro, talvez já modernamente restaurado, pois devemos considerar não ser natural, tratando-se de uma obra em madeira feita ha dois séculos, pouco mais ou menos, colocada em sitio sêco e batido pelo sol, e por mãos de quem, cheio de devoção e de habilidade, de certo a executou cuidadosamente, ter-se arruinado totalmente e por consequencia desaparecido.

E' o proprio José Clemente quem afirma ainda «ter saido uma obra valiosa e custado uma soma avultada».

Tudo isto e o ter sido o embelezamento da capela feito sob a protecção e fiscalização do capitão donatário D. José Rodrigues da Camara e ainda o facto de a madeira que ali se encontra, ser o cedro antigo d'esta ilha, já ha muito desaparecido, levam-nos a supor estar ali patenteada uma produção artistica de Miguel Romeiro, falecido em P. Delgada em 27 de Dezembro de 1707, e mencionado no registo de obito como oficial de marceneiro.(1)

(1)—Livro dos mortos da Matriz de P. Delgada de 1677—1709 a pagg 266 verso—no seu arquivo

Concluindo as notícias sobre talha do sèculo XVII, passamos a transcrever uma clausula do testamento de D. Margarida da Camara, datado de 10 de Julho de 1627, que se encontra no livro dos testamentos do convento de S. Francisco de Ponta Delgada, pela qual se pode fazer uma idea da decoração dos altares n'esta época.

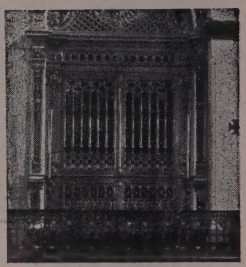
.....Na fazenda q. me ficou por falecimento de meu marido Christovão Dias fiz hua ermida de Nossa Senhora da Saude (Arrifes) com grande desejo de fazer serviço á Senhora May de Deus, para reparo d'ella e altar fiz doação de cinquo alqueires e meio de terra que estão junto á dita ermida de q. fiz escritura publica nas notas do t.am Mateus Privado no anno de mil seiscentos doze ou treze; quero e mando o dito altar ande bem concertado, e faltando n'isso meu testamenteiro peço aos vigarios que pelo tempo forem na Igreja de N.a Sr.a das Neves do logar da Relva e ao q. agora he o fassão por em execução pla via q. milhor lhes parecer.

Meu testamenteiro me mandara fazer hum retabulo na minha ermida de Nossa Senhora da Saude, bem acabado, com suas columnas e mais guarnições necessarias, com hum nicho ovado onde esteja o vulto da Senhora recolhido e sera do tamanho do altar em toda a altura da parede e para melhor ornato da ermida mando se fassa hum archete onde caiba o dito retabolo e altar e fique o corpo da igreja todo livre e mandara vir o dito meu testamenteiro de Lisboa hua senhora de vulto vestida de gloria muito bem acabada com hum menino Jesus nos braços e tera a senhora coroa de prata e o menino hum resplendor de prata e isto se fara de meu falecimento a dois annos ou mais como parecer ao Provedor do Residuo e ao vigario de Nossa Senhora das Neves com cujo parecer se fara tudo.

O dito Retabolo sera bem acabado e dourado e n'elle de hua parte se pora a imagem de Sua Magestade e da outra Santa Barbara e no remate o Spi.° Santo e nos logares onde couberem as imagens de S. Fra.° S.° Ant.° S.° Boaventura e tera sua cortina por respeito do po.....

A testadora deixou mais á ermida alguns paineis.

A arte micaelense segue as correntes dominantes em Portugal. Assim, a tendência na segunda metade do século XVII, no sentido de tudo cobrir de abundante talha decorada com grandes profusões de ouro, vem até nós e exterioriza-se claramente na já hoje desaparecida talha da igreja de St.º André d'esta cidade, á qual se refere Francisco Afonso de Chaves e Melo na sua Margarida Animata, dizendo ser a dita igreja a melhor de todos os conventos de freiras, por ter o teto da capela e as grades do côro de obra de talha dourada.



(Fot. 9) Grade da Capela do Snt.mo Sacramento da Matriz da Rª. Grande feita por Jose d'Araujo de Lima

Á medida que nos aprximamos do século XVIII, o periodo mais interessante da arte do entalhador, como deixamos dito, sob o ponto de vista da técnica, vamos encontrando, cada vez mais intensamente afirmada a preocupação de a tudo aplicar a madeira lavrada, vindo a importação de madeiras do Brasil que então se fazia para os Açores, impulsionar muito a ensambladura. Estas madeiras exoticas foram utilizadas nos retábulos e tambem na marcenaria. O tipo nacional, decorado com tremidos, e torneados foi seguido entre nos, podendo indicar, como uma das mais perfeitas obras de talha d'esta epoca aplicada á marcenaria, o cadeirado da capela mór da matriz da R. Grande, delineado pelo vigário artista João de Souza Freire e executado por entalhadores da mesma vila.(1) — (Fot.4) Citaremos ainda a mesa da sacristia da matriz de P. Delgada (Fot 5) . outrora pertencente aos jesuitas, e as das igrejas de N.ª Sr.ª da Ajuda da Bretanha e de São Francisco d'esta cidade.(Fot. 6)

Inúmeras pesquisas fizemos para conseguir provar a tradição corrente, de que elas são obras de artistas micaelenses e embora não nos tenha sido possivel confirmal-a, achamos

(1)—Livro dos obitos da Matriz da Ribeira Grande nº 7 a pagg 199—no seu arquivo

aceitavel esta hipótese pela rasão de estar o notavel numero de peças de mobiliário executadas em madeiras caras, e revelado em testamentos antigos a indicar não serem todas importadas. N'estes testamentos dos começos do século XVIII, aparecem tambem moveis decorados com combinações de diferentes madeiras e com guarnições douradas, - bufetes de jacarandá, leitos de diversas qualidades de madeira, bufetes com mesa de pedra e talha dourada, contadores de pau preto, guarda - roupas de pau amarelo, tamboretes de moscóvia, espelhos de molduras entalhadas e douradas, bufetes de pau santo, cadeiras de couro lavrado, etc - ,tudo isto se encontrava nas casas abastadas, no referido século, parecendo ter predominado depois apenas o mencionado mobiliário em pau preto, com tremidos e torneados, talvez como consequencia da proibição feita por D. João V, em 1749, de se fabricarem moveis ornamentados a ouro, prata e bordaduras e de se pratearem ou dourarem quaisquer objectos, a não ser molduras de espelhos, paineis, placas e pés de bufetes.....

A talha, expandiu-se então consideravelmente, manifestando-se n'uma exuberancia febril, os estilos—barôco e recôco, com sensiveis variantes que no fundo não alteram as suas caracteristicas.

A obra mais importante realizada entre nós pela primeira metade do seculo XVIII, segundo nos parece, e ainda existente, é a que guarnece toda a capela mór da igreja do Colégio d'esta cidade. (Fot. 7)

E' uma vasta e imponente composição de linhas seguras e equilibradas proporções, feita em madeira escura, onde as colunas os anjos, as folhas de acanto estilizadas, os querubins, os arabescos, as grinaldas de flores, os serafins rechonchudos e torneados, de fraca anatomia, ajoujados sob o peso esmagador da obra, em atitudes de telamones, d'ela saindo com sorriso enigmatico, emaranhadamente se sobrepõem e se entrecruzam n'um amálgama intrincado e por vezes confuso e denso, mas no fundo interessante e valioso.

O trono com inúmeras figuras de anjos, a abébada da capela de grandes florões decorativos, as paredes laterais

cheias de bons trechos e os dois quadros fronteiros, já na parte exterior do arco, de um fino rendilhado, constituem uma prova do grao de adiantamento apreciavel, atingido pelos seus autores e são por si só a revelação de uma arte largamente praticada.

Será este retábulo obra exclusivamente de artistas micaelenses? Alguma interferencia estranha terá vindo em seu auxílio? Não o sabemos.

Devemos contudo lembrar a provavel construção pela mesma epoca, n'esta igreja, do retábulo actualmente visivel na capela de Nossa Senhora do Rosário da Matriz d'esta cidade, (Fot 8) e n'ele reconhecer-se a influencia italiana. A hipotese de terem os jesuitas mandado vir alguns artistas italianos para colaborarem, com os micaelenses, na decoração da sua igreja é aceitavel, não parecendo tambem inadmissivel a execução de um tal trabalho exclusivamente por entalhadores indígenas, pelas aptidões que deixaram reveladas em outras obras coevas.

Os documentos que temos compulsado do extinto Colégio dos Jesuitas, nada dizem de positivo, aparecem referencias vagas ao trabalho de entalhadores na igreja, podendo talvez depreender-se serem eles micaelenses, mas nada é seguro n'este ponto e assim nada mais acrescentamos. Devemos ainda dizer termos atribuido este retábulo á primeira metade do século XVIII, não por possuirmos uma documentação clara a este respeito, mas pela razão de, sendo a atual igreja construida entre 1625 e 1666, parecer ter havido demora na sua decoração interna, não estando ela ainda concluida quando depois foram expulsos os jesuitas.

*
* *

João Bicudo de Mendonça (1), Pedro Lopes (2), Manuel

---

(1) — Em 1708 delineou o camarim e o retábulo para a igreja da misericordia de P. Delgada recebendo por assistir á obra 24$000 — Livro da conta corrente da St.ª Casa de Ponta Delgada de 1708 a pagg. 107 verso — no seu arquivo.

(2) — Em 1717 fez o entabolamento do teto da Capela e frontispicio do arco da misericordia de P. Delgada por 200$000 rs. e um moio de trigo — Livro da conta corrente da mesma San ta Casa de 1717 a pagg. 50 — no seu arquivo.

Correia (1), Antonio Correia (1), Dionísio de Fontes (2), Andre de Fontes escultor (3), Manuel Machado (4), Pedro Machado(5), Francisco Martins escultor (6), Josè Correia, Manuel da Cunha (7) Miguel Machado, Miguel de Medeiros e Luis (Muniz?) (8); Manuel de Souza (9), Luis Rodrigues, Manuel d'Andrade, Inácio Martins Pimentel (10) e Manuel Borges de Souza (11) são nomes de artistas entalhadores e escultores que nos aparecem com frequencia no decorrer da primeira metade do século XVIII, salientando-se depois a família dos

---

(1) — Em 1729 fizeram um passo no adro da igreja da St.ª Casa — Livro da conta corrente da mesma Santa Casa de 1728 a pagg. 80 — no seu arquivo.

(2) — Em 1738 assentou o arco da capela mór da Matriz da R.ª Grande e fez ali outras obras por 60$000 rs. — Livro da despesa do altar de Nossa Senhora da Estrela da Matriz da Ribeira Grande a pagg. 78 — no arquivo d'esta igreja.

(3) — Em 1725 foi admitido como irmão da St.ª Casa de P. Delgada sendo-lhe dada a designação de — escultor — Livro da irmandade da Santa Casa de Ponta Delgada de 1654 — 1727 a pagg. 140 verso — no seu arquivo: em 1736 acompanhou a procissão de Passos da mesma St.ª Casa: — Folhas soltas de 1736 -1745 — existentes no arquivo da mesma Santa Casa: em 1753 fez o retábulo do altar de S. Joaquim da Matriz da Ribeira Grande — Livro da confraria de Nossa Senhora da Estrela da Matriz da Ribeira Grande que começa em 1674 a pagg. 96 verso — no seu arquivo: em 1748 fez o retábulo do altar de St.º Antão da mesma igreja e residia ainda em 1753 em Ponta Delgada — Livro antigo da receita e despesa do altar de Santo Antão a pagg. 19—no arquivo da Matriz da Ribeira Grande. Cremos ser este ultimo retábulo o que actualmente ainda se vê ali restaurado depois pelos entalhadores Araujos. Em seguida a esta nota aparece a verba de 26$090 dispendida com o feitio da imagem do Santo, parecendo pela forma como está redigida, referir-se tambem a André de Fontes.

(4) — Em 1721 foi admitido como irmão da St.ª Casa de P. Delgada — Livro das procissões da Santa Casa de Ponta Delgada de 1723-1745 e Livro da irmandade sendo provedor o Capitão Gaspar de Medeiros de Souza a pagg. 138 — ambos no seu arquivo.

(5) — Deve ser o artista que em 1768 executou o respaldo dos armarios da Sacristia de St.º Andre de P. Delgada ainda hoje ali visivel — Livro do convento de Santo André de P. Delgada com o titulo de — Contas a dinheiro de 1768 — no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade.

(6) — Em 1723 foi feito irmão da St.ª Casa de P. Delgada e designado por — escultor — : morava em 1735 na rua entre St.º Andre e Colegio da mesma cidade — Livro da irmandade da Santa Casa sendo provedor o capitão Gaspar de Medeiros de Souza — no seu arquivo, e Livro da irmandade das almas de S. Pedro de Ponta Delgada a pagg. 41 no arquivo d'esta igreja.

(7) — Em 1755 fez a guarnição para o painel da St.ª Casa de P. Delgada e tinha sido admitido como irmão da mesma em 24 de janeiro de 1723 — Livro da irmandade das almas de S. Pedro de P. Delgada a pagg. 36.

— Livro da conta corrente da Santa Casa d'esta cidade de 1754-1755 a pagg. 119 verso — no seu arquivo.

— Livro da irmandade da mesma Santa Casa de 1654 — 1727 a pagg. 139.

(8) — Por 1722 exerciam a sua arte em P. Delgada sendo o primeiro admitido como irmão da St.ª Casa em 1 de Fevereiro d'este ano — Livro da irmandade da Santa Casa de 1654-1727 a pagg. 138 verso — no seu arquivo.

(9) — Em 1759 fez o retábulo da sacristia da Esperança de P. Delgada por 80$000 rs. — Livro das contas do convento da Esperança de Ponta Delgada de 1755-1771 a pagg. 29 no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade.

(10) — Em 1733 tomou parte o primeiro n'uma procissão da St.ª Casa e trabalhava em P. Delgada em 1730, os outros foram feitos irmãos da mesma St.ª Casa em 28 de janeiro de 1725 — Livro da irmandade da Santa Casa sendo provedor o capitão Gaspar de Medeiros de Souza a pagg. 140 verso — no seu arquivo.

(11) — Em 1703 no dia 10 de Fevereiro foi feito irmão da St.ª Casa de P. Delgada — Livro da irmandade de 1654-1727 da Santa Casa a pagg. 127 verso — no seu arquivo.

-Araujos de Lima-(1) que podemos acompanhar desde os meados do século XVIII até hoje, exercendo sempre largamente a sua actividade artistica e legando-nos um avultado numero de trabalhos, d'entre os quais destacaremos algumas grades de capelas do Santissimo Sacramento. (Fot. 13)

A genealogia d'esta sequencia de culiores da obra de talha pode ser reconstituida da forma seguinte:

José d'Araujo de Lima, entalhador, nasceu em Vila Franca por 1757 e casou com Rosa Maria.

Pedro d'Araujo de Lima, seu filho, entalhador, foi baptizado na Conceição da R.ª Grande em 1789, e casou em 1810 na Matriz da mesma vila com Ana Querubina, tendo já falecido em 1838.

Pedro d'Araujo de Lima, seu filho, entalhador, casou na Matriz da R.ª Grande, em 1845, com Maria Laurino e faleceu em 1880.

---

(1) —As obras da sua autoria de que temos conhecimento são as seguintes:

José d'Araujo de Lima—fez a grade do Santissimo da Matriz da R.ª Grande (Fot 9), capela do Rosário da mesma igreja, capela mór da antiga misericordia d'esta vila (Fot 10) e o altar da Soledade da referida Matriz. Sabemos mais ter, juntamente com seu filho Pedro d'Araujo de Lima, feito em 1813 um esquife para a mesma igreja. — Livro da receita e despesa da fabrica menor da Matriz da Ribeira Grande que começa em 1780 — a pagg 72 — no seu arquivo.

Pedro d'Araujo de Lima, fez a grade do Santissimo do Bom Jesus de Rabo de Peixe, a do arquivo da mesma igreja e além de outras obras diversos altares na igreja do convento das freiras da R.ª Grande. Em 1837 fez os pulpitos da Matriz da mesma vila os quaes não chegou a concluir por ter falecido e ainda o altar das almas d'esta igreja e seu retábulo em 1807. Este altar era segundo o documento, em estilo romano. — Livro das actas das sessões da Junta de paroquia da Matriz da Ribeira Grande sessão de Novembro de 1837 — no seu arquivo. — Livro da receita e despesa do altar das almas da Matriz da Ribeira Grande a pagg. 7 — no seu arquivo (as restantes noticias não podem ser documentadas, resultando de diversas informações que colhemos).

Pedro d'Araujo de Lima, fez a capela mór da igreja de S. Pedro da R.ª Grande, altar das almas e a grade do sacramento da mesma igreja, (Fot 11) capela do Santissimo da Conceição d'esta vila, restaurou todos os altares da Matriz da mesma, a capela mór de N.ª Sr.ª do Rosário da Lomba da Maia, a capela mór da Matriz de P. Delgada, (Fot 12) dois altares, o de St.º Antão e o de N.ª Sr.ª da Missão dos Fenaes da Luz e quando faleceu em 1880, trabalhava na construção da Capela do Santissimo da dita igreja da Lomba da Maia.

Gervazio d'Araujo de Lima e Augusto d'Araujo de Lima têm trabalhado conjuntamente e fizeram a capela de S. João na igreja do Rosário da Lomba da Maia, a grade do sacramento da mesma igreja, a do sacramento da igreja do Porto Formoso, o cadeirado da capela mór da dita igreja do Porto Formoso e restauraram a capela mór da igreja de S. José de P. Delgada, o teto e altares de St.º Antão e de St.ª Quiteria da mesma igreja, o trono da capela mór da Matriz d'esta cidade, o arco da mesma, o altar de St.º Antonio d'este templo, a capela mór da Esperança fazendo tambem o teto d'esta igreja.

Fizeram mais dois altares, o do Coração de Jesus e o da Sr.ª do Carmo na igreja da Mãe de Deus da Povoação, o altar de Coração de Jesus do Rosário da Lagoa, um altar na igreja de Agua de Pau, o de S. José em Rabo de Peixe e a capela mór e dois altares laterais da igreja de S. Vicente.

Restauraram ainda quatro altares de S. Antão, S.ª do Rosario, S. Pedro e Almas da igreja de S. Sebastião do Ginetes, a capela de N.ª Sr.ª das Candeias e a de St.º Antão e de S. Pedro da igreja de Candelaria, o altar do Coração de Jesus da Conceição da R.ª Grande, a capela mór e o arco do cruzeiro da mesma igreja e fizeram tambem um pequeno altar da invocação de N.ª Sr.ª da Boa Nova na Candelaria. Actualmente estão estes artistas concluindo o altar de S. João da Matriz d'esta cidade.

Pedro d'Araujo de Lima, José d'Araujo de Lima e Carlos d'Araujo de Lima têm trabalhado com seu pae.

Gervazio d'Araujo de Lima e Augusto d'Araujo de Lima, seus filhos, entalhadores, ambos nascidos na R.ª Grande, o primeiro em 1851, o segundo em 1854. Augusto d'Araujo de Lima casou com Margarida Isabel da Ponte e tem tres filhos.

Pedro d'Araujo de Lima, José d'Araujo de Lima e Carlos d'Araujo do Lima, todos entalhadores.

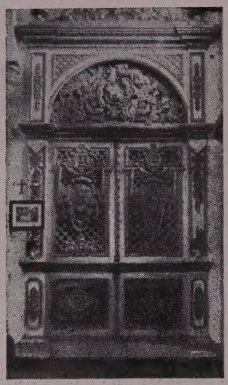
*
* *

Do século XVIII possuimos aínda numerosas produções com cunho caracteristico, as quais cobertas com profusas douraduras atingiram então o auge do seu esplendor decorativo.

Os retábulos mais apreciaveis que conhecemos, obedecem em geral a dois tipos; uns oferecem uma composição em que predomina o desenho de linhas firmes, aparecendo a talha em alto e baixo relevo como mero acessorio e outros apresentam grandes aglomerações de talha onde a harmonia do traçado é tambem obtida, não já pela nitidez da linha, nem pela sobreposição de planos, mas pelo encadeamento dos relevos e efeitos de claro escuro d'eles derivados, por vezes interessantes. Nos primeiros, encontramos arcos solidamente assentes em fortes e pesadas colunas de ordem compósita lisas ou com acanaladuras, de elevados entablamentos, e o corpo do pedestal ornamentado com quadros em alto relevo, formados por arabescos de desenho moderado.

(Fot. 10) Capela mor da antiga misericordia da R.ª Grande feita porJosé d'Araujo de Lima

Os arcos emoldurados por ornatos diversos, gômos, denticulos, festões, óvalos e fitas, têm na chave como remate, medalhões, algumas vezes de bom efeito, sendo os intervalos das colunas e os demais fundos geralmente decorados com mísulas e relevos, onde se utilizam os motivos classicos do estilo D. João V. Os retábulos do se-



(Fot. 11) Porta do Snt.mo de S. Pedro da R.a Grande por Pedro d'Araujo de Lima

gundo tipo nada tem de comum com estes, a não ser, em alguns pontos os citados motivos ornamentais. Não ha planos lisos, nem o mais pequeno espaço sem relevos e lavores á excepção das edículas laterais onde em geral aparecem imagens de pequenas dimensões mas de bôa escultura e das cornijas das colunas; estas sempre salomónicas com seus fustes torneados em espiral, umas vezes lisos, outras recamados de flores, de folhas de parra, de cachos de uvas, de pássaros e de querubins, oferecem uma grande variedade de capiteis, os quais obedecem ás ordens jónica e corintia nas suas formas puras, o que é raro, ou são então um misto quasi sempre de infeliz concepção.

O corpo do pedestal é constituido por volutas de acantos de estilização romana e rosaças, assentando a base em um segundo pedestal formado pelos mesmos motivos decorativos, por anjos sempre de péssima anatomia, por golfinhos carrancas e querubins alados.

Os arcos compostos em geral de dois cordões tambem em espiral, saindo das cornijas, (destituidas de ornamentação apreciavel e formando uma linha que pela sua simplicidade divide nitidamente o arco da parte inferior), dão a idea da continuação das colunas, indo o de fóra rematar no florão do alto, onde os emblemas do altar estão gravados.

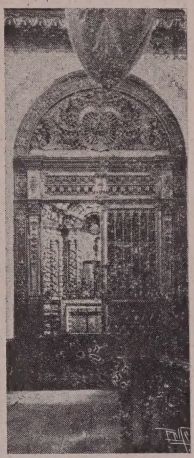
Estes arcos separados por uma faixa entalhada, unidos em quatro pontos da sua curvatura por fitas de acanto, as arquivoltas bem lavradas e os frontais bojudos apresentam, por vezes, desenho interessante arabescos bem traçados.

São estas, segundo nos parece, as prin-

(Fot. 12) Capela mor da matriz de P. Delgada restaurada por Pedro d'Araujo de Lima.

cipais caracteristicas dos retábulos de melhor lineamento do século XVIII, dos que conhecemos, isto é os das igrejas dos concelhos da Ribeira Grande, Lagôa e P. Delgada.

O retábulo da Misericórdia Velha da Ribeira Grande, feito, como já vimos, por José d'Araujo de Lima, a capela-mór da Conceição da mesma vila, (Fot. 14) e os altares da igreja de S. José de P. Delgada, que só por si constitue um museu da especialidade, são bons exemplares d'esta época.



(Fot. 13) Porta do Snt.mo Sacramento da Igreja de S. Francisco de P. Delgada, atribuida a um dos entalhadores Araujos

Por toda a supradita região da ilha encontramos o mesmo tipo de talha, em geral pobre e deficiente onde se revelam mais ou menos as caracteristicas indicadas. (Ft. 16)

Voltando ainda a falar da igreja de S. José, diremos poder-se afirmar ser toda a talha n'ela existente posterior a 1709, ano em que se começou a construção da igreja.

Alem da capela-mór, de bonito teto artesoado (Fot. 15), chamaremos a atenção para o altar da Senhora do Rosário (Fot. 17), de decoração moldada em motivos exóticos, tais como aguias, papagáios, anjos vestindo mantos vermelhos, empunhando lanças, atirando frechas e brincando com golfinhos, determinados talvez por ter sido o seu fundador o bispo de Pernambuco, D. Manuel Alves da Costa, depois bispo d'Angra.

Este retábulo foi feito em 1722 (1), assim como o fronteiro da invocação de Santa Quitéria, decorado precisamente da mesma forma. O altar de Santo Amaro é revestido de talha mais fina, talvez mais moderna, e para finalizar citaremos ainda o do Coração de Jesus restaurado ha poucos anos (Fot. 18).

Até aqui temo-nos referido a retábulos, empregando esta palavra para designar a talha dos altares que serve de revestimento ás paredes e de moldura ás imagens dos nichos, aos

(1) — Inscrições gravadas nos próprios altares.

paineis e aos quadros em alto relevo, passando agora a fazer algumas referências a imagens e a estes ultimos.

As imagens que encontramos pelas igrejas são numerosas e algumas d'elas interessantes, destacando d'entre as de mais apreciavel valor artistico e que julgamos poder atribuir ao século XVIII pela sua estilização, o grupo da igreja do Rosário da Lagôa, a Piedade de S. Francisco de P. Delgada, de clara filiação na arte italiana, o Cristo Crucificado de S. Pedro d'esta cidade, outrora pertencente aos jesuitas e a imagem antiga da igreja das Capelas.

A grande importação de Portugal n'estes ultimos tempos, especialmente das oficinas do Porto, o laconismo dos documentos, o desaparecimento de grande parte dos livros de contas das confrarias e capelas, as inúmeras transferências feitas de umas igrejas para outras, depois da extinção das ordens religiosas, bem como as modernas carnações, lançam uma grande confusão no espírito de quem pretende discriminar, quais as de autoria micaelense e quais as vindas de fóra. O interesse d'este estudo é flagrante, como porem ainda vamos longe de possuir dados claros e detalhados a este respeito, passamos a tratar dos quadros em alto e baixo relevo.

Na igreja de S. Pedro d'esta cidade vê-se um retábulo grande, representando S. Pedro a resgatar as almas do purgatório, (já n'esta igreja em 1742 (1)), actualmente na arrecadação, que supomos ser de autoria indigena, e na igreja de S. Francisco existem mais dois, executados tambem em alto relevo, levando tudo a crêr serem, da mesma forma, produções de artista micaelense.

Se esta nossa suposição é verdadeira, poderemos concluir não se terem desviado os artistas d'esta época de um nivel pouco elevado, pois esses retábulos o provam por forma bem clara.

Parece comtudo ter-se dado um sensivel aperfeiçoamento n'esta especialidade, nos fins do século XVIII, encontrando

---

(1) — Livro da Confraria das almas da igreja de S. Pedro de P. Delgada, — existente no seu arquivo, — a pagg 85—.

um retábulo no altar do Sr. dos Navegantes da ermida da Mãe de Deus (Fot 19) já muito apreciavel. Representa o apparecimento de Cristo a S. Pedro sobre as ondas. Cristo está de pé, á esquerda, no primeiro plano e dirige-se a S. Pedro ajoelhado na sua frente, sendo o fundo tomado pelo barco de vela quadrangular, onde aparecem as pequenas figuras dos apóstolos em atitudes de pasmo, de admiração e de súplica (1). Aqui, são já notaveis a correcção das formas e o bem feito das roupagens, a suavidade das fisionomias, as justas proporções das figuras e a boa execução das mãos.

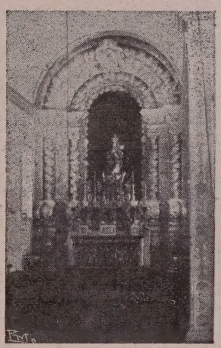
Sobre a sua autoria sabemos o seguinte: — estando a ermida da Mãe de Deus muito arruinada pelos meados do século XVIII, foi completamente restaurada por Nicolau Maria Raposo, tendo achado em um livro de contas de 1785 a 1839 (2), as notas que se seguem, entre outras despesas feitas na dita reconstrução.

— P. dinheiro para 32 paus de cedro para o retábulo do Sr. dos Navegantes, doze mil reis.

— P. dinheiro para os serradores que serraram a dita madeira, mil quatrocentos e sessenta reis.

— P. dinheiro ao mestre Jose de Fontes que fez o dito retábulo, sessenta e oito días a 340 reis, vinte e tres mil cento e vinte.

— P. dinheiro ao mestre Antonio Dias que ajudou, 28 dias a 340 reis, nove mil quinhentos e vinte.



(Fot. 14) Capela mór da igreja da Conceição da R.ª Grande

Seguem-se mais despesas com carpinteiros, ouro, e tintas, e no fim diz-se que quem pintou e dourou a obra, foi o mestre José Joaquim, tomando-a de ajuste por 22$000 reis; custando ao todo 118$393 rs.

Trata-se portanto de um retábulo construido n'aquela er-

(1) — Em 1911 já demos noticia d'este retábulo, voltando agora a tratar o mesmo assunto, com o fim de reforçar melhor a hipotese de ser á sua autoria indigena.

(2) — Livro existente no arquivo da igreja de S. Pedro d'esta cidade a pagg 39

mida pelos entalhadores José de Fontes e Antonio Dias e pelo pintor José Joaquim.

Será este o que ainda hoje se vê ali?

Julgamos assim ser, pelas seguintes considerações. Sabemos existir no altar, entre 1785 e 1788, apenas um painel, (o que se vê a paginas 34 do mesmo livro), aparecendo só mais tarde, em um dos anos compreendidos entre 1789 e 1791, as contas da construção do retábulo em madeira, não havendo mais referências a seu respeito até 1839, ano em que finda o citado livro.

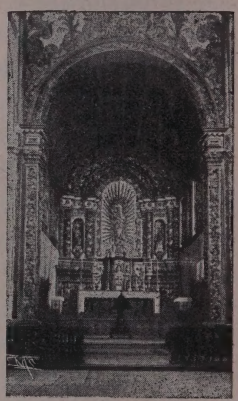
Pela indicação da quantidade de madeira empregada, parece poder-se depreender terem os mestres Fontes e Dias feito não só o quadro central, como ainda a talha do altar em volta.

Esse retábulo tinha duas figuras em alto relevo, a de Cristo e a de S. Pedro, porque em 1807 foram comprados um diadema de prata para a primeira e um resplendor para a segunda, por 3$050 reis (1).

Pode ainda levantar-se a dúvida de ter sido substituido esse primitivo retábulo por outro de 1839 para cá, o que não é aceitavel, atendendo-se á antiguidade que ele revela e ainda ao facto de, pessoas de avançada edade, sempre terem conhecido ali aquelas imagens.

Teria sido feita somente a talha do altar n'esta ilha, vindo o quadro central de fóra? Terá sido o retábulo oferta de algum devoto?

Não nos parecem ainda admissiveis estas hipóteses, porque se assim fosse, ficaria, de certo, registada no referido livro, qualquer notícia a este respeito.



(Fot. 15) Capela mór da igreja de S. Francisco de P. Delgada

Se o retábulo do Senhor dos Navegantes é de artistas indigenas, como estamos convencidos, e ainda os da ermida do Des-

(1)—No meemo livro—contas do ano de 1807.

terro, e os da capela da Misericórdia de P. Delgada vindos, segundo nos consta, do extinto Convento de São Francisco de P. Delgada, bons exemplares que ficaram por concluir, revelam um aperfeiçoamento muito notavel, alcançado pelos seus autores, em relação a idênticas obras provenientes de épocas anteriores.

Não passaremos adiante sem primeiramente nos referirmos a um trabalho de elevado valor artistico que actualmente se encontra na igreja de Santa Barbara d'esta cidade.

É o retábulo de S. José (Fot. 20), executado em alto e baixo relevo, representando a morte d'este santo.

A expressão de todas as figuras e a disposição geral do quadro, a anatomia do corpo do santo, as roupagens, e os mais pequenos detalhes, salientando-se a colcha que o cobre, as quatorze figuras angélicas que circundam o Padre Eterno, a perspectiva, o colorido, toda a composição, n'uma palavra, releva bem serem os seus autores, cujos nomes por emquanto desconhecemos, mestres na obra de talha e na decoração.

Apesar de termos procurado desvendar o segredo das suas autoria e proveniência, nada conseguimos saber ao certo.

A igreja de Santa Bárbara construiu-se entre 1600 e 1612 (1) e o altar de S. José só mais tarde foi instituido por José Nunes de Carvalho, por escritura de 26 de Junho, de 1770, confirmada por carta régia de 29 de Janeiro de 1781, com o capital de 1:020$000 rs.

O sr. dr. Ernesto do Canto ao tomar as notas que deixamos transcritas, acrescenta, falando de retábulo,—«é uma preciosa obra de talha em alto relevo, cujo risco veio da Itália e hoje possue Antonio Manuel de Vasconcelos, professor de desenho do liceu d'esta cidade.»

Esse risco desenhado a sanguina e representando fielmente o retábulo, nenhuma indicação nos dá.

Parece portanto ter vindo o retábulo de Itália para esta Ilha, posteriormente a 1770.

Diversas versões temos ouvido sobre a sua origem, que

(1)—Extractos de documentos micaelenses na Biblioteca de P. Delgada

não nos inspiram confiança, não as reproduzindo por este motivo. A sua atribuição ao século XVI, é um obsurdo e não teriamos exitado em marcar os meados do século XVIII, como sendo a época da sua factura, mesmo que desconhecessemos as notas acima indicadas.

No século XVIII, por consequencia trabalhou-se largamente por toda a Ilha em obra de talha, construindo-se, por exemplo, cinco retábulos no ano de 1734, em pontos afastados, o que indica a existencia de numerosos artistas: sendo feitos no periodo decorrido de 1734 a 1761, entre outros, os seguíntes: — o de Santa Luzia das Feteiras em 1734, importando o ultimo pagamento em 83$000 rs o de Nossa Senhora da Piedade da Povoação, em 1761—50$000, o de Nossa Senhora da Achada Grande, em 1761-172$000 rs., o de Nossa Senhora do Rosário da Achadinha, em 1734—42$000 rs., o dos Reis Magos dos Fenaes da Vera Cruz, em 1734—332$000 rs., o do bom Jesus de Rabo de Peixe, em 1735—460$000 rs., o de Nossa Senhora dos Fenaes da Luz, em 1734, sendo o ultimo pagamento de 60$000 rs., e o de S. Pedro do Nordestinho, em 1734, sendo dados por conta 36$000 (1).

(Fot. 16) Talha do altar da Piedade da Matriz da R.ª Grande — século XVIII

Podemos bem afirmar vir a maior parte da talha que decora os templos d'esta Ilha, do século XVIII, sofrendo depois muito esta forma d'arte decorativa, quando foram extintas as ordens religiosas, que tanto se utilizaram d'ela.

Na mencionação de alguns dos artistas do século XIX, começaremos por dar notícias do entalhador e escultor Francisco Furtado de Mendonça, o autor da imagem da Senhora do Rosário (Fot. 21) ainda hoje visivel no oratório da Câmara

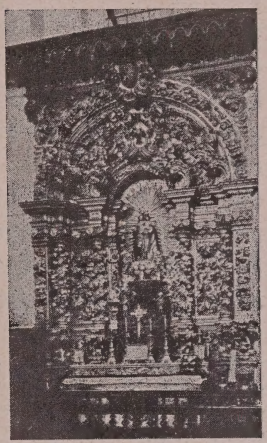
(1) — Arquivo dos Açores volume XII pagg. 39

Municipal da Ribeira Grande.

Por deliberação da Camara de 15 de Novembro de 1815, foi este artista encarregado de fazer a imagem, dizendo-se na respectiva ata—«dever ficar acabada com a mais louvavel perfeição, sem o mais mínimo defeito, estofada, encarnada e dourada.»

Estas condições revelam o desejo da municipalidade de obter uma obra aprimorada, indo de certo escolher um dos melhores entalhadores do tempo.

A imagem é deficiente.



(Fot. 17) Altar de N.ª S.ª do Rosário da igreja de S. Francisco de P. Delgada

N'esta vila existia tambem, na mesma época, o entalhador José Francisco Pereira que no ano de 1813 concertou o retábulo do altar de Jesus da Matriz (1), encontrando referências a um outro artista, chamado José Francisco, que não sabemos se é ou não a mesma pessoa. Foi entalhador muito considerado que, segundo informações colhidas, consta ter feito a capela mór da igreja dos frades d'equela vila, o altar de Nossa Senhora da Aflição do convento das freiras, hoje na matriz, (com o acrescentamento executado por Pedro d'Araujo de Lima), e a capela mór de Nossa Senhora da Apresentação das capelas. Pedro d'Arruda e José d'Arruda, pai e filhos, eram tambem da Ribeira Grande e vieram em 1819 restaurar os altares de igreja da Mãe de Deus d'esta cidade(2).

N'esta igreja trabalhou em 1818, o entalhador Francisco Duarte (3), artista que tinha dois filhos, José Duarte e Luís Duarte, ambos entalhadores, e tres anos antes em 1815 fo-

(1)—Livro da receita e despesa do altar de Jesus da matriz da Ribeira Grande—no seu arquivo a pagg 19 verso

(2)—Citado livro das contas de 1785 a 1839 a pagg 85

(3)—No mesmo livro a pagg 78 e 81

ram os altares de S. Lourenço e do Senhor dos Navegantes da mesma igreja, restaurados por Antonio Pacheco, artista de P. Delgada (1). Henrique José de Medeiros Cogumbreiro Goes salientou-se na imprensa, publicando artigos em que tratou assuntos de interesse para o seu tempo, elaborou um projecto de melhoramentos para S. Miguel e um plano para uma doca em P. Delgada, impresso em Lisboa em 1839, (acompanhando o referido projecto, os Estatutos da Companhia Auxiliadora da Agricultura e Industria e Protectora das Artes Micaelense), e criou a Sociedade de Beneficencia em 8 de Dezembro de 1839, sociedade que durou até 1896, sendo a primeira instituição de socorros mútuos que existiu nos Açores (2).

(Fot. 18) Altar do Coração de Jesus na igreja de S. Francisco de P. Delgada

Em 1840 partiu para o Rio de Janeiro, falecendo ali em 11 de Setembro de 1858.

Desconhecemos quais tenham sido as suas produções.

N'esta época aparecem-nos tres irmãos, João, José e Amancio Cordeiro, naturais de Ponta Delgada todos entalhadores e filhos de Francisco Cordeiro mestre de obras, que nos deixaram alguns trabalhos ainda existentes. Eles colaboraram nas ornamentações a gesso do palácio Jácome Correia, fazendo as decorações exteriores do mesmo, á excepção das figuras e urnas do remate do frontispício.

Alem d'estas obras, sabemos ter José Cordeiro executado ainda parte do retábulo da capela da penitenciária de P. Delgada, pertencendo a Amancio Cordeiro, os ornatos do retábulo da Capela da St.ª Casa da mesma cidade.

Não conhecemos nenhum trabalho de João Cordeiro.

---

(1) — No mesmo livro a pagg 78 a 81
(2)—Jornal, a Persuasão

Este entalhador teve dois filhos José e Francisco Cordeiro que exerceram a mesma arte durante muitos anos na América do Norte para onde emigraram e onde faleceram.

A esta família de entalhadores pertencem os dois actuais artistas, Sr.s João Soares Cordeiro, e seu filho Teodomiro d'Almeida Cordeiro, sobrinhos dos primeiros que mencionámos, João, José e Amâncio.

Alem d'estes, temos mais notícia de Francisco Tavares, natural tambem de P. Delgada que se dedicou á talha para mobiliário, assim como seu filho Jacinto Tavares, e do entalhador lagoense Antonio Faustino Fragoso.

E para finalizar a notícia d'alguns artistas da primeira metade do século XIX, falaremos em especial do italiano Kines, pelo notavel impulso que deu á marcenaria, ensinando novos processos de trabalho, e aperfeiçoando-a consideravelmente. Kines veio para S. Miguel em 1824 ou 1825, trabalhando n'esta ilha durante largos anos sob a protecção do sr. Visconde da Práia.

Ainda hoje existem moveis de valor da sua autoria. Em 1855 foi para a Terceira, sendo-lhe feitos, n'essa ocasião, rasgados elogios pela imprensa, voltando depois, segundo nos consta, para Ponta Delgada.

(Fot. 19) Retábulo do S.º dos Navegantes da ermida da Mãe de Deus de P. Delgada

D'este período aparecem ainda alguns moveis, quasi todos executados em maogani, ou em folheado e mesmo em amarelo do Brasil, nos quais se notam os estilos dominantes,—(consolas Luis XVI, mesas inspiradas no estilo Luis XIV, cadeiras Luis XVI e império)-, pelos quais se vê ter a marcenaria seguido os modêlos então usados, mas apenas nas suas linhas gerais, pois não falando nas decorações em talha em alto e baixo relevo, geralmente apreciaveis, são quasi sempre por completo destituidos de dourados, de incrustações, embutidos ou lacados.

A preocupação da solidez dos materiais que muitas vezes prejudica gravemente a finura das linhas é sempre notada, mesmo em alguns moveis que conhecemos saidos da oficina de Kines.

*
* *

Afigura-se-nos, pelo que nos revelam os documentos, ter decaido a talha n'esta época e estar um sinal frisante d'essa decadência na igreja de Santo André de P. Delgada, onde três interessantes composições aparecem e que fraca relação têm com a arte micaelense.

A talha do altar mór, talvez executada n'esta ilha, foi delineada em Lisbôa, d'onde vieram dois riscos entre 1792 e 1800 (1); a grade da igreja em pau santo, veio tambem de Lisbôa em 1824, sendo ali feita por Jerónimo Correia Lage(2) e o púlpito deve ter a mesma proveniência, embora não possamos assegural-o de uma maneira absoluta.

De outros mais riscos vindos de Lisbôa para grades de capelas de Snt.^{mos} Sac.^{os} e retábulos, temos notícia, inspirados no estilo Luis XVI, obras ainda hoje visiveis, seguindo-se aqui a corrente decorativa francesa que então dominava em Portugal.

O conhecimento do desenho entrou mais tarde n'uma fase de maior generalização, determinada, já pela abertura de um curso de desenho n'esta cidade, pela Sociedade dos Amigos de Letras e Artes, sendo, em 1849, frequentado com assiduidade por vinte e um alunos, mas que teve pouca duração (3), já pela passagem por esta Ilha de alguns artistas e professores de desenho, tais como o padre Brandt, Charles Martin e Vicente Malio e depois Giorgio Marini, Candido

---

(1) — Livro das contas gerais do Sindico do Mosteiro de Santo André d'esta cidade, que tiveram princípio em 1792 até Julho de 1800, no arquivo da Repartição de Fazenda de P. Delgada a pagg 44

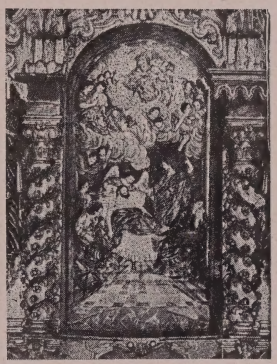
(2) — Livro das contas a dinheiro do mesmo convento de 1801 — 1831 — no mesmo arquivo, — contas de 1801 a pagg 95. Conta junta com diversas facturas, no mesmo arquivo.

(3) — Relatório da Sociedade dos Amigos de Letras e Artes por José de Torres, publicado em 1849 — Vol. B I da Miscelanea — S. Miguel — na Biblioteca de P. Delgada

José Xavier e Lambertini, já ainda pela organização de exposições de belas-artes e fundação n'esta cidade, da Escola de Desenho Industrial Velho Cabral, em 1890.

A essas exposições têm concorrido os entalhadores e escultores micaelenses, deixando reveladas seguras provas de um notavel e crescente aperfeiçoamento.

Nas primeiras exposições de belas-artes de 1849 e 1850, promovidas pela Sociedade dos Amigos de Letras e Artes, apareceram algumas esculturas(1). Depois, em 1882, por ocasião das festas do centenário de Camões, concorreram á exposição realisada no Liceu d'esta cidade, os srs. João Soares Cordeiro, João Carvalho, António Manuel, Manuel Antonio de Vasconcelos e Jacinto Cordeiro.



(Fot. 20) Retábulo da morte de S. José da igreja de Santa Barbara de P. Delgada

Em 1895 voltam os nossos entalhadores e escultores, profissionais e amadores, a provar as suas competências artísticas na Exposição Distrital de Artes e Indústrias, figurando no catalogo os seguintes nomes:—João Soares Cordeiro, João Ernesto de Carvalho, Jacinto Tavares Carreiro, Augusto de Araujo, Joaquim José da Costa, Manuel Soares Botelho de Gusmão, Manuel António de Vasconcelos, António Manuel de Vasconcelos, Joaquim Candido Abranches, José d'Arruda Botelho, António José de Matos Brasil, António Jacinto Jorge, José Augusto e Joaquim Monteiro Betencourt.

Finalmente em 1901, na exposição feita n'esta cidade, quando da visita régia aos Açôres, teve de novo uma honrosa representação a arte de entalhador (2).

Pelo que deixamos dito, vemos haver sido cultivada entre nós esta forma de arte decorativa desde os tempos mais re-

(1)—Vide o mesmo relatório e catálogo
(2)—Vide Catálogo d'estas exposições (apendice)

motos até hoje, n'uma longa continuidade, legando-nos, os entalhadores de diferentes épocas, produções que não devem ser desprezadas.

Modernamente, a obra de talha tem enveredado por um caminho mais fecundo, aberto não só pela maior vulgarização e seguro conhecimento do desenho e da modelação, proficientemente ensinados nas aulas da Escola Velho Cabral, como ainda pelo funcionamento da sua oficina de talha e marcenaria, onde, sob a criteriosa direcção do Sr. João Soares Cordeiro, são realisados trabalhos práticos, tendo por ela passado um número avultado de artistas que hoje exercem com elevação a arte no nosso meio (Fot. 23).

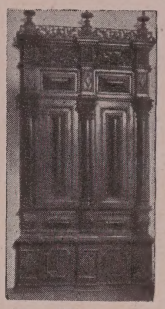
O aperfeiçoamento atingido pela talha é, por consequência a nosso ver, incontestavel, revelando-se já em valiosas peças de mobilário, nas quais muito se têm distinguído os Sr.s João Carvalho e João Soares Cordeiro, já em decorações murais, algumas d'elas obras d'arte no seu género.

Falando de mobiliário, mencionaremos ainda as perfeitas imitações da antiga cadeira de couro nacional, feitas pelo Sr. M. António de Vasconcelos, com artísticos e vastos lavrados «repoussé».

Não foi, no entretanto, a antiga escultura em madeira que teve nos ultimos anos por destintos cultores, os Sr.s António Manuel de Vasconcelos, já falecido, e seu irmão Manuel António de Vasconcelos, o único ramo d'esta arte no qual se trabalhou entre nós: a escultura em barro, em marfim e mesmo em mármore, aparece tambem, embora em menor escala. Algumas imagens existentes nas igrejas, modeladas em barro vermelho e que pela sua factura e pelo amaneirado das roupagens e atitudes nos fazem pensar na sua autoria indígena e do século XVIII provam tambem, a antiguidade d'esta arte que còntinuando a aparecer, jun-

(Fot. 21) Imagem de N.ª S.ª do Rosário no oratório da Camara Municipal da R.ª Grande feita por Francisco Furtado de Mendonça

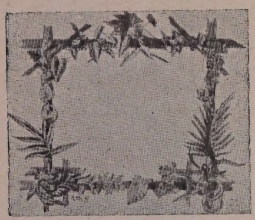
tamente com identicas produções em outros materiais, nas exposições do século XIX, está hoje representada com brilho nos tres artistas da nova geração: a Srª. D. Margarida Alcantara, João Vaz Pacheco de Castro e Ernesto do Canto.



(Fot. 22) Armario da Sacristia da igreja de S. Pedro da Ribeira Grande meados do século XIX

A importação de pequenas imagens em marfim é notória, sendo quasi todas as que conhecemos antigas, (século XVIII), e algumas d'elas interessantes.

A escultura em pedra exerceu-se por forma muito deficiente, (estátuas dos frontispicios de S. Francisco e S. João de P. Delgada), não podendo desenvolver-se nem progredir: o material era de péssima qualidade e embora tenha sido utilizado pelos mestres lavrantes, como adiante veremos, com bom resultado na arte ornamental, era impossivel a sua adaptação á escultura propriamente dita; assim as poucas produções que possuimos, foram importadas e em geral destituidas de valor, artístico, exceptuando d'entre as que conhecemos, a estátua em mármore do R.º Joaquim Silvestre Serrão, falecido em 1877, e modelada na Academia de Belas-Artes de Lisbôa, a do Sr. José Cordeiro, em bronze, feita ha cerca de tres anos em Paris por Anjos Teixeira, ambas no cemitério de S. Joaquim de P. Delgada e o busto de Antero de Quental, em mármore, pertencente á Biblioteca Pública d'esta cidade, da autoria de Simões d'Almeida (1), todos em tamanho natural.



(Fot. 23) Moldura entalhada da autoria do Sr. João Soares Cordeiro

(1) — Arquivo dos Açôres Vol. 12 — pagg 315 e 313

CAP. II

AZULEJOS PORTUGUÊSES E EMBREXADOS

Numerosos paineis de azulejos existem n'esta Ilha ornamentando as paredes de igrejas e sacristias, vindos de Portugal. Possuimos exemplares dos seculos XV e XVI, sendo mais frequentes os dos séculos XVII e XVIII, apesar das repetidas e desastradas substituições que se fizeram d'esta artistica forma decorativa, por engessaduras em garal inestéticas e banais.

Nas linhas que se seguem, procuraremos marcar as épocas aproximadas do fabrico d'alguns desses quadros que conhecemos, podendo assim indicar tipos diversos, correspondentes às diferentes fases da cerâmica portuguêsa n'esta especialidade, passando depois a dar notícia de outros mais azulejos importados de Portugal e já hoje desaparecidos.

Começaremos pelos azulejos da ermida de N.ª Sr.ª dos Remédios da Lagoa, 1450—1500 (Fot. 24).

O unico altar desta ermida tem o frontal revestido de azulejos, formando um quadro constituido por uma parte central e por uma cercadura que apresenta motivos diversos d'aquela.

Nos azulejos centrais aparece desenho geométrico e na cercadura algum elemento vegetal.

Nos primeiros(em número de sessenta), o desênho obedece a uma forma estrelada que é igual em todos eles, não havendo ligações nem encadeados de uns para outros.

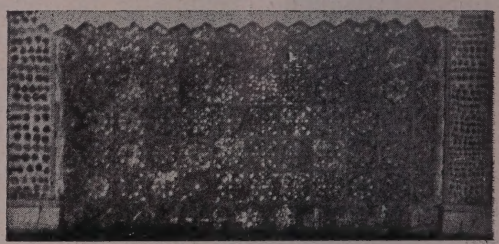
Pela regularidade do desenho e relevos, lembram um mosáico.

As côres são as seguintes: fundos brancos,—azul claro,—azul escuro,—verde e castanho escuro.

A cercadura é formada por vinte e quatro azulejos que se estendem pela parte inferior e pelos lados e por mais doze meio cortados, rematando a parte superior, todos iguais.

Do centro de cada azulejo partem para as extremidades quatro folhas em cruz, estando rodeada a junção por desênho em curvas, e os quatro angulos do azulejo cortados por faixas ornamentadas interiormente, tudo em amarelo, azul escuro, e verdo claro e com relevos muito acentuados.

Pelo seu aspecto, coloridos, desênho e relevos, não iremos muito longe da verdade se os considerarmos como produções da cerâmica portuguesa da segunda metade do seculo XV, importados quando se edificou a ermida.



(Fot. 24) Azulejos da ermida dos Remedios da Lagôa

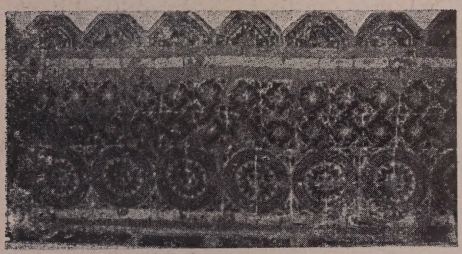
Esta construção foi ordenada por Pero Velho e sua mulher Catarina Afonso que dotaram a ermida com suas terças, por testamento de 19 de Novembro de 1511 (1), existindo ainda sob o soalho do altar, a campa com os nomes dos fundadores.

Segundo Gaspar Frutuoso (2), Pero Velho, filho de Diogo Gonçalves Travassos e de Dona Violante Cabral, irmã de Gonçalo Velho Cabral descobridor dos Açôres, veio para S. Miguel com este seu tio.

(1)—Arquivo dos Açôres vol. 12 pagg. 97.
Extractos de documentos mica lenses do sr. dr. Ernesto do Canto, na Biblioteca de Ponta Delgada.
(2)—Saudades da Terra—do dr. Gaspar Frutuoso parte geneologica—Velhos.

Temos por consequência duas datas, a de 1432 da descoberta da Ilha e a de 1511 do testamento de Pero Velho.

Mas como a ermida foi levantada antes de 1511, uma vez que pelo referido testamento a dotação com as terças era para a ermida *já então construida* e como só depois de 1450 começou a povoação da Ilha a tomar maior incremento, parece poder-se restringir o periodo provavel da vinda dos azulejos, aos cincoenta anos decorridos entre 1450 e 1500 harmonisando-se prefeitamente esta nossa hipótese com as características acima apontadas.



(Fot. 25) Um trecho dos azulejos da Mãe de Deus de Ponta Delgada

Outros mais azulejos possuimos pouco mais ou menos da mesma época dos da ermida dos Remédios da Lagôa, colocados no lado do sul e do nascente da igreja da Mãe de Deus d'esta cidade (-1475-1550?-) (Fot. 25).

Já démos ha tempos notícia d'estes azulejos, falando d'eles agora novamente para melhor indicar a sequência de tipos correspondentes ás diferentes fases da cerâmica.

Muito envelhecidos, apresentam ainda um interessante conjunto que prende a atenção. Na parte superior, vemos originais faixas em meias circunferências e em outros formatos, umas com fitas curvas presas por aneis e algum ornato vegetal, outras com decorações diversas onde predomina o desenho geométrico.

N'alguns, o centro é formado por três fitas de côres; amarela, azul e côr de vinho, as quais torcendo-se em forma de corda dentro do mesmo azulejo, vão-se depois combinando e ligando ao enlaçado dos seguintes, desenhando por fim um grande encadeado onde o elemento vegetal é relativamente insignificante.

Aparece mais, uma cercadura por vezes interrompida por

azulejos de diferentes padrões, de arabescos, de folhagens, de pequenos frutos, (cerejas?), tudo isto representado nas seguintes côres sobre fundos brancos—, azul, verde, castanho claro e côr de vinho carregado,—formando um todo que apesar de não ser seguido, dá-nos comtudo uma agradavel impressão policrómica, devendo notar-se ainda não ser frequente a transparência, nem tão pouco a boa graduação da côr.

Vê-se bem terêm sido azulejos aproveitados e que sofreram grandes mutilações quando os arrancaram do logar onde primitivamente permaneciam. Em todos eles notamos um relevo bem acentuado; as fitas são sensivelmente côncavas, e outros pontos bastante elevados, de forma que ao passarmos por sobre eles a mão, encontramos grandes diferenças de planos, estando os mais salientes já muito gastos, devido á acção longa das chuvas.

Parece-nos tratar-se de azulejos fabricados em um periodo decorrido entre o ultimo quartel do século XV e meados do seguinte.

A laçaria curva, os elementos vegetais, folhagens e frutos, por vezes hesitantes e moderadamente aplicados, as quatro côres acima mencionadas sobre fundos brancos, em alguns pontos de bom esmalte e os relevos nítidos, fazem-nos pensar na nossa antiga arte de fazer azulejos na época já marcada.

(Fot. 26) Trecho dos azulejos da Sacristia de St.º André de Vila Franca do Campo pertencente ao Sr. Conde do Botelho.

Terão sido importados por ocasião de se levantar a primitiva ermida, fundada nos primeiros anos do século XVI, por Diogo Afonso Cogumbreiro, e construida pelo mestre Nicolau Fernandes (1), o mesmo que com um irmão, chamado André Fernandes, lavrou as portas do sul, poente e talvez do norte da Matriz d'esta cidade em estilo manuelino, ainda hoje ali visiveis?

(1)—Dr. Gaspar Frutuoso—Saudades da Terra Livro 4.º—cap. 6.º

Estariam os azulejos no interior d'essa ermida, passando depois para o exterior, quando da sua total reconstrução no século XVIII?

Iriam para ali tirados de outro templo e infelismente aproveitados com tão pouco cuidado? Nada se pode assegurar.

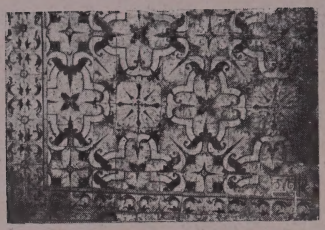
A miscelânea que apresentam,— cercaduras revestindo tapetes murais de diversos padrões, imagens truncadas de desenhos simples, traçadas com riscos côr de vinho sobre branco, azulejos lisos todos verde esmeralda, outros tambem lisos em azul claro (turquesa), e camafeus compostos por folhagens, — diz-nos apenas duas cousas com precisão; terem sido aproveitados e trazidos d'outro local, e revelarem muita antiguidade, sendo para lamentar o abandono a que têm sido votados e a sua gradual obliteração.

Nos quadros de azulejos de que temos tratado,—Remédios da Lagôa e Mãe de Deus de P. Delgada—, reconhecemos haver diferenças sensiveis nos ornatos, sendo utilizado o elemento vegetal com mais frequencia n'estes ultimos. Parecenos assim, serem estes talvez um pouco mais modernos, tendo-se dado a substituição da combinação geométrica, (caracteristica nos dos Remédios), pelo elemento vegetal, só a partir do século XVI (1).

A medida porem que vae decorrendo este século as côres típicas a saber: o — verde, castanho claro, turquesa, côr de vinho e fundos brancos, vão desaparecendo no periodo que decorre de 1550 a 1650, pouco mais ou menos, existindo aqui algumas composições de três côres, o azul, o amarelo e o fundo branco que se nos afiguram ser d'essa época de transição, de uma viva e rica policromia, para o constante azul sobre branco dos meados do século XVII em diante.

A sacristia e a igreja de Santo André de Vila Franca, hoje pertencentes ao sr. Conde do Botelho, estão decoradas com azulejos em amarelo e azul sobre fundo branco, com desenhos em forma de roseta que devem ser da época indicada, (Fot. 26) confirmando esta nossa impressão o facto de, se-

(1) — Vide, Ceramica Portuguesa serie II do Sr. Joaquim de Vasconcelos paginas 17 e seguintes



(Fot. 27) Azulejos da ermida da Caloura pertencente ao Sr. Antonio de Medeiros Albuquerque.

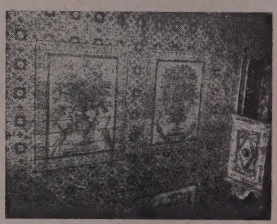
gundo a tradição, terem eles vindo de Portugal, quando se construiu este templo, fundado logo depois da subversão da mesma Vila em 1522, e na sacristia da ermida dos Terceiros d'esta cidade, existem outros cujos padrões não são iguais. N'uns aparece um estrelado, composto por grupos de quatro azulejos, n'outros o desenho é de fitas encadeadas, amarelas ou brancas, de composição muito original.

No livro do Inventario de Contas Antigas de 1702 a 1766, do arquivo d'esta ermida, encontramos, sob o titulo—Azulejos da Sacristia—,na conta de 1714, o seguinte:—«Lanço 10$790rs. que tantos dispendeu com pedreiros e serventes que tiráram o azulejo da igrejinha velha.» e na conta de 1715, lê se ainda «29$286 rs. que tantos dispendeu com os pedreiros que fizeram os muros do jericó e assentaram o azulejo na sacristia, reboque da igreja... etc»

Parece por consequencia ter sido o azulejo da igreja velha aproveitado para a sacristia.

Não conhecemos a data da construção d'essa primitiva ermida; parecendo dever ter sido realisada no segundo quartel do século XVII, depois da instituição da ordem no ano de 1624 (1).

Podemos ainda mencionar mais azulejos d'este periodo de transição, caracterisado por uma pobreza crescente de colorido e pelo desaparecimento, já n'esta época quasi total, dos relevos.

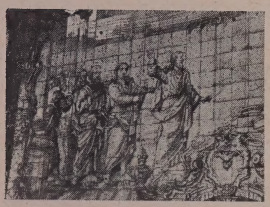


(Fot. 28) Azulejos da ermida da Caloura pertencente ao Sr. Antonio de Medeiros Albuquerque.

Revestindo as paredes laterais da grade do coro baixo do convento da

(1)—Livro que consta do principio da Ordem Terceira da Penitencia d'esta cidade de 1642 a 1689 no arquivo da igreja.

Esperança, aparecem alguns modelos, assim como na fachada da Matriz da Ribeira Grande, na ermida da Caloura do Sr. Antonio de Medeiros Albuquerque (Fot. 27 a 28), na capela do Santo Cristo d'aquele convento, na da Senhora da Piedade da igreja de S. José d'esta cidade, onde os quadros são já todos desenhados a azul sobre fundo branco e apenas as molduras decoradas com côres diversas, nos frontais dos altares do Coração de Jesus e de S. José da igreja do Pilar da Bretanha, etc.



(Fot. 29) Trecho dos azulejos da Capela mór de S.º André de Vila Franca do Campo

Um outro tipo de azulejos do século XVII aparece com certa frequência, é o de pintura solta representando flôres isoladas, pequenas figuras, animais, barcos, torres a casteladas e simbolos, em azul sobre branco.

Na sacristia da Matriz d'esta cidade, (Fot. 52) no Colégio, na sacristia de S. Pedro, e nos quadros actualmente no museu municipal, existem estes padrões que constituem os primeiros ensaios, sob a influência da ceramica flamenga, para o periodo das grandes composições em que vamos agora entrar.

Como é sabido, o azul sobre fundos brancos predomina completamente da segunda metade do século XVII em diante, sendo então tratados em paineis de grandes dimensões assuntos da historia sagrada e outros profanos, enquadrados por faixas onde se utilizam persistentemente os festões de flôres, as conchas, os acantos ennastrados e anjos amparando escudos.

Primeiramente falaremos dos azulejos que forram as paredes do côro baixo do convento da Esperança d'esta cidade, representando em grandes paineis, revestidos de cercaduras compostas de acantos e de pequenas figuras de anjos, as seguintes passagens da vida de Cristo, em azul sobre branco:— (na parede do norte), Anunciação, Visita de Santa Izabel, Nascimento, Adoração dos Magos (este está truncado), e Purificação: (na parede do sul)—Cristo orando, Beijo de Ju-

das, Flagelação, Cristo levando a Cruz, e Crucificação.

Todos os paineis apresentam graduações de côr e desenho por vezes apreciavel, estando no quadro central da parede do sul, patenteada a seguinte assinatura:

Ant.° de Oliv.ra Bd.es
fecit.

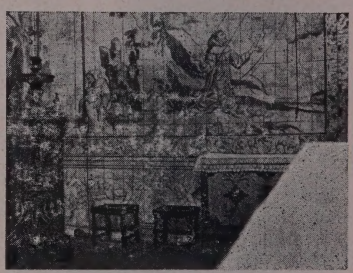
Parece-nos tratar-se de António d'Oliveira Bernardes e sendo assim, encontramo-nos em face d'uma produção artistica pertencente a quem possue um nome que não é obscuro na antiga cerâmica portuguesa.

O sr. Joaquim de Vasconcelos dando notícia de azulejos, da Sé de Braga, na capela de S. Pedro de Rates, diz encontrarem-se ali varios paineis de azulejos, *muito notaveis*, (azul sobre fundo branco) e em um d'eles a assinatura seguinte: (1)

Ant.° de Oliv.ra Bern.des f.

sem data, chegando a formar a genealogia do artista d'esta maneira:

António Rodrigues pintor, era pai de António de Oliveira Bernardes, (azulejos em Braga e Evora), que casou com Francisca Xavier, filha de um pintor. Os filhos d'este foram: —Frei José de Santa Maria, pintor(1700-1781), Policarpo d'Oliveira id.(azulejos em Viana), 1695 1778 e Inacio d'Oliveira pintor e arquiteto (1695-1781). Os filhos de Inácio, foram João Pedro d'Oliveira, pintor (nasc. 1752) e D. Micaela Arcangela Romaneti, pintora (1740 1815).



(Fot. 30) Trecho dos azulejos que revestem a capela mor de S. Francisco de P. Delgada.

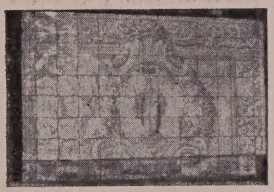
Afigura-se-nos ser o autor dos azulejos da Esperança o mesmo dos de Braga; ambas as assinaturas dizem ser—An-

(1) — Ceramica Portugnêsa Serie II pagg. 3.

tónio d'Oliveira, podendo levantar-se a dúvida sobre se o— Bd.es — quer dizer Bernardes ou Benevides.

A epoca provavel da vinda dos azulejos para a Esperança, (segunda metade do século XVII), o desenho. e o colorido, levam a crer, ser o mesmo artista e assim fica revelada mais uma obra da sua autoria.

Igualmente d'esta epoca existem na igreja do convento de St.º André de Vila Franca, azulejos revestindo a capela mor, onde são tratados trechos da vida de Cristo com Santo André, em azul sobre fundo branco, emoldurados por colunas, anjos, escudetes e urnas chamejantes. (Fot. 29)



(Fot. 31) Frontal de azulejo da ermida do Bom Sucesso ou de N.ª S.ª da Oliveira da Ribeira Seca R.ª Grande.

Sabemos ter sido feita uma encomenda de ouro e azulejos para Lisbôa em 1686, pelo dito convento, importando em 300$000 rs. (1), e sabemos mais ter chegado a Vila Franca o azulejo em maio de 1687, e ser colocado na capela, em Setembro d'este ano, dizendo a respectiva nota;— « a Joseph de Paiva por assentar quatro mil azulejos a quatro mil e quinhentos o milheiro, 18$000.

Aqui ficou revelado o número de azulejos vindos de Lisbôa, o que nos interessa por ser aproximadamente o dos que lá se vêm hoje; n'esta coincidencia está um argumento que nos leva a supor serem os mesmos, confirmando, esta hipótese o seu desenho e o seu colorido.

Ainda dos começos do século XVII deve vir uma grande parte dos azulejos que revestiam algumas janelas e paredes de celas do antigo dormitório do convento da Esperança de Ponta Delgada edificio que vae ser demolido para se construir uma creche.

Em vista d'esta demolição pensámos em arrecadar esses

(1) — Livro do Convento de Santo André de Vila Franca do Campo, da despesa dos anos de 1682 a 1693 — no arquivo da Repartição de Fazenda de P. Delgada.
— Contas do mez de outubro de 1686.
— Contas do mez de maio de 1687.
— Contas do mez de Setembro de 1687.

azulejos, e com eles organizar alguns quadros para a secção d'arte do museu, trabalho a que procedemos com autorização da Junta Geral e que não foi dos mais faceis por estarem os azulejos colocados a esmo, truncados, muitos partidos e outros apodrecidos.

Alem dos modelos do século XVII, aparecem outros, muito interessantes, lisos e em relevos (raros) do século XVI e ainda do século XVIII, tendo encontrado um pequeno quadro representando uma scena pastoril, truncado e outro completamente perdido, ao qual deve pertencer um azulejo tambem com a assinatura de Oliveira Bernardes, a quem já nos referimos, datado de 1712.

(Fot. 61)

Como se vê, o começo da assinatura e a sua ligação com a data vinham de outro azulejo desaparecido.

Os tipos são os seguintes:— azulejo em relevo e liso, com arabescos, laçaria e estrelados, azul, amarelo, verde, branco, côr de vinho e castanho escuro, (1500-1650) (Fot. 61): azulejo azul turquesa liso, verde esmeralda liso e branco liso, cercado por faixas enxaquetadas em azul e branco, (século XVI); azulejo de pintura solta, fauna e flora especialmente, (século XVII): azulejo de moldura com festões de flores encadeados em amarelo, azul e branco, do século XVII (Fot 59): e azulejo azul e branco do século XVIII (Fot. 61).

Possue mais o museu, azulejo truncado de grande composição do século XVIII, arrecadado por ser insusceptivel de se reconstituir.

Na igreja dos Fenais da Luz existe o frontal do altar de N.ª S.ª do Rosário revestido de azulejos, tendo ao centro um medalhão com a Virgem, rodeado de um entrelaçado de folhagens e uma faixa exterior com identicos motivos emoldurando todo o quadro.

A côr única é o azul sobre branco, mais carregada na cercadura.

Estes azulejos não têm assinatura, mas estão datados, vendo-se abaixo do referido medalhão o seguinte:

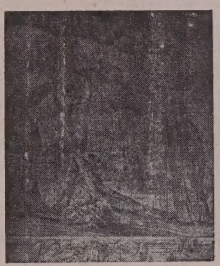
Anno de 1713

Os azulejos da capela mór da igreja de S. Francisco d'esta cidade, (Fot. 30) são d'esta época,—(primeira metade do século XVIII)—: pintados em azul sobre fundo branco, representam trechos diversos da vida de S. Francisco, devendo ser os que vieram para a igreja em 1728 ou em 1734 (1).

Um outro frontal interessante é o do altar do Bom Sucesso, ou de N.ª S.ª da Oliveira da Ribeira Seca (Fot. 31): ao centro aparece a Virgem no fundo de um medalhão com cercadura de bom desênho. Não tem data nem assinatura, é talvez coevo da ornamentação da ermida, em cujo altar está gravado o ano de 1737. (2)

Como deixamos dito não se limitaram os pintores de azulejos a reproduzir scenas da vida e do martirológio dos santos; inúmeros assuntos da vida profana foram tratados, encontrando-se na sacristia da matriz d'esta cidade quadros d'este género.

Estes azulejos revestem as paredes do norte e parte das do nascente e poente até um metro e meio de altura aproximadamente, e representam caçadas ao veado o ao pôrco montez, em



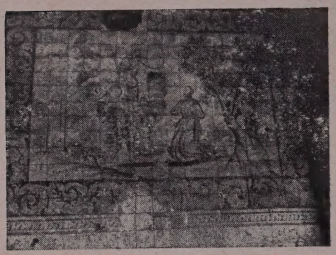
(Fot. 32) Trecho dos azulejos da ermida de N.ª S.ª da Vitoria pertencente ao Sr. Agostinho Cimbron M. Faria e Maia.

(1)—Arquivo dos Açôres vol. V, pagg. 42.

(2)—Extractos de documentos micaelenses do sr. dr. Ernesto do Canto na Biblioteca de P. Delgada, vol. 4.º pagg. 117 onde diz, falando da ermida, á qual fizeram o capitão Manuel de Medeiros Rocha e sua mulher Izabel Margarida de Mendonça, doação de um alqueire de terra por escritura de 12 de abril de 1729, para patrimonio da mesma ermida de novo erecta».

azul e branco, sendo revestidas por uma faixa no estilo da época.

A tinta está aplicada com graduações; aí aparecem numerosas figuras a cavalo e a pé, algumas de elegante movimentação, cavalos correndo á brida, pórcos montezes e veados perseguidos por caçadores, armados com espingardas, espadas, lanças e facas de mato, fundos de vastas paisagens com edificios acastelados e os primeiros planos pintados n'um azul intenso.



(Fot. 33) Azulejos da ermida das Necessidades em S. Roque.

O desenho largo e vigoroso está revelando um habil artista.

Tudo leva a crer serem estes os azulejos que vieram ou em 1718 ou em 1730 e que custaram 342$000rs. (1).

Numerosos exemplares no tipo dos que vimos falando, decoram a ermida de S. Caetano do Pópulo, — a igreja do Colégio d'esta cidade,—a ermida de N.ª S.ª da Vitória da Relva (Fot. 32), —a das Necessidades em S. Roque (Fot. 33, 34 e 35) e outros mais templos.

Passando agora a dar notícia de azulejos já hoje desaparecidos ou cujo paradeiro desconhecemos, começaremos pelos que vieram de Lisbôa em 1734 (2) para a sacristia de S. Pedro d'esta cidade, não nos sendo possivel afirmar ao certo serem os que actualmente lá se encontram.

Esta igreja tinha ainda pelos meados do século XIX a capela mor revestida de azulejos.

Em 1735 veio azulejo para a igreja de N.ª S.ª da Piedade de Ponta Garça (3), em 1700 foram assentados azulejos na capela da St.ª Casa de Ponta Delgada, custando esse trabalho 58$820 rs. (4): em 1610, ao ser construida a ermida da

(1) — Arquivo dos Açores, vol. XII, pagg. 39.
(2) — Arquivo dos Açores, vol. XII, pagg. 40.
(3) — Arquivo dos Açores, vol. V, pagg. 42.
(4) — Livro Corrente da St.ª Casa de P. Delgada, sendo provedor o capitão Antonio Borges do Canto, de 1700, a pagg. 101, no seu arquivo.

Sr.ª da Boa Nova, no local hoje ocupado pela penitenciária, foram comprados azulejos por 90$000 rs. (1), n'ela colocados e aí existentes até ha poucos anos, quando foi demolida (2), e a capela mor da matriz d'esta cidade era tambem decorada da mesma forma.

Em 1696, o licenciado Antonio Pais de Vasconcelos ordenou [que se] azulejasse a capela mor da matriz da Ribeira Grande (3), não sendo cumprida imediatamente esta ordem, pois só em 1704 foi feita a encomenda do azulejo, pela confraria de nossa Sr.ª da Estrela, remetendo uma letra para Lisboa na importancia de 100$000rs. (4).

Afinal só muito depois, em 1710, foram os azulejos ali colocados.

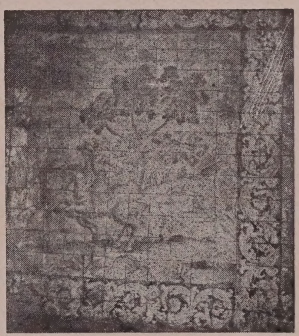
Nas contas que examinámos, notámos terem eles vindo de Angra, dando-se aqui uma lacuna que não podemos explicar (5).

As respectivas contas dizem:

—Dispendio por um mandado do Provedor da Fazenda para em Angra se entregar o azulejo, 300 rs.

—Dispendio com o custo que se fizeram em Angra com os caixões, 1$890 rs.

—Dispendio com o frete para esta ilha e mais custos até se meterem em uma loja em P. Delgada, 6$400.



(Fot. 34) Azulejos da ermida das Necessidades em S. Roque.

—Dispendio em tres carros que trouxeram os caixões para esta Villa 2$800rs.

—Dispendio com os brindes dos carreiros e com homem que foi consertar os caminhos quando vieram os carros, 160 rs.

(1)—Arquivo dos Açores vol. XII, pagg. 445.

(2)—Estes azulejos estiveram na exposição de 1901, por ocasião da visita régia em dois quadros, e se bem nos recordamos eram datados e representavam ramos floridos e pavões. Não sabemos onde param actualmente estes azulejos.

(3)—Livro das visitas d'esta igreja—no seu arquivo a pagg. 53.

(4)—Livro da despesa e receita da Matriz da R.ª Grande, (altar de N.ª S.ª da Estrela), que começa em 1674 a pagg. 40 verso—no seu arquivo.

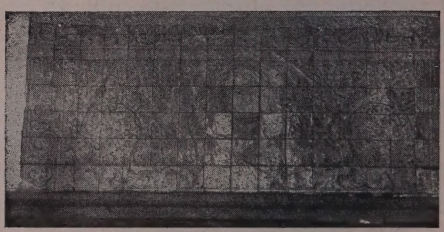
(5)—No mesmo livro contas de 1710.

Encomendados portanto para Lisboa no ano de 1704, só cá chegaram em 1710, vindos de Angra, o que desorienta, assim como a notícia do seu encaixotamento na Terceira: seja como fôr, o certo é encontrarem-se na igreja em 1823, (acordão da confraria de N.ª S.ª da Estrela, ordenando se caiásse as paredes da capela, *do azulejo para cima*): sendo depois arrancados e talvez os que em reduzido número cobrem ainda o chão de um pequeno cubículo ao lado do arquivo, um dos numerosos sinais d'essa fobia aos azulejos que grassou pelos meados do século passado, destruindo tanta coisa valiosa.

Pela mencionação que deixamos feita d'alguns dos mais interessantes exemplares que possuimos e de outros já desaparecidos, pretendemos não só provar a existência n'esta ilha, de uma sequência apreciavel de produtos da cerâmica nacional, desde os mais antigos tempos até ao fim do século XVIII, como ainda não ter sido insignificante a sua importação.

Para terminarmos este capítulo, falaremos ainda de uma outra forma de decoração mural aqui usada antigamente e já hoje muito rara.

Em alguns pontos temos visto restos das chamadas *lapinhas*, pequenos nichos e capelas abertos nas paredes dos jardins, decorados com grande quantidade de conchas imbricadas, búzios, cacos de diversas faianças, predominando a oriental, pedras de diferentes côres, vidros policrómicos e outros mais objectos de reduzidas dimensões, dispostos em formas fantasistas, estrelários, circunferências, caprichosos arabescos, grinaldas e festões de flores, fixados por meio de argamassa por sobre toda a superficie, revelando essas composições, quasi sempre gros-



(Fot. 35) Frontal do altar de N.ª S.ª das Necessidades em S. Roque.

seiras, um certo engenho e produzindo em geral, no seu conjunto, bom efeito decorativo.

Identica aplicação encontra-se em pequenos presépios portateis, guarda jóias, tinteiros pregadeiras e ramos de flôres, sendo em geral os minúsculos elementos da decoração, conchas marinas, presas á madeira ou ao cartão por meio de cola e muito utilizadas nos meados do século passado.

As nossas *lapinhas* são irmãs dos característicos *embrexados* do continente, de remota filiação no antigo mosáico.

Um exemplar perfeito existe ainda hoje no jardim da casa do S. Barão da Fonte Bela no Botelho.

CAP. III

OUTRAS FORMAS DE ARTE APLICADA

Os documentos que temos compulsado, revelam-nos varias formas de arte aplicada, algumas d'elas exercidas desde o século XVI.

A ourivesaria, a serralharia, a tecelagem, a cerâmica e as flores artificiais existiram sempre mais ou menos, procurando nós marcar, em face dos documentos que possuimos, as fases que melhores produções nos deixaram, documentar as suas mais remotas origens, assim como registar a importação de productos de proveniência extranha.

O conhecimento de diversos artífices, no ultimo quartel do século XVI, diz-nos serem exercidos os ofícios de serralheiro, ourives, tecelão e oleiro, entre nós, desde tempos muito antigos. Encontramos, por exemplo, Diogo Piz. tecelão; António Roiz ourives; Gonçalo Mnz tecelão; Domingos Glz oleiro como irmãos da St.ª Casa de P. Delgada em 1577 (1); Gonçalo

(1)—Livro da Irmandade da St.ª Casa de P. Delgada, de 1577 a pagg. 5, e 51 verso no seu aquivo.

Enes serralheiro, em 1574 (1); João Frz oleiro, em 1574 (2); Miguel Pereira, ourives, que fez uma cruz para a St.ª Casa d'esta cidade, em 1582 (3); Cosme Damião, ourives, que gravou um selo de prata para a mesma St.ª Casa por 1$200 rs. em 1575 (4); Manuel Nunes ourives, em 1575 (5), todos trabalhando em P. Delgada. Na Ribeira Grande existiam em 1578 os seguintes tecelões: Lopo Vaz, Cristovam Afonso, João Gonçalves, Manuel Lopes, Jorge Gonçalves (de Rabo de Peixe), Gaspar Gonçalves, Francisco Alves, António Alves, Tristão Luis, Domingos Jorge e outros mais(6).

D'entre estes artifices do século XVI destacaremos Gaspar Borges serralheiro a quem se refere Fructuoso da forma seguinte. "A justiça e o Capitão (da Ilha da Madeira) lhe encarregaram a arcabuzaria e ensinou certos serralheiros do Funchal a concertal-a, ensinou todos os serralheiros da cidade de Ponta Delgada o concerto e feitio da arcabuzaria e armas, tanto que o que d'ele não aprendeu não as sabe bem fazer, como é notório.

Fez as balanças da alfandega d'esta Ilha e da Terceira, que são peças reaes e de grande desengano. Fez o relogio da cidade e de Vila Franca, e renovou o da Ribeira Grande, tudo em baixos preços a respeito da delicada obra que fez. Fêz alguns ferros de hostias, o que cumpre de armas, espingardas novas assim de pederneira como de fogo, grades para a Alfandega e para a Capela do St.mo Sacramento da vila da Ribeira Grande que não acabou e outras obras, e comtudo vive pobre, tendo tão rico engenho,,.

Esta parte de Fructuoso foi transcrita pelo Sr. Teofilo Braga na sua obra Os Costumes as crenças e as tradições do povo portugues, como prova do esplendor atingido pela

---

(1) — Livro da Receita e Despesa da mesma Santa Casa, de 1574. a pagg. 59, verso no seu arquivo.

(2) — No mesmo livro a pagg. 14 verso.

(3) — Livro da Capela da mesma Santa Casa de 1575 — (a paginação está apagada) — no seu arquivo.

(4) — Livro da receita e despesa da mesma Santa Casa, — conta de julho de 1575, a pagg. 20 — no seu arquivo.

(5) — No mesmo Livro a pagg. 62.

(6) — Vereação de 27 de Janeiro de 1578 da Ribeira Grande — livro existente no seu arquivo.

serralharia portuguesa no século XVI. Acrescentaremos ainda que talvez seja este serralheiro Gaspar Borges parente do imaginário do mesmo nome de quem já falámos e que trabalhava em Ponta Delgada em 1574, ou, quem sabe, a mesma pessôa, podendo ser o caso de pelo *seu rico engenho*, dedicar-se tambem á arte da imaginária.

A par d'estes oficios, deu-se a importação de diferentes alfaias e utensilios domesticos; abundava a prata de Inglaterra (1); * da Flandres vieram tapeçarias e cartas, algumas existentes em 1582 na matriz d'esta cidade, panos d'armar (2), e mesmo da India chegaram moveis acharoados, e marchetados louças e tecidos(3).

De todos esses objectos antigos, conhecemos apenas actualmente duas casulas, (Fot.36,37, 38) talvez trazidas pelos jesuitas no século XVI.

Estes antiquissimos bordados vieram envolvidos até 1895 em uma tradição muito incerta e confusa, esclarecendo-se então a sua origem.

(Fot. 36) Casula da Matriz de P. Delgada.

Uma d'essas casulas aparece ainda na sua forma primitiva, a outra, com duas dalmáticas identicas, foi restaurada posteriormente.

---

(1)—Saudades da Terra de Fructuoso cap. 42 livro 4.º e testamentos antigos; por exemplo o de Jacome Dias Correia, em cujo inventário de 22 de Fevereiro de 1543 aparece prata—(bacias, taças douradas e esmaltadas, jarros, castiçais, copos, colheres etc. etc.) no valor de 103$352 reis. Extrato do referido testamento que nos foi fornecido pelo S. Rodrigo Rodrigues.

(2)—Arquivo dos Açores vol. 2.º pagg. 414.

(3)—Livro da receita e despesa da Santa Casa de P. Delgada de 1574 a pagg. 14 e 14 verso no seu arquivo.

*NOTA—Uma noticia sobre prata inglesa considerada antiga pelos meados do século XVII, encontra-se no tombo da confraria do Santissimo da igreja de S. Pedro de P. Delgada em um legado que lhe foi feito por D. Maria Margarida de Medeiros, familia Cimbron.

=«Dice ela testadôra, q. seo universal herdeiro, q. já tem nomeado n'este testamento, seu amante e amado marido, e senhor Jordão Jacôme Raposo, dará á confraria do Santissimo Sacramento da sua freguezia de S. Pedro—*o seo prato de prata, de agoa ás mãos*, por assim ser sua vontade o qual servirá somente para quando se levar o Santissimo Sacramento aos doentes». Depois segue-se o recibo da entrega do referido prato nos termos seguintes: —»Em os vinte e outo dias do mez de março do ano de mil seiscentos e outenta e outo, recebeu João Eston thesoureiro, que este ano serve na Confraria do Santissimo Sacramento da Igr. de S. Pedro d'esta Cidade de Ponta Delgada, do Capitão Jordão Jacôme Raposo, herdeiro e testamenteiro da Sr.ª D. Maria Margarida de Medeiros, hum prato de prata, q. peza seis marcos, com hum castelo no meio, e no meio do dito castelo duas letras grandes q. mostrão, como se vê á margem*, *e na borda do mesmo prato, quatro mrcas á banda direita das duas letras, grandes assima declaradas, quaes marcas são as que comumente se achão em toda a prata antiga feita em o Reino de Inglaterra*, e por estar entregue do dito

* IR

Antes de as descrevermos diremos ter o Sr. Dr. Ernesto do Canto falado n'elas ao critico de arte americano Koëler, quando por aqui passou no referido ano, deixando nos seus— Extractos de documentos micaelenses,— (1) notas interessantes a este respeito, pelas quais nos vamos guiar.

A casula intacta é de veludo carmesim, toda bordada a fio de prata em partes branco e n'outras dourado, aparecendo lavores e figuras bordadas com sedas de côr.

Em ambas vemos, ao meio, uma banda bordada a matiz de seda, representando trechos da Paixão de Cristo e alguns santos, santas, e apostolos.

Na restaurada, só existe da primitiva a facha central, sendo tudo o mais feito de pedaços de veludo carmesim adamascado com fio de prata. N'essa facha acham-se alternados com figuras de santos, escudos de armas que, como adeante veremos, muito auxiliaram a discriminação da sua proveniencia.

O primeiro é um escudo antigo esquartelado; no primeiro quartel encontramos cinco flores de lis de ouro em fundo rôxo, no segundo, tres leopardos de ouro em campo vermelho, sendo identicos e desencontrados os dois restantes quarteis: o segundo escudo, tambem antigo, tem tres fachas rôxas em

---

prato assinou comigo escrivão da dita confraria. *Manuel George de Faria João Stone.*

Pela parte final d'este recibo vemos que se tratava de um prato ou bacia de prata, que tinha gravadas em uma borda as marcas vulgarmente vistas por João Stone nas antigas peças de ourivesaria feitas na Inglaterra.

Era portanto o prato deixado por D. Maria Margarida de Medeiros á Confraria do Santissimo Sacramento de S. Pedro, um producto da ourivesaria inglesa, considerado antigo—no ano de 1688. Sendo antigo e tendo as iniciais I R, lembramo-nos ter pertencido ao quarto avô do marido da testadôra, tambem chamado Jordão Jacôme Raposo, falecido em Vila Franca em 9 de maio de 1573 e que foi o segundo administrador do vinculo instituido por Ruy Vaz Gago.

Devemos ainda notar a coincidencia de no inventário do pai d'este Jordão Jacôme Raposo aparecer;—«Hua basia d'agoa as mãos q. peza seis marcos e meio q. valem 15$600.»

Temos portanto em 1543 uma *bacia de prata de agua as mãos* pezando *seis marcos e meio*, pertencendo ao quinto avô do marido da testadôra, em 1688 *um prato de prata de agua as maõs pezando- seis marcos*, que era antigo e com as iniciais I R. que devem dizer Jacôme Raposo ou Jordão Raposo.

Será a mesma?

Nada se pode dizer com segurança, parecendo-nos comtudo tratar-se de uma peça de prata com as iniciais de Jordão Jacôme Raposo (1573) e que se transmitiu na familia, desde tempos antigos. até 1688, ano em que entrou para Igreja de S. Pedro.

Os documentos que deixamos transcritos são interessantes porque vêm confirmar a noticia dada pelo Dr. Fructuoso nas suas «Saudades da Terra», pela qual nos guiamos de terem sido importados durante o século XVI, vestidos e bonitas alfaias, do extrangeiro, da Hespanha, da Inglaterra e da Flandres, em troca de pastel e de outros productos da terra.

Actualmente não existe na Igreja de S. Pedro o prato legado por D. Maria Margarida de Medeiros.

---

(1)—Extractos de documentos micaelenses do Sr. Dr. Ernesto do Canto. vol. 3.º a pagg. 51, 52 e 53 na Biblioteca d'esta cidade.

pala sobre fundo branco e é cortado por uma banda vermelha com tres aguias de garras e azas abertas.

Os emblemas d'estes escudos aparecem dispersos na primeira casula, bordados a prata, ouro e sedas, entremeados com diversos arabescos nas suas bandas laterais.

Vindo estas casulas do Colégio dos Jesuitas, chegou o Sr. Dr. Ernesto do Canto a supor terem pertencido ao Cardial João Fisher, decapitado em Londres a 22 de junho de 1535, por ordem de Henrique 3.º de quem fôra preceptor e sido trazidas para esta Ilha por Luis Tavares, padre da Companhia, e filho do primeiro Guilherme Fisher, sendo admissivel a hipótese de as ter doado ao colégio e herdado do dito cardial.

(Fot. 37) Casula da Matriz de P. Delgada

Koeler porem, consultou em Londres alguns peritos e informou então o sr. dr. Ernesto do Canto, dizendo ser A. Wallaston Franks, chefe do — Departement of British and Medieval Antiquities — do museu britanico, da opinião seguinte: não haver duvida pertencerem as armas a John Grandisson barão bispo de Exeter de 1327 a 1369, data da sua morte, cuja familia era de origem suissa e da qual foi ele o ultimo descendente, dever ter sido a côr rôxa a principio azul, alteração operada pela acção do tempo e notada em outros tecidos antigos, serem as armas das casulas as mesmas de um triptico pertencente a Grandisson, existente no museu britanico, e as do outro escudo, as armas reais inglesas, do mesmo periodo, pois só em 1405 foram alteradas, reduzindo-se as cinco flores de lis a tres.

As casulas são por consequência do século XIV, época em que os bordados ingleses eram muito afamados. Tudo leva a crer haverem sido compradas em Iglaterra pelos jesuitas, depois de abolido o catolicismo, conservando-se no colégio até á expulsão da Companhia de Jesus e terem vindo mais tarde para a matriz d'esta cidade, onde ainda hoje se encontram.

No século XVII começam a aparecer com maior frequência os oficiais de serralharia, ourivesaria, tecelagem e ceramica, dos quais passamos a dar algumas notícias: Agostinho da Ponte era ourives e concertou a lampada do altar mór da igreja de S. João de P. Delgada em 1694 (1); António Martins, oleiro 1643 (2), João de Sousa, oleiro, 1699 a 1734 (3); Manuel Dias, tecelão, 1614 (4); Mateus de Lima, ourives, 1614 (5); Sebastião de Lima, ourives, 1612 (6); João Vaz Velho, ourives, 1683 (7); Baltazar Carrasco, serralheiro 1612 (8); Baltazar A. serralheiro, 1612 (9); Bastião de Lima, ourives, 1636 (10); André Gonçalves, oleiro, 1666; Marcos Frz, serralheiro, 1666; João da Rocha oleiro, 1672; António Roiz, oleiro, 1674; António Rodrigues, serralheiro, 1677; Manuel Frz, oleiro, 1677; André do Monte, oleiro, 1677; Manuel Barboza, serralheiro, 1677; Tomás Carpinteiro, ourives, 1677; Mateus Roiz, serralheiro, 1676; Bartolomeu Frz, serralheiro, 1676; Inácio da Costa, oleiro 1676; Gaspar Roiz, oleiro, 1678; Gonçalo de Souza, oleiro, 1682; (11); Manuel Dias, serralheiro, 1637 (12); e outros muitos que se-

(1)—Livro da despesa do Convento de S. João, de P. Delgada, de 1669 a 1699—contas do mez de março de 1694—no seu arquivo da Repartição de Fazenda de P. Delgada.

(2)—Livro dos testamentos do Convento de S. Francisco de P. Delgada, na Repartição de Fazenda da mesma—auto da aprovação do testamento de Agueda Fernandes, em 23 de Março de 1643—.

(3)—Autos das Contas do tempo do sindico do mosteiro de St.º André de P. Delgada—Bartolomeu Martins Rocha—, caderno existente no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade—1699 1734—a pagg. 6.

(4)—Livro das Lembranças da St.ª Casa d'esta cidade, de 1614 e 1615, a pagg. 48 e 56—no seu arquivo.

(5)—No mesmo livro, a pagg. 61 e no livro-corrente da mesma St.ª Casa de 1611 a 1612, sendo provedor Paulo da Ponte de Sousa, a pagg. 63—no seu arquivo.

(6)—Livro das Lembranças da St.ª Casa de 1612 a 1613, a pagg. 52, no seu arquivo.

(7)—Livro da conta Corrente da St.ª Casa de 1683, a pagg. 91 verso, no seu arquivo.

(8)—Livro Corrente do ano de 1611 a 1612, sendo provedor Paulo da Ponte de Sousa, a pagg. 72—no seu arquivo.

(9)—No mesmo livro a pagg. 121.

(10)—Livro da despesa da St.ª Casa, de 1636 a 1639, sendo provedor o conde de Vila Franca, D. Rodrigo da Camara.

(11)—Livro dos assentos de defuntos, sem capas e paginado apenas de 1667 a 1668 em diante, livro que tem inventários, cargos, etc., etc., da St.ª Casa no seu arquivo.

(12)—Livro da receita e despesa da St.ª Casa de 1637, a pagg. 3—no seu arquivo.

ria longo enumerar (1), bastando dizer sabermos trabalharem em Ponta Delgada, pelos meados do século XVII, quinze ourives, vinte e sete oleiros, dois tecelões e dezoito serralheiros.

Os tecelões, parece serem em menor numero n'este tempo. A antiga tecelagem indígena de panos de lã dos primeiros povoadores e que se estendeu até meados do século XVI (2), havia já decaido, dando-se uma grande importação de fazendas, de Portugal e do extrangeiro, revelada nos livros da alfandega onde encontramos principalmente a entrada de bizuatra, raxa, pano ordinário de Portugal, crize, parizes baixo, (pano chamado Paris), baeta baixa, guardelate, pantufo baixo, castelete, baeta boa, e sem fios, frizos, festões, carapetas, e de outras mais qualidades.

(Fot. 38) Casula da Matriz de P. Delgada.

Os oleiros eram numerosos e embora não possamos afirmar, com segurança ser feita já n'esta época louça decorada, tudo leva a crêr assim tenha acontecido, pela denominação dada a alguns artífices de — *azuladôres* —, como por exemplo a um tal Bartolomeu Fernandes. O azuladôr devia ser o oleiro que aplicava ao barro os desenhos em azul.

Nas listas dos objectos manipulados nas olarias do século XVII, não vemos, no entanto, louça ornamentada. Sómente aparecem algumas peças *almayradas*, tais como panelas com asas, barris, e tigelas, tendo preços fixos, alem d'estas, apenas, as tigelas de frigir e de coser, as medidas para afilar, os cangirões, os funis e os caldeirões, variando eles entre 3 reis e 80 reis.

Quanto aos ourives e serralheiros, pouco conhecemos por emquanto no que respeita ás suas obras: julgamos porem não se terem cingido os ourives apenas a concertos, fazendo

(1) — Livro da Irmandade da St.ª Casa, sendo provedor o capitão Gaspar de Medeiros de Sousa, no seu arquivo. Livro dos Acordãos da Camara de P. Delgada — 1622 a 1626 —, 18 de Fevereiro de 1623, pagg. 32, no seu arquivo, — José Fernandes Teixeira, oleiro que justou a conta para a fábrica dos seguintes preços de louça.....

(2) — Gaspar Fructuoso — Saudades da Terra, livro 4.º, cap. 56, Arquivo dos Açores, vol. 12, pagg. 445.

trabalhos originais, como por exemplo, o anel da imagem do Santo Cristo da Esperança, com rubis e esmeraldas, segundo nos afirmam José Clemente, executado n'esta ilha. A importação de ricas tapeçarias é sensivel; assim em 1610 foi oferecida á ermida da Bôa Nova d'esta cidade «uma rica alcatifa da India, toda de seda tecida em prata e ouro e alguns panos de raz apareciam em casas abastadas, como na do capitão Duarte Borges da Camara (1652)» (1) na do capitão Francisco d'Andrade Cabral, — 1660 (2), na Santa Casa d'esta cidade — 1637 — (3) * .

Nos meados d'este século encontrámos pela primeira vez uma nova industria, a das flores artificiais.

Em 1637 trabalhava em P. Delgada o florista Pedro de Frias, fazendo n'este ano ramalhetes para enfeitar a igreja da Santa Casa (4); a arte já devia existir nos conventos n'esta época, exteriorisandose então nos fins do século por forma muito apreciavel.

No convento de Santo André havia uma indústria de flores artificiais, revelando notavel aptidão artistica, a freira Jerónima do Sacramento, cujas produções eram consideradas de elevado valor.

---

(1) — Brancamp Freire — O Conde de Vila Franca e a Inquisição, a pagg. 27 (nota)

(2) — Livro dos testamentos do Convento de S. Francisco de P. Delgada, existente no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade, testamento feito a 12 de outubro de 1660 a pagg. 637.

(3) — Livro da receita e despesa da St.ª Casa d'esta cidade de 1636-1637, sendo provedor o Conde de Vila Franca, D. Rodrigo da Camara, a pagg. 174 — no seu arquivo.

(4) — Livro da receita e despesa da St.ª Casa, de 1637 a 1638, a pagg. 52 — no seu arquivo.

*NOTA — Com respeito aos panos de raz pertencentes a Duarte Borges da Camara, diz o Snr. Brancamp Freire..... = "Era então juiz do mar ou melhor juiz da Alfandega e-direitos reais da Ilha de S. Miguel o Capitão Duarte Borges da Camara, senhor de um bom mórgado, de que era cabeça uma quinta em Rosto de Cão, homem rico, muito estimado e considerado na Ilha, onde nascera em maio de 1626. Tambem por ordem do Santo Ofício foi preso em P. Delgada, em junho de 1652 e deu entrada nos cárceres da Inquisição de Lisbôa em 5 ne junho seguinte. Então foi buscado na forma do regimento e foram-lhe encontrados uma caixa para tabaco, uma colher e um garfo, tudo de prata. Em 23 de Agosto tiveram com ele a sessão de inventário em que nomeou a quinta de Rosto de Cão, umas casas nobres em que vivia na cidade de Ponta Delgada, junto ao Colégio dos Jesuitas, e várias terras que lhe rendiam 35 moios de trigo.

Quanto a moveis, disse não os poder declarar por menor, por se não lembrar d'eles, mas que por maior se recorda de que em sua casa havia duas ou tres cadeias de ouro, alguma prata lavrada, umá armação de panos de raz e outras cousas de uso ordinário de um homem honrado ....."

O Capitão Francisco d'Andrade Cabral declara em seu testamento, possuir — "duas guardas portas de raz,, — avaliadas em outo mil reis e mais" tres panos de raz,, em vinte e quatro mil reis; e no mencionado ano encontramos no consistório da Santa Casa de P. Delgada dois panos de raz.

Assim, quando o renascimento da crença pelo Santo Cristo da Esperança, determinou um maior cuidado com a imagem, foi ela levada para o convento de Santo André a fim de se proceder á decoração do andor.

A freira florista fez então uma cana de flores de seda e um andor com docel, o qual, segundo José Clemente, «ficou na ultima perfeição com peças de grande valor»; depois pretendeu o convento da Esperança alcançar da rainha D. Maria Sofia, mulher de D. Pedro II, uma tença perpétua para o azeite da lampada da imagem, e resolvendo mandar uma petição á referida rainha e juntamente um artistico presente, foi enviada a segunda cana feita pela mesma freira.

Mais tarde ainda, acompanhando nova petição, foi oferecida ao rei outra cana da mesma autoria, «ornada de muitas flores e guarnecida de aljôfares, tendo como remate um jacinto muito fino», (1) .

Para outras igrejas foram tembem flores fabricadas em St.º André; em 1704, comprou a Misericórdia d'esta cidade quatorze ramalhetes áquela religiosa, destinados á decoração da tribuna e retábulo da sua igreja, pela quantia de quatorze mil e oitocentos reis, (2).

Por estes dados, podemos afirmar ter atingido n'esta época um aperfeiçoamento muito sensivel a arte conventual das flores artificiais.

Ao entramos no século XVIII, vemos prosperarem consideravelmente as indústrias de que temos vindo falando, o que podemos provar pelos artífices n'elas ocupados.

Entre 1700 e 1750 pouco mais ou menos, conhecemos um numero avultado de oleiros (3), de ourives e de serralheiros

---

(1)—José Clemente—Vida de Madre Teresa da Anunciada.
(2)—Livro da conta Corrente da St.ª Casa, de 1704, a pagg. 98—no sen arquivo.
(3)—Livro da Conta Corrente da St.ª Casa de P. Delgada de 1779 a 1780 a pagg. 85 no seu arquivo.

(1), cerca de cem artífices só em P. Delgada; cujos nomes reproduzimos em parte na nota. * (pag. seguinte)

As olarias fabricavam louça já denominada *da Vila Franca* em 1710 (2) e a serralharia legou-nos obras reveladoras de seguro valor artístico, que bem denotam o seu grande aperfeiçoamento, atingido pelos fins do século XVIII e começos do XIX; a grade do adro da ermida do Desterro, as da igreja de St.º André, sendo a do coro formada, no alto, por tres grandes estrelas, emolduradas por fieiras de trilóbulos e a da capela lateral da igreja de S. Francisco de Ponta Delgada (Fot.-39-40-41), feitas em ferro forjado e ornamentadas com desenhos dignos de toda a atenção, são os melhores exemplares que possuimos. As autorias d'estas obras de serralharia, são para nés por emquanto desconhecidas, correndo tradições a este respeito que nos obstémos de reproduzir por não nos inspirarem confiança alguma.

Já ouvimos, por exemplo, atribuir a grade do côro de St.º André a um serralheiro — Silva —; na realidade trabalhou para o convento entre 1757 e 1766 —, um serralheiro madeirense chamado Manuel de Freitas da Silva, que apenas fez alguns concertos, entre eles o da *grade nova* do palratorio do mirante do poente, a qual nada tem com a do côro (3).

As jóias eram vulgares n'este século; nos testamentos de pessoas abastadas, encontramos com frequência estes ador-

---

(1) — Livro da mesma St.ª Casa de 1765 a 1767 a pagg. 33 verso — no seu arquivo. — Livro da Irmandade da mesma St.ª Casa sendo provedor o capitão Gaspar de Medeiros de Sousa — no seu arquivo. — Livro velho das procissões da mesma, de 1686-1732 — procissão de Passos de 1718 — no seu arquivo. — No mesmo livro — procissão de Passos de 1723 e nos anos seguintes atè 1731. — Livro dos testamentos do Convento de S. Francisco, de P. Delgada, testamento de Bárbara Botelho Arruda, a pagg. 702, no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade. — No mesmo livro a pagg. 109. — Caderno existente no mesmo arquivo. — Auto de contas que se tomaram do tempo de sindico do mosteiro de St.º André de P. Delgada Bartolomeu Martins Rocha a pagg. 6. — Livro da Irmandade das Almas da igreja de S. Pedro d'esta cidade, no seu arquivo — Livro da conta corrente da St.ª Casa de 1706 a pagg. 112, no seu arquivo. — Livro da conta corrente da St.ª Casa de 1709, a pagg. 86 —, no seu arquivo. — Livro da conta corrente da St.ª Casa de 1729, a pagg. 158, no seu arquivo.

(2) — Livro da despesa do altar de N.ª S.ª da Estrela da Matriz da Ribeira Grande de 1674, a pagg. 49 verso, no seu arquivo — quando diz — »Dispendeu com louça de Vila Franca para pôr ao oficial cincoenta reis» — em 1710. — E a imposição da tacha da louça aos oleiros de P. Delgada, feita pelos vereadores e Juis de Fora d'esta cidade, a 29 de Novembro de 1724 no arquivo da Camara Municipal.

(3) — Livro de contas do Convento de St.º André de P. Delgada de 1768, sendo sindico o Rd.º Luis da Mota — a pagg. 30 — no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade.

nos, algumas vezes utensílios domésticos de valor, tais como pratas, louças de Portugal (Extremoz), de Holanda, de Veneza, da China, assim como colchas adamascadas, tapetes de Italia, espelhos de molduras douradas, e mobiliário de pau preto, (1), o que denota ter-se dado uma importação acentuada e ainda não terem os nossos antepassados desconhecido um certo luxo e conforto.

Mas de todas as industrias, as que mais alto grau de aperfeiçoamento atingiram foram as texteis.

Em 1717 vieram para esta ilha cincoenta e tres tecelões franceses, para aqui *assentarem varias fábricas* que começaram a prosperar. (2).

O conde da Ribeira Grande, capitão donatário d'esta Ilha, D. José Rodrigo da Camara, pensára em melhorar esta indústria, que foi progredindo, tomando maior incremento por 1757 e assim se fundou uma importante fábrica na Ribeira Grande no largo das Freiras.

---

(1) — Livro dos testamentos do convento de S. Francisco — no arquivo da Repartição de Fazenda de P. Delgada. — Testamento de D. Bárbara Botelho Arruda viuva de Amaro Pais Camaratte em 24 de Dezembro de 1720. — Livro do Tombo da Confraria do Santissimo Sacramento de S. Pedro de P. Delgada — a pagg. 63 — no seu arquivo —, Traslado do testamento do capitão Antonio de Medeiros de Sousa, de 1 de Fevereiro de 1703. — Maço de titulos —, Diversos Conventos, — titulos avulso —, no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade —, Inventário dos bens do capitão Francisco Lopes de Oliveira e outros mais testamentos que seria longo enumerar.

(2) — Quadro elementar do Visconde de Santarem V. 5.º folhas LXIV, da introdução — em nota.

*NOTA — Joseph Vieira, ourives 1730, Manuel Machado, ourives 1742, Francisco Durpoint, tecelão frances 1717-1757, Arnaud, tecelão frances, 1717-1757, Sebastião de Sousa, oleiro 1779, Manuel da Silva, ourives 1765, João Fenc., cabouqueiro 1766, Andre Glz., oleiro 1692, Amaro de Lima ourives, Antonio Roiz oleiro, Antonio Roiz serralheiro, Andre do Monte ourives, Antonio Gonçalves ourives, todos em 1692, Agostinho da Ponte ourives e Antonio Moreira de Sousa ourives, 1704, Antonio de Brito ourives, e Manuel d'Almeida Quental ourives, 1710, Antonio da Cunha, ourives 1717, Bartolomeu Fernandes serralheiro, Gaspar Rois oleiro, João da Rocha oleiro, Inacio da Costa oleiro, Luis da Rocha oleiro, Manuel Dias serralheiro, Manuel Fernandes serralheiro, Manuel Barbosa serralheiro, Manuel de Sousa serralheiro, Matias Roiz serralheiro, 1687, Pedro de Lima e Manuel Martins oleiros, 1693, Pedro da Costa oleiro, Matias de Sousa oleiro, Antonio Pereira oleiro, Manuel de Melo oleiro, 1721, Tomas Dias oleiro, Tomé de Paiva oleiro 1716, Mateus da Costa oleiro, Manuel Correia serralheiro, Manuel Quental serralheiro, Manuel Frz oleiro; Amaro de Lima ourives Pedro de Lima oleiro, 1722, Francisco da Ponte ourives, Joseph Martins ourives, Antonio Francisco ourives, 1718, Pedro Martins espadeiro, 1712, Pedro Muniz espadeiro, 1723, Antonio da Cunha ourives, 1724, Henrique Ferreira ourives, 1726, João de Sousa oleiro, 1730, Mateus d'Arruda ourives, 1730, Julio Nogueira oleiro, Julio Martins ourives, 1730, Manuel João serralheiro, 1732, Agostinho da Costa oleiro, 1735, Manuel de Freitas da Silva serralheiro, 1757, Andre Cabral oleiro, 1742, Antonio Luis oleiro, 1709, Antonio Nunes oleiro, 1735, Antonio Pereira oleiro, 1720, Antonio Rodrigues oleiro, 1735, Inacio da Costa oleiro, 1735, Inacio de Sousa oleiro, João de Sousa Viveiros oleiro, Jose Nogueira oleiro, Manuel d'Araujo oleiro, Manuel da Costa, Manuel de Melo, Manuel de Sousa, Manuel Rodrigues, Manuel d'Oliveira, Mateus Rodrigues, Matias de Melo, Miguel da Cunha e Pedro de Sousa todos oleiros em 1735, Manuel Dias oleiro 1703, Manuel da Silva ourives, 1735, Jose d'Arruda serralheiro, 1735. O apelido Sousa ligado a profissão de oleiro aparece com frequência. Francisco, Manuel, Inacio, Matias, João, Sebastião e Pedro de Sousa moravam na freguesia de S. Pedro de P. Delgada em 1735.

Parece porem estar ela já decadente em 1769. (1)

D'esses artífices franceses, conhecemos apenas Francisco Durpoint, gerente e interessado na fabrica, (2) e Germain Arnaud.

O fabrico de panos continuou a ser exercido na Ribeira Grande, segundo nos consta, pelos começos do século XIX, época aproximada, em que foram as fabricas compradas por comerciantes ingleses e propositadamente aniquiladas (3)

(Fot. 39) Grade da Capela lateral da igreja de S. Francisco de P. Delgada.

D'essas fábricas sairam tecidos artisticos, chales, colchas etc. de desenhos vistosos, não se limitando os tecelões ao fabrico de panos sem decoração. (4)

A indústria dos tecidos, existente entre nós desde os mais antigos tempos (5) e estabelecida principalmente na Ribeira Grande, passou no século XVIII por uma fase de notavel progresso, pela interferência dos tecelões francêses, decaindo depois no século XIX.

Nos começos d'este século ainda a tecelagem era uma indústria viva n'aquela vila, como já vimos, indústria que depois tomou a feição puramente caseira, e que ainda actualmente se mantem nas nossas aldeias, produzindo não só a fazenda de lã, estamenha, e o pano de linho, como as decorativas colchas enramadas, de côres frescas e de desênhos ornamentais, interessantes e valiosas sob todos os pontos da vista.

---

(1) — Dr. Ernesto do Canto — Extractos de Documentos Micaelenses, na Biblioteca d'esta cidade, livro 2.º e pagg. 33.

(2) — José Clemente — Vida de Madre Teresa da Anunciada.

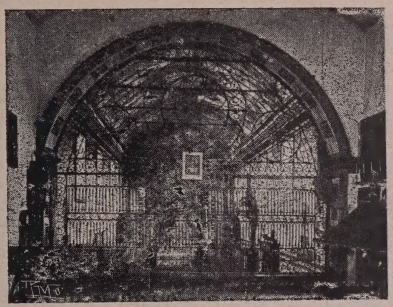
(3) — Artigo do sr. Marquez de Jácome no «Diario dos Açores de 3 de julho de 1914.

(4) — Informações dadas por pessoas antigas que se lembram ainda dos teares funcionando na Ribeira Grande.

(5) — Saudades da Terra do Dr. Gaspar Fructuosolivro VI cap. 56 —: livro IV cap. 46.

Estas colchas devem ser os vestigios talvez da antiga influência francêsa, (pois aproximadamente ha noventa anos, eram elas já fabricadas n'esta ilha, segundo nos consta, isto é, logo em seguida á extinção das citadas fabricas) e ao mesmo tempo o germen de uma futura indústria lucrativa *

No decorrer do século XIX continuamos a encontrar diferentes artífices, passando a referirmo-nos em especial a alguns dos que melhor conhecemos e que se nos afiguram ser dos mais habeis.



(Fot. 40) Grade do côro alto de St.º André de P. Delgada.

Alem dos ourives José Caetano Mota que, segundo consta, fez as lampadas da Capela do Santissimo Sacramento da Conceição da Ribeira Grande, de quem já falamos, sabemos ter permanecido por 1849 em Ponta Delgada um serralheiro francês chamado Denise Vandenpopelier que era considerado como bom artista.

Jacinto José Cordeiro foi cinzelador de reconhecido mérito, autor de duas explendidas lampadas a matriz da Ribeira Grande, e Capela do Santissimo na matriz de Ponta Delgada, da naveta e caldeira da mesma capela (Fot. 42), e de outros mais

---

*NOTA Uma outra fabrica aqui montada pelo mesmo capitão donatário e que constitui mais uma prova do seu espirito empreendedor foi a da cera. Em 1720 aparece uma conta do cerieiro francez Mr. Rischebourg Le Roy - " da cêra que lavrou por conta de — Ex.º Sr.º Embaixador Conde da Ribeira Grande —," recebendo até 1725 —, 17:902 libras de cêra e 8 arrobas e 4 libras de algodão, 25 libras de fiado; 20 libras de terebentina, e 254 libras de cebo; em junho do mesmo ano, foram entregues 3:264 libras de cêra lavrada e 5.444 de cêra branca lavrada, recebendo o mestre francês, em dinheiro, até 1 de julho de 1725 2:132$690 rs.

Rischebourg começou por ganhar 100$000 rs. por ano, conforme o contrato feito com o Conde em Paris em 1 de Setembro de 1718, no qual so diz que cada libra franceza seria contada por 100 rs. moeda portuguêsa.

A indústria começou em 23 de janeiro de 1722, tendo o francez por cada mil velas com 160 libras, 32$000 rs. alem do ordenado e mais 5 % para quebras e 15 arrs de algodão.

A cêra valia 280 e 300 rs. a libra, e a cêra bruta 270 rs.

Em 1725 seguiu Rischebourg Le Roy com a familia para Lisbôa, não sabemos se por ter terminado a indústria se por ter já ensinado cerieiros de cá.

A fabrica era na Ribeira Grande.

Extractos de documentos micaelenses — Livro 3.º na Biblioteca de P. Delgada — Dr. Ernesto do Canto.

pequenos objectos de ouro, de aprimorada execução "*repoussé*„ em nada inferior está dos melhores artistas do Continente.

Jacinto José Cordeiro, nascido em 5 de maio de 1825, faleceu em 15 de Abril de 1880 em Ponta Delgada, tendo-se dedicado tambem á escultura, razão porque já alguem o chamou o Benevenuto Celini micaelense.

Luis José de Medeiros, ourives e cinzelador de prata, deixou-nos algumas obras, tais como uma lampada da matriz da Ribeira Grande e umas varas de pálio e ciriais da confraria do Santissimo da matriz d'esta cidade.

(Fot. 41) Grade da ermida do Desterro de P. Delgada.

José Paulo Rocha, serralheiro da Ribeira Grande, fez varios portões de ferro e as grades do mirante da Esperança (1), e Luis José de Medeiros fez entre outras obras, algumas varandas de bom desênho, sendo muito especialmente utilizados n'esta época, as gregas, os trifólios, e as combinações de circulos.

Luis José de Medeiros nasceu em 1804 e faleceu com 80 anos, em 9 de Março de 1884.

A ourivesaria e a serralharia da primeira metade do século XIX deram provas de um notavel aperfeiçoamento; aqui foram executadas alem das obras já mencionadas, outras de certo valor; assim por exemplo parece, pela forma como está redigido o documento, ter sido feita n'esta Ilha uma lampada para o altar de S. Braz da matriz da Ribeira Grande, por 1831(2), e pelo assento que transcrevemos se vê ainda, haver ourives habilitados a empreender obras de maior monta: «vista a de-

(1)—As notícias de artífices do século XIX foram colhidas apenas por informações particulares e pela imprensa, não tendo por isso uma base tão segura (documentos,) como as que dizem respeito aos artífices mais antigos.

—Caderno N.º 2 das despêsas feitas com as obras do mirante do convento da Esperança de P. Delgada a pagg. 33 e 34—no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade.

(2)—Livro da receita e despêsa do altar de S. Braz e S. Gonçalo da Matriz da Ribeira Grande a pagg. 44—no seu arquivo.

claração do mordomo, é necessário quanto antes trate de fazer especificar as cousas de que carece a capela (S. Braz da matriz da Ribeira Grande), e quando aconteça não poder vir de Lisbôa a Banqueta, *pode muito bem mandar fazel-a na Ilha,* requerendo para isso n'este juizo para autorisar a sua despêsa, do modo que entender mais proficuo á mesma capela,—31 de Junho de 1831» (1).

Relativamente á estilização das obras de ourivesaria aqui feitas ou importadas, não nos sendo possivel estudar minuciosamente peça por peça, pois pretendemos apenas dar uma idéia geral do desenvolvimento, artistico entre nós, diremos encontrarem-se o barroco talvez dos fins do século XVII, o império (frequente em castiçais), o Luis XV e XVI, em gomis, lampadas, (matriz da Ribeira Grande e de P. Delgada), portas de Sacrários rebatidas, (Bretanha e S. Pedro da R.ª Grande), pixides, (Bretanha), caldeiras, lanternas e ciriais, calices, navetas, varas de pálio, banquetas, cruzes, custodias (St.º André e Matriz de P. Delgada) etc.

(Fot. 42) Caldeirinha e naveta do Santissimo da Matriz de P. Delgada.

A cerâmica aperfeiçoa-se gradualmente.

Por 1850, Luis Nunes da Cunha, do Porto, estabelece uma fabrica á Panchinha d'esta cidade d'onde, ao que parece, saiu louça identica á que se fabricava n'aquela cidade, (2) e em 1882 concorreram á Exposição de Cerâmica Nacional, os Srs. Manuel Leite Pereira e Viuva Soares Rego, referindo-se aos seus produtos o Sr. Joaquim de Vasconcelos nos termos seguintes:

---

(1)—No mesmo livro a pagg. 52.
(2)—Jornal a Persuasão de 25 de Novembro de 1896, referindo-se ao jornal—Açoriano Oriental de 1851.

« Fecharemos a serie com uma analyse das peças que vieram da Ilha de S. Miguel.

O sr. Manuel Leite Pereira é um oleiro muito habil. O seu barro rivalisa com o material mais perfeito da exposição.

A preparação d'ele deve ser feita com cuidado excepcional para produzir o efeito sedutor que todos os visitantes experimentam.

Não temos reservas a fazer; o louvor é incondicional no que diz respeito á manipulação do barro.

O esmalte é digno do barro vermelho, que ele cobre, produzindo um castanho escuro muito brilhante, com largas manchas mais escuras e outras côr de leite que descem em cortinas pelo bojo das garrafas, formando uma renda caprichosa.

Se o Sr. Pereira quizer traduzir no seu belissimo material as formas puras da arte classica e ornal-as sobriamente, com critério, segundo os typos que estão patentes na exposição, poderá levar os seus productos a todos os mercados da Europa, porque os venderá em todos.

As formas que apresenta não têm merecimento especial, posto que não sejam feias. Um par de jarras pintadas de flôres com esmalte branco, provam que o Sr. Pereira, sabe produzir faiança, que poderá rívalisar brevemente com a melhor de Lisbôa e Porto »

Passando o ilustre critico d'arte a falar dos produtos apresentados pela viuva—Soares Rego,—acrescenta: «No seu genero e especialidade tambem é muito distincta a louça preta vidrada da Sr.ª viuva Soares Rego, a que iludimos já e que iamos esquecendo.

A côr é intensa, uniforme sem manchas; o esmalte extremamente brilhante; as formas muito bonitas. o acabamento perfeito apesar de preços infimos.

O Sr. Baudoin tem exemplares de louça preta, mas não podem comparar-se com aqueles.

A Sr.ª viuva Soares Rego faz tudo o que quer com a sua louça preta, serviços de chá, de cafè, canecas, jarras e vasos de flôres, tinteiros etc., até nos oferece bacias e jarros

pretos de Inhambane, o que não nos parece muito apetitoso.

Uma bacia de lavar a cara preta e brilhante como azeviche, com um jarro igualmente preto só pode ser apetecida por um preto.

Tudo tem o seu limite; a louça preta inglesa (biscuit fosco), do tempo do império que se admira na secção antiga, nunca foi tão longe, nunca passou discretamente de um pequeno serviço de chá ou de café, que não devia ficar mal sobre o damasco branco. . . . . (1)

A apreciação do Sr. Joaquim de Vasconcelos, uma das mais subidas autoridades do paiz em assuntos de arte, constitue a mêlhor prova do aperfeiçoamento alcançado pelos nossos oleiros nos fins do século passado, e um diploma honroso com que muito se devem orgulhar aqueles que ainda hoje

(Fot. 43) Diversos objectos fabricados actualmênte nas olarias da Lagôa.

possuem essas olarias e exploram a industria da ceramica, estimulando-os a novos e a mais vastos empreendimentos.

Voltando a falar das flôres artificiais, diremos mais ter-se mantido esta indústria artistica nos conventos durante o século XVIII.

Encontram-se inumeras encomendas de flôres para decoração dos altares das igrejas ou antes, lançamentos de verbas destinadas á compra de flôres, em geral sem a indicação da sua proveniência, tendo achado apenas em 1802 a notícia

(1) —Joaquim de Vasconcelos — cerâmica Portuguêsa — serie II a pagg. 71.

precisa de duas freiras floristas;— Eulália Querubina e Ana Jacinta e em 1814 a de uma tal madre Clara (1).

Tudo leva a crêr ter-se mantido esta forma de arte indústrial até á extinção das ordens religiosas, passando depois a ser exercida fóra dos conventos.

Ainda hoje aparecem produções muito interessantes e reveladoras de optimas aptidões, em papel, seda, penas, miolo de figueira, canutilho, laias, carneira, e cabelo.

Ao falar d'esta nossa indústria, não podemos deixar de emitir o que pensamos sobre a filiação que supomos n'ela ter tido, a grande arte parisiense das flôres artificiais, dos meados do século XIX, dirigida e explorada pelo celebre portugues,—Constantino, de fama universal e denominado—o rei dos floristas.

E' o caso de tudo nos levar a crêr ter esse notavel florista aprendido a arte n'esta ilha.

Constantino José Marques de Sampaio e Melo era de Moncorvo, onde nasceu a 18 de agosto de 1802 ou 1804. Ainda novo entrou para o convento de S. Francisco de Moncorvo; como porem não tivesse vocação para seguir a vida monachal, fugiu do mosteiro e foi assentar praça em Vizeu no batalhão de caçadores 5.

Depois do seu alistamento seguiu o destino do batalhão que defendeu a causa liberal, fazendo parte da divisão vencedora do general Silveira.

Depois da perseguição d'este general até ao ínterior da Hespanha, foi Constantino promovido a cabo de esquadra, sendo no intimo um conservador.

Restabelecido o governo absoluto em 1823, regressou a divisão a Lisbôa e sendo caçadores 5 considerado o batalhão mais perigoso, foi desarmado e remetidas todas as praças para a ilha Terceira: Constantino seguiu com os seus camaradas para os Açôres.

Diz n'esta altura a biografia de Constantino que vamos a-

---

(1)—Livro da Despêsa e Receita da fabrica menor da igreja da S.ª do Rosária da Matriz da R.ª Grande, livro que começa 1780 a pagg. 41 e pagg. 74.

companhando (1), «ter então aprendido a fazer flôres de penas, trabalho que lhe rendeu, algum dinheiro, e assim foi vivendo como pôde entregue á vida de florista».

Parece portanto não restar duvida ter ele aprendido a arte aqui nos Açôres e continuando a acompanhal-o na sua carreira militar, vemos ter partido para Lisbôa em 1828 quando o Conde de Vila Flôr, depois de tomar a Terceira, permitiu aos soldados que não quizessem reconhecer a causa constitucional, que seguissem para o continente.

Alistou-se então Constantino de novo no batalhão de voluntarios realistas; marchando depois para o cerco do Porto em 1832 com o posto de 2.º sargento, sendo feito alferes porta-bandeira, na acção de 29 de Setembro do referido ano.

Ao terminar o cerco do Porto em 1833, vem combater nas linhas de Lisbôa, não mais abandonando o exercito miguelista até á Convenção de Evora Monte, constando mais ter sido um dos poucos companheiros que seguiu D. Miguel até ao seu embarque em Sines.

Interrompendo agora a continuação dos traços biograficos de Constantino, voltaremos a 1823, quando o batalhão de caçadores 5 veio, segundo a informação transcrita, *para a Ilha Terceira:* n'este ponto que é o que particularmente nos interessa, levanta-se a seguinte duvida.

Pela transcrição feita no jornal a «Persuasão» de 20 de Novembro de 1895, das memorias de um antigo oficial d'este batalhão que vamos reproduzir, vemos não ter ido todo o batalhão para a Terceira, ficando em S. Miguel uma parte d'ele.

As memorias dizem: «Em 16 de Outubro de 1823 embarcou o batalhão para os Açôres e aqui chegaram em 16 de Novembro a «S. Miguel», indo na Corveta—Urania e nas charruas Princeza Real e Orestes.

Do batalhão «ficaram cinco companhias em S. Miguel» e foi

---

(1)—Diccionário Portugal Vol. VI=jornal=O ateneu de 15 de Setembro de 1850 N.º 37—Lisbôa=No mesmo jornal N.º 30 de 28 de julho de 1850 um artigo com o titulo um insigne artista português.

uma, a sexta, para a Terceira capital dos Açôres, com o general Stockler.

Em julho de 1824 marcharam para aquela Ilha a 2.ª e a 3.ª companhias, comandadas pelo major graduado Sá, na fragata— Nova Princeza Real — de que era comandante o Conde de Ceia.

Em fins de julho de 1824 recebeu o comandante de caçadores ordem para ir o estado maior para a Terceira, o que só se efectuou em 3 de junho de 1825, e fomos aquartelados para o Castelo de S. João Baptista. Em 12 de junho de 1826 marchei para a ilha de S. Miguel com o tenente coronel Peixoto e capitão general Tovar.

Chegamos a 14 do mesmo mez.»

. . . . . .

D'aqui se vê ficar o grosso do batalhão n'esta Ilha, indo apenas uma companhia, a 6.ª, para a Terceira em 1823, e em 1824 a 2.ª e a 3.ª. Havia portanto grandes probabilidades de não ter seguido para Angra—Constantino,—probabilidades que tomaram todos os visos de verdade ao termos conhecimento de, por informações fidedignas, haver o oficial de caçadores 5, José de Bettencourt Athaide, micaelense, dito a pessoas que da sua boca ouviram, repetidas vezes, ter tido *Constantino* por camarada n'esse tempo.

E acrescentava, com admiração, nunca supor vir a gosar o seu camarada, uma tão grande fama como artista, notando ser ele já então, *muito habilidoso de mãos*, tendo aprendido esta arte com uma sua tia, D. Bernada Borges Newman da Camara, senhora da Maia, que aprendera a fazer flores de pena e de seda no convento.

O unico reparo que se levanta na conjugação d'estes dados, é o não parecer rasoavel ter Constantino servido de camarada a um oficial, *depois de ser, como já vimos, promovido a cabo de esquadra*, em seguida á batalha contra o general Silveira. Pode porem muito bem admitir-se um engano da parte do biografo, que tambem cincou dizendo ter o batalhão seguido todo para a Terceira diretamente de Lisboa, quando para aquela Ilha foi apenas, a principio, uma parte deminuta

d'ele e ainda a hipotese de, ao ser desarmado o batalhão, em Lisboa pelo governo miguelista, por consideral-o adverso ao regimen absoluto e perigoso, haverem sido exautoradas as praças graduadas.

Devemos ainda notar ter talvez empregado José Bettencourt Athaide a palavra, *camarada* não qnerendo significar impedido, mas sim companheiro de armas no mesmo batalhão, não nos tendo sido possivel averiguar ao certo, se era José d'Athaide já oficial do batalhão, quando Constantino para cá veio.

A prova final e decisiva da sua permanencia n'esta ilha por 1823, estaria na descoberta da lista dos soldados que pertenciam á sexta companhia do batalhão, o que não conseguimos ainda obter, apesar de ínumeras pesquizas feitas n'este sentido.

Temos contudo actualmente a convicção de haver passado n'esta Ilha alguns mezes, o celebre florista, aprendendo aqui a fazer flôres. Se assim é, está filiada a grande arte parisiense do século XIX n'uma indústria conventual micaelense. Constantino exilou-se depois da queda de D. Miguel.

Em 5 de junho de 1830 fez em Genova um ramo de flôres de pena para o florista Vieillard que não foi devidamente apreciado, seguindo depois para Paris, levando recomendações para outro florista, Flamet.

Começa então o periodo de celebridade de Constantino e inicia-se a sua vida faustosa.

O primeiro ramo de flôres de pena que fez para o citado florista, foi comprado pela Guarda Nacional por 500 francos, para o oferecer á rainha.

Depois, associou-se com um tal Isidore, montando a sua grande e notavel fabrica de flôres, que fornecia todas as casas de Paris, especialisando-se em ranunculos de pena e grinaldas de madresilva. Em 1839 era nomeado fornecedor da casa real, sendo consideradas as suas camelias de penas verdadeiras maravilhas.

Entre 1839 e 1850 foi estudar a flóra dos Pirineus e regressando a Paris com novas creações, tornou-se fornecedor das principais casas reinantes, chegando a ser professor da

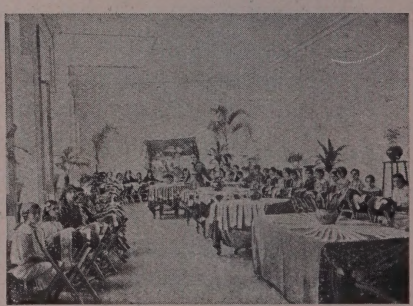
princeza real da Almanha que o presenteou com uma valiosa taça de ouro.

Em 1850 veio a Lisboa, sendo recebido por D. Maria e D. Fernando no paço das Necessidades, a quem ofereceu um explendido ramo de rosas e uma grinalda. Voltando a Paris passou por Madrid, onde teve bom acolhimento por parte da familia real, e em 1851 concorreu á Exposição de Londres do Palacio de Cristal, sendo proclamado o primeiro de todos os floristas, condecorado com a *Grande Medalha*, recebida em Paris das mãos de Luis Napoleão, a quem foi pedida a concessão da Legião de Honra para Constantino, pelos principais floristas.

Em 1855 volta a Portugal, partindo depois de novo para França, onde faleceu n'uma quinta que possuia em Tercy em 1874.

Actualmente encontramos ainda exemplares explendidos de flores, em volta do andor do St.º Cristo da Esperança e do seu sobreceu, da especialidade a que Constantino particularmente se dedicou, ranunculos de penas, dalias e camelias.

Para terminarmos estas breves notícias chamaremos ainda a atenção para os catálogos das exposições de 1848, 1882 e 1895, onde alguns dos nossos artífices se fizeram representar nas classes de serralharia, cerâmica, tecelagem flores artificiais, ourivesaria, rendas e bordados, (florescente ramo de arte aplicada, da qual pouco conhecemos sobre o seu passado, presumindo apenas, ter tambem sido cultivado outrora nos conventos); salientaremos mais, a honrosa disposição testamentária do benemérito Manuel Inácio Corrêia, legando (1911) á Camara Municipal de P. Delgada oito contos de reis, para com o juro d'este capital se instituir pre-



Fot. 41) Escola de rendas de Peniche.

mios que deverão ser distribuidos anualmente ou de dois em dois anos pelos artífices que mais valiosas produções de marcenaria, ourivesaria, serralharia ou fundição apresentarem, em exposições para este fim organisadas, e finalmente o dedicado impulso dado á arte da renda, pelo ilustre micaelense e desvelado protector da Instrução Pública o Sr. Marquez de Jácome Corrêia, mantendo uma escola d'esta especialidade, (Peniche), sob a superior direcção da Sr.ª D. Hortense de Morais, cujos resultados expostos ha pouco, foram alem de toda a espectativa, deixando antever um prospero futuro. (Fot. 41).

CAP. IV

PINTURA E DECORAÇÃO

As mais antigas notícias de que temos conhecimento sobre pintura e decoração, vêm dos meados do século XVI; a falta absoluta de documentos de épocas anteriores, deixa-nos n'uma completa ignorancia, sobre se foram ou não exercidas entre nós estas duas formas de arte no século XV.

Assim, poderemos apenas, no que diz respeito ao referido século, falar de um quadro d'origem italiana, pertencente aos herdeiros do sr. António Borges da Camara Medeiros.

Quadro de Crivelli

E' pintado em taboas, já em alguns pontos furadas pela carcoma e mede 1,^{m}07 de largo por 1,^{m}41 de altura.

Representa ao centro a Virgem inclinando a cabeça sobre o menino Jesus por ela sustido no braço direito. A' sua esquerda estão dois monges, um em pé e de mãos postas com uma cana pousada no hombro e mais atraz d'estas duas figuras, uma outra de amplo chapeu, tendo encostada a si uma lança ou acha d'armas da qual só se vê uma parte do cabo.

A' direita da imagem central vêm-se um bispo e S. Sebas-

tião e a seus pés permanecem ajoelhadas, em tamanho muito reduzido, numerosas figuras, sendo as nove do primeiro plano da direita, monjas e as da esquerda, monges, ocultando uma infinidade de outras mais, das quais só aparecem as cabeças, estando todas protegidas pelo manto verde que lhe pende das costas.

As figuras grandes em numero, como já vimos, de seis são pouco mais ou menos do mesmo tamanho, medindo a central cinco palmos e as ajoelhadas sob o manto um apenas.

A Virgem olha para o menino levantando o braço esquerdo em atitude de adoração e este ergue tambem o braço direito fitando as figuras da esquerda, o que determina geral veneração no grupo, a qual se revela em todas as fisionomias do painel, mesmo nas das figuras pequenas e particularmente no bispo e no S. Sebastião.

A mais interessante a nosso vêr, pelo bem tratado das roupagens e expressão, é a do monge do segundo plano á direita, um pouco inclinada para a Virgem.

Esta apresenta um requebro suave, motivado pelo ligeiro esforço de suster a creança e tem a cabeça coberta com um manto branco, de baixo do qual pende o veu tenue que lhe encobre, em parte, o rosto e o pescoço.

A sáia de côr amarela, (escura), é toda enramada de preto, com desênho de traços duros, igual ao que se encontra ornamentando os tres panos, tambem em amarelo, que formam o fundo da composição.

O manto é verde, como já dissémos, pelo lado de dentro e azul claro pelo de fóra, vindo as duas extremidades superiores prender ao meio do peito n'um firmal circular de ouro composto de um grande carbunculo central circundado de pérolas.

O manto, na parte azul, é todo enramado a ouro.

A extremidade da tunica, junto ao pesçoço, é decorada com pérolas, assim, como a base da corôa, por detraz da qual se vê um diadema de ouro.

Tanto n'esta, como nas restantes imagens, nota-se o pregueado aspero e duro das roupagens.

O bispo, sustendo o baculo, ostenta vestes ricas, douradas, e a mitra está cravejada de pedras scintilantes; rubins, esmeraldas e pérolas.

A tonalidade geral do quadro é amarelada, um pouco escura, as mãos são inteiriças, o que não acontece com o resto da composição, de atitudes agradaveis.

A Virgem pousa sobre um degráu de mármore côr de rosa, na frente do qual estão gravados os seguintes dizeres— Libertas Ecclesiastica—e logo no primeiro plano, ao centro, lêm-se outros mais em italiano antigo.

*Questa * Tavala * Affato * Le Done Dele Mosine—1487*

No canto inferior do lado esquerdo, deixou o autor d'esta antiquissima pintura, patenteada a sua assinatura, hoje já em parte apagada, talvez pelas tintas d'alguma restauração.

Karoli Criv..... Vene ..... I.

Parece-nos não haver dúvida tratar-se do pintor italiano Caroli Criveli, natural de Murano, que segundo uns, viveu entre 1464 e 1503 e segundo outros entre 1430 e 1490.

Na opinião d'alguns criticos d'arte, Criveli ficou sempre um primitivo, apresentando as suas virgens ricamente vestidas de estofos muito enramados, e em atitudes um pouco pretenciosas e ao mesmo tempo elegantes.

As observações que deixamos feitas sobre o quadro da antiga e valiosa colecção do sr. António Borges da Camara Medeiros, harmonisam-se com a critica autorisada das imagens d'este pintor italiano.

Pelos meados do século XVI aparecem-nos, como deixamos dito, a pintura propriamente dita e a decoração, denominada pintura de imaginária, comprovando em seguida esta afirmação com algumas notícias de artistas micaelenses d'esta época.

Fernão de Matos

Era pintor e fez, conforme nos afirma Gaspar Frutuoso (1) — « a obra de pincel e ouro» — do primitivo retábulo da Matriz de Ponta Delgada, como já vimos, construido pelo imaginário Francisco Teixeira, aproximadamente por 1555.

Este artista talvez seja o mesmo que vivia em P. Delgada, ainda em 1574 (2) e que em 1583 foi feito irmão da St.ª Casa d'esta cidade (3) "Fernão de Matos pintor: estando juntos em cabido o S. Provedor e conselheiros foi acertado por irmão da casa por ter as partes que convem conforme o Regimento que (ora?) foi declarado e houve juramento e recebido se obrigou a cumprir o dito regimento e o provedor e conselheiros o mandaram escrever em este livro e deu de esmola a armação que fez na armação das endoenças, e quando cumprir sáia pela casa como irmão hoje doze de maio de 1583 anos. Yo Jām Botelho escrevi."

Manuel Machado

Em 1551 é encarregado de fazer a planta para a edificação d'um castelo, com o fim de proteger o porto de P. Delgada.

A ele se refere uma carta publicada no Arquivo dos Açôres (4) do teor seguinte: «Senhor, V. A. mandou que se tomassem umas certas medidas no porto d'esta cidade de P. Delgada da ilha de S. Miguel, para se fazer uma fortaleza para guarda do dito porto, as quais medidas se tomaram perante os juizes e vereadores e muita parte do povo; estando eu, (Manuel Nunes Ribeiro ouvidor), presente se fizeram conforme o *matiz* que Manuel Machado leva, *por quem o mandou fazer* e não leva duvida nenhuma que haja mister outra declaração mais que a que pelo matiz claramente consta. . . »

(1) — Saudades da Terra — liv. 4.º, cap. 43.

(2) — Livro da receita e despêsa da St.ª Casa de P. Delgada de 1574 — no seu arquivo — a pagg. 4 verso.

(3) — Livro da irmandade da St.ª Casa, em um masso onde estão outros livros da irmandade a pagg. 30 — no seu arquivo.

(4) — Arquivo dos Açôres, vol. II pagg. 18.

Foi por consequência Manuel Machado o desenhador do risco do Castelo de S. Braz, parecendo ser tambem engenheiro, por ter dirigido a obra, juntamente com Pero Maeda e com Tomás Benedito.

Baltazar Rebelo

Era pintor de imaginária e oleo e viveu n'esta cidade pelos fins do século XVI e começos do seguinte.

Em 1604 é admitido como irmão da St.ª Casa, assinando o registo da sua admissão (1) e em 1611 recebeu da mesma St.ª Casa um legado de oito mil reis (2). N'este ano ornamentou o Sepulcro da Misericórdia com papeis por ele pintados, recebendo d'esse trabalho, dez alqueires de trigo (3).

Baltazar Rebelo casou em 4 de outubro de 1600 na Matriz de P. Delgada com Maria Salazar (4) e faleceu em 10 de janeiro de 1621, ficando sepultado na igreja de S. Francisco da mesma cidade (5).

Os livros da Matriz não indicam a profissão de Baltazar Rebelo, comtudo supomos ser o pintor, não nos aparecendo n'esta época outra pessoa com o mesmo nome, a não ser Baltazar Rebelo Barbosa.

O registo de admissão como irmão da St.ª Casa diz" Baltazar Rebelo, *pintor de imaginária e oleo* foi acertado por irmão d'esta St.ª Casa da Mya por My Jr.^{mo} Glz. d'Araujo, presidente na áusencia do Sr. provedor e pelos mais conselheiros por ter as partes que se requere na dita irmãodade, ao coal foy dado juramento q. cumprise os estatutos e Regimt.º da dita casa da Mya(?) forão lidos e prometeo cumprir e assinou com os conselheiros e eu Jr.^{mo} Glz de Araujo."

As pinturas, decorativa, de retábulos e a de papeis para ornamentação de sepulcros, presépios, passos, (scenografica),

(1) — Livro que com outros aparece sob o titulo de Livro da Irmandade da St.ª Casa — no seu arquivo a pagg. 89.

(2) = Livro Corrente da St.ª Casa de 1611-1612, sendo Provedor, Paulo da Ponte de Sousa, a pagg. 50 no seu arquivo

(3) — No mesmo livro a pagg. 91 verso.

(4) — Livro dos casamentos da Matriz de P. Delgada — no seu arquivo, n.º 1 de 1584 a 1615 —.

(5) — Livro dos mortos da mesma igreja — no seu arquivo — de 1586 a 1676, a pagg. 80.

foram cultivadas entre nós n'este periodo, faltando falar da pintura de paineis, o que vamos fazer, dando a notícia de um exemplar d'este género realisado em 1578.

O corregedor Cyprião de Figueiredo de Vasconcelos, ordenou que fosse feita uma pintura nas portas dos armários da Camara Municipal de P. Delgada (1) onde se guardava a bandeira «onde. (diz o documento), está debuxado o martyr S. Sebastião, que da banda direita se pintasse em uma das portas a ressurreição de N.º Sr. Jesus Cristo e na porta da banda esquerda N.ª Sr.ª da Esperança, para que, quando estiverem em Camara e se abrirem as portas, parecerem as ditas imagens e provocarem a devoção aos que estiverem dentro».

Não é provavel terem mandado as portas dos armários para Lisbôa a fim de n'elas pintarem as referidas imagens (2).

Izidoro d'Almeida

Esteve em S. Miguel em 1522, segundo afirma Frutuoso, trazido pelo capitão donatário D Manuel da Camara, com o fim de traçar o plano para a fortaleza da cidade.

Diz mais o cronista ter sido "discretissimo Douto e curioso homem, que então andava compondo um livro—De condendis arcibus— (3).

A existencia de artistas micaelenses no século XVI, é um reflexo da notavel florescencia da escola portuguêsa d'essa época que se manifestou em diversos pontos do paiz, legando-nos obras d'arte pelas quais aínda hoje vemos terem caminhado alguns píntores portuguêses, a pár dos mais afamados artistas das melhores escolas estrangeiras do seu tempo.

---

(1)—Arquivo dos Açôres.

(2)—A pintura da Camara de P. Delgada já nos referimos no estudo--Manifestações d'arte entre nós nos séculos XV, XVI e XVII e aínda aos seguintes retábulos e paineis.

—Retábulo da Matriz da Ribeira Grande (século XV)—; outros retábulos na mesma igreja —(1510—1580); retábulos do Convento de St.º André de P. Delgada (1587); retábulo da capitôa D. Felipa Coutinho (1517); retábulo do mosteiro de Jesus da R.ª Grande (1563); retábulo da Matriz de P. Delgada (1545); bandeira do Capitão D. Manuel da Camara (1577); paineis de St.º André da Vila Franca do Campo (1671); retábulos da Matriz de P. Delgada e suas ermidas (1696); paineis da ermida de N.ª Sr.ª da Natividade e da Sr.ª do Rosário da R.ª Grande o 1º de 1692 e o 2º de 1674; e painel da ermida de N.ª Sr.ª da Bôa Nova de P. Delgada (1610).

(3)—Saudades da Terra Liv. IV cap. 77

*
* *

Alguns paineis conhecemos n'esta Ilha, exemplares que classificamos como sendo do século XVI.

Já fizemos ha tempos referencias a algumas d'essas pinturas, voltando de novo a falar delas, por julgarmos não deverem ficar esquecidas nas noticias que tencionamos dar em conjunto, não só da arte propriamente micaelense, como da importada em diferentes épocas.

Quadro de Martin Pepyn?

Começaremos por um quadro que pertenceu á colecção do sr. António Borges da Camara Medeiros e que é hoje dos seus herdeiros, executado em tela, medindo o,^{m}19 de altura por o,^{m}23 de largura e representando a Virgem, (busto), com o Menino Jesus.

O fundo d'este quadro é todo ouro vivo, as fisionomias estão cuidadas, revelando uma execução tranquila, demorada, minuciosa. A carnação oferece uma tonalidade bastante original, muito igual e sem grandes mesclas de tintas.

As imagens têm resplendores ornamentados com desênhos sem importancia, e da cabeça da Virgem pende um manto azul muito escuro, com franja e enfeites isolados em ouro. No canto alto do lado esquerdo vê-se um M e um P ligados e no da direita outros sinais, para nós indecifraveis.

Este monograma está traçado da mesma forma como o fazia o pintor flamengo Martin Pepyn (1), um dos percursores de Rubens.

Como afirma Wauters, este artista continuou o usar as carnações da escola de Martin de Vós, pouco vivas; a sua tecnica é serena, minuciosa e polida, provando os dois tripticos de Santa Izabel e de Santo Agostinho, no museu de Anvers, e o grande quadro do museu de Valencienes— São Bernar-

(1) —La Peinture Flamande de J. A. Wauters a pagg. 503.

do triunfando de Guilherme da Aquitania, ir o artista atrazado cincoenta anos, sendo o ultimo que em pleno século XVII lembrava ainda o século XVI.

Martin Pepyn viveu entre 1575 e 1643.

Assim julgamos ser o pequeno quadro da Virgem uma produção d'este artista flamengo.

Quadro do martirio de St.º André

D'entre os quadros existentes n'esta cidade e que consideramos do século XVI, destacaremos primeiramente o que representa o martirio de Santo André, colocado no altar mór da igreja d'esta invocação. (Fot. 45)

Uma antiga tradição vem-nos dizendo ser a tela da autoria de Murilo, não nos parecendo exata esta atribuição, pelas razões que se seguem.

O quadro, colocado no altar-mór da igreja, e medindo 2,^{m} 25 de largura por 3,^{m} 15 de altura, representa o martirio de uma maneira bastante nitida e real. Com o seu colorido muito vivo nos pontos iluminados e no resto intensamente carregado, apresenta um claro-escuro violento, tendo um tom de luz tal que deixa a impressão de, sendo de noite, haver um foco luminoso no alto do lado esquerdo, pondo tons de vermelho ardente nas carnações que destacam bem do fundo negro. O martir, sorridente, cheio de confiança e de superior resignação, as fisionomias expressivas e as atitudes grosseiramente crueis dos algozes, as roupagens bem panejadas, as proporções justas, o desênho correcto e o colorido bastante forte, eis o que n'este retábulo nos fere logo a vista e mais nos impressiona. Vê-se que ele pertence a um genero de pintura de aspectos teatrais, tendente a comover e despertar a comiseração, tão protegido

(Fot. 45) Painel do Martirio de St.º André de P. Delgada.

e explorado pelos jesuitas no seu trabalho de luta contra a revolução de Lutero.

O colorido, o desênho, a distribuição e incidencia da luz, as carnações, tudo, emfim, no retábulo da igreja de Santo André nos parece em absoluto diferente do que revelam os quadros de Murilo que temos visto, firmando-se esta convicção no nosso espirito, ao lêrmos algumas criticas á sua obra, entre as quais a do professor Salomon Reinach, que, depois de se referir ao desênho fraco do pintor espanhol, acrescenta, falando do seu colorido: «Mais c'est un maitre de la couleur vapoureuse, tantôt argentée, tantôt dorée, toujours suave et caressante. Cette couleur n'est pas seulement rependue sur ses figures, mais autour d'elles; c'est comme un nimbe dont elles emergent et dont l'éclat les embellit encore.» O quadro de Santo André, sem duvida, a revelação de um artista de valor, escapa, a nosso vêr flagrantemente a todas estas caracteristicas, tanto no que respeita ao desênho e colorido, como á luz, que, longe de ser vaporosa, incide bruscamente sobre o corpo do martir e algumas figuras em volta, aspera, avermelhada, desigualmente lançada, afastando-se muito do doce e pacífico feitio de Murilo.

E' por tanto a grande diversidade de estilos, o primeiro argumento para justificar a nossa negativa, encontrando outro mais seguro em um dos antigos documentos do convento.

Depois de muitas e vãs pesquizas, procurando uma referência, uma data, uma ligeira indicação, descobrimos uma preciosa notícia que é a descrição dos altares da igreja de Santo André, feita na visita do vigário geral lincenciado Simão Carceres, Chantre de Sé d'Angra, ao dito templo, sendo bispo D. Manuel de Gouvêa, para proceder à aceitação das bulas do convento, vendo pela leitura de vários documentos que foi o vigário geral acompanhado, no desempenho d'esta comissão, pelo Dr. Gaspar Frutuoso, homem de uma vasta ilustração, formado em teologia e filosofia, pela Universidade de Salamanca, que juntamente com a de Alcalá, iam na Peninsula, na vanguarda do movimento scientifico do século XVI.

Começa a discrição da igreja dizendo: «Visitou o Senhor Vigario Geral a 27 (vinte e sete) de julho o Santissimo Sacramento e aberto o sacrario achou estar desentemente dentro colocado sobre húa pedra de aras seus corporaes por dentro todo fôrádo e por dentro bem goarnecido e o altar mór com um retabulo muito formoso da invocação de Santo André tudo o mais que visitou no altar achou cosertado quanto baste.»

Este decumento tem a data de 1587. A ser este retábulo de 1587, o mesmo que lá vemos ainda hoje, hipótese para a qual nos inclinamos, pelas considerações que a seguir apresentamos, não pode ser da autoria de Murilo, pela razão de ter este luminar da escola espanhola do século XVII, nascido em 1618, falecendo em 1682.

O Dr. Frutuoso, (1522 1591), logo que tomou posse da sua igreja de Nossa Senhora da Estrela da vila da Ribeira Grande, tratou de a aceiar e enriquecer de ricas peças e ornamentos, como diz Francisco Afonso de Chaves e Melo, quando a elé se refere no catálogo das pessoas, que, em S. Miguel, floresceram em raras virtudes, na sua «Margarita Animada»(1). Esta notícia indica que o dr. Frutuoso apressando a ornamentação da sua igreja, manifestava bem a importancia e o apreço que dava ao seu embelezamento, e portanto aos objectos de arte, tendo tido, sem duvida, ocasião de apreciar as melhores produções da época, que se encontravam nas igrejas, já nas suas passagens atravez de Portugal, (1550 a 1565), onde então se produziam pinturas de elevado merecimento, como o São Pedro da Sé de Vizeu, do grande Vasco Fernandes, mostrando-se os nossos artistas influênciados, pelo gótico flamengo, já em Salamanca onde, entre outros quadros de grande nomeada, existia o famoso retábulo do pincel de Alonso Berruguete, (1480-1561), no Colégio, pintor que havia sido discípulo de Miguel Angelo, italianisado como quasi todos os artistas espanhoes d'este periodo. Ora o citado documento diz expressamente ser o retábulo—

(1)—Arquivo dos Açôres vol. I pagg. 305.

muito fermoso, sendo esta a opinião que o Dr. Frutuoso e * o licenciado Simão Carceres formaram do retábulo, opinião portanto emitida por duas entidades ilustradas e consequentemente digna de toda a atenção.

Sendo o retabulo muito formoso, não é natural que o quizessem substituir, por mero capricho por outro ainda mais formoso, se considerarmos a grande falta de dinheiro d'esses remotos tempos em que o gosto por cousas de arte seria bem rudimentar.

Conjecturar-se o caso de deterioração; quer parcial, quer completa, e d'aí a sua substituição, é absurdo porque na primeira hipótese seria restaurado, como realmente o foi, segundo nos consta, na primeira metade do século XIX, por Manuel José Gomes Machado e José Soares de Menezes e a segunda é inadmissivel, quer pela humidade, quer por qualquer outro motivo, atendendo ao logar que na igreja sempre ocupou, e a nada de extraordinário se ter dado que justificasse a tal deterioração (1).

(Fot. 46) O Martirio de St.º André de Murilo no museu do Prado.

Uma duvida, porem, ainda nos restava e consistia em existir um quadro do martirio de Santo André de Murilo no museu do Prado, o qual, segundo informações que a principio

---

*NOTA — Os documentos a que nos referimos encontram-se a pagg. 16 do Tombo Novo do Convento;

— A pagg. 64, contando da primeira que nos aparece escrita, do Tombo Velho, correspondente á pagg. 99 da paginação antiga já muito apagada, tendo no alto da folha os seguintes dizeres: = Auto da visitação dos altares e ornamentos.

— A paginas 66 da paginação antiga, onde diz — Traslado do auto da aceitação das bulas feito a requerimento do licenciado Antônio de Frias, perante o Sr. Vigário Geral a 5 de junho de 1587.

— A paginas 68 da paginação antiga onde se diz — Traslado do auto da eleição dos oficiais, que fez o Sr. Licençiado Simão Carceres, vigário geral no mosteiro de Santo André, a 17 de junho de 1587.

O tombo velho está em um maço com os seguintes dizeres na lombada — Ponta Delgada, Convento de Santo André, papeis forenses e registo de testamentos — que se encontra actualmente, assim como o livro do Tombo Novo no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade.

(1) — Eis o que temos ouvido dizer ácerca da restauração do quadro entre 1815 1820. — «ter vindo de fora n'esta época e não se ajustando ao risco da talha de novo feita, ter sido a ela adaptado pelos citados artistas.»

nos merceram certa confiança, era muito semelhante ao nosso, afirmando-se até, ser o desta cidade copia do de Madrid, (Fot. 46). com ligeiras alterações.

O confronto que fizemos com fotografia vinda d'aquele museu, diz-nos serem completamente diferentes.

Afigura-se-nos, por consequência, em face do que deixamos exposto, falsa a tradição de Murilo, ficando, a serem exatas as nossas observações, o nome d'este grande artista desligado d'aquela tela e desfeita assim a lenda de n'esta ilha se encontrar uma obra do imortal pintor das Virgens.

Quer seja portanto o quadro do martirio de Santo André o que estava na igreja em 1587, quer outro, vindo nos começos do século XIX, hipotese que não aceitamos pelas razões que deixamos indicadas, o que é certo, é terem até hoje sido improficuas as nossas repetidas investigações, no sentido de acharmos o nome do seu autor e determinarmos a sua proveniencia.

Esta tela apresenta certas aproximações com alguns quadros de pinteres do norte, devendo notar-se que, a ser ela a já existente na igreja em 1587, foi executada antes da flores-

---

—Na realidade ao examinar-se o quadro, notam-se os sinais claros de uma transformação operada no seu primitivo formato. Assim a parte superior, a principio completamente redonda, passou depois a ser redonda no alto, terminando a curva em dois angulos retos laterais e em baixo parece tambem ter havido um acrescentamento. As costuras da tela e a tinta que as encobre o demonstram.

Os documentos, porem, que temos compulsado, parecem pelo contrario indicar não se ter importado n'esta época.

Tendo sido a igreja completamente restaurada e decorada, fizeram-se inúmeras encomendas para Lisbôa por este tempo. D'ali vieram como já dissemos os riscos para a capela mór;—(pagg. 44 do Livro das contas gerais do Sindico do Convento—1792 1800—no arquivo da Repartição de Fazenda de P. Delgada)—; as lampadas em 1807, feitas por Mauricio José da, Silveira, custando 240$000, quatro castiçaes e um crucifixo de prata em 1806, por 253$920 reis uma banqueta de prata em 1826, atualmente na Matriz d'esta cidade, feita por José Lopes Teixeira, custando 950$000 reis; uma grade de madeira feita por Jeronimo Corrêia Lage, em 1824, um orgão por 1.044$870 em 1830, damasco, paramentos e muitas mais cousas de valor que seria longo inúmerar.

Tanto nos livros que temos examinado minuciosamente, a saber:—Arquivo de 1771-1831, livro das contas a dinheiro 1801-1831, livro das contas geraes do Sindico do Mosteiro de 1792 até 1800, como em numerosos recibos e contas avulso, tambem existentes no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade, nunca encontramos referência alguma á vinda do quadro n'esta época—(1800-1831).

Fica por consequência de pé a duvida sobre se é ou não exata a compra do retábulo n'este periodo, inclinando-nos para a negativa, pela razão de que uma verba importante como decerto seria a despendida com a aquisição do quadro, viria sem duvida lançada em algum dos livros acima mencionados.

O sr. Dr. Ernesto do Canto—na adenda 17—publicada no jornal «O Preto no Branco, de 30 de abril de 1896, confirma a nossa opinião.

Talvez o livro das obras podesse dar algum esclarecimento, mas até agora não o encontramos, supondo ter desaparecido como tantos outros dos extintos conventos.

cencia de Rubens e da sua escola, assim como o foi tambem antes da escola de Sevilha.

Supomos porem não ser destituida de fundamento a sua atribuição a pintor espanhol do século XVI, influenciado talvez ainda pelas escolas neerlandezas e tambem pela italiana que começou a exercer com grande intensidade a sua acção em Espanha desde o começo d'aquele século.

O aspecto geral do quadro assim como alguns detalhes e o facto de, tendo sido fundado o convento em 1562 e concluida a primeira parte da sua construção em 1580, já ali existir um retábulo em 1587, isto é adquirido nos primeiros sete anos de dominio espanhol, quando em Portugal já quasi não havia artistas, tendo a nossa escola entrado em franca decadencia, são considerações dignas de reflexão.

Assim a energia não só d'algumas atitudes e de manchas de luz, como a forma de aplicar as tintas, dando a tudo uma tonalidade quente e rubra, por vezes violenta, fazem-nos pensar na sua origem espanhola. Recordando a evolução porque passou esta escola a principio, gotica e depois no século XV influenciada pela Flandres, encontra-se um periodo conhecido pelo de transição d'um em que se copiaramos os pintores venezianos, florentinos e romanos para outro em que ficou definitivamente nacionalisada e que se estende pelo século XVII, orientada pelo prodigioso pincel de Velasquez, onde, depois de atingir o maximo de aperfeiçoamento e notavel homogeneidade nas suas tendencias, tendo como guia o naturalismo, se extingue por completo.

N'esta epoca de transição que abrange o ultimo quartel do século XVI, os traços de realismo começam a aparecer com insistencia — (assuntos familiares, creaturas humildes, animais etc),— o que desagradava bastante aos classicos do tempo, por exemplo, a Francisco Pacheco, pintor e critico d'arte que lamenta, na sua— Arte de la Pintura—, o ter João de Las Roelas feito representar alguns detalhes familiares, no seu quadro de Santa Ana ensinando a ler á Virgem e o facto de, Morales El - Divino, ter pintado santos juntamente com animais domesticos, dando-se mesmo tentativas para evitar o a-

parecimento de tais assuntos em quadros de Santos, como as do prior do Escurial, pretendendo opor-se a que Navarrete desenhasse nas suas telas animais e outros trechos naturalistas (1).

No nosso quadro aparece, quasi ao meio na tela, um cão branco malhado de castanho, olhando com naturalidade o martir, colocado por forma a ser logo notado, com a preocupação de bater na vista.

Não constituirá este detalhe, um sinal de certo valor que vem reforçar a hipótese, muito admíssivel, de ser ele espanhol e do periodo já indicado e que tão bem se harmonisa com a data de 1587 em que, ao que parece, já n'aquele templo existia um retábulo da invocação de Santo André, *muito formoso*?

Tudo nos leva a supor ter ele esta proveniencia, não se podendo comtudo fazer afirmações seguras, não só por não aparecerem na tela, nem datas nem sinais, como ainda por serem de uma mudez absoluta a este respeito, os documentos que temos encontrado.

O martirio de Santo André, é uma das mais interessantes e valiosas pinturas d'esta ilha, sendo para lamentar o pouco cuidado que tem havido na sua conservação.

Outros mais quadros conhecemos, que pelas suas tecnica, paisagens, desênho, colorido, êndumentaria, e arquitecturas, devem vir do século XVI.

Quadro atribuido a Greco

Na já citada colecção do Sr. António Borges, existia uma Virgem (busto) —, pintada em taboa, (de 0,38 por 0,46)— com fundo de ouro avermelhado e com o resplendor e contornos do manto, colo e cara, marcados por meio de linhas fundas cavadas na madeira, cerca de meio milimetro.

Apenas o rosto e as mãos são pintados n'uma côr carre-

(1) — Arthur Simon — The peinters of Sevilha. Fortnightly Revew — janeiro de 1901.
Paul Lefort — La peinture Espagnol.

gada de azeitona, com a tonalidade própria das raças indianas, sendo tudo o mais ouro cobreado. E' original na carnação e desenho e o ornato do resplendor muito correto.

No alto do quadro, de um lado e outro, veêm-se duas circumferências mal delineadas, mais escuras do que o fundo, dentro das quais encontramos, em tinta mais carregada ainda, n'uma um Y, um M e um P ligados e n'outra um A e um Y separados.

Não nos parece admissivel terem, sido estes sinais usados por greco, a quem, segundo nos consta, é atribuido este quadro.

Greco, cujo nome verdadeiro era Doménico Teotocopuli, conhecido assim, por ser de origem grega, foi um dos pintores da escola espanhola, vivendo entre 1548 e 1625.

Afigura-se-nos ser de autoria mais afastada.

A sua execução em táboa muito antiga, o cavado das linhas e muito especialmente o ouro quente que envolve a escassa, pintura, servindo-lhe de fundo, fazem lembrar a antiga escola espanhola catalan, talvez do tempo de Jàime Huget.

Outros Quadros do Sr. Antonio Borges

Um outro quadro d'esta colecção, no mesmo genero, é o da Virgem com o Menino e duas cabeças de anjos.

E' pintado em taboa, medindo 0,37 de largura por 0,55 d'altura.

O fundo é ouro, e as linhas do resplendor, manto e vestidos, como as dos rostos, são igualmente cavadas na madeira. Tudo é dourado á excepção das caras, mãos e manto azul escuro da Virgem, figura muito esguia e de mãos finas e oblongas.

N'esta táboa, encontramos dois sinais; uma estrela de outo pontas junto do hombro da Virgem sobre o manto, e a meio do quadro do lado direito, um I,saindo d'uma linha curva, já muito desvanecido e apagado.

Não podemos decifrar esta sigla, parecendo-nos ser um dos mais antigos paineis dos que temos visto, pertencentes á referida galeria de pintura.

N'esta colecção existiam mais os seguintes quadros sem siglas, uma pequena tábua de 0,22 de largura por 0,39 de altura, representando a Virgem e o menino e outras mais figuras com fundo de paisagem, onde estão reveladas as caracteristicas da antiga arte flamenga dos começos do século XVI; uma Virgem amparando Cristo morto, pintada em tábôa (de 0,22 por 0,28); uma descida da cruz em tábôa (de 0,65 por 0,85); uma adoração dos Magos em cobre (de 0,33 por 0,44) e Nossa Senhora com o Menino (de 0,18 por 0,20).

Quadros da Martriz da Ribeira Grande

Na matriz da Ribeira Grande aparecem três interessantes quadros e um triptico.

O fundo do altar dos Reis Magos é tomado por dois d'esses quadros, colocados um por sobre o outro: o de baixo é o da Apresentação no Templo, o de cima, o dos Magos; na sacristia estão, no altar, o que representa a corôação da Virgem acompanhada por anjos alados, n'uma tonalidade cendrada e na parede do sul o triptico pertencente á ermida de Santo André da mesma vila, e que foi ha pouco colocado n'esta sácristia, a pedido do Sr. Marquez de Jácome Corrêia, no intuito de se melhorarem as condições da sua conservação.

Triptico da ermida de St.º André da R.ª Grande

E' incontestavelmente a mais valiosa pintura de estilo flamengo século XVI que aqui se encontra.

Com este triptico dá-se um engano idêntico ao que verificámos com o quadro do martírio de St.º André d'esta cidade; este é atribuido sem fundamento, como já vimos, a Murilo, aquele a Grão Vasco, não passando a nosso vêr, como deixamos dito, de uma produção artistica de estilo flamengo cuja autoria é por emquanto desconhecida.

Esta pintura tem permanecido na pequena ermida de St.º André, situada ao nascente da vila, levantada como tudo leva a crêr, pelos primeiros povoadores, sendo aquele sítio o

que primeiramente foi habitado, como nos afirma Gaspar Frutuoso dizendo:—«que o povoado só se estendeu para cá da ribeira depois de 1515», (1).

Nada se sabe ao certo sobre a fundação d'esta ermida; apenas alguns documentos datados de 1580, 1582 e 1595 se referem a ela e a um retábulo ali existente, (2).

Será o retábulo dos fins do século XVI, o triptico ainda hoje visivel?

Não podemos fazer afirmações, comtudo alguinas razões, dignas de ponderação aparecem para supormos ser o mesmo e essas são, primeiramente a pobreza da ermida e o abandono a que tem sido votada, chegando a cair em ruinas e depois, o tratar-se de uma pintura em madeira, podendo assim resistir mais facilmente ás intempéries e aos máos tratos a que tem sido submetido.

Na falta absoluta de documentos, passemos a examinar o triptico.

Em primeiro logar diremos que mostra, a nosso vêr, desigualdades na sua composição, não estando o painel central, que representa St.º André, á altura das imagens que o ladeam em seus postigos.

A S.ª Barbara, a um lado, e St.ª Catarina ao outro, são duas pinturas preciosas, executadas em tábôas, como a de St.º André, medindo 0,30 de largura por 0,90 de altura, aproximadamente.

As suas figuras, lançadas com naturalidade, têm expressão feliz e despreocupada, apresentando atitudes calmas e suaves, e um vigoroso traço de realismo prepassa por toda a composição, salientando-se em alguns pontos da paisagem e dos vestuarios, em pequenos detalhes e nas fisionomias.

---

(1)—Saudades da Terra—Capitulo em que descreve a Ribeira Grande. Livro 2.º das visitas da Matriz da Ribeira Grande—no seu arquivo a pagg. 58 quando diz: «visitei a ermida de St.º André que achei feita de novo com muita perfeição, louvando muito o zelo dos que por sua devoção fizeram a obra á custa de seu dispendio e trabalho que lhe pagará o Senhor, assistindo-lhe com seu patrocinio, necessita só de que se ponha Remate no Retábulo e de que se façam cortinas de pano para ele e para o tempo da quaresma e advento, hua alva e amito arrendada, para os dias de festa e porque a fundação da dita ermida hé antiquissima e não consta da fabrica que lhe foy dotada, e fuy informado que hum Devoto lhe quer fazer, o Rd.º ouvidor a aceitará a quem a fazer na forma da nossa constituição—1696».

(2)—Extractos de documentos micaelenses do Sr. Dr. Ernesto do Canto—na Biblioteca de Ponta Delgada—Fundação de igrejas e ermidas.

Assim no paisagem, citaremos um pequeno trecho na painel central; é a casa de campo ao longe coberta de palha á frente de um bosque para o qual se dirige o atalho vedado por uma cancela.

Os ceus nublados, e as arvores e mais vegetação dos primeiros planos estão bem tratados.

Onde, porém, esse realismo se manifesta com maior nitidez é propriamente nas figuras das duas santas.

St.ª Barbara (Fot. 47) caminha tranquilamente; branca e de craneo avantajado, n'um requebro agradavel, sustendo com delicadeza, entre os dedos afilados da mão direita, uma pequena palma, de olhar fixo em qualquer cousa longiqua que a seduz, encanta e atrae e ao mesmo tempo doce e melancolico, segue como que inconscientemente n'um sonho vago e placido, na intima concentração d'uma crença firme, atravez de um mundo real, com seus edificios acastelados, idealisando a ventura de uma outra existencia.

(Fot. 47) Postigo da esquerda do tríptico de St.º André da Ribeira Grande, —St.ª Barbara—.

O que dimana d'essa figura é flagrantemente um ar fino e aristocratico, dando-nos a impressão de ser a efigie de uma creatura habituada á vida de côrte, trazendo os tumidos e bem moldados seios salientes e apenas cobertos por uma tenue cambraia.

Lembra uma dama das faustosas côrtes neerlandezas da renascença.

N'ela encontramos um mixto de diversas qualidades: palaciana pela nobreza do porte e pelo seu rico vestido de estado, bordado com pérolas e pedraria, um pouco sensual e ao mesmo tempo de uma elegancia cheia de ideal, de singeleza, de doçura, de graça e de misticismo é de uma beleza inconfundivel.

A St.ª Catarina (Fot. 48) é a nosso vêr mais interessante ainda.

Lê e caminha tambem. E' uma cara de mulher franca, bela e sadia, revelando uma alma pura, bôa e enérgica.

A castidade, o pudor, a candura e uma sólida inteligencia, estão expressas no seu rosto são e honesto, de ampla fronte e de face voluntariosa.

Mas, o que mais nos prende é o ar ponderado e reflectido com que lê, na pacividade d'alma d'aqueles que julgam trilhar o caminho da verdade, n'uma postura de integral confiança em si propria, de limpida consciencia e de austéra gravidade.

A naturalidade com que está lançada, assimilando facilmente e com prazer a leitura, é o que de mais apreciavel existe em todo o triptico, a nosso vêr.

A serenidade em que vivem estas figuras, as revelações da sua elevação espiritual, resultantes de subtis nuances fisionomicas e o conjunto harmonico e contínuo da inalteravel pacividade na movimentação, da suave atitude no gesto, do repouso nobre nos panejamentos, da amena tranquilidade do meio fisico, e do sóbrio concerto das côres, estão a indicar uma manifestação já de seguro valor, concebida por quem, dotado de um temperamento de fina compleição estética, bem compreendia a missão da arte, inspirando-se na elevada adoração da beleza moral.

O Santo André (Fot. 49), de expressão levemente magoada, pouco nos impressiona, devendo notar-se a côr trigueira e meridional que apresenta, o vivo carmim do manto que o envolve e a sua acção egualmente simples, sustendo com a mão esquerda o lívro em que lê e apoiando-se com a outra á cruz em aspa do martirio.

Julgamos ser esta pintura inferior á das duas santas, pois d'elas se afasta, já pelo desênho e colorido, ja pela deficiência de concepção artistica.

A paleta onde se combinaram as harmonicas tonalidades dos postigos d'este triptico, não parece ser a mesma onde foi elaborada a imagem central que acusa erros grosseiros, tais como, os revelados nas mãos, e velaturas de infelizes restaurações.

(Fot. 48) Postigo da direita do triptico de St.º André da R.ª Grande, —St.ª Catarina—.

Pelo seu aspecto fisico, desenvolvimento craneano e brancura de pele, as duas santas, de carnes frescas e sádias e de rôstos bem formados, estão muito longe dos antigos santos, feios, ossudos e angulosos, mostrando terem sido idealisadas por um espirito já banhado pela fecunda e fulgurante luz da renascença e delineadas por artista influênciado, talvez, pela limpida e sincera arte do grande flamengo Memling, 1435—1494.

(Fot. 49) Quadro central do tríptico de St.º André da R.ª Grande, —St.º André—.

Os sinais do estilo flamengo, são indubitavelmente flagrantes n'estes quadros, não se podendo comtudo afirmar serem produções da escola flamenga.

A aproximação de Portugal e da Espanha com a Flandres foi, como se sabe, grande no século XVI, e assim são admissiveis inumeras hipóteses sobre a proveniencia do triptico, podendo ter vindo directamente do Norte para esta Ilha, ou por via de Espanha, ou mesmo de Portugal, ser de autoria flamenga, ser de pintor peninsular educado nas escolas neerlandesas, ou ainda de flamengo emigrado para a Peninsula.

Os nossos conhecimentos sobre historia d'arte, embora muito limitados, levam-nos a reconhecer aproximações entre a nossa Santa Bàrbara e algumas das figuras requebradas dos flamengos, por exemplo as de Roger Van der Weyden, sendo provavel, como já dissemos, a vinda d'esta pintura da Flandres no século XVI, tomando-se em consideração as relações comerciais que mantivemos com os povos do norte.

O nosso comércio dirigiu-se tambem no século XVI para Espanha com certa intensidade, e abundando n'esta época n'aquele paiz, como diz Lefort, os dipticos e os tripticos de estilo neerlandès, (dando-se uma importação constante de obras d'arte da Flandres para Castela, determinada pelos laços de família que uniam as casas de Castela e Borgonha),

natural seria a vinda para S. Miguel de uma pintura de autoria espanhola de estilo flamengo.

Finalmente, não é destituida de fundamento a hipótese da sua filiação na corrente artistica nacional, a qual, na primeira metade do referido século, permaneceu mais ou menos sob a influência dos artistas do norte, chegando Wauetrs a afirmar ser preciso admitir uma emigração continuada de obras e artistas da Flandres para Portugal.

Na verdade, algumas caracteristicas da escola portuguêsa estão expressas no triptico de St.º André.

Assim, o realismo repassado de poesia, com que os nossos pintores traduziam os diversos trechos da historia sagrada e, como diz Justi, os movimentos donairosos e a simplicidade, a graça e a elegancia nos gestos e nos admanes que eles imprimiam ás suas figuras, ao contrario do que acontecia com os artistas do norte, não falando nos de primeira ordem, harmonisam-se perfeitamente com a impressão que recebemos do triptico e que atraz deixamos exposta.

Quanto á determinação aproximada da época da sua factura, diremos ainda, ser reforçada a hipótese da sua execução nos princípios do século XVI, pelo facto de obedecer o vestuário de St.ª Barbara á moda d'este tempo (1).

Os cabelos soltos, caidos pelas costas, de St.ª Catarina, o decote bastante aberto, em quadrado, da St.ª Barbara, o corte das mangas egual por exemplo, ao da figura do primeiro plano do postigo da esquerda do triptico de Fernando Galego, —o Cristo morto.—que se encontra no museu de Cadiz, o colar, o enfeite da cabeça, uma espécie de barrete duro ou casco, encobrindo cuidadosamente as orelhas e todo o cabelo, terminando n'uma crista arredondada no alto, constituem pequenos detalhes da moda seguida nos começos do mencionado século.

Não podemos por consequência ir além de afirmar ser flagrante o seu estilo flamengo, já em 1895 reconhecido por um critico d'arte de Dresde, para onde Koëler, de passagem

(1) —L. Roger Milés—Comment Discerner Les Estyles.

por esta ilha, e depois de ver o triptico, por indicação do Sr. coronel Francisco Afonso de Chaves, enviou fotografias, e aproximar-se da arte nacional.

Como já dissemos, tem esta pintura sido atribuida ao pintor de Vizeu Vasco Fernandes, não passando, a nosso vêr, esta atribuição de uma lenda.

Constava mais não existir no quadro assinatura nem qualquer sinal, o que não é exato, pois descobrimos uma sigla no lado esquerdo em baixo, do painel central, sigla que estava oculta sob a patina e a camada de cera respingada do altar.

E' um g maiúsculo sem a curva superior, ou talvez antes, um L com o angulo recto um pouco arredondado, no interior do qual, junto á extremidade inferior, aparece um pequeno x inclinado para dentro.

Percorrendo diversos registos de siglas e assignaturas de pintores, nada encontramos.

Trata-se de uma investigação dificil, pois sendo consultado Salomon Reinach, critico d'arte e professor da Escola do Loure, disse desconhecer tal sinal.

Apenas o pintor flamengo Leonardo Thiry de Bavay, mais conhecido por Leo Daven—(1500?-1560)—que se fixou em Itália, usava uma sigla em parte parecida com a que deixamos revelada.

Será realmente um L e um x o que lá se encontra?

Quererá representar a abreviatura antiga da palavra Lisbôa—Lx?

Tratar-se-ha do pintor de D. Afonso V, Fernão de Lisbôa, nomeado por carta de 5 de março de 1471,—«contador e procurador dos resíduos nas vilas de Setubal, Palmela, Cezimbra, Almada e todos os outros logares do Ribatejo até ao rio das Aguias e de Alcacer Torrão e S. Thiago de Cacem», ofício que lhe foi dado por falecimento de um tal Fernão Lourenço? (1).

Eis o que se nos afigura dever dizer do triptico de St.º André, uma verdadeira preciosidade artistica e que tão a-

(1)—Noticia d'alguns pintores de Souza Viterbo, a pagg. 100.

bandonada tem estado chegando a permanecer por muito tempo submetida á acção da humidade, quando o teto da dita ermida se abateu.

Quadros da Ermida de S. Braz de P. Delgada

Terminando a mencionação de alguns dos quadros antigos, citaremos os quatro paineis actualmente existentes na ermida de S. Braz de P. Delgada, outrora colocados no côro da matriz da mesma cidade, de valor muito secundario.

O primeiro, pintado como os restantes, em sete taboas, representa a descida da cruz (Fot. 50); ao centro, desce Cristo da Cruz, amparado por tres figuras, duas delas nas escadas laterais; no canto da direita, está S. João e no da esquerda a Virgem e Madalena chorando: ao fundo, vê-se um castelo com torres ponteagudas e junto de uma das portas permanecem tres soldados, um d'eles com trajes portuguêses do século XVI.

(Fot. 50) A descida da Cruz da ermida de S. Bráz de P. Delgada.

O fundo é formado por montes e na atmosfera é, como nos seguintes, utilisado o ocre claro no horisonte, côr que vae escurecendo para a linha zenital até ao castanho escuro.

Segue-se o quadro do aparecimento de Cristo a S. Tomé, olhando este com devoção para a ferida da lançada, depois o do Cristo e Madalena (Fot. 51) e por fim o de Cristo levando a Cruz, muito deteriorado.

As unicas razões que nos levam a filiar estes painéis na arte do século XVI, são, a antiguidade das tábôas em que estão executados, o traje do mencionado soldado, a composição e a técnica da pintura que, de resto, ainda se encontra em

quadros da primeira metade do século XVII, como por exemplo no do menino entre os doutores, da sacristia da matriz de P. Delgada, (Fot. 52), datado de 1625.

N'estas pinturas de deficiente desênho anatomico, nota-se ter sido a prespectiva conhecida pelo artista que revela tambem por vezes vivacidade de colorido e ainda execução larga nos panejamentos.

(Fot. 51) Cristo e a Madalena da ermida de S. Braz de P. Delgada.

Em dois pontos nos interessam particularmente estes quadros: na utilisação do mesmo modelo em alguns d'eles, como por exemplo, o Cristo e o homem que auxilia a descida da Cruz, no alto do quadro á esquerda, tipos micaelenses, e nos fundos de paisagem, limitada pelas linhas caprichosas de pequenos picos, muito aproximadas das que contornam os campos da parte central d'esta ilha, o que nos leva a pensar na sua autoria indigena.

A existencia de um maior numero de documentos, permite-nos formar ideia mais completa da pintura no século XVII.

A decoração propriamente dita, a douradura de retábulos e a pintura de páineis, foram simultaneamente cultivadas por artistas micaelenses, indo encontral-os a trabalhar em diversos templos no decorrer d'este século.

Assim, fica esclarecida a dúvida sobre se os aristas indígenas se haviam aplicado sómente a obras de decoração e douradura, ou dedicado tambem á composição de painéis.

Alexandre Rôxo e Diogo Soeiro

Em 1610 foi encarregado o primeiro de decorar a ermida

da Bôa Nova de P. Delgada (1), comprometendo-se a fazer este trabalho por quarenta mil reis, e depois, em 1637, pintou ainda, juntamente com Diogo Soeiro, os papeis para a ornamentação do sepulcro da St.ª Casa da mesma cidade (2).

Alexandre Roxo, parece-nos mais um decorador, pela razão de terem sido feitos os paineis para a referida ermida por outro artista chamado Manuel Corrêia.

Manuel Corrêia

Este pintor executou vinte e quatro quadros por sessenta e dois mil reis, tambem em 1610 (3), e era ainda vivo em 1638, pagando n'este ano, á St.ª Casa de P. Delgada, um fôro de sete almudes e meio de vinho (4).

João Osorio Mungais

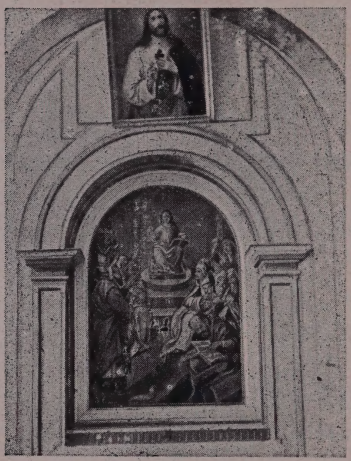
Na vereação de 27 de Abril 1633—Camara Municipal de P. Delgada—lê-se:" se assentou que os oficiais do ano passado pediram ao padre Geral da Companhia de Jesus uma confraria e irmandade do bem aventurado São Francisco Xavier e ele por sua carta a concedeu e bula para o dito efeito que o P.e Reitor Simão d'Araujo trouxe a esta Camara que eles aceitaram por seu padroeiro o sobredito..... e teriam que ir á igreja do Colégio de todos os Santos em procissão e estarem em corpo de camara á missa e pregação, o que fizeram com consentimento e aplauso do P.e Reitor Simão d'Araujo."

Foi estabelecida a irmandade e confraria de S. Francisco Xavier em 1633, sendo pintados por João Osório Mungais, dois painéis para a Camara, um de S. Francisco Xavier e outro de St.ª Carduba. Estes painéis custaram nove mil reis, incluindo o ouro e foram colocados em 11 de Maio de 1647(5).

(1)—Arquivo dos Açores, volume 12, pagg. 445.
(2)—Livro da receita e Despeza da St.ª Casa de P. Delgada de 1637 a pagg. 49-51 e 174, no seu arquivo.
(3)—Arquivo dos Açores, volume 12, pagg. 445.
(4)—Livro da receita e despesa de mesma St.ª Casa de 1629, a pagg. 27—no seu arquivo.
(5)—Arquivo da Camara Municipal de P. Delgada.

Manuel Fernandes

Exerceu a arte de decorador e dourador em P. Delgada, encontrando notícias a seu respeito entre 1676 e 1703 (1).



(Fot. 52) O menino entre os doutores da Sacristia da Matriz de P. Delgada.

Em 9 de Fevereiro de 1676, foi admitido como irmão da St.ª Casa d'esta cidade, e em 1681 fez o douramento da sacristia da mesma, assinando o respectivo recibo. Sete anos depois, foi para Vila Franca do Campo trabalhar no convento de St.º André; em janeiro de 1688 recebeu 56$000 rs., por assentar 14:200 pães de ouro e mais 4$000 rs. por encarnar treze serafins e pôr quarenta e tantos rubins de laca fina no retábulo.

Dourou o camarim, o sacrário e o retábulo d'esta igreja, decorou a capela e as grades do côro e estofou o santo.

Depois, em 1703 aparece-nos dourando mais o retábulo da igreja da St.ª Casa de P. Delgada, devendo notar-se, termos dúvidas sobre se é ou não a mesma pessoa, por haver algumas diferenças nas assinaturas do assento de irmão e na do recibo d'esta ultima obra, a qual é egual á do recibo de 1681.

Frei Manuel de St.ª Maria

Nas contas do Convento de St.º André de Vila Franca do

(1) — Livro da Irmandade da St.ª Casa de 1651 a 1727 — no seu arquivo.
— Livro da conta corrente da St.ª Casa de 1681 a pagg. 83, no seu arquivo.
— Livro de contas correntes do Convento de St.º André de villa Franca de 1682 a 1693. Contas de outubro de 1686 — agosto de 1687, Dezembro de 1687, Janeiro, Fevereiro, Outubro e Dezembro de 1688.
— Livro da conta corrente da Santa Casa, de 1703 a pagg. 96, no seu arquivo.

ano de 1669, lemos o seguinte:— «dei vinte e outo mil reis ao padre Frei Manuel de Santa Maria por outo paineis para a capela, dos quais são vinte mil reis que deu a Madre Abadessa pela madre Maria de São Boaventura que Deus tem, que consignou o padre provincial para esta obra, outo mil reis são da Comunidade:» o que nos leva a depreender ter sido Frei Manuel de Santa Maria o pintor dos oito paineis, o que não é para estranhar, pois com frequência os frades se dedicavam á iluminura e á pintura. (1)

Francisco Alvares

Pintou o retábulo da igreja de S. Pedro d'esta cidade, aproximadamente em 1669, realisando essa obra pela quantia de cento e quarenta mil reis, com a obrigação de fazer alguns painéis, representando os quatro evangelistas e S. Paulo, que deveria ficar por sobre o nicho onde se achava S. Pedro (2), e em 1677 foi admitido para irmão da Santa Casa, sendo-lhe dada, no respectivo assento, a designação de pintor(3).

Amaro de Freitas

Trabalhou no convento de Santo André de Vila Franca, nos anos de 1697, 1698 e 1699, decorando a igreja (4) conjuntamente com outro artista flamengo, cujo nome desconhecemos por emquanto (5)

Pintor Flamengo em Vila Franca

Este *pintor flamengo*, exerceu a sua arte em 1698 e pare-

(1)—Livro das despezas do convento de Santo André de Vila Franca de 1668 a 1676—no arquivo da Repartição de Fazenda de Ponta Delgada.

(2)—Tombo da igreja de S. Pedro de P. Delgada—no seu arquivo, a pagg. 117.

(3)—Livro da irmandade da Santa Casa de Ponta Delgada—de 1654 a 1727—no seu arquivo.

(4)—Livro das contas correntes do convento de Santo André de Vila Franca de 1697 a 1709—folhas dos mezes de Dezembro de 1697, Janeiro e Fevereiro de 1698 e janeiro, fevereiro e março de 1699—no arquivo da Repartição de Fazenda de P. Delgada.

(5)—Livro dos gastos do convento de Santo André de Vila Franca de 1697 a 1709—contas de agosto, setembro, outubro e novembro de 1697 e de Fevereiro de 1698—no arquivo da Repartição de Fazenda de P. Delgada.

ce ter residido na Ribeira Grande, indo a esta vila e voltando, pagando-lhe o convento a casa em que viveu, emquanto duraram as obras.

Deve ter sido, o *flamengo* um decorador, talvez artista de certo merecimento, não só por ter provavelmente aprendido a arte, na Flandres, n'um elevado meio de arte, como ainda, por não ser natural deslocar-se para tão longe um simples pintor brochante.

Dezasseis anos mais tarde, descobrímos novas referencias ao pintor flamengo, dourando as grades do côro e ilhargas da igreja de Santo André d'esta cidade, hoje desaparecidas, que eram, como já dissémos e segundo afirma Frei Agostinho de Mont'Alverne, nas suas—Crónicas—, todas de obra de talha dourada, pelo que considerava a igreja, uma das que possuia decoração mais rica e mais bonita.

O flamengo dourou esta igreja entre 1715 e 1720, conjuntamente com outros artistas indigenas, aos quais adiante nos referimos (1).

Manuel Pinheiro

Era irmão da ordem terceira de São Francisco d'esta cidade e tinha filhas tambem pintoras que fizeram dois páineis para o této da capela da mesma ordem, concertando outros por 6$600 (2).

Em 1671 pintou, Manuel Pinheiro, doze quadros para o teto da Capela do convento de St.° André de Vila Franca (3).

Nas contas d'este convento, do mez de Fevereiro d'aquele ano, encontramos o seguinte:—«primeiramente vinte um mil e quinhentos reis que deu nosso irmão sindico ao pintor Manuel Pinheiro pelos 12 painéis do teto da capela que é (?) custaram quarenta e dois mil réis e a madre Catarina de S. Mi-

(1)—Caderno com o titulo—Autos de contas que se tomaram do tempo sindico Bartolomeu Martins Rocha em 6 de Novembro de 1743 a pagg. 23—no arquivo da Repartição de Fazenda de P. Delgada.

(2)—Livro do inventario das contas antigas de 1702-1766—no arquivo da Irmandade de terceiros de P. Delgada.

(3)—Livro das despesas do convento de Santo André de Vila Franca de 1668 a 1676, conta do mez de Fevereiro de 1671—no arquivo da Repartição de Fazenda de P. Delgada.

guel havia dado dez á conta da propina da Sacristia do frade Antonio Gonçalves Pereira, e a madre Clara dos Reis deu dez mil e quinhentos reis para ajuda d'esta obra 21$500 rs.»

Existiram portanto ali, doze painéis pintados por Manuel Pinheiro e que custaram em 1671, quarenta e dois mil reis.

Percorrêmos quasi todos os livros do convento sem tornar a vêr referencia alguma a painéis para o teto da capela, o que nos leva a crêr terem sido os de Manuel Pinheiro os que alguem tirou do referido logar, e levou para Itália, logo depois da extinção das ordens religiosas, segundo a tradição corrente n'aquela vila.

Tudo indica encontrarem-se os quadros na igreja ainda por 1840, tendo sido, segundo consta, vendidos em Itália, o que, a ser verdade, constitue uma bôa prova do apreciavel mérito artístico do seu autor.

Ainda hoje vemos um quadro representando o Padre Eterno (Fot. 53) sobre um altar lateral, que julgamos ser talvez da mesma autoria. Nos livros do convento, nada vem registado a seu respeito, dizendo-se ainda, não o terem podido arrancar da parede quando levaram os outros.

(Fot. 53) Quadro do Padre Eterno de St.º André de Vila Franca

O facto de não mais aparecerem notícias relativas á aquisiçao de pinturas para a igreja e o de ser o Padre Eterno executado em madeira e ter estado colocado em bôas condições, para resistir á humidade, são razões que nos levam a supor ter ele a mesma origem dos que vimos falando.

Hoje estão os logares dos quadros antigos, preenchidos por outros deficientissimos da autoria de José Machado de Medeiros, (o Cafarrão), pintor dos meados do século XIX.

Manuel Pinheiro Moreira

Em 1685 aparece-nos finalmente um pintor chamado Manuel Pinheiro Moreira, a quem a Santa Casa d'esta cidade pagou doze mil reis, pelo acrescentamento que fez no painel do altar mór da sua igreja, a saber, sete palmos de altura

por três e meio de cada lado e por iluminar todo o quadro(1). Será Manuel Pinheiro Moreira a mesma pessôa a quem se referem os livros do convento de Vila Franca, com o nome de Manuel Pinheiro?

Não o sabemos. Manuel Pinheiro Moreira assina o recibo do acrescentamento do painel da Santa Casa.

D'algum d'estes artistas será talvez o quadro do altar da sacristia da matriz de P. Delgada, datado de 1625, sem assinatura (Fot. 52).

Quadro de Reinoso

Em 1610 veio para esta ilha um quadro do pintor continental Reinoso, para a ermida da Boa Nova de P. Delgada.

As contas da construção da ermida (2) dizem: «custou o feitio do painel de N.ª Senhora, em Lisbôa, ao Reinoso 20$000. rs.» Quem era este pintor Reinoso que trabalhava em Lisbôa em 1610?

São dois os artistas portuguêses conhecidos pelo apelido de Reinoso ou Reynoso, um de nome Diogo e outro André e as notícias a seu respeito, bastante vagas, o que torna dificil atribuir o painel importado, ao primeiro ou ao segundo. Raczinsky fala de ambos (3), admitindo a sua existencia e considerando Diogo anterior a André, e depois, diz apenas que este ultimo viveu por 1641.

N'esta notícia encontramos uns, afirmando não ter havido senão um pintor Reinoso, a quem são dados indiferentemente os dois ditos nomes, e Taborda, limitando-se a dizer que não ha dados bem certos sobre André Reinoso.

Quando viveram estes dois artistas?

Partindo da notícia que Souza Viterbo transcreve, de ter ido Diogo Reinoso estudar para Itália por ordem do rei

---

(1)—Livro das contas correntes da St.ª Casa de P. Delgada de 1684, 1685, 1686, 1687, 1717, 1723 e 1726 a pagg. 101—contas de 1685, no seu arquivo.

(2)—Arquivo dos Açôres vol. 12 pagg. 445.

(3)—Diction ire Historique et Artistique du Portugal—pagg. 241. Les arts en Portugal pagg. 187—247—289 e 444.

D. Manuel (1), deve ter vivido pelos meados do século XVI, e não pode ser o autor do painel da Bôa Nova, porque falecendo D. Manuel em 13 de Novembro de 1521 e admitindo-se as hipoteses de o ter mandado para o estrangeiro n'este ano e com quinze anos de idade apenas, só poderia trabalhar em 1610, com 104, o que dificilmente se pode aceitar.

Este artista aparece ainda em uma lista dos melhores pintores portuguêses que começa por Grão Vasco, feita pelo padre Diogo Barboza Machado e reproduzida por Raczinsky, acrescentando, ter sido contemporaneo de José d'Avelar Rebelo, que segundo Cyrilo fez algumas obras entre 1639 e 1650, e é a ele, diz mais, que se atribuem, uma Adoração dos Magos, uma Natividade e outros quadros da igreja de S. Roque de Lisbôa.

D'estes dados deprende-se; que existiram dois pintores com o apelido Reinoso ou Reynoso, um Diogo e outro André, podendo ter sido contemporaneos; que o primeiro devia ter já falecido em 1610, pela avançada idade, (dificil de atingir), em que iria se fosse vivo, e ainda pelo facto de, pela forma como está redigida a conta citada, parecer indicar haver só um pintor d'aquele sobrenome a trabalhar em Lisbôa, empregando as palavras, *Ao Reinoso*, que o primeiro foi considerado um dos nossos mais valiosos artistas, ao passo que o segundo foi pintor menos conhecido e finalmente que Diogo Reynoso viveu pela primeira metade do sèculo XVI e André Reinoso no ultimo quartel d'este e meados do seguinte.
Julgamos, por consequencia, ter sido André Reinoso o autor do painel da Bôa Nova, ficando assim a sua existencia um pouco mais esclarecida.

Na igreja de S. Roque de Lisbôa aparecem actualmente numerosos quadros, Natividades, Adorações dos Magos etc, talvez alguns atribuidos a este artista, segundo Raczinsky.

Por vagas informações, consta-nos ser, este painel de

---

(1) — Noticia de alguns pintores portuguêses e de outros que sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal a pagg. VI da introdução.

Reinoso, o que hoje se encontra na ermida do Loreto.

As condições em que se acha o quadro, não nos premitem investigar se está assinado, deixando-nos a impressão de ser pintura bastante antiga, deficiente e na mesma tonalidade de alguns da mencionada igreja de S. Roque de Lisbôa.

São Tiago de S. Pedro da P. Delgada

No primeiro plano da tela, já muito deteriorada, aparece S. Tiago a cavalo, brandindo contra os mouros e procurando derrubar um adversario que se levanta na sua frente; ao fundo, vê-se uma fortaleza com o pendão da Cruz de Cristo hasteado, permanecendo no campo da direita os cristãos e no da esquerda os mouros. Na altura em que está o painel e com a tonalidade escarecida das tintas que oferece, não podemos observal-o muniçiosamente.

No tombo da igreja, entre as notícias da sua reconstrução de 1642 a 1645, encontramos o seguinte:" os altares de St.ª Catarina e S. Tiago, são os mesmos reformados que havia na igreja velha, porque lhe fizeram os mordomos que serviam e irmãos, os retábulos e mandaram dourar o de S. Tiago e fizeram o de St.ª Catarina que está por dourar." D'esta simples notícia, não será possivel concluir-se definitivamente vir o quadro de antes de 1642, como já se tem dito, uma vez que ela apenas se refere ao retábulo. Provavelmente já ali se encontraria no antigo altar, fazendo-se depois, apenas a talha para o emoldurar; tudo porem se resume, por emquanto, a uma hipótese, na verdade aceitavel, tanto mais que em outros altares existiam tambem paineis, pelos fins do século XVII, como no das Almas, depois substituido por um quadro em alto relevo, actualmente na arrecadação da igreja, ao qual já nos referimos, e no do Espirito Santo, depois substituido tambem, pelo quadro de Alexandrino, do qual adiante falaremos.

Quadro atribuido a Rubens ou á sua escola

Uma pintura d'esta época, é a que pertence ao Sr.

Dr. José Jacinto d'Andrade Albuquerque, representando — *O banquete de Herodes*—, pintada em folha de cobre e medindo 0,77 de altura por 0,88 de largura. O desênho, o colorido, a disposição das suas vinte e uma figuras, optimamente movimentadas, de fisionomias expressivas, particularmente a de Herodes que olha com firmeza para a cabeça de S. João Baptista, trazida n'uma taça de cobre por Salomé, a tonalidade harmónica e rica de toda a pintura, a leveza e o bem observado das roupagens, a cuidadosa execução dos mais pequenos detalhes, a atitude de curiosidade dos convivas, tudo leva a considerar o quadro uma obra de elevado valor artistico.

Esta pintura pertenceu á colecção do Sr. António Borges e é atribuida a Rubens ou á sua escola.

As tonalidades vivas das carnações e o arredondado das fórmas, o predomínio da côr aurirósea, a terceira figura, a contar de Herodes, uma mulher sentada que nos dá a impressão de um verdadeiro tipo do Norte, a da Salomé e a forma como estão tratados os pormenores, parecem confirmar a referida atribuição.

Não tem assinatura, nem data, e apenas consta ter pertencido á colecção da rainha D. Carlota Joaquina, comprando-o n'um leilão, o Sr. António Borges, por um conto de reis.

O facto de ter pertencido esta pintura, a uma colecção real e ser vendida pelo referido custo, indica tratar-se de uma valiosa produção artistica, segundo se diz, pintada pelo próprio Rubens, como estudo para um quadro de maiores dimensões hoje visivel em um dos museus da Europa.

Em Lisbôa, no museu de Belas Artes, existia um outro quadro igual ao do Sr. Dr. José Jacinto, sendo ambos considerados como cópias, mas depois de um exame feito por peritos, ficou assente, ser este o original e aquele a cópia.

No século XVIII, tendo atingido grande desenvolvimento a obra de talha, vemos abundarem os douradores e decoradores, continuando a pintura de painéis a ser cultivada.

Assim, mencionaremos os seguintes nomes de artistas d'es

ta época: Manuel da Costa Oliveira (1), Manuel Botelho Sampáio (2), Martinho (3), Ventura Soares (4), Francisco Moreira ou Francisco Moreira de Sá (5), Roberto Guld (6), Amaro de Freitas (7), Francisco Xavier e José Nunes a quem nos vamos referir mais detalhadamente.

Na pintura de painéis, podemos indicar Francisco Xavier como cultor d'este ramo de arte; do qual ainda existam algumas obras.

Na sacristia da igreja de Santo André d'esta cidade está uma serie de seis painéis emoldurados por obra de talha da autoria de Pedro Machado, ao qual já nos referimos, obra realisada por 1760, custando 258$555 rs, havendo alem d'esta talha, decorações da mesma época, executadas em uma faixa de madeira junto ao teto, onde aparecem vasos floridos, sustidos por conchas e outros motivos pintados em azul escuro, vermelho escuro, verde e branco em fundo azul claro, faixa interceptada por outros quatro painéis em tela, representando a—Apresentação—, de origem por emquanto para nós desconhecida.

Os seis primeiros são os que nos interessam n'este momento.

---

(1) — Em 1714 dourou 2 altares colaterais da Misericórdia de P. Delgada e encarnou alguns serafins por 83$993 rs. e em 1735 residía na mesma cidade — Livro da conta corrente da Santa Casa de 1714 a pagg. 92 — no seu arquivo e livro da irmandade das almas de S. Pedro d'esta cidade a pagg. 15 no seu arquivo.

(2) — Em 1726 foi admitido como irmão da St.ª Casa de P. Delgada — Livro da irmandade da Santa Casa de 1654-1727 a pagg. 141 — no seu arquivo.
— Outras referências aparecem ao pintor Manuel Botelho que não sabemos ser a mesma pessôa — Livro velho das procissões da Santa Casa de 1686-1732 — no seu arquivo — Conta corrente de 1729 a pagg. 158 verso.

(3) — Colaborou com o flamengo na decoração de St.º André de P. Delgada por 1720 — Caderno existente no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade — autos das contas do sindico Bártolomeu Martins Rocha — em 6 de Novembro de 1743 a pagg. 23.

(4) — Mesma colaboração recebendo importancias no total de 70$400 — Mesmo caderno pagg. 23.

(5) — Alem da mesma colaboração dourou em 1700 o trono do camarim da St.ª Casa de P. Delgada, em 1702 o seu retábulo por 80$000 e em 1706 volta de novo a dourar o mesmo retábulo e encarna serafins.
— Livro velho da Santa Casa de 1686-1732 — no seu arquivo.
— Mesmo caderno pagg. 23.
— Livro da conta corrente da Santa Casa de 1700 a pagg. 103 — no seu arquivo.
— Livro da conta corrente da Santa Casa de 1702 — no seu arquivo.
— Livro da conta corrente da Santa Casa de 1706 a pagg. 112 — no seu arquivo.

(6) Em 1734 recebeu 258$000 por pintar na igreja de São Pedro de P. Delgada, dizendo o documento apenas; — pintura por Roberto Guld —; parece ter sido uma decoração o trabalho d'este pintor, talvez inglez = arquivo dos Açôres vol. XII pagg. 40.

(7) — Em 1710 dourou o retábulo da St.ª Casa de P. Delgada e o nicho do altar do Espirito Santo por 56$480 assinando o recibo. Este artista deve ser o mesmo a quem já nos referimos nos fins do século XVII — Livro da conta corrente da St.ª Casa de P. Delgada de 1710 a pagg. 102 no seu arquivo.

Estes foram pintados pelo pintor Francisco Xavier e as citadas decorações, por José Nunes. (1)

Os quadros tratam passos da Paixão de Cristo, expondo um cortejo de feias carantonhas, de figuras amacacadas, de anatomias, defeituosas,de fisionomias mesquinhas, de vestuários extravagantes, tudo isto representado por traços cortantes e com coloridos sujos e monótonos.

São montões de deformações de toda a sorte.

Em um d'eles, é digna de reparo uma figura de olhos esbugalhados, toda vestida de vermelhão, batendo encarniçadamente no Cristo amarrado á coluna e logo atraz, uma outra com sorriso selvagem, flagelando, tambem com prazer, o mesmo corpo ensanguentadissimo.

N'um outro, o do Cristo a ser escarnecido, destaca-se uma fisionomia, onde o artista, querendo traduzir o maximo de raiva, de ódio e de ira, conseguiu pintar uma careta horrenda, a qual, pela sua configuração e pelos dentes inferiores salientes, mais se aproxima d'um cão raivoso do que de um homem, quem sabe? a reprodução, talvez, da visão aterradôra dos corsários de raças exóticas que aqui aportavam frequentes vezes, na sua fúria de saquear e exterminar, imagem, de certo, exagerada e deformada no espirito indigena, impressionado pelas barbaridades por eles cometidas no litoral das nossas costas desprotegidas e abertas.

Nada valem, por consequencia, as pinturas de Francisco Xavier sob o ponto de vista artistico.

Examinando-as porem atentamente, achámos certas analogias com os quatro paineis que ocupam identico logar na sácristia de S. Pedro d'esta cidade, chegando á conclusão de terem alguns d'aqueles sido inspirados n'estes. O do Cristo amarrado á coluna, o do Cristo com a cana, e o do Cristo prostrado entre anjos, apresentam os assuntos da mesma forma dos de S. Pedro, com igual número de figuras e algumas precisamente nas mesmas posições e atitudes.

Em certos pontos, afastou-se o artista dos seus modelos e

(1) Livro das contas do dinheiro do convento de Santo André de P. Delgada de—7681 no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade.

são justamente essas inovações, o que n'eles achamos interessante, inovações tendentes a tornar as scenas mais carregadas e dolorosas.

Assim, os fundos de paisagem e casaria que nos de S. Pedro dão ar ás composições, foram substituidos pelo ambiente acanhado e contrafeito de soturnos interiores, masmorras escuras onde a luz penetra a custo, atravez de frestas, vedadas por fortes vergalhões de ferro, depois, tomando para confronto o painel da Flagelação de Cristo, vemos ter o autor dos de Santo André, vestido o algoz completamente de vermelhão, o qual nos aparece no de S. Pedro, com um simples calção d'esta côr, ainda assim muito mais branda e suave.

A expressão do de Santo André, é ultra colérica e assim foi pintada para, conjuntamente com o vermelho ardente da roupagem, lhe dar um aspecto diabólico.

Se atendermos ao Cristo, vemos ter sido o corpo, que no de S. Pedro está de frente, de carnação sádia e pele imaculada, substituido por outro de costas, com as carnes cheias de tonalidades cadavéricas, completamente crivado de profundas e sangrentas feridas, em número de vinte e tantas, dando uma impressão miseravel.

N'um e n'outro, está no canto do lado direito o mesmo anjo aterrorisado, ocultando o rosto entre as mãos.

Não se limitou, por consequencia, o artista a copiar, tão fielmente quanto lhe permitia a sua habilidade, os modelos de S. Pedro, na verdade passaveis, mas quiz antes, alteral-os a seu modo, procurando sempre definir mais nitidamente as situações, exagerando-as, pondo-as n'uma realidade crua, exteriorisando, assim, o seu temperamento e a sua fantasia, afeiçoando-se ás exigencias do sentimento religioso do meio e ás suas predilecções estéticas.

As alterações que Francisco Xavier n'eles introduziu, são a revelação do modo de ser grosseiro, exagerado e caracteristico do povo micaelense que ainda hoje necessita, em geral, de representações em extremo nitidas, para compreender e sentir os assuntos desenhados.

As fisionomias coléricas, os estendais de feridas, as atitu-

des brutais, os traços asperos, a ausencia de nuances e as manchas de vermelho berrante, deviam impressionar mais vivamente do que as equilibradas e comedidas pinturas de S. Pedro.

Vem agora a propósito destacar dentre os paineis que supomos de autoria indigena, os que se encontram na entrada do convento de Santo André d'esta cidade, onde o artista, no desejo de alcançar um efeito aterrador, chegou a pintar um santo com os intestinos salientes.

As telas de Francisco Xavier vêm provar a pobreza da pintura de paineis n'este século, uma vez que se procurou ornamentar aquele recinto por forma cuidada, revelando-se de uma maneira incontestavelmente superior, o entalhador ao lado do pintor.

Mas, já estariam em S. Pedro os quadros, quando Francisco Xavier pintou os de Santo André?

E serão estes painéis os que este artista executou por 1760 por 37$600rs.?

Podemos responder afirmativamente.

Em 1734 vieram quatro paineis e um crucifixo para a sácristia de S. Pedro, custando 24$000 reis (1) que são, sem duvida, os actuais, e os de Santo André só foram pintados, como já dissemos, em 1760, aproximadamente, isto é, vinte e tantos anos mais tarde.

Os de S. Pedro devem ter vindo de Lisbôa.

Os de Santo André são decerto, os de Francisco Xavier, porque percorrendo os livros do convento até 1830, pouco mais ou menos, não encontrámos mais modificações na sácristia, afirmando-nos pessoas antigas, sempre terem conhecido este recinto d'aquela maneira, e finalmente por se harmonisar a notícia do documento que diz: Dinheiro dado ao pintor Francisco Xavier de fazer seis paineis da Paixão de Cristo, com o que lá vemos ainda hoje, os mesmos seis paineis, ocupando as aberturas do respaldo dos armários, representando todos seis, Passos da Paixão de Cristo.

(1) Arquivo dos Açôres vol. XII pagg. 40.

José Joaquim-Inácio Pereira-Flóro.

Um trabalho que revela notavel aperfeiçoamento na decoração, é o retábulo do Senhor dos Navegantes d'esta cidade, executado, aproximadamente por 1789, pelo pintor José Joaquim (1) Na Ribeira Grande aparecem-nos, em 1749, Inácio Pereira e um seu filho, decorando e dourando o altar de Santo Antão da Matriz d'aquela vila e o seu retábulo, como já vimos, feito pelo entalhador André de Fontes (2) e ainda em 1780, um tal Floro, trabalhando para o altar de Jesus da mesma igreja (3).

(Fot. 54) Quadro do Espirito St. em S. Pedro de P. Delgada, de Pedro Alexandrino.

Supomos ser este ultimo da Ribeira Grande e Inácio Pereira de P. Delgada.

Na decoração mural propriamente dita, encontramos a ornamentação floral, onde, sobresaem as rosas, os cravos, as túlipas, dálias e narcisos, reunidos em ramos sustidos por vasos, onde voam ou pousam pretenciosamente, aves sustendo com o bico e garras, fitas e laçaria, notando-se. na composição, como que influência da arte chineza.

Quadro de Pedro Alexandrino

O mais valioso quadro importado n'este século é o do Espirito Santo da igreja de S. Pedro d'esta cidade, (Fot. 54) da autoria de Pedro Alexandrino, pintor português que trabalhou em Lisbôa onde nasceu, deixando numerosas obras,

(1) — Livro dos contas da Ermida da Mãe de Deus de 1785 a 1830 a pagg. 39 — no arquivo da igreja de S. Pedro de P. Delgada.

(2) — Livro antigo da receita e despêsa do altar de Santo Antão da Matriz da Ribeira Grande a pagg. 30, no seu arquivo.

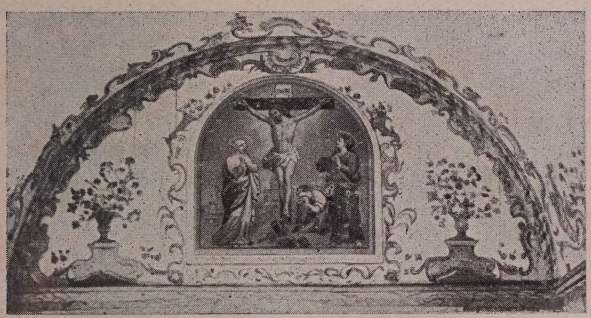
(3) — Livro da receita e despêsa da confraria de Jesus da Matriz da Ribeira Grande a pagg. 113 verso no seu arquivo.

das quais a considerada melhor, é a que representa o Salvador do Mundo na Sé de Lisbôa.

Alexandrino viveu entre 1730 e 1810.

A este artista devem pertencer tambem o S. Joaquim da igreja da Conceição da mesma cidade é o S. Miguel da Relva.

O painel de S. Pedro, de um fino cromatismo, em alguns pontos demasiadamente esbatido, tem trechos apreciaveis, com todas as caracteristicas do pincel de Alexandrino, a quem era atribuido sem que houvesse uma base segura a justificar



(Fot. 55) Um dos quadros da sacristia de S. Francisco de P. Delgada — decoração do século XVIII.

a verdade d'esta afirmação, a qual encontrámos em um dos livros do arquivo da igreja que passamos a transcrever (1).

—«Aos vinte e outo dias do mez de outubro de 1800 na sácristia do Apostolo S. Pedro, ahi estando juntos o Reverendo Vigário e o Reverendo Provedor e mais mezarios da Confraria do Divino Espirito Santo foi proposto, achar-se insuficiente o Painel do altar da mesma confraria e ser preciso mandar fazer outro a Lisbôa, achar-se para este fim a confraria com o equivalente de noventa mil reis em dinheiro de prata (acrescimo?) das pensoens e esmolas que se tiraram para o mesmo fim. Acordão que o irmão tezoureiro, o Alferes João Nunes Teles, deligenciasse de mandar vir o dito Painel,

(1) — Livros dos Estatutos da Confraria do Divino Espirito Santo da igreja de S. Pedro de Ponta Delgada a pagg. 23 no seu arquivo.

pagando-se o que de direito se promite; e logo o irmão Sr. Gabriel António Barboza, q. presente se achava na mesma meza, se ofereceu a mandar entregar em Lisbôa a dita quantia de noventa mil reis em moeda de ouro, com se lhe entregar a mesma quantia em dinheiro de prata n'esta Ilha com o avanço de vinte e cinco por cento, repondo-se na chegada do dito Painel, ao dito irmão, o mais que o dito painel fizer de gasto, ou ele á confraria, o saldo do dito dinheiro q. suceder haver, lavrando-se escritura publica entregando-se á vista d'ela a d.ª prata no caso de haver anticipada entrega, a qual o referido nosso irmão diz não ser necessario mais para o caso de haver sentarão se lavrasse o presente acordo com a referida declaração. Eu o Rd.º Bend.º Mel de Souza Macedo mordomo da dita meza para ausencia do escrivão actual Cosme Rodrigues Nunez o escrevi no referido mez e ano.

O vigário Presidente e mezario João B. Pacheco Arruda Provedor o Rd.º Luis Manuel Raposo—Manuel Inácio de Melo, Manuel de Souza Macedo, António Xavier de Souza, Gabriel António Barboza, Pedro José da Costa.

Um outro acordão encontrámos ainda, com data de 22 de Maio de 1804 (1), onde se determina ser feito um cortinado de tafetá «que sirva de cobrir o sagrado painel nos ultimos dias da quaresma, por se ter visto que outras quaisquer cortinas pregadas no mesmo, com alfinetes ou pregos o deterioram e na continuação se virá a arruinar uma tão magnifica pintura».

Em 1804, portanto, estava na igreja de S. Pedro o quadro do Espirito Santo, vindo de Lisbôa antes da quaresma d'esse ano, o que se depreende, por já terem pregado cortinas no painel, reconhecendo-se que o deterioravam.

Estes dados dizem-nos ter sido o painel executado em Lisbôa, ter custado noventa mil reis, produto das pensões e esmolas tiradas para esse fim e ter sido realisada a obra entre 1801 e 1804. Não se sabe ao certo o ano em que o quadro

(1)—No mesmo livro a pagg. 26.

veio para S. Miguel, porque o registo da sua entrega só nos aparece em 1808 (1), certamente lançado n'este ano por negligência.

Nada porem aparecia nos documentos que denunciasse a sua autoria, o que nos levou a examinar cuidadosamente o painel, reconhecendo então, um pouco acima do canto de baixo do lado esquerdo, em tinta escura, a seguinte assinatura: P. Alex.

Estava feita a descoberta do artista,—Pedro Alexandrino de Carvalho,—um dos mais conhecidos pintores portuguêses do século XVIII.

A pintura, representando a Virgem entre os Apóstolos, inspirados pelo Espirito Santo, executada em tela, e medindo 2,^{m}5 de altura, por 1,^{m}80 de largura, aproximadamente, é, por consequência, uma produção do artista, da ultima fase da sua vida, quando já contava 80 anos de idade.

Este quadro foi restaurado em 1909, pelo professor da Escola Velho Cabral, o Sr. Constancio Gabriel da Silva.

Paineis de S. Miguel e de S. Joaquim, atribuidos a Pedro Alexandrino

Relativamente ao primeiro, diremos não nos parecer destituida de fundamento a referida atribuição, pela homogeniedade da sua tecnica, desenho e colorido e quanto ao segundo, acrescentaremos, estar mais em evidência o feitio do artista, particularmente na expressão fisionómica do Santo, nas roupagens, distribuição de luz e carnações carminadas e suavemente esbatidas.

Esta tela pertencia d'antes, segundo nos consta, á capela da casa onde funcionou o colégio Fisher, em S. Joaquim de P. Delgada.

Mede um metro de largura por dois de altura, pouco mais ou menos, tem forma arredondada no alto e está bem conservada.

---

(1)– No mesmo livro a pagg. 24.

Ela representa S. Joaquim com o menino Jesus ao colo, inspirado pelo Espirito Santo que, sobre o grupo páira, sob a forma tradicional de uma pomba.

Ao fundo, aparecem nuvens de côr acastanhada, achando-se a pomba ladeada por dois querubins; no canto esquerdo inferior, vemos dois anjos, um d'eles sustendo, no braço esquerdo, um ramo de açucenas e no outro canto, uma anfora dourada fumegante.

Esta pintura é interessante ainda, pela harmonia do colorido e pela intensa atmosféra mistica que envolve o grupo.

Outros Quadros

Outros mais paineis que não sendo obras d'arte, merecem comtudo atenção, existem na sacristia (Fot. 55) e nas paredes laterais da igreja de S. Francisco d'esta cidade, trechos do agiológio, (vida do mesmo santo) (Fot. 56), na sacristia da igreja da Relva, outrora pertencentes, segundo nos consta, ao convento de S. João de Ponta Delgada, os já citados quadros da Apresentação, da sacristia de Santo André da mesma cidade, outros dois na igreja da Conceição da Ribeira Grande, sendo o de *Sant'Ana ensinando a ler á Virgem*, uma pintura já de seguro valor artistico, os do côro da Esperança e de Santo André, etc.

Embora não tenham sido coroadas de bom êxito as nossas pesquizas, no sentido de achar as suas proveniencias e autorias, temos a convicção de virem muitas dessas telas do século XVIII, pelo que revelam nos seus coloridos, desenhos e composição, pelos efeitos scenográficos de luz e de sombra, e pelo maneirismo, então dominante, que manifestam.

Inúmeras telas aparecem ainda, disseminadas pelos nossos templos que devem ser, sem duvida, de pintores micaelenses, do mesmo século, deficientissimas, e sempre mais ou menos exageradas e violentas.

Citaremos, por exemplo, alguns quadros da entrada do convento de Santo André d'esta cidade e um dos paineis da parte exterior do arco da Capela môr do Colégio, onde a in-

terpretação dos martirios é formada, por uma notavel preocupação terrorista.

No século XIX, desenvolve-se mais a pintura, tomando novas orientações.

D'antes cultivada quasi exclusivamente com o caracter religioso, utilizada na decoração dos templos, na composição de paineis, na execução dos pendões das procissões, em papeis para ornamentação dos Sepulcros, Passos, etc, sae depois, do ámbito reservado das igrejas e dos conventos e começa então a aparecer nas casas abastadas, concorrendo para a sua vulgarização, a passagem por esta Ilha d'alguns artistas extrangeiros, na primeira metade do século XIX, os quais exerceram uma benéfica influência no nosso meio, no sentido de estimular os temperamentos mais predispostos para a cultura das Belas-Artes, como a seguir veremos.

(Fot. 56) Um trecho da sacristia de S. Francisco de P. Delgada.

Atravessando-se uma quadra de prosperidade económica, nasceram consequentemente maiores exigencias de luxo e de conforto e assim, vão surgindo as primeiras decorações murais, podendo indicar alguns exemplares que ainda actualmente se encontram na sala das sessões da Camara Municipal, (talvez do ultimo quartel do século XVIII), as do Paço Fonte Bela, e as da igreja de St.° André d'esta cidade, da autoria de Manuel José Gomes Machado (1), com a colaboração de José Soares de Menezes, segundo nos informam, obra realizada por 1819 aproximadamente.

A par d'esta forma de arte pictural e como seu complemento, são importados quadros, em geral cópias das escolas

(1) — No teto da igreja encontra-se o nome de Manuel José Gomes Machado.

flamengas, espanhola e italiana, retratos, quadros de género e paisagens, reunindo-se colecções de certo valor, d'entre as quais sobresaía, pelo avultado número dos seus exemplares e por alguns originais antigos, como já vimos, a do Sr. António Borges da Camara Medeiros, adquirida, quando viajou pela Europa, nos meados do século passado, e onde, segundo nos consta, havia algumas telas atribuidas a pintores célebres, como Hondicoelter, Canaleto, Guárdia, Nicolau Poussin, Carracci, Sequeira, Salvador Rosa, e outros mais.

D'este período, temos encontrado algumas gravuras de Bartolozzia, quadros assinados, uns de pintores nacionais e extrangeiros desconhecidos, e outros de artistas consumados, como por exemplo, valiosos retratos saidos da exuberante e viva palêta de Pelegrini, datados de 1806 e de 1807, executados em Lisbôa, alem de um grande número de telas sem assinaturas, cujas atribuições são muito duvidosas, revelando no entanto valor artistico.

O gosto pela pintura atingiu então maior desenvolvimento, o que demonstraremos, não só dando notícia d'alguns artistas micaelenses e extrangeiros que por cá passaram, como das Exposições de Belas Artes realizadas em P. Delgada, em cujos catálogos se encontra a lista númerosa de artistas contemporâneos, profissionais e amadores.

Entre 1829 e 1867, pouco mais ou menos, permaneceram em S. Miguel alguns artistas extrangeiros.

Brandt e Charles Martin

Em 1837, residia em P. Delgada o padre inglês Brandt, que se dedicava ao desênho, sendo professor d'alguns amadores de pintura, dos quais o seu mais notavel discípulo, foi Marciano Henriques da Silva.

Um pouco depois, aparece-nos Charles-Martin, inglês?, pintor que em 1847 ensinou tambem a pintura, não tendo por emquanto conseguido descobrir nenhuma produção da sua autoria e ainda o italiano Vicente Malio, natural de Roma, que já aqui se encontrava em 1829.

Vicente Malio

Este artista viveu durante alguns anos na Ribeira Grande, casando com D. Eugénia de Moraes Pereira e partindo, aproximadamente por 1837, para o Brasil.

Vicente Malio ensinou igualmente o desênho e a pintura e executou algumas decorações, quadros de género, retratos e paineis.

Sabemos ter sido o autor d'uma tela destinada á ermida do falecido sr. Dr. Caetano d'Andrade, um Jesus Maria José, e que lá se encontra ainda, assim como da decoração do teto da sala de jantar do Paço Fonte Bela, de uns quadros grandes representando frutos, da mesma sala, e de uma ceia dos Apóstolos, nas paredes da Capela do Rosário da matriz da Ribeira Grande, com a colaboração de um seu discípulo ribeiragrandense, João Albino Peixoto.*

Malio pelas obras que nos deixou, revela ser artista de craveira pouco elevada.

Giorgio Marini

Mais tarde, este italiano veio fixar residencia entre nós, dedicando-se largamente, durante anos, e quasi exclusivamente, aos retratos, os quais ainda hoje com frequência encontramos.

Muito original no seu modo de vida, exerceu a arte por forma bastante desigual, algumas vezes, produzindo retratos deficientes, outras, revelando apreciavel equilíbrio em toda a composição, e um bom desênho, aliado a uma técnica muito cuidada e minuciosa.

Os modelos são em geral representados de busto, sobre

---

*Nota — Em 1831 passou o atestado seguinte:

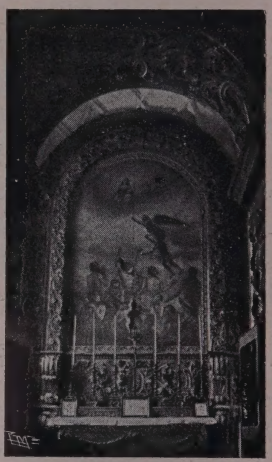
Vicente Malio pintor historico e retratista, natural de Roma, ora (1831), residente n'esta Ilha de S. Miguel, na vila da Ribeira Grande, certifico que ha dois anos e meio ensinou a arte de pintura a João Albino Peixoto, filho de Inácio José Peixoto, o qual alem de ter muito génio para a dita arte, tem feito muito progresso, tanto na figura e arquitectura, como na pintura da Historia Natural e pelo que respeita a douramento e ornato está em circumstacias de tomar á sua conta e dar pronto qualquer retábulo ou capela e as obras de quantos digo o podem asseverar ainda melhor.»

fundos escuros, os vestuários são negros e de uma constante monotonia, apenas quebrada, por vezes. pelos reverbéros, d'alguma jóia, as fisionomias são muito fieis e as carnações vivas.

Segundo informações que colhemos, parece ter pintado, habitualmente, mais forçado pela necessidade de ganhar a vida, do que por amor á arte, podendo, no entanto, bem dizer-se, ser um artista muito apreciavel.

Marini depois, por 1870, saiu d'esta Ilha com destino á Itália.

Alem de numerosos retratos da sua autoria, conhecemos mais o painel das Almas da Matriz de P. Delgada, (Fot. 57) onde ele próprio se retratou, (é a figura que está de pé, ao fundo, de barba curta, castanha); uma paisagem que pertencia ao falecido sr. Marquez da Praia, (uma miscelânea excentrica em que o artista pintou dois trechos unidos, um das Furnas e outro das Sete cidades), uma scena mortuária e um galo que apareceram na exposição de 1895. (1).



(Fot. 57) Quadro das almas da Matriz de P. Delgada, de Giorgio Marini.

Pedro Nolasco Nogueira

Quanto a pintores micaelenses, começaremos por Pedro Nolasco Nogueira, encarregado pela Santa Casa d'esta cidade de pintar a sua capela, obra que deu logar a uma questão judicial, resolvida a favor do artista, sendo a St.ª Casa condenada a pagar os trezentos mil reis que faltavam para concluil-a, da qual seguiu recurso para a instancia superior, cujo resultado desconhecemos (2).

(1) — As noticias dos artistas do século XIX não podem ser acompanhadas d'uma documentação detalhada e municiosa como as anteriores, pela razão de terem sido colhidas por meio de informações pessoais e outras dadas pela imprensa.

(2) — Livro do registo de correspondencia da Santa Casa de Ponta Delgada de 1797 a 1839 á pagg. 76 verso e 78 — no seu arquivo.

Além d'esta obra, sabemos mais ter dourado, este artista, a capela de Nossa Senhora das Caridades da Ribeira Grande em 1826 (1).

João Albino Peixoto

Quando nos referímos a Vicente Malio, falámos de João Albino Peixoto, de quem vamos dar agora notícia mais detalhada

Nasceu em 5 de agosto de 1803 e era filho de Inácio José Peixoto. A princípio dedicou-se á arte de ourives, aprendendo-a com seu tio José Caetano da Mota, artista habil que fez as lampadas da capela do Santissimo Sacramento da Conceição da Ribeira Grande e, abandonando-a depois, em 1819, passou a estudar latim, retórica e filosofia (2), revelando-se então a sua tendência poética.

Em 1829, aprendeu o desênho e a pintura com Vicente Malio, seguindo-se uma quadra da sua vida, em que, a par do exercício d'esta arte, produziu numerosas obras literárias em verso e em prôsa (3).

(Fot. 58) Retrato do pintor micaelense Marciano Henriques da Silva

Como pintor e decorador, deixou os seguintes trabalhos; capela do Senhor dos Passos do Colégio d'esta cidade, (douradura); a capela de Nossa Senhora do Rozário da Matriz da Ribeira Grande, (pintura mural de colaboração com Vicente Malio, a ceia dos apostolos); a capela do Santissimo da Conceição da mesma Vila, do Santissimo do Rosário da Lagoa, (douradura) e as de Nossa Senhora da Ajuda da Bretanha, Santissimo do Bom Jesus de Rabo de

(1)—Livro da receita e despêsa da capela de N. S. das Caridades da Ribeira Grande a pagg. 45 verso—no arquivo da Matriz da mesma vila.

(2)—Jornais do tempo—«Persuasão» de 28 de Novembro de 1900.

(3)—O «Diario dos Açôres» de 14 de agosto de 1891 traz uma notícia desenvolvida dos seus trabalhos literários, e no «Açoreano Oriental e «Revista dos Açôres» de 1852 e 1853 aparecem muitas das suas poesias.

Peixe, Nossa Senhora dos Prazeres do Pico da Pedra e Nossa Senhora das Dôres do Porto Formozo.

João Albino, segundo ele proprio declarou, aprendeu tambem a dourar e a restaurar quadros com uns tais—Carlos e Sala—, artistas *examinados em Paris* (1).

Em 1853, estava estabelecido em P. Delgada, anunciando encarregar-se de pinturas, encarnes e douraduras no estilo portugues e frances, tendo nós encontrado outro anuncio seu para "encarnar e adereçar imagens, e executar desenhos e rascunhos para toda a qualidade de bordadura, acompanhados de versos tecidos conforme o sentimento ou assunto que se deseja,, (2).

Alem dos mencionados trabalhos de douramento e decoração, pintou mais quadros de frutas, flôres e figura a óleo(3).

Como poeta, compoz dois volumes de poesias, narrando as glórias da casa real, com os quais partiu para Lisbôa em 1862, na idéa de os publicar, o que não chegou a fazer, por não ter alcançado d'ela o auxílio com que contava.

Voltando para S. Miguel, foi nomeado, em 1865, chefe do posto fiscal do porto de S. Iria da Ribeira Grande, estando aposentado quando faleceu em 12 de julho de 1891.

Marcelino Ivo Pereira

Foi decorador de certo merecimento e trabalhou, segundo nos consta, no Covento da Esperança de P. Delgada.

José Machado de Medeiros

Conhecido por—*Cafarrão*—; dedicou-se á pintura de paineis, quadros de género e decoração, em geral sem valor concorrendo com alguns trabalhos á exposição da Sciedade dos Amigos de Letras e artes em 1848.

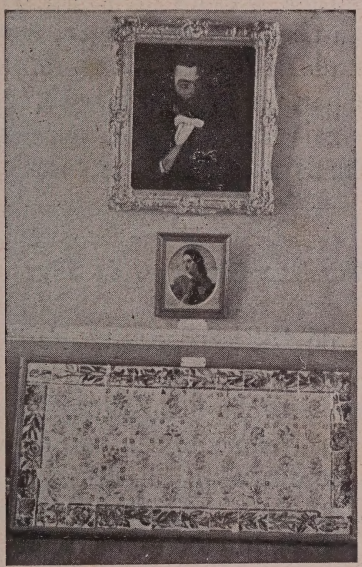
---

(1) — «Açoreano Oriental» de 16 de abril de 1853.
(2) — Açoreano Oriental» de 23 de Setembro de 1837.
(3) — Mesmo jornal de 23 de Outubro de 1847.

José Soares

Decorou o arco da Capela da Matriz da R.ª Grande com cercadura e vasos floridos, em 1823, por 240$000 rs. (1).

Como já vimos, o ensino do desenho entre nós, por artistas extrangeiros deu-se nos meados do século passado, notando-se então uma sensivel corrente de interesse pelas Belas Artes, da qual resultou a abertura de um curso de desenho pela Sociedade dos Amigos de Letras e Artes por 1849.



(Fot. 59) Quadros atribuido a Marciano Henriques Pertencente ao Museu Municipal de Ponta Delgada

D'este curso era professor Pedro d'Alcantara Leite, tendo por adjuntos, Francisco d'Andrade Albuquerque, Antonio Joaquim Peixoto de Sequeira, Manuel José Sales e Manuel Monteiro, indo o curso, que era frequentado com entusiasmo, (usando dos termos do relatório de José de Torres.) por 21 alunos, aprovando maravilhosamente.

Esta fase florescente do desenho e da pintura em S. Miguel, está claramente expressa n'este relatório de José de Torres que, referindo-se ao citado curso da Sociedade dos Amigos de Letras e Artes diz: «Ha ali talentos propensões especiaes que um dia se mostrarão com deslumbrante resplendor. Um facto que vem a proposito registar, uma observação que temos constantemente feito, é que a vocação á pintura e artes de desenho é neste paiz pronunciadissima.

(1)—Livro dos Acordãos da confraria de N.ª S.ª da Estrela da Matriz da R.ª Grande, a pagg. 12, acordão de 31 de agosto de 1823, no arquivo da mesma igreja.

Digam-no todas as nossas exposições, cuja maxima parte se compõe d'estas belas artes.

Vós tomareis na devida consideração este alvidramento e procurareis fazel-o prestadio.

Ainda é cedo para lembrarmos operações de maior escala; está antes d'isto o problema dos meios, mais tarde talvez, elles e a nossa consciencia vos aconcelhem organisar uma como academia de pintura, destinando a ella uma parte dos nosso reditos.

Quantos Rafaeis, quantos Murilos, quantos Rubens, quantos Sequeiras, terão por ventura de nascer d'ella?»

O projecto nunca chegou a realizar-se, tendo comtudo tido a impressão exagerada de José de Torres, sobre as aptidões artisticas do meio, em parte, a sua confirmação, em Marciano Henriques da Silva, o mais notavel artista micaelense do século passado e um dos mais conceituados pintores portugueses desse tempo (1).

Marciano Henriques da Silva

Em 7 de junho de 1831, nasceu na Fajã de Baixo, Marciano Henriques (Fot. 58).

A vocação para o desenho manifestou-se cedo e depois de aprender os primeiros rudimentos da arte com os dois citados extrangeiros, o padre Brandt e Charles Martin, revelando já uma notavel aptidão, foi frequentar a Academia de Belas-Artes de Lisbôa, sob a protecção do Sr. José do Canto e do padre João José d'Amaral, seu padrinho.

D'aí seguiu para Paris e posto em contacto com os mais afamados artistas francêses, entrou para o atelier de Toussant, passando depois para a Academia de Belas Artes, onde foi discipulo de Ary Scheffer.

Como a sua educação artistica não se tivesse completádo ainda, partiu para Londres e aí estudou com o notavel retratista Prescothnight, conhecendo então miss Se-

(1)—Relatorio da Sociedade dos Amigos de Letras e Artes de P. Delgada—Volume B I da Miscelanea—S. Miguel—na Biblioteca Publica.

lina Maria, tambem pintora, com quem depois veio a casar.

Em 1856 regressou a Lisbôa, hospedando-o os marqueses da Fronteira e da Ribeira Grande e considerado já como artista de valor, foi, no ano seguinte, para Roma, no intuito de se aprefeiçoar na pintura histórica.

Recomendado pelo cardial Di Piétro, nuncio na nossa côrte, alojou-se no hospício de Santo António dos portuguêses, aceitando da confraria uma mensalidade para restaurar os quadros dos reis portuguêses ali existentes.

Depois de uma demora em Itália de cerca de tres anos, onde manteve intimas relações com distintos artistas e amadores de Belas-Artes, voltou de novo a Lisbôa, fixando aí residência.

Foi então que D. Luis o encarregou do dirigir a construção de uma galeria de pintura no Paço da Ajuda, tomando-o para seu professor e nomeando-o pintor da real camara.

Mais tarde, condecorou-o com a Cruz de S. Tiago, estreitando-se entre ambos, laços da intima amisade que determinaram, ser este rei o padrinho de um dos seus filhos.

Marciano Henriques, apoz uma curta vida, faleceu nos fins de março de 1873, com 42 anos de idade.

Eis os principais traços biográficos do artista.

A sua educação foi, pelo que deixamos dito, das melhores que se podiam colher, frequentando não só os ateliers e as academias dos mais importantes centros d'arte da Europa, como mantendo relações intimas com críticos e historiadores d'arte, amadores e artistas. (1).

Passemos a enumerar algumas das suas produções das quais temos conhecimento.

Em Paris, pintou um quadro vendido por cem guineos.

Em Roma, compoz o quadro do Cardial Rei escutando a relação que lhe fez um fidalgo português da morte de D. Sebastião, tela enviada para a Academia de Lisbôa por 1860.

Nas exposições de Lisbôa, apareceram, por essa época, numerosos quadros da sua autoria, colhendo muitos elogios em

(1) Apontamentos colhidos em diferentes jornais d'esta Ilha e do Continente e fornecidos por pessoas que conheceram o artista.

especial os retratos, uma cabeça de guerreiro, um esboceto do Cálvário, uma figura denominada Inocência, outra Saudade, e o retrato de sua esposa, sendo, segundo afirmam os criticos, o seu desênho correcto e o colorido vigoroso.

Não se limitou Marciano a expor em Lisbôa, para Paris enviou as seguintes composições—: Viriato jurando vingança sobre um dos cadaveres das virgens; Tasso em companhia de dois monges, contemplando, do alto de St.º Onófrio, o Capitólio, onde deveria ter sido coroado; o do Cardial Rei; um retrato de senhora e uma cabeça de estudo; pertencendo, os dois primeiros, a D. Luiz e o terceiro á Academia de Lisbôa.

Em 1868, pintou o quadro de D. Filipa de Vilhena entregando as espadas a seus filhos para libertarem Portugal do jugo castelhano, ao qual se referiu a imprensa continental, tecendo-lhe rasgados e unânimes elogios, tendo antes enviado para esta ilha um retrato.

Em Roma, pintou uma Santa Rosália, considerada de grande valor, para a capela de Santo António dos Portuguêses e outros quadros existentes, segundo nos consta, no convento de Trezulti e na ilha de Capri.

Alem d'estes, deixou mais um filósofo; o retrato do Visconde de Castilho; outro de Bulhão Pato; o de Pinheiro Chagas; e o de um negro.

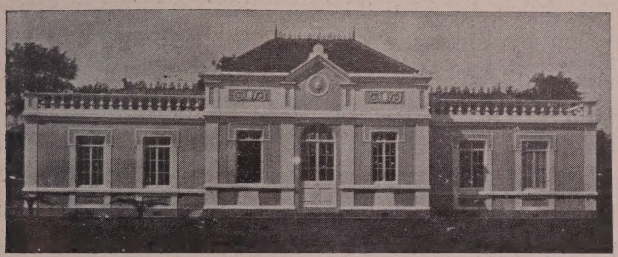
Os quadros que conhecemos n'esta Ilha e que consta existirem aqui alem dos apresentados na exposição de 1849 são: um retrato em poder da sr.ª D. Maria Inez Dulan, outro de senhora, pertencente ao sr. Dr. Guilherme Poças; uma cabeça de estudo pertencente ao sr. Artur Rebelo Moniz, sobrinho do artista, um negro e uma cabeça de bispo, do sr. Duarte Maia; o retrato do pai do sr. Cándido Fortunato de Sales, com data de 1849; Cristo e a adúltera e o retrato do sr. António Borges da Camara Medeiros, pertencentes aos herdeiros do sr. dr. Caetano d'Andrade.

Actualmente, encontra-se em Lisbôa um quadro apenas de Marciano, segundo informações fornecidas pelos directores dos museus d'arte antiga e moderna, é o do Cardial Rei, já muito deteriorado.

E finalizando, daremos mais notícia de um retrato do segundo reitor do liceu oferecido á secção de arte, pelo actual reitor o Sr. Dr. António A. Gomes Saraiva, e dois outros ultimamente adquiridos pelo museu, e atribuidos tambem a Marciano,—o retrato do Sr. Sholtz e o de uma senhora—(Fot. 59).*

Herculano Maria Gomes Machado

Marciano Henriques foi professor de um outro artista micaelense, Herculano M. G. Machado, que, em 1872, com ele



(Fot. 60) O pavilhão do museu municipal de P. Delgada onde se instalou a secção de arte.

deu lições de pintura a óleo em Lisbôa.

Este pintor era irmão do falecido Sr. Dr. Carlos M. G. Machado, fundador do museu municipal de P. Delgada. Depois de se aperfeiçoar com Marciano, estreiou-se, no mencionado ano, na exposição de Belas-Artes de Lisbôa, sendo muito apreciado pelos criticos de arte.

Alem dos quadros mencionados nos catálogos das exposições realizadas n'esta Ilha, temos mais conhecimento de dois quadros da sua autoria,—o retrato de Julio Cesar Machado e um outro, intitulado, a leitura de um romance—.

Falando ainda de Marciano, diremos que pelo mérito do artista, deverão as suas telas ocupar um logar de honra no nosso museu e por isso cumpre-nos, desde já, manifestar o

*NOTA—O retrato que irá para o museu e existente na secretaria do liceu, é o do Dr Choque, ali encontramos um outro do primeiro reitor, o padre João José d'Amaral, pintado por Damazo José da Costa que tambem foi professor do liceu.

grande interesse que temos na aquisição de obras da sua autoria.

Já hoje pouca gente se lembra de Marciano Henriques e por isso, não será demasiada toda a propaganda no sentido de dar a conhecer o seu valor artistico e de o fazer reviver, como o primeiro artista micaelense do século XIX.

Reunir o maior número possivel das suas produções, apresentando-as pela ordem cronológica da sua composição, procurando expol-as por forma a serem reveladas as influências recebidas pelo artista, na convivencia com os mais notaveis pintores do tempo, tanto inglêses como francêses e italianos, mostrando, as fases seguidas pela progressiva evolução do seu espirito e do seu temperamento, constitue, indubitavelmente, um dos desideratuns a atingir e uma especialização do museu, necessária e inadiavel.

Existindo n'esta Ilha um regular número de quadros de Marciano, quer da época em que, ainda novo, começava a manifestar excepcionais faculdades e precoces aptidões artisticas, quer do tempo em que, já então entrava no campo das responsabilidades como profissional, bom seria que alguns d'eles fossem cedidos ao museu.

O facto de não se encontrarem aqui, as mais afamadas produções do artista, não é razão para se desprezar o resto, uma vez que, para o fim que temos em vista, tão apreciadas serão essas telas de grande composição, como os seus modestos retratos do natural, (feitos antes mesmo de ter recebido as primeiras lições de desênho do padre Brandt e de Charles Martin), os seus mais antigos estudos, as suas iniciais tentativas de colorido.

Tudo acolheremos com o mesmo interesse, pedindo sejam conservadas todas as manifestações da sua actividade artistica, para que nenhuma se deteriore ou desaparêça, podendo valorizar-se no museu, e n'ele serem cuidadosamente protegidas e devidamente conservadas.

Candido José Xavier

Candido José Xavier, veio de Portugal em 1864 para de-

corar o Teatro Micaelense, decoração executada juntamente com Lambertini e ainda hoje ali visivel.

Candido José Xavier, era natural de Carnide, onde nasceu a 12 de Abril de 1823. Em 1836 entrou para a Academia de Lisbôa, completando aí os seus estudos com diplomas honrosos em 1838.

A arte dramática seduzia-o, e depois de frequentar o Conservatório, estreou-se como actor scenógrafo, em Lisbôa em 1844, no drama,—a véspera de um desafio no tempo de D. João I—.

Em 1857, é contratado para ensaiador e scenógrafo do Teátro de Variedades de Lisbôa, vindo em 1864 para S. Miguel.

Concluido o contracto de decoração do Teatro Micaelense, fixou aqui residencia, sendo nomeado professor de desênho do Liceu d'esta cidade em 1870, e depois eleito presidente da Sociedade das Artes Reunidas e professor da mesma, falecendo em 27 de Abril de 1870.

A este artista deve-se, em grande parte, o desenvolvimento da pintura e do desênho no nosso meio.

A dedicação e o amôr ás artes que professava, foram mantidos até ao fim da sua vida, pois mesmo depois de alcançar boas colocações, continuou trabalhando, concorrendo com as suas produções a oleo a diversas exposições.

Sob a direcção de tão dedicado professor, aprendeu o desênho e a pintura, bem se pode dizer, toda a geração d'essa época, no Liceu, no colégio de Miss Meston, em classes particulares e em sua propria casa, auxiliado por sua filha a S. D. Maria Vitória Xavier.

Candido Xavier, ensinou o desênho, a pintura a oleo, a pintura a pó de lápis, a pastel, aguarela, oriental e dois craions.

Lambertini

Como deixamos dito, veio com Candido Xavier o pintor Lambertini, artista que entre nós se demorou pouco tempo, pois ao terminar o trabalho de decoração do teatro, scenário

e pano de boca, representando o porto de P. Delgada, já hoje desaparecido, seguiu para Lisbôa.

Fernando Sales d'Almeida

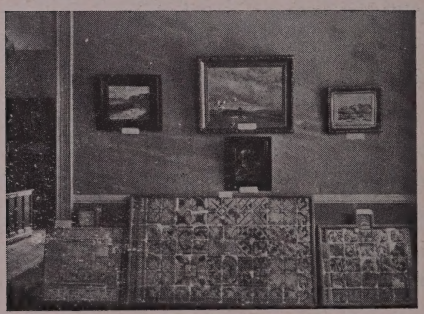
Por 1870 chegou tambem a S. Miguel este decorador continental, realizando de 1870 a 1871 o douramento e pintura da Ermida da Boa Nova da Penitenciária d'esta cidade, do retábulo do altar mór da igreja dos Fenais da Luz e outras obras de decoração.

Francisco Renard

Finalmente, com a passagem por esta Ilha do pintor francês Renard, 1874 a 1875, inicia-se um segundo periodo, em que artistas extrangeiros vem colher "os verdadeiros tezouros que por aqui jazem não enterrados mas á superficie," na frase do crítico d'arte americano Koëler.

Jules Chaume e outros

Artista impressionista, pintou por 1887 diversos trechos da nossa paisagem, deixando aqui alguns quadros assinados e datados, actualmente pertencentes ao S. Dr. José Jacinto d'Andrade Albuquerque, seguindo-se depois Hy Sandham, com boa representação na galeria do Sr. Marquês de Jácome Corrêia, Marius Borrel em 1888, 1895 e 1902, Mlle. Jeanne Le Roux em 1896, Ch. Boutet de Monvel em 1897 e Louis-Tinayre em 1904, 1912, 1913 e 1914, os quais têm acompanhado S. A. o Principe de Monaco, nas suas viagens aos Açôres e



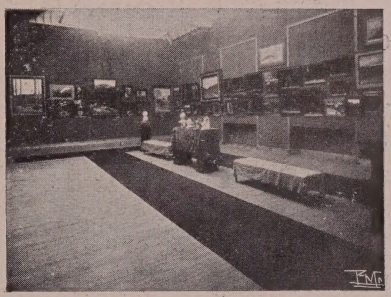
(Fot. 61) Um trecho da secção d'arte do Museu Municipal de P. Delgada.

ainda os americanos Webster, Murphy e Woodbury.

Muito longa seria a mencionação de todos os artistas e amadores micaelenses de ha trínta anos para cá, a qual reputamos desnecessária por estar feita nos catálogos das exposições de Belas-Artes.

Assim, para concluirmos estas notas sobre pintura e decoração, resta-nos indicar os certamens d'arte aqui empreendidos.

Nos fins do século XVIII, encontramos um uso seguido entre nós, por ocasião de festejos públicos, que bem se pode dizer, ser o germen das futuras exposições d'arte; era a decoração dos edifícios, feita por meio de pinturas, retratos, alegorias, símbolos, emblemas e disticos entremeados com poesias apropriadas ao acto que se solenisava.



(Fot. 62) Uma das salas da exposição Belas Artes de 1913, realizada no edificio do Sáculo XX.

Assim, foi ela aplicada nas casas do campo de S. Francisco, em 1793, nas festas realizadas por ocasião do nascimento da princesa da Beira, filha de D. João VI; no alto da Mãe de Deus, em 1814, ao terem logar as manifestações de regosijo público, pela expulsão dos franceses, «onde houve uma iluminação, (segundo o documento) (1), de mais de mil lumes, armada e enriquecida de belos quadros e primorosas pinturas, feitas com todo o engenho da arte, curiosa aplicação por um cavalheiro da terra que as figurou e ofereceu gratuitamente.

Ali se via o retrato do Principe Regente Nosso Senhor; as tres potencias unidas, Portugal, Inglaterra e Espanha; os tres genios das tres potências—; a aguia ferida e abrasada de um raio que lhe derrubou a corôa, fazendo-lhe vomitar a

(1)—Jornal a «Persuasão», de 7 de Setembro de 1904 e de 4 de agosto de 1897.

vida entre incendios e labaredas de fogo, isto acompanhado de excelentes emblêmas, tarjas, letras, dísticos, e poesias tendentes ao assunto e perfeitamente executado, tudo oferecido gratuitamente por um insigne pintor que chegára de Lisboa». Ainda depois, quando da passagem por esta ilha de D. Pedro IV, aparece repetida, segundo nos consta, a mesma forma de decoração pela Camara Municipal de Ponta Delgada.

Foram estas as nossas primitivas exposições de pintura decorativa.

Depois, em 1849, tem logar a primeira exposição devidamente organizada pela Sociedade dos Amigos de Letras e Artes, na casa que actualmente pertence ao sr. Rolando de Viveiros na rua Machado dos Santos, sendo expostas pinturas, esculturas, desenhos e arte aplicada (1), da qual, não ficou catálogo publicado, tendo apenas encontrado os apontamentos para a sua composição que reproduzimos adiante (2). Esta exposição foi seguida de outra em 1850, na casa do Largo da Misericórdia, hoje, Hotel Central, tambem sem catálogo.

Decorre então um periodo de cerca de trinta anos, durante o qual não encontrámos notícia d'outras exposições.

Só em 1882 por ocasião do Centenário de Camões, foi feito novo certamen d'arte no Liceu d'esta cidade, com catálogo publicado, seguindo-se as exposições: de 1895, de Industrias Artes e Sciencias, no Relvão, (com catálogo); de 1901, por ocasião da visita régia, no Relvão, (com catálogo da secção d'amadores de Belas-Artes), de Indústrias, Artes e Sciencias; de 1910, na Escola de Desênho Indústrial Velho Cabral, organizada pelo seu director, o sr. Artur May, com trabalhos seus e dos seus discipulos, (sem catálogo); de 1911, n'uma casa da Rua dr. Bruno, feita pelo professor da Escola de Desênho Indústrial, sr. Constancio Gabriel da Silva, com trabalhos seus e de discipulos, (sem catálogo); de 1912, do mesmo professor, na rua António J. d'Almeida, com produ-

(1) Relatório de José de Torres — volume B I — Miscelanea, S. Miguel — na Biblioteca de P. Delgada.

(2) — Biblioteca de S. José do Canto.

ções suas e de discipulos (com catálogo); de 1912, (abril), no Teatro Micaelense, do sr. João Cabral, aguarelas, (com catálogo); de 1912, do Sr. Domingos Rebelo, na sua residencia, na rua da Arquinha (com catálogo); de 1912 (julho), do sr. João Cabral, nas salas da Associação do século XX, (com catálogo); de 1913 do sr. Constancio G. da Silva, nas salas do Século XX, trabalhos seus e de seus discipulos, (com catálogo); de 1913, Grande Exposição de Belas Artes, no Século XX, por ocasião das Festas da Confraternisação Açoreana, (com catálogo), (pronunciando no momento da abertura um discurso inaugural, o ilustre advogado e professor do Liceu o S. Dr. Lúcio Agnelo Casimiro) (Fot. 62); de 1913, do sr. Domingos Rebelo, no Século XX (com catálogo); de 1914, do sr. Constancio da Silva, no Asylo de Infancia Desvalida, trabalhos seus e dos seus discipulos (com catálogo); de 1914, Grande Exposição de Belas-Artes, no Paço Fonte Bela (com catálogo) (Fot. 63); de 1915, Grande Exposição de Belas-Artes no Paço Fonte Bela, com catálogo, e a da Sr.ª D. Maria Sabina, de Vasconcelos, em Novembro de 1915, no salão do teatro micaelense (com catálogo).

(Fot. 63) Uma das salas da exposição de Belas Artes de 1914, realizada no Paço do Sr. Barão da Fonte Bela.

Na sequencia de exposições átraz relembradas, está a prova evidente e clara do desenvolvimento que n'estes ultimos anos tem tido, em S. Miguel, a cultura das artes, especialmente do desenho e da pintura, muito impulsionadas, não só pela Escola de Desenho Industrial Velho Cabral, como ainda pelo ensino particular, criteriosamente ministrado por alguns dos professores que pela referida escola, têm passado, notando-se ainda uma crescente apreciação, particularmente da pintura a oleo, revelada no avultado numero de vendas realizadas n'essas ultimas exposições.

CAP. V

ARQUITECTURA RELIGIOSA E CIVIL

Só dos começos do século XVI em diante, principiamos a ter notícia de algumas construções de certa importancia, n'esta ilha, sendo a da antiga matriz da Ribeira Grande, a mais afastada que por emquanto conhecemos.

João de La Penha

Em 1507, contrataram os nobres da vila, com o biscainho —João de La Penha—, mestre d'obras, a edificação do referido templo, por cento e quarenta mil reis (1), tendo, por consequencia, vindo até nós a mesma tendência manifestada em Portugal, no sentido de chamar mestres biscainhos, para dirigirem, obras de construção de igrejas e de fortalezas.

Fernão Alvares

Alem de João de La Penha, conhecemos outros mais ar-

(1)—Extractos de documentos micaelenses do sr. dr. Ernesto do Canto,—vol. 2.º, pagg. 21—Biblioteca de P. Delgada.

quitectos d'este século: Fernão Alvares foi, em 1520, encarregado da edificação de uma ponte de pedra sobre a ribeira da mesma vila; ponte «de doze côvados de largo (em vão), com outros tantos de altura e vinte e dois palmos de largura por dentro». A obra foi tomada de empreitada por cincoenta mil reis, mas subiu a quatro centos mil reis, dispendidos pelo dito mestre. (1).

Pedro Machado

Em 16 de março de 1545, Pedro Rodrigues e sua mulher, contrataram com Pedro Machado a obra da capela mór do Convento de Jesus d'aquela vila, de «abóbada com seu corucheu», e ainda o portal da igreja, por outenta mil reis, sendo fornecidos os materiais por Pedro Rodrigues (2).

Afonso Machado
Manuel Machado, Tomàz Benedito e Pero Maeda

A 4 de Agosto de 1544, Afonso Machado compromete-se com Afonso e Geronimo de Matos, a concluir a antiga ermida de Nossa Senhora da Conceição de P. Delgada, (2) seguindo-se as duas mais importantes constuções d'este século,— o Castelo de S. Braz, hoje mutilado e a Matriz d'esta cidade, cheia de remendos.

As obras do castelo foram dirigidas por Manuel Machado, Tomaz Benedito e Pero Maeda biscainho (3), a matriz por vários mestres, sendo, a nosso ver, continentais os autores das suas portadas.

Das construções d'este tempo ainda nos restam alguns vestigios pelos quais se vê ter sido o estilo manuelino tambem seguido entre nós.

---

(1)—Extractos de documentos micaelenses—vol. 2.º, pagg. 22.
(2)—Extractos de documentos micaelenses—vol. 4.º pagg. 101.
(3)—Arquivo dos Açôres, vol. 9, pagg. 170, 168 e vol. IV pagg. 80.

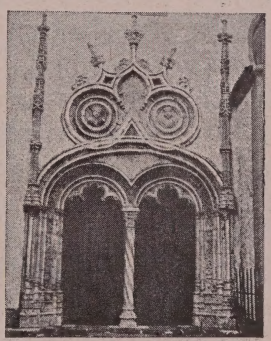
(Fot. 64) Porta lateral (norte) da Matriz de P. Delgada

Assim, encontramos uma fonte no muro do jardim da Capela de Terceiros d'esta cidade, com a data de 1552, a ermida de Nossa Senhora das Candeias, nos Fenais da Luz, devendo ser a que Jacome Dias Correia ordenou fosse feita, em seu testamento de 18 de Outubro de 1549 (1), duas janelas em uma casa da Ribeira Grande, junto á Camara Municipal, cujas linhas superiores obedecem ao mencionado estilo, apresentando uma d'elas, na parte inferior um painel retangular, em alto relevo, com um grifo, um dragão e um pelicano, e finalmente as portadas da Matriz de Ponta Delgada exemplares já perfeitos e valiosos.

Antonio Gonçalves

Antes de falarmos d'elas, daremos a conhecer o mestre, Antonio Gonçalves, que construiu a torre actual da igreja, obra contratada em 1575, por mil duzentos e sessenta reis, cada braça d'altura (2).

As duas portas laterais, ao norte (Fot. 64) e ao sul, (Fot. 65) e a central, (Fot. 66) aberta no frontispício da igreja, são o que de mais interessante possuimos em arquitectura manuelina, devendo notar-se, demonstrar a primeira, em alguns ornatos, um começo de transição para as formas arquitectónicas que haviam de predominar depois no século XVII; esta é feita em bazal-



(Fot. 65) Porta lateral (sul) da Matriz de P. Delgada.

(1) — Extractos de documentos micaelenses — vol. 4.º, pagg. 101.
(2) — Extractos de documentos micaelenses — vol. 2.º, pagg. 21.

to e aquelas em pedra de Portugal. A porta central tem a emoldural-a outras duas portadas que, como o remate do frontispicio, são já no estilo do século XVIII.

As manuelinas vêm da primitiva, dos meados do século XVI, o resto, como depois veremos, não passa de uma remodelação operada no edifício por 1730.

Lupedo e Afonso Fernandes

Levantada a igreja entre 1533 e 1545, saiu, como era natural, no estilo dominante no continente. Vários mestres n'ela trabalharam e d'eles temos conhecimento por Frutuoso, (1) que nos diz ter sido um tal Lúpedo de Portugal, quem primeiramente veio a esta ilha, tomando o compromisso de construir o templo por 1:380$000 rs.

(Fot. 66) Porta principal da Matriz de P. Delgada.

Este mestre regresou a Portugal e tendo de se demorar, mandou a pedra para os portais e pilares e outro mestre, de nome Afonso Fernandes, para que fosse trabalhando até que ele voltasse.

Lupedo, porem, foi vitima de um desastre e desaparecendo, deu-se então a obra por arrematação a outros mestres, Estevão da Ponte e Afonso Machado, talvez o mesmo a quem já nos referimos e que concluiu a antiga ermida da S.ª da Conceição.

Nicolau Fernandes e André Fernandes

As portas e pilares foram lavrados por dois irmãos, Nicolau Fernandes e André Fernandes, a obra de alvenaria foi feita por Estevão da Ponte e Braz da Ponte seu irmão, a de

(1) — Dr. Gaspar Frutuoso — Saudades da Terra, cap. 43, livro IV.

carpinteria, arrematada por Diogo Dias e Pero Fernandes, *da cidade*, *e* Diogo Alves, *d'Agua de Pau.*

O que nos leva a supor terem sido os lavrantes Nicolau Fernandes e André Fernandes, do continente, resume-se no seguinte:—o dever ser muito custoso, senão impossivel, aos mestres micaelenses produzirem uma tão trabalhosa e complicada obra em material para eles totalmente desconhecido; as enormes dificuldades em que se embrenhariam, para realizar o plano, por não terem outra prática a não ser a de fazerem edificios modestos e sem pretensões artísticas, dizendo Frutuoso serem notaveis por esse tempo, pouco mais ou menos,em P. Delgada, as casas de dois sobrados e o facto de ter o historiador, ao chegar aos nomes dos carpinteiros Diogo Dias, Pero Fernandes e Diogo Alves, dito expressamente serem os dois primeiros da *cidade* e o terceiro de *Agua de Pau*, donde parece poder-se concluir que, vindo esses nomes mencionados juntos, e nada dizendo sobre a naturalidade dos restantes, serem estes de fóra da Ilha, manifestando bem preocupação, em marcar com segurança, os domicílios dos de cá,—(cidade e Agua de Pau)—.

Vemos assim, ter partido de mestre Lúpedo um plano para cuja realização mandára a pedra necessária, vindo depois a ser executado por outros mestres.

D'esse plano, talvez alterado pelos segundos arrematantes, restam-nos as tres citadas portas; das quais a do sul é a nosso vêr a mais interessante.

Emcimada por dois medalhões circulares, com dois bustos em alto relevo; dizendo uns, representarem D. João III e a rainha, outros, os próprios mestres lavrantes e outros ainda os condes de Vila Franca, capitães donatários de S. Miguel, apresenta uma fina cercadura de bons relevos, e é pela larguêza e euritmia das linhas, sem duvida, uma manifestação da arquitectura manuelina muito apreciavel. *

Em todas elas encontramos trechos interessantes no estilo em que se filiam onde estão esculpidos os motivos dominan-

*NOTA—A hipótese de se terem retratado nos medalhões os mencionados mestres, parece-nos pouco admissivel, tanto mais que a figura da direita é a de uma mulher.

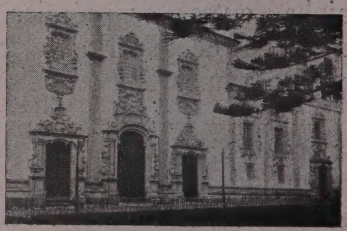
tes,—fauna e flora marítimas, brutescos, pinhas, cogoilos, grifos e florões, notando-se na parte ornamental d'estas portadas, cujos detalhes se acham reproduzidos em gessos, (arrecadados na Repartição das obras Publicas do Estado e que deligenciaremos transferir para o museu), uma grande sobriedade de decoração e elegancia de traçado (quatro nichos laterais da porta central e seus baldaquins), determinadas talvez pela exiguidade do material importado e que parece ter obrigado o arquiteto a procurar melhor a colocação e o amanho dos ornatos, não apresentando a pesada acumulação, nem a confusa sobreposição de elementos decorativos que se nota em outras construções do mesmo estilo existentes no Paiz.

O plano primitivo de Lúpedo, devia ser o de um templo de planta crucial românica, cuja frente estaria ocupada apenas pela porta central e pouco mais, alem da torre dos sinos que fica á direita; a cabeça da cruz rematava com outra torre chamada do relógio, hoje desaparecida, da qual ainda resta um botareu do lado de sueste.

Eis a idéa que fazemos da primeira fase da igreja.

Os braços da cruz eram formados pelas duas capelas actualmente da invocação do Coração de Jesus e dos Reis Magos, as quais ostentam abobadas fechadas por bustos em relevo, talvez dos respectivos instituidores e gárgulas no exterior, tendo a primeira alem d'esta decoração, no alto, um escudo com um montante e algumas conchas.

As modificações e os alargamentos no templo seguiram-se depois, tanto no exterior como no interior, dos quais resultou a miscelanea que hoje apresenta; o que não oferece a mais pequena dúvida, é virem os portais de 1545 sem alteração, tal como sairam das mãos de André Fernandes e de Nicolau Fernandes. Alem da obra da matriz sabemos mais ter

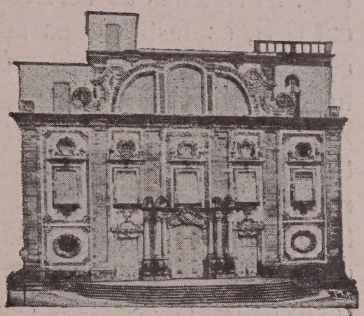


(Fot. 67) Igreja de N.ª S.ª da Conceição de P. Delgada.

Nicolau Fernandes feito a primeira ermida da Mãe de Deus d'esta cidade, por ordem de Diogo Afonso Cogumbreiro; «homem rico e poderoso que viveu a princípio em Vila Franca e depois em P. Delgada, perto do monte onde hoje vemos a ermida» (1) segundo diz Frutuoso.

Recapitulando, encontramos no século XVI os seguintes arquitétos e mestres d'obras. a trabalhar n'esta ilha:

João de La Penha—biscainho.
Pero Maeda—biscainho.
Lúpedo—de Portugal.
Afonso Fernandes—talvez de Portugal.
Nicolau Fernandes—talvez de Portugal.
André Fernandes—talvez de Portugal.
Fernão Alvares.
Pedro Machado.
Afonso Machado.
Manuel Machado.



(Fot. 68) Igreja do Colégio de P. Delgada

Antonio Gonçalves—que não sabemos se eram, ou não micaelenses.
Estevão da Ponte.
Braz da Ponte, de Portugal e Tomaz Benedito que se nos afigura ser tambem continental.

Relativamente a Pero Maeda, diremos ainda ser o mestre d'obras de el-rei n'esta Ilha e quem aprovou e dirigiu a realização do plano do 7.º capitão donatário D. Ruy Gonçalves da Camara, para aumentar a capela mór da antiga Misericórdia d'esta cidade, por 1577 (2).

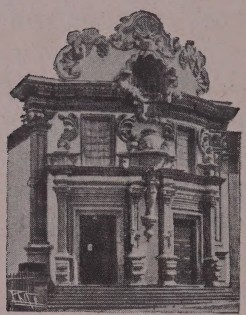
A partir do terceiro quartel do século XVI, ou mesmo talvez antes, começa-se a notar mais nitidamente a interferen-

(1) — Frutuoso — Saudades da Terra, Livro 4.º, cap. 6.
(2) — Frutuoso — Saudades da Terra, cap. 96, livro 4.º,

cia de um novo estilo, é a transição para o século XVII, no qual a arquitectura jesuita se manifesta então com maior desenvolvimento.

Assim, por exemplo, na construção da ermida de S. Braz d'esta cidade, em 1584, foi já por completo banido o estilo manuelino; as volutas vão aparecendo sob variadas formas, nos edificios dos começos do século XVII e depois, os frontões, as conchas de diversas estilisações, os relevos em SS e em G G, os festões e os acantos tudo invadem, afastando-se os nossos mestres dos do continente, na aplicação dos elementos decorativos.

As igrejas que conhecemos d'este estilo, em Portugal, não têm a profusão de ornatos d'algumas das nossas, onde com frequencia se empilham e amontoam os lavores em cantaria, chegando a prejudicar, por vezes, o traçado geral da obra. Devemos notar tambem a persistencia do tipo geral caracteristico das igrejas com uma só torre lateral, sem corucheo, terminando em balaustrada rematada nos quatro angulos com pirâmides fusiformes, por cujas paredes aparecem seteiras e barbacãs e no alto os arcos de volta redonda das sineiras.



(Fot. 69) Igreja de S. Francisco da Ribeira Grande.

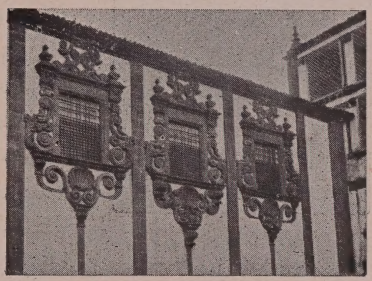
A igreja de uma ou de tres naves, tem forma de cruz latina, abrindo-se em geral, pelas paredes laterais, tres ou quatro altares, por cada banda, terminando a capela mór n'um amplo retábulo sem abside.

A tendencia para tudo recamar, no interior dos templos, de levantada e complicada talha, que depois atingiu o seu apogeu no século XVIII, foi acolhida tambem pelos mestres lavrantes d'este século, dos quais passamos a dar algumas notícias.

Arquitetos e mestres lavrantes

Em 1614 existia em P. Delgada um arquiteto chamado

Manuel Tavares, denominado no respectivo documento mestre de arquitectura (1) e pelos meados d'este século, d'outros mais mestres lavrantes de pedra e pedreiros temos notícia:—José Fernandes, André Martins, D.cs d'Oliveira, Manuel de Fontes, Manuel da Costa, Gabriel Pires, Manuel Pires, Manuel Dias Rovoredo, José da Costa, Carlos de Castro que fez as lavouras para a Misericórdia d'esta cidade em pedra da Vila Franca em 1685 (2), Gaspar Jorge e Manuel Teixeira, a quem foram pagos tambem no mesmo ano trinta mil reis pela factura de treze portais, de portas e janelas etc., e duas colunas, (3).



(Fot. 70) Janelas de St.º André de P. Delgada.

Ainda por esta época, 1688, trabalharam em Vila Franca dois mestres, Manuel Rois e Josephe de Paiva, que, com mais dois oficiais, lavrou a cimalha, a cruz e a portada da igreja do convento de St.º André, assim como o seu painel, (4).

Principais edificações do século XVII em Ponta Delgada

No decorrer d'este século foram construidas; a igreja de S. João, a dos Gracianos, de N. Sr.ª da Conceição (Fot. 67) um dos mais harmónicos edifícios que possuimos d'esta época, 1664 a 1671, ornado de lavouras de desênho interessante e largamente traçado, feito sob a direcção do mestre de obras Agostinho Ferreira (5) e a vetusta igreja do Colégio, levantada no mesmo local onde, em 1592, havia sido construida primitiva. (Fot. 68).

---

(1)—Livro das Lembranças da St.ª Casa de P. Delgada, de 1614-1615 a pagg. 64—no seu arquivo.

(2)—Livro da Conta Corrente da St.ª Casa de 1685, a pagg. 104—no seu arquivo.

(3)—No mesmo livro, a pagg. 109.

(4)—Livro das despezas do convento de St.º André de Vila Franca, de 1682 a 1693—contas de janeiro de 1688, no arquivo da Repartição de Fazenda d'esta cidade.

(5)—Extractos de documentos micaelenses, vol. 2.º, pagg. 9 na Biblioteca d'esta cidade.

(Fot. 71) Portão do carro de St.º André de P. Delgada.

Como esta se tivesse arruinado, procederam os jesuitas a nova construção que durou de 1625 até 1666.

No frontespício ornamentado com elevada e profusa cantaria, abrem-se tres portas, ostentando a do meio, seis colunas e uma grande concha; seguem-se cinco janelas rematadas por o o, as quais são todas emolduradas por faixas de ótimas lavouras, assim como os dois outros o o dos cantos laterais inferiores do edifício.

Por sobre a longa e saliente cimalha, aparece mais, como remate, uma grande janela semi-circular, composta de tres partes, revestida igualmente de ornatos em bazalto.

O edifício não ficou concluido, pois não só lhe falta a sineira da esquerda, como o final do frontispício, onde os acrotérios circulares nos fazem prezumir o plano de ser rematado com estátuas de grandes dimensões.

Na Ribeira Grande, citaremos a fachada da igreja do convento de S. Francisco, a qual foi, tambem construida pelos meados do século XVII. (Fot. 69)

Nas investigações sobre a origem das nossas construções civis, não temos sido felizes, razão porque não podemos descer, n'este ponto, a detalhadas minuciosidades; estamos porem convencidos, vir dos fins d'este século, um tipo de casa micaelense que foi depois seguido no século XVIII e que ainda hoje encontramos.

São as casas nobres n'um só andar, de amplas aberturas revestidas de lavouras largas e lisas; tendo por decoração, no alto das portas e janelas, um quadro rectangular em alguns casos, sustido por misulas, donde se destacam em elevado relevo duas

(Fot. 72) Ermida da Mãe de Deus de P. Delgada

ou tres pirâmides quadrangulares unidas, aparecendo identico motivo em ficira, na linha divisória do rez-do-chão para o primeiro andar e na da cimalha, que como a plataforma das varandas é geralmente bojuda e saliente em, cavetos e ducinas.

As arestas das lavouras são chanfradas, terminando em bico e as extremidades dos telhados rematadas com uma saliencia lanceolada que no seu tipo mais antigo representa uma pomba voando, talvez o simbolo do Espirito Santo, como em alguns pontos do Paiz, por exemplo, Aveiro e Tomar, onde esse ornato dá a impressão de um angulo de telhado chinez, apresentando-se as telhas, sob uma forma arrendada que entre nós não se encontra.

N'estes edificios aparecem por vezes, gárgulas terminando em carrancas, escudos brazonados e piramides, restando ainda ténues vestígios de altas adufas recticuladas, com seus opérculos, ocultando a janela em quasi toda a altura.

Como exemplares d'esta decoração arquitectonica, indicaremos a casa do Snr. Visconde do Porto Formoso, na rua dos Mercadores de Ponta Delgada, outras mais na Ribeira Grande e a torre da matriz d'esta vila.

No século XVIII, continua a manifestar-se identico estilo sendo utilisados os mesmos motivos decorativos com ligeiras alterações, mais aglomerados talvez, mas, segundo nos parece, n'uma aplicação mais criteriosa, tirando os mestres lavrantes melhor partido do claro escuro.

(Fot. 73) Os Arcos do Cais de P. Delgada.

Das obras que nos restam d'este periodo, destacaremos algumas das mais interessantes, que pelo seu desênho vigoroso e bonitos efeitos das tonalidades próprias da pedra, pelas felizes fantazias da decoração, pela firmêsa das linhas, cuidado na execução, e homogeneidade das suas partes inte-

grantes mais nos atraem e maior valor artistico revelam.

As tres janelas do poente do frontispicio de Santo André d'esta cidade, (Fot. 70) cuja data da construção não podemos marcar ao certo, são a nosso vêr, exemplares da arquitectura micaelense com caracter local mais acentuado.

(For. 74) Janela da casa do Snr. Dr. Gil Jacome de Medeiros em P. Delgada.

Na arquitectura, revela-se talvez maior poder imaginativo do que na talha, menos gongorismo e uma aptidão tecnica muito notavel.

Pelos meados do século XVIII, parece terem querido os mestres lavrantes rivalisar com os entalhadores, apresentando em pedra, obras semelhantes ás que revestiam os altares das igrejas. As portas laterais do frontispicio da matriz d'esta cidade (Fot. 66), são como que a revelação d'essa preocupação. As suas lavouras, com columnelos salomónicos sustendo altos frontões e de pedestais decorados com festões de frutos, foram mandadas fazer, em 1726, pelo visitador João de Souza Freire, a quem já nos referimos e talvez mesmo por ele delineados, suposição esta, originada nas notas biográficas que se encontram a seu respeito, no livro dos óbitos da matriz da R.ª Grande, pelas quais se reconhece ter sido este vigário desenhista e amador de cousas de arte, dando por exemplo, ele próprio o desênho para o cadeirado da mesma matriz, sendo muito provavel ter exercido uma certa influência no acentuado desenvolvimento atingido, pelos meados do século XVIII, por alguns ramos de arte, tais como, a arquitectura, a talha, a ourivesaria, a decoração, a tecelagem e a serralharia. (1)

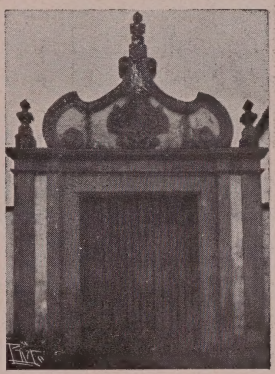
Todo o frontispicio, á excepção da citada porta manuelina, vem d'esta época, o que se vê pelas proprias palavras d'este

(1)—Não nos foi possivel compulsar o livro citado, guiando-nos por uma cópia da pagina referente a Souza Freire e que nos foi absequiosamente emprestado.

visitador quando diz:» Achei que o frontespício da porta principal d'esta igreja está indecente e não condiz com a arquitectura da porta da igreja e necessita de um chapalunho (ou chapacunho) e uns botareos para sobre eles correr uma semalha pelo teto da igreja; que se aibram janelas n'elle para darem luz á igreja e ao côro e que as subnaves estão muito arruinadas e necessitam de que os tetos se façam de novo para dizerem com o teto do corpo da igreja pelo que mando que Rd.º Vigario faça a dita obra tirando esmolas pelo povo d'esta freguezia ou requerendo finta ao provedor dos Reziduos; e não sendo esta suficiente requeira provisão a Sua Magestade que Deus guarde para ser fintado o povo e fazendas da dita paroquia», (1).

Alem das construções já indicadas, falaremos ainda da igreja de S. Pedro de Ponta Delgada.

Ignorando-se a época em que se levantou o primeiro templo, sabemos porem que nos fins do seculo XVI, foram n'ele feitas obras, sendo autorisada uma finta de 200$000 rs. por ano, durante tres anos por alvará de 3 de Outubro de 1592 para elas se concluirem (2).



(Fot. 75) Portão da Casa Gimbron no Loreto.

E' esta a primeira noticia de reconstrução da igreja que depois em 1640 se arruinou, começando em 1642 nova reconstrução, tambem por meio de finta lançada nos freguezes e de esmolas.

O novo templo edificado no mesmo sitio do antigo, foi no entanto, de maiores dimensões, concluindo-se em 1645 (3).

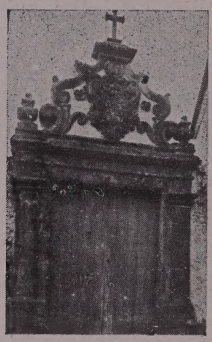
Um século depois, em 13 de Março de 1733, ordenou D. João V, pelo concelho da Fazenda, deferindo um requerimento dos paroquianos que se tornassem maiores a igreja, a sa-

(1)—Livro das visitas da Matriz de Ponta Delgada, volume I a pagg. 229—no seu arquivo.
(2)—Arquivo dos Açôres vol. 4.º pagg. 95.
(3)—Extractos de Documentos micaelenses do Dr. Ernesto do Canto, Livro 1.º na Biblioteca de P. Delgada.

cristia e a capela mór, fazendo-se as despezas com essas modificações pelos cofres reais(1).

Pelo que deixamos dito vemos dever ser o actual frontispicio o d'esta ultima reconstrução.

No frontão do portão do carro do convento de Santo André (Fot. 71) nas janelas da capela anexa á igreja de S. Francisco, na ermida da Mãe de Deus, 1776 (Fot. 72) e nas armas dos Arcos do Cais (Fot. 73) encontramos igualmente formas da arquitectura religiosa e civil do século XVIII, assim como na janela da casa do sr. Dr. Gil Jácome de Medeiros, na rua do Melo d'esta cidade; (Fot. 74) onde as colunas, em espiral de pedestais constituidos por sereias são ornamentadas com pampanos e cachos de uvas.



(Fot. 76) Portão do solar do Sr. Marquez da Praia, na Fajã de Baixo.

Alguns portões de casas nobres têm frontões decorados com escudos, onde as armas, gorgeiras, lambrequins, elmos, e outros ornatos exteriores aparecem bem lavrados, de molduras altas, onde foram utilisados motivos decorativos de estilisação identica á da arquitectura religiosa, que é, de resto, a mesma da talha, da pintura decorativa e até mesmo dos mais modestos desenhos que se encontram nos livros antigos(2).

Os portões dos solares das familias—Cymbron (Fot. 75) e Marquez da Praia,—no Loreto e na Fajã de Baixo, são bons exemplares, d'entre os numerosos frontões armoriados que se encontram por toda a ilha.

(Fot. 77) Frontespicio de St.º André de P. Delgada.

(1)—Album Micaelense do Sr. Abranches—Arquivo dos Açôres vol. XII pagg. 263 e 40.

(2)—Letras maiusculas e desenhos ornamentais do Livro da Receita e Despeza da Santa Casa d'esta cidade de 1636-1637 a pagg. 2, 3 e 6—no seu arquivo—e a capa do mesmo.

—Livro da Irmandade sendo provedor Gaspar de Medeiros de Souza.

—Livro da receita e despeza de 1718 sendo provedor o tenente João Borges da Camara, (decoração a côres).

—Livro corrente da receita e despeza de 1729.

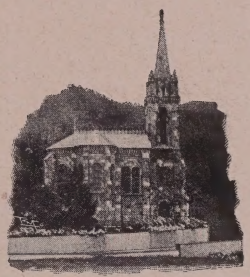
—Livro dos Assentos de Irmãos de 1621.

—Livro da receita e despeza de 1719—(todos no arquivo da mesma Santa Casa).

João Fen.°

Era um dos mestres que lavrava brazões heraldicos e sabemos ter em 1766 feito as armas para a Misericórdia d'esta cidade por 47$190 rs, incluindo os materiais (1).

Devemos notar manifestar-se a arte de lavrar a pedra, do século XVIII, ainda nos O O de escadas antigas, recortados sobre desenhos, muitas vezes de uma simplicidade flagrante, mas engenhados por forma a produzirem apreciaveis efeitos decorativos, assim como em antigos lagares, mezas de pedra etc.



(Fot. 78) Ermida do Sr. José do Canto nas Furnas (século XIX).

Consideramos portanto, esta fase, a mais florescente do antigo ramo de arte de que vimos tratando e que depois decaiu, seguindo-se novas orientações.

D'esta segunda fase de transição vem, por exemplo, o frontispício da igreja de Santo André (Fot. 77) reconstruido pelos começos do século XIX (2), no qual o remate é inspirado ainda no estilo antigo, divergindo já muito, as tres portadas e as cinco janelas que por sobre elas correm.

De uma maneira geral, afigura-se-nos podermos indicar tres períodos por que passou a escultura arquitectonica n'esta ilha; a principio filiada no estilo manuelino, pouco mais ou menos até ao terceiro quartel do século XVI. entra depois, n'um outro que se prolonga por dois séculos, no qual o estilo jesuitico se manifesta sob uma forma regional, caracterisada pela acumulação e proeminência dos relevos vigorosos, e finalmente o do século XIX, em que pela crescente substituição das antigas e opulentas lavouras, de belos sombreados e de harmónicas tonalidades azuladas, por imitações em argamassa e cimento, banais e inesteticas nos parece ir decaindo

(1)—Livro da conta corrente da mesma Santa Casa de 1765-1767 a pagg. 162—no seu arquivo.

(2)—Livro das contas gerais do convento de Santo André d'esta cidade de 1792 a 1800 a pagg. 44—no arquivo da Repartição de Fazenda da mesma.

a arte do canteiro, deixando no entanto um valioso sinal de vitalidade na ermida do Sr. José do Canto, n'uma das margens da Lagôa das Furnas.

CAP. VI

CONSTRUÇÃO NAVAL

Tendo já feito uma rapida referencia á construção naval, passamos a dar agora, uma notícia mais detalhada a seu respeito.

A colonisação dos Açôres no século XV, como já vimos, feita na sua grande maioria por núcleos de população do continente português e especialmente, segundo parece, por gente do Algarve, o ponto originario e o fóco inicial donde irradiou a expansão maritima nacional, trouxe-nos tambem a tendencia aventureira para os descobrimentos que tanto celebrizou Portugal.

Pertencendo a um povo de navegadores, os açoreanos, lançaram-se em sucessivas e prolongadas viagens de exploração dos mares para o ocidente, havendo noticia de navegadores no século XV e começos do seguinte, alguns d'eles micaelenses, (1) os quais, se não tiveram a ventura de ver plenamente realizados os seus ideais, revelaram, no entanto, uma iniciativa honrosa que não deve ser olvidada, um concurso

(1) — Dr. Ernesto do Canto — Arquivo dos Açôres Côrtes Reais.

memoravel para o imenso dominio dos portuguêses e uma colaboração patriotica na pagina mais gloriosa da Historia Patria, a da nossa epopeia maritima.

A idea dominante de descobrir novas terras, aliada á necessidade imperiosa de meios de comunicação, particularmente com o continente português, e depois ainda, o proprio instinto de defeza contra os corsários, para quem os Açôres seriam uma importante base de operações das suas piratarias no atlantico, foram as causas determinantes do aparecimento da construção naval e seu desenvolvimento em S. Miguel e nas demais ílhas do arquipélago, industria explorada mais ou menos por onde os portuguêses se fixaram e que se desenvolveu gradualmente, no decorrer do século XVI, á medida que o comercio insular, como resultante da riqueza agricola, se foi expandindo, infiltrando-se nos paizes de novo conquistados e submetidos á corôa de Portugal, ou estabelecendo-se com as nações da Europa.

A abundancia de madeiras que então cobriam o solo em longas extensões, estimulou, por certo, pela sua vizinhança do litoral, a arte de fazer navios, á qual se refere Gaspar Frutuoso em pontos dispersos da sua obra.

Ele nos diz, por exemplo, ter o capitão donatário D. Ruy Gonçalves da Camara mandado fazer um "formoso,, galeão no porto dos Carneiros da Lagôa, onde seguiu seu filho D. Manuel da Camara, para ir casar a Lisbôa com D. Joana de Gusmão (1), navio artilhado e armado com munições de guerra, de modo que podia navegar sem medo de corsários. De bonitas linhas, de solida construção e com bôas condições de navigabilidade e guerreiras, o galeão de D. Ruy Gonçalves, revela não uma industria hesitante, mas pelo contrario, um aperfeiçoamente tecnico da arquitectura naval já muito apreciavel, em que não só se atendia á solidez da armação, como tambem á sua estética.

Nos Póços, perto dos Fenais da Luz, fizeram-se navios (2) assim como no Porto Formoso.

(1) — Saudades da Terra Liv. IV cap. 77.
(2) — Saudades da Terra Liv. IV cap. 47.

Este estaleiro parece ter sido dos mais importantes: «aí vararam e foram feitos muitos navios» diz o cronista, e acrescenta ainda, d'ele ter saido uma embarcação de grande tonelagem, uma das maiores que n'esta ilha se construiram, pertencente a um tal Fernando Correia de Souza, madeirense, lançada á agua «com muita festa e grandes banquetes como ele costumava fazer com sua liberal condição e com este gosto fez a primeira viagem para Lisbôa e de lá para a ilha da Madeira donde era natural; saindo em terra, foi recebido com muita honra dos seus parentes e amigos, com os quais estando jantando, levantou-se uma grande tormenta que deu com o navio á costa e o fez em pedaços, sem nada se salvar, em que ele perdeu quanto tinha e vendo-se assim desbaratado e pobre foi para as Indias de Castela, sem se saber mais novas d'ele.....»

No porto dos Bateis, nas Feteiras, foi tambem feita uma nao de grandes dimensões, ao que parece no inicio d'esta industria (1) e a Povoação ainda hoje perpetua o nome de um construtor naval, dando-o a uma das suas lombas, a do— João Loução—, que, segundo ainda Frutuoso, construiu uma caravela junto á casa onde vivia (2).

Assim, atravez de repetidas notícias, umas claras e definidas como a de Pedro Vaz, homem nobre e poderoso, morador em Ponta Delgada, conhecido por marinheiro, por ter mandado fazer naos e navios (3) e outras confusas e incompletas, nós vamos discriminando não só a existencia de uma indústria activa e prospera, pelos meados do século XVI, como a sua decadencia nos fins d'este século, dando o historiador, pela maneira de dizer, a idéa do seu desaparecimento ao tempo em que escrevia—1580—aproximadamente.

Esta impressão, porem, não é exacta: ela não se tinha extinguido totalmente, sofrendo apenas uma restrição imposta pela circunstancia, extranha á vontade e aos interesses dos armadores, de faltar a matéria prima, a madeira, o que levou o

(1)—Saudades da Terra livro IV cap. 44.
(2)—Saudades da Terra livro IV cap. 39.
(3)—Saudades da Terra livro IV cap. 31.

Provedor da Fazenda Real e das Armadas a intervir em 1594, no intuito de impedir a sua iminente perda, proibindo construirem-se embarcações de mais de quarenta toneladas, o que se vê no documento que a seguir reproduzimos, o qual prova ainda ter a indústria tomado uma feição acentuadamente especulativa, com o fim de vender os navios para fóra da Ilha.

«—Auto qne mandou fazer o Sr. Provedor Francisco Botelho, sobre se não fazerem navios que passem de quarenta toneladas e d'aqui para baixo com licenças dos provedores (1).

—*28 de Abril de 1594*—

Ano do nascimento de N.° S.° J. Cristo de mil quinhentos e noventa e quatro anos aos vinte e outo dias do mez de Abril do dito ano n'esta cidade de Ponta Delgada d'esta Ilha de S. Miguel nas casas das contas d'ela, estando ai o Sr Francisco Botelho, provedor da Fazenda e Armadas de S. Magestade, por ele foi mandado a mim escrivão fizesse este auto em como por ser muito importante ao serviço de S. Magestade e proveito de sua fazenda prol dos povos d'esta dita Ilha não se fizessem navios n'ela que passassem de quantia de quarenta toneladas conforme a uma provisão do dito Sr. pelo que conformando-se com ela e com o que se n'este caso fazia na Ilha Terceira e mais ilhas de Baixo, e respeitando outrosim como se costumava fazerem-se n'esta dita Ilha navios grandes e de mais porte que das ditas quarenta toneladas, os quais depois de feitos e acabados se vendiam logo para fora da dita Ilha, e pela dita maneira se gastava a madeira e ficavam sem navios para o serviço d'ela sendo uma ilha grande e de muito comercio, ele dito provedor assentava e ordenava por serviço do dito Sr. que d'aqui em diante nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja fizesse navio algum, nem o alevantasse n'esta Ilha de mais porte que das ditas quarenta toneladas sob pena de perdimento do dito navio e de mais fazenda que tiver, aplicando as duas partes para a fazenda de Sua Magestade e

(1)—Livro 3.° da Alfandega de P. Delgada de folhas 9 verso a 10 verso na Biblioteca Publica de P. Delgada.

a terceira para quem o acusasse, com declaração que os ditos navios houvessem de fazer do dito porte de quarenta toneladas para baixo os não fariam nem alevantariam sem licença d'ele dito provedor ou de quem seu cargo servir sob a dita pena aplicada pelo dito modo e sob a mesma pena ordenava que depois de havida a dita licença e feitos os ditos navios do dito porte os não podessem botar ao mar sem primeiro o virem registar na Alfandega d'esta cidade e n'ela dar fiança a se não venderem dentro de sete anos, e se obrigarem a dentro do dito tempo servirem a dita Ilha, e que todo o carpinteiro que os ditos navios armasse, e alevantasse de mais porte ou do dito porte de quarenta toneladas sem a dita licença, pagaria quarenta cruzados de pena aplicados para Sua Magestade e acusador, e iria degredado dois anos para as partes de Alem, e que para todo o sobredito vir á notícia de todos mandava que se botassem pregões na praça e mais logares publicos d'esta cidade porque d'outra maneira antes de muitos anos nem haveria madeira, nem navios n'esta Ilha, para serventia d'ela de que resultaria, muita opressão do povo em deserviço d'el-rei nosso Senhor e dos pregões se fizesse termo nas costas d'este e se registaria este auto nos livros dos registos d'esta provedoria e da alfandega d'esta cidade, para a todo o tempo constar do dito provimento; e de tudo fiz este auto que assinou Cosme Corrêia, escrivão da provedoria da Fazenda o escrevi. Francisco Botelho".

Não se construiram, porem, apenas navios frageis de comercio, como este documento poderia levar a crer, o galeão de guerra de Ruy Gonçalves da Camara, não foi um caso esporádico; navios de combate foram tambem lançados á agua e utilizados na defeza da terra.

Em 1592, por exemplo, Gonçalo Vaz Coutinho, quando governador da Ilha, mandou fazer um bergantim com as dimensões necessárias para levar trinta soldados e outo bancadas, artilhado com dois berços á prôa e pediu ainda autorização para ordenar a construção de mais dois galeões com identico fim.

A construção naval em S. Miguel fica provada, em face do que deixamos dito, assim como o seu periodo aureo, nos meados do século XVI.

A partir dos fins d'este século, ela entrou em decadencia, não tendo mais noticia do seu revivescimento, muito dificil de se admitir pelo crescente arroteamento dos terrenos que a principio cobertos de arvoredos, passaram depois a ser utilizados para cultivo, estando a ilha, já no tempo de Frutuoso —segundo ele diz —"menos formosa, sendo antes de escalvada um riquissimo jardim e deleitoso vergel, como um terreal paraizo, pelo que o que agora direi d'ela, será muito diferente da pintura que d'antes tinha. . . . . ".

Parece, portanto, restringir-se a indústria á barcos de pequena tonelagem, e assim ter ela caminhado até hoje, encontrando-se ainda, como representantes d'esses antigos galeões, bergantins, caravelas, urcas, fustas, naos e barineis, dois tipos de barcos, os de pesca e os chamados da vila, ou da costa.

Estes barcos, de cerca de quarenta toneladas, construidos solidamente, têm pôpa e prôa perfeitamente iguais e são aparelhados com quatro velas latinas, a vela do traquete, a vela grande, a mezena, decrescentes da prôa para a pôpa e içadas por cadernais presos no tope dos seus tres mastros, e ainda uma bujarrona.

O uso dos latinos nos barcos de costa, tem sido constante desde tempos muito remotos, o que não aconteceu com os de pesca, actualmente aparelhados da mesma forma, apenas com tres velas, bujarrona, vela do traquete e vela grande, os quais, na sua forma antiga, usavam apenas uma só vela redonda, aínda empregada pelos pescadores do norte da Ilha.

Os barcos da vila, de boca aberta, á excepção dos que fazem a travessia para St.ª Maria, são embarcações veleiras, atingindo, com frequencia, o andamento de dez milhas á hora, seguras e de facil manobra.

A construção naval micaelense que hoje existe, tem todo o interesse como manifestação de uma forma importante da nossa actividade, relacionada com o periodo mais

glorioso da Historia Patria, donde resulta o seu valor historico que passamos a definir melhor.

O barco da Vila Franca apresenta uma intima relação com as antigas caravelas portuguesas, embarcações originarias de Portugal, na opinião do ilustre investigador da nossa arquiologia maritima o Snr. Henrique Lopes de Mendonça.

Essa aproximação é flagrante em diversas discrições antigas das caravelas, d'entre as quais especificaremos a de Francisco Manuel do Nascimento, quando diz. "Tal é o feitio seu. Não tem cestos de gávea nem as vergas fazem angulos rectos com os mastros, mas pendem obliquas d'uma alça, que as segura por baixo da cabeça do mastro, e a base da vela que hé triangular, roça quasi pelas amuradas. As vergas que se amurão aos costados do navio, são pela parte de baixo grossas como mastareos, e adelgação até ao cimo da vela. De vasos d'esta feição se servem na guerra maritima os Portuguezes, pelo muito ligeiros que eles são, sendo-lhes mui maneiro apontar á prôa e á pôpa o couto d'estas vergas, e ainda a meio costado do navio, passalas da esquerda para a direita, ou d'esta para a esquerda n'um átomo de tempo, segundo lhes faz feição, ferrar o panno ou desferrillo das vergas a que o atão pelo cepo da antena, com quem as vellas abrem a base do angulo; e qual lhes sopra o vento tal lhe apresentão o bojo da vela não tardios. Todo o vento lhes faz geito, de modo que com vento da ilharga bolinão em direitura, como se forão arrazadas em pôpa, e para ir o mesmo navio em senso contrario, não tem mais que mudar o velame, o que mui prestes se prefaz" (1).

As caravelas, navios latinos, tinham dois, tres e quatro mastros, e com este aparelho foram usados depois, na navegação costeira da India.

No que respeita ao aparelho, não resta duvida, estarem os nossos barcos da vila, incluidos no número dos que mais se aproximam das caravelas, havendo apenas alguma diversidade no casco que em vez de ter pôpa quadrada é de pôpa redonda.

(1) — Navios portuguezes nos seculos XV e XVI por Henrique Lopes de Mendonça pagg. 50.

Eles conservam, no entanto, as vantagens tradicionais d'aquelas, pois são tipicas, como já vimos, a rapidez com que navegam e a facilidade com que se manobram.

Da aproximação que deixamos feita, resumbra a sua origem na antiga construção naval e assim n'eles julgamos ver um documento de valor, e a imagem viva e palpitante d'essas ligeiras embarcações, nas quais o espirito heroico dos portugueses arrostou com os mais temerários inimigos em arrojados cometimentos, integrando-se para sempre na historia dos feitos épicos da humanidade e firmando a nossa nacionalidade.

Indicada, assim, a sua filiação, passemos a encaral-os sob o ponto de vista estético,

A preocupação do bem lançado da linha, da justa proporção do velame com o casco e da sua decoração, é sempre mantida.

O nosso barco de pesca é dos mais esbeltos de Portugal, quer esteja sem mastreação, em pescaria, quer tombe bruscamente, bolinando sob o impulso de uma briza inesperada, quer seja visto fora da agua.

O afilado da pôpa e da prôa, rematando o casco n'uma transição suave, dá-lhe um aspecto de leveza de elegancia e de gracilidade inconfundiveis, mantido sempre, mesmo ainda nos citados barcos costeiros de maior porte.

O seu equilibrado desenho e a sua artistica forma, aos quais se alia, em geral, uma decoração viva, de listas horizontais, que muito bem se conjuga e harmoniza com os fundos marinhos e com a nitida triangulação dos seus latinos brancos, constituem mais um sinal de não ter sido o povo micaelense destituido de sentimento estetico, encontrando ainda aqui mais uma confirmação do que temos procurado provar no decorrer d'estas notas.

CONCLUSÃO

Pelas notícias que vimos registando, deixamos provada uma acentuada aptidão para as artes que nunca poderam desenvolver-se convenientemente pelas circunstancias especiais do meio, seguindo um rumo modesto e vagaroso.

Revelada, assim, pela tradição essa constante predisposição, ficam consequentemente indicadas novas orientações, por onde nos devemos guiar no presente em direcção a um futuro que mais nos nobilite.

*
* *

As artes propriamente ditas, pelo isolamento que nos divorciou do resto do Paiz e portanto pela falta do estimulo do mercado e dos ambientes de arte, evoluiram mediocremente.

A pintura, mais geralmente cultivada, afigura-se-nos ter sido sempre, até meados do século XVIII, uma arte bárbara, produzida sob a impressão da profusa côr local, começando então depois a depurar-se um pouco, acompanhando mais de perto a Arte Nacional, ainda assim muito lentamente.

Na verdade, o reconhecimento entre nos, de uma demorada persistencia do antigo maneirismo da arte e dos costumes é facil, assim o desênho e a pintura continuaram a ser ensinados dentro dos moldes de um acentuado convencionalismo, mesmo ainda quando já no continente, a pintura sob o vigoroso impulso de Silva Porto, integrando-se tambem no movimento revolucionario, intelectual e social do ultimo quartel do século XIX, passava a inspirar-se na propria natureza, nas suas mais palpitantes manifestações de vida, no que elas podiam oferecer de mais caracteristicamente nacional, virilisando-se pelo estudo directo das formas e tonificando-se pela observação exacta das côres.

A nossa restricta vida artistica só ultimamente entrou n'uma fase de mais acentuado aperfeiçoamento determinado pela orientação dos professores da Escola de Desênho Industrial Velho Cabral, os Sr.s Artur May, Constancio da Silva e Izequiel Pereira, da nova geração, instruida pelos continuadores de Silva Porto, e de outros artistas educados no extrangeiro— França e Alemanha—,os Sr.s Domingos Rebelo, Duarte Machado Faria e Maia, Francisco Alvares Cabral e Ernesto do Canto, pelo auxilio de alguns amigos das Belas-Artes, fazendo conferencias (1) e ainda pelo concurso dos melhores artistas portugueses ás ultimas exposições.

Ao percorrermos os catálogos d'esses certamens de arte, vamos vendo irem os amadores de pintura prestando atenção aos trabalhos do natural, quer nos quadros de genero, como nos de paisagem, aos quais se devem dedicar persistentemente, pondo de parte por completo as cópias de estampas, por serem, por sua vez reproduções deficientes de telas e consequentemente guias perigosos, por estiolarem as aptidões artisticas e por constituir ainda, a sua pratica, um erro condenavel, ao conhecermos a riqueza policromica dos nossos campos.

Esse sistema de estudo deve ser completamente banido subs-

(1)—A do Sr. Dr. Lucio Agnelo Casimiro— no Ateneu Comercial de Ponta Delgada, em 1912, sob o titulo—A arte como factor de educação: e a do Sr. Norberto Corrêia, na mesma Associação, em 1915, sob o titulo—Contra o analfabetismo em arte.

tituindo-se pela observação directa da natureza porque só por meio d'ela, poderemos chegar ás produções com merecimento artistico.

Residindo todo o sentimento da paisagem na natureza do ceu que a ilumina—a sintese das côres— na frase de um notavel critico de arte, teremos de considerar, repetimos, a paisagem micaelense, a que já nos referímos, como um ótimo campo de estudo para o artista, pela constante sucessão de inesperados aspectos que nos oferece.

E' necessário, no entretanto, para que se possa reconhecer a beleza d'esta paisagem, compreendel-a bem, observando-a atentamente, acompanhando-a nas rapidas oscilações da sua luz e nas graduações dos coloridos d'elas derivadas, abrangendo-a nas suas infinitas nuances, e muito especialmente no outôno, quando os campos são mais ricos para o paisagista, quando a luz atinge o maximo de suavidade e os poentes nos oferecem maior originalidade.

Na aglomeração de abundantes colorações, na leve penumbra dos ceus nublados e inconstantes, nas cambiantes da linfa nacarada do mar e n'uma violacea e fecunda base vulcanica reside o seu valor, d'entro d'este circulo giram todas as modulações, e n'ele vemos uniformizar-se uma vasta euritmia de tonalidades, desde os longes vaporosos até ás manchas mais vivas e mais intensas dos verdes quentes, das lavas mais modernas e das flôres mais brilhantes, a qual por vezes impressionou o nosso cronista do século XVI, chamando-lhe aprazivel pintura.

O confronto, nas condições em que vulgarmente se faz, da paisagem do continente com a açoreana, do qual resulta ser esta, em geral, classificada de pobre e de monótona é um erro que conduz a uma falsa impressão.

Diametralmente opostas, nunca poderão ser cotejadas com o mesmo criterio de apreciação e de critica.

Os campos do continente dardejados por uma luz purissima, refletindo irisações de virulentas, apresentam em geral, uma feição enérgica, muito afastada da vaga nostalgia dimanada da eufonia diafana dos nossos fundos ténues, dos ceus

cendrados, repletos de estratos fabulosos e de cumulos ameaçadores, da profundidade das rochas ciclópicas, da curvatura feerica do arco-iris frequente e do movimento envolvente do mar, n'um ritmo cadenciado e gigantesco de grandeza e de imensidade.

Ao chamarmos a atenção para o estudo directo da natureza, para que os amadores de arte, aproveitando as condições favoraveis do meio, notavel por um inalteravel isocromatismo, se integrem n'esta forma moderna de pintura e entrem no legítimo campo da arte, emancipando se de um sistema atrofiante e nulo, conjuntamente contestamos as falsas apreciações que bastas vezes temos ouvido sobre o pouco valor da paisagem micaelense.

O trabalho bem intencionado, tendo por modelo a natureza, a verdadeira escola onde o artista podera aprender a articular o seu idioma, não é, no entanto, unica condição para que atinja uma completa educação artistica; a observação cuidada das melhores produções das diferentes escolas é indispensavel.

Os bons quadros são otimos mestres; eles ensinam a sentir a paisagem, salientando a sua beleza, essa poesia palpitante que Constable, o célebre pintor dos ceus, chamou "*o espirito e a mão de Deus*,, e que é mais alguma cousa alem de uma simples aglomeração material de cores mais ou menos harmoniosa.

Na exteriorização d'esse sentimento estará portanto, a verdadeira arte e o amador, procurando transmitir-nos o que o seu temperamento lhe diz haver nos campos de belo e de sugestivo, ir-se-ha tornando gradualmente mais fecundo e a elevação do seu espirito ascencionalmente mais perfeita. Mantendo obediencia aos ditames da sua impressionabilidade e do seu modo de ver caracteristico, na certeza de que as telas que compozer, serão sempre tanto mais interessantes quanto mais flagrante for o cunho de expontaneiedade que lhe incutir e tanto menos valiosas, quanto maior fôr o grao de snobismo que revelarem, ele sentira definir-se essa elevação, que só se pode adquirir pelo esforço proprio e pela observa-

ção directa e consequentemente frutificar a acção salutar derivada do exercício da sua actividade artistica, no sentido do aperfeiçoamento moral do meio, fim principal a que o artista deve aspirar.

No museu, organizado nas condições indicadas, estará um bôm auxiliar de educação, não só porque n'ele se encontrarão guias seguros, mas ainda porque contamos, como deixamos dito no prefacio d'este estudo, auxiliados pelas corporações administrativas, promover a abertura de cursos de pintura e escultura, onde serão criteriosamente iniciadas as aptidões artisticas, podendo depois seguir para as academias, já com apreciaveis noções elementares ou então para as oficinas, elevando assim o nivel das artes industriais e decorativas.

Pelo que respeito ao museu, resta-nos ainda dirigir um apelo ao sentimento de dedicada protecção ás causas de interesse publico, peculiar dos micaelenses e que tão brilhantemente se tem materializado, quer no campo afectivo, em numerosas instituições de beneficência, quer no intelectual, no contínuo enriquecimento da Bibelioteca de P. Delgada, por subsidios particulares; apelo, no sentido de chamar a atenção para a missão que deverá desempenhar o museu, fiados em que essa tradicional tendência altruista, mais uma vez refulgirá por meio de generosas dádivas, em novas formas de actividade industrial e em crescentes manifestações de aperfeiçoamento artistico.

*
* *

Quanto á arte aplicada, diremos, supormos poder ter um mais largo futuro.

Sendo a disseminação do aperfeiçoamento intelectual, moral e fisico a aspiração dominante do espirito culto contemporâneo, no sentido de se alcançarem estádios de civilização sucessivamente mais complexos, educar o artifice pelos métodos modernos, facilitando a aplicação prática dos principios ditados pela sciencia aos multiplos ramos da industria, iluminar a inteligencia do obreiro obscuro que nos vem nar-

rando, atravez dos séculos, na linguagem ingénua das suas artes e oficios, páginas gloriosas da historia da humanidade, e os mais belos quadros da vida e dos ideais dos povos, legando-nos fieis e vivos documentos de um passado extinto, será sempre a missão elevada de colaborar na aceleração de uma progressiva perfectibilidade social.

Quando porem em povo ou uma das suas fracções, apresenta tendencias acentuadas para o exercicio de um determinado ramo de trabalho produtivo e muito particularmente, quando elas resultam de uma longa acumulação de aptidões ancestrais, a missão de educar, torna-se então imperiosa e inadiavel.

A nossa actividade artistica manifestou-se sempre mais largamente nas artes indústriais e decorativos, surgindo assim, a necessidade de se lhe prestar toda a protecção, por forma a que essas aproveitaveis energias se transformem em metódicos agentes de fomento economico e em seguras afirmações de valor intelectual, muito particularmente n'este momento, em que se vae notando um ressurgimento do atelier e da oficina nacionais, e um maior desenvolvimento do trabalho de reconstituição das artes e das industrias, atravessando-se uma fase reformadora, inaugurada ha cerca de trinta anos.

A exploração da industria artistica sob seguras direcções e um cuidado trabalho de pesquisa e de coordenação dos melhores elementos produtivos, determinaria, por certo, apreciaveis fontes de riqueza, tendo ela por garantia imediata, em algumas manufacturas, o mercado indigena e talvez mesmo o extranho, e por mediata a exploração do tourismo, de futuro entre nós, ligada á valorização da nossa riqueza hidro-mineral, com solidas bases, nas belezas naturais d'esta Ilha, na amenidade do seu clima e na privilegiada situação geografica em que se encontra.

As já hoje importantes industrias dos bordados e da obra de vime da Madeira, tambem precedidas de antigas tradições, são bons exemplos a seguir.

Dos nossos teares poderiam sair caracteristicos tecidos de-

corativos, das olarias variadissimos produtos capazes de competir com a restante cerâmica nacional, da marcenaria, da arte da talha e de outras indústrias caseiras surgiriam artefactos de certa originalidade bastando, para se alcançar bom êxito, estudar o que existe de regional, dando-lhe plasticidade, por meio da sua remodelação em formas mais esteticas.

Os artífices dotados de boas faculdades de trabalho, embora apreendam rapidamente a execução de um modelo, ó qual pode atingir uma notavel perfeição tecnica, têm, no entanto, fraco sentimento construtivo e tenue imaginação creadora, movendo-se em geral, salvo algumas excepções, sob o torpor de uma rotina inveterada, na subserviencia a processos arcaicos que tudo dominam e paralisam.

Contra essa atonia, propria das nossas condições de existencia, devemos reagir por meio de um impulso, que venha renovar a oficina e dar-lhe ductilidade, insuflando-lhe espirito empreendedor, animando-a a rasgar novos horisontes, por meio da educação do artifice, a qual não deverá ficar dependente de iniciativas particulares, isoladas e eventuais, mas sim oficialmente garantida e ministrada n'uma escola onde todos possam ir colher, em cursos diurnos e nocturnos, uma solida instrução gratuita no ramo de industria a que se dedicam.

Não sendo a actual Escola de Desenho Industrial Velho Cabra, suficiente para satisfazer as exigencias do meio, pelo restricto numero dos seus cursos e das suas oficinas, é convicção nossa ja antiga, ser de uma grande vantagem a sua substituição por uma Escola Industrial, e assim, considerando a urgente necessidade de se proteger sobretudo o artifice, propozemos, em sessão de 8 de Novembro de 1915, á Junta Geral do Districto, tomar ela a iniciativa de pedir ao Ministro de Instrução Publica, nos termos do decreto de 24 de Dezembro de 1901, a elevação da referida escola para uma outra Industrial e Comercial, proposta que a Junta aprovou, apresentada e defendida, na certeza de que indicavamos a creação de um estabelecimento de ensino, de grande alcance.

A par da instrução teorica industrial e comercial, ela facul-

tara uma melhor educação profissional e complementar nas oficinas que reputamos mais uteis e mais de harmonia com a nossa tradição artistica, a principal determinante d'essa idea, reforçada ainda pela consideração do afastamento da metrópole e da importancia d'este districto.

*
* *

Da passagem da presente situação, para outra em que pela simultaneidade do ensino da escola do Museu e da Escola de Desenho Industrial, transformada em Escola Industrial e Comercial, se aperfeiçoassem as nossas aproveitaveis aptidões, tornando vivas e florescentes as artes, derivariam, não só um seguro enriquecimento colectivo, como ainda todas as demais salutares consequencias de ordem moral e intelectual, resultantes de uma maior popularização da arte.

A crermos alcançar um progresso real, dentro do ámbito dos exiguos recursos pecuniários de que dispomos e de harmonia com a pequenez do nosso meio, afigura-se-nos ser este o *modus faciendi*, indicado não só pelo que nos dita a tradição, como ainda pelo que nos oferecem as actuais condições mesologicas.

Esboçadas as mais acentuadas tendencias da expressão regional, no que respeita ás artes plasticas e revelado um subsidio, embora modesto, para o estudo da capacidade productiva do povo micaelense, atravez a sua historia, atingimos o *terminus* d'este trabalho, que teve por objectivo principal, concorrermos um pouco para que a arte seja entre nós tambem uma utilidade social e ainda para que, embora afastados do continente, não nos abandonemos a uma inércia condenavel, acompanhando de perto o movimento de reconstrução artistica nacional e compartilhando dos seus benéficos resultados.

Sob a directa influência de uma mais cuidada orientação estética, encarando sempre o culto do Belo, como um vigoroso factor de civilização, á sombra da qual tanto vicejam e florescem as faculdades morais dos povos, ficaremos mais

bem preparados para proseguirmos no ciclo da nossa historia, norteado por uma febre de trabalho, intensa e fecunda e por esse espirito empreendedor, persistente e ardoroso que nos tem feito um povo rico, honesto e modelar, conduzindo-nos á gradual e consciente valorização da nossa individualidade propria e autónoma, seguro esteio de progressivas prosperidades

---

NOTA—As disciplinas e oficinas que indicamos na proposta apresentada á Junta Geral do Districto são as seguintes.

Disciplinas:—Lingua portugueza—.
=Arimetica e geografia
=Corografia e historia patria.
=Geografia geral e Comercial, noções de historia do Comercio
=Rudimentos de economia, legislação comercial transportes.
=Lingua Franceza.
=Principios de Fisica e Quimica.
=Elementos de historia natural.
=Fisica e mecanica industrial.
=Quimica industrial.
=Noções gerais de comercio, escrituração comercial e calculo comercial.
=Lingua Ingleza.

Oficinas—
=Carpintaria.
=Marcenaria.
=Serralharia.
=Entalhador.
=Ourivezaria.
=Pintura decorativa.
=Ceramica.
=Encadernação.
=Lavores femeninos.

APENDICE 1.º

CATALOGO

DAS

EXPOSIÇÕES REALISADAS EM S. MIGUEL ATÉ 1915, NA PARTE QUE DIZ RESPEITO AOS RAMOS DE ARTE MENCIONADOS.

JOSÉ DE TORRES

Catálogo da Exposição da Sociedade dos Amigos de Letras e Artes em 1848.

Este catálogo está feito no volume 4473 *das Variedades Açoreanas da Biblioteca do Sr. José do Canto.*

—Encontra-se manuscrito, vendo-se uma parte d'ele ainda em pequenos pedaços de papel.—

BORDADOS

D. Ana Eulalia Ferin, em Ponta Delgada
Um porta bilhetes—a transelim de lã.
Um bilhete de visitas a missangas metalicas.
Emblemas da Sociedade dos Amigos de Letras e artes—matiz de seda e a missamga.
Fr.º I e Margarida deValois— quadro grande a lãs.

D. Ana do Quental, idem
Carteira de Visitas a Missangas.

D. Antonia Angelica Soares, idem
Capachinho a lãs. (gato)
Semilhante (cão).
Semilhante.

Anonima
Suspensorios a seda.
Pregadeira—matiz em setim branco (flôres).
Lenço de Cambraia a linha de lustro.

Anonimas
Ecce-Homo—a sedas e papel.
Pregadeira a lãs—em gros-de-naples branco (açafate de flôres).
Suspensorios—matiz de ouro e seda.
A primavera matiz de seda em papel.

D. Antonia Julia Borges, idem
Assento—côr de suspiro—a lãs (passaros).

D. Branca Guilhermina Cotta, idem
Assento a lãs (gato).
Quadro a lãs (camponêsa e cabra).
Semelhante Blumenstein cantão Berne na Suissa

D. Carlota Joaquina Quental, idem
Cinto a missanga.
Pulseiras semelhantes (florões levantados).
D. Emilia Ferin, idem
Pregadeira a lãs.
Capachinho a lãs.
Pasta de escritorio a lãs (flôres).
Pequeno faiscamento a sedas.
Quadro a lãs (duas creanças, cerca d'uma casa campestre).
Capachinho—diabinho a lãs
Capachinho—a lãs (passaro).
D. Eusebia Carlota Leite, idem
Lenço de cambraia—a linha de lustro.
D. Emilia Severim, idem
Caixinha a lãs.
Emigrado Voluntarios da Rainha, idem
Quadro a palha variegada (Hotel de la Croix de malte.
D. Francisca Taveira Brum Machado, idem
Pregadeira a froque.
Lenço de cambraia—a penas de pavão.
D. Guilhermina Brum do Canto, idem
Saco de seda preta a lãs.
Cestinho a seda (flôr).
D. Julia Soares da Camara, idem
Lenço de Cambraia—a linha de lustro.
Assento de Casimira verde—a lãs (cão).
Semelhante (florão).
D. Joana Mathilde Paula Botelho, idem
Santa Luzia—matiz de seda em papel.
D. Jacintha Carlota Botelho Ambar, Lagôa
Capachinho a lãs (monge).
Jasé Maria Raposo d' Amaral, Ponta Delgada
Assento encarnado a lãs (cão)
D. Lavinha Ivens, idem
Sapatos a lãs.
D. Luiza Borralho, idem
Capachinho a lãs (passaro).
D. Maria Leonor d'Aragão Moraes, idem
Quadro a lãs (flôres e fructos).
Semelhante (creança abraçando um cão).
« (Açafate de flôres).
« —paisagem (um cão apanhando um pato sobre um lago).
« — « (grupo, um cão ao lado de uma creança dando alimento a um papagaio).
Semelhante—(camponeza com uma creança ao colo.
« (paisagem duas orientaes),
« (paisagem 2 cavaleiros do exercito francez cercados, piramides do Egipto).
Semelhante (camponeza exercitando um cão).
Pregadeira, a seda e froque em seda branca (cornocopia).
Quadro a froque em veludo verde (gato).

Sofá a lãs (paisagem—Casa e lago).
Doze assentos de cadeiras a lãs diversas (passaros, gralha, papagaio, pavão elefante, veado, galgos, cão, ovelha, flôres, paisagem.
Pregadeira—matiz de lãs, seda e froque.

D. Mariana Brazil, idem

Cigarreira a ouro

D. Maria Ana Lane, idem

Assento de banco, côr de fogo, a lãs (Onça)
Saquinho a lãs

D. Mariana Fredrica de Moraes Manso, idem

Carteirinha de visitas, a seda em papel cruo
Capachinho a lãs
Semelhante
Porta relogio a lãs e seda
Semelhante
Quadro a lãs (Paisagem)

D.Maria Izabel da Conceição Leal, idem

Cigarreira a missanga (emblemas e flores)

D. Maria Guilhermina Brum do Canto, idem

Suspensorios a seda
Assento de um broche de ouro a seda (Flôres)
Saquinho a ouro em veludo preto

D. Maria José Borralho, idem

Porta cartas matiz de seda (Flôres)
Pregadeira a lãs
Pregadeira a seda (Flôres)
Capachinho diabinho a lãs

D. Maria Izabel Oliveira, idem

Quadro a froque (Flôres)
2 Lenços de cambraia a linha de lustro

D. Maria da Gloria Medeiros, idem

Carteirinha a lãs

D. Mariana Machado Soares d' Albergaria, idem

Charuteira a missanga

D. Maria Henriqueta da Camara, idem

Assento a lãs em seda côr de canario (rosa levantada)

D. Maria Angelica, idem

Lenço de cambraia a linha de lustro

D. Thereza Ermelinda dos Reis idem.

Bonet a seda em casimira preta (Florões)

D. Verissima Matos, idem

Estola a ouro em setim branco
Semelhante em. .vermelho

De França?

Quadro de ornatos bordado de cabellos de pessoas de uma das principaes familias d'esta Ilha.

Raposo d' Amaral

Quadro a lãs dois pavões em campo de verdura

?

Um manto da igreja do Rosario bordado a ouro—seda azul

Raposo d' Amaral
Quadro de lãs—representando uma camponeza exercitando um cão
?
Uma pregadeira com uma paisagem em seda
?
Suspensorios bordados a sedas
?
Um capachinho com um coelho no fundo a lãs
?
Um porta relogio com flores a seda em branco
?
Uma carteirinha bordada a seda
Taveiras
Um porta bilhetes tecido de arame preto, bordado a lãs
?
Uma carteirinha de visitas, com letras e um cão bordado a missangas de côres
Ferin
Uma pregadeira de gros de Naples branco bordado a matiz
?
Um lenço de cambraia bordado a marca de cores
Raposo d' Amaral
Um grande tapete de camapé com o fundo ocupado por um leão á borda de um lago, a lãs em fundo encarnado.
D. Emilia Ferin
Um escabelo bordado a laias com fundo escarlate e florão.

CARTONAGENS

Francisco Lambert, Ponta Delgada
Nove grandes cartões d'escritorio
Duas caixinhas circulares—Le grand art de diviner toutes les pensées).
Duas ditas com bordados recortados.
Lanterna portatil dentro de pequena boceta
Caixa octogonal, forrada de chumbo para chá
Duas costureiras pequenas.
Tres pregadeiras octogonaes sobre caixa
Caixa de alfinetes com desenho e vidro na tampa
D. Guilhermina Brum do Canto, idem
Cestinho com flôres bordadas a seda
D. Joana Rebelo Bettencourt, idem
Porta relogio
João Soares de Souza Ferreira d'Albergaria, idem
Caixinha com desenho na tampa
José Honorato Gago da Camara, idem
Caixa semelhante dois livros juntos, uma tabôa de pagas de voltarete escritas em ouro sobre vidro
Luiz Carlos do Couto Severim, idem
Pregadeira

Encaixe circular de carriteis de linhas.
Cigarreira dourada em carneira vermelha

D. Maria de Souto

Cabaz de vidro, encaixes de cartão
Semelhante

D. Maria Ana Lane, idem

Cestinho matisado a seda

Taveira

Uma caixinha levantada de conchas marinhas.
Uma pregadeira levantada de conchas marinhas.

D. Carlota Botelho Ambar, idem

Pregadeira levantada de conchas.
?
Uma gaiola completa com canario tudo em conchas.

Anonima do Convento da Esperança

Uu tinteiro todo tecido de conchas sobre duas conchas capitaes coligadas

D. Mariana Julia Ferreira Raposo, idem

Presepio levantado de miudissimas conchas marinhas

DESENHOS

Augusto Carlos de Mello, idem

Os peregrinos
Torre gotica—(paisagem)
Cabeça imitação de escultura
Robérto do Diabo

Alfredo Lambert, idem

Passaros duas aguarellas
Flores (idem)

D. Ana Eulalia Ferin, idem

Contrabandista hespanhol
Ponte Rustica (estudo)
Duas cabeças («)
Outra de mónge («)
Dois corpos de dama («)
D. Afonso («)
Flôres

Antonio Joaquim Peixoto Sequeira, idem

Planta da Ilha de S. Miguel
Seis desenhos em miniatura quasi miscroscopica a bico de pena (mendigo, barca, farol, cisnes, luar, inscrição da Sociedade dos Amigos de Letras e Artes)
Arco campestre (estudo)

Alexandre Leite da Gama, idem

Cabeças (4 estudos)

Antonio Machado de Faria, idem

Cabeça (estudo)

D. Catharina Meston, idem

Pastora levando a beber o gado (paisagem)

Flôres
Lebre
Lavrador semeando o seu campo

D. Christina Adelaide Leal, idem

Miniatura em marfim (paisagem)

Ernesto Caetano dos Santos, idem

Ponte rustica sobre ribeiro—estudo
Cabeça de mulher (estudo)
Casa campestre «

D. Emilia Ferin, idem

Cabeça de virgem (a dois lapis)
Saudade—(paisagem maritima)
O Somno, (estudo)
Tres cabeças «

D. Emilia Amalia Tavares, idem

Cabeça «
Flôr «
Seis paisagens «

Emilio José Tavares, idem

Paisagens (estudo)

D. Emilia Severim, idem

Joana Gray

Fr.º d'Andrade Albuquerque, idem

Busto emitando escultura
Cabeça « «
Outra « «
Outra de pescador
Corpo de cortezão antigo

Filomeno do Canto, idem

Arvoredo—estudo

Fr.º Paula Oliveira, idem

Flôres, aves, animaes, paisagens—muitos estudos

Fr.º Paula Cardoso d'Almeida Morgado de Assentiz falecido em Lisboa.

Cabeça—estudo

Henrique Walker

Elejah—o profeta
Mussulmano
Ottomana
S. Vicente Ferreira
Piramide paisagem simbolica
A new military map of Portugal—by Capitan Eliot
Corpo (estudo)
Outro
Indio

D. Ignez do Canto, P. Delgada

Habitação acastelada (paisagem)

D. Hermelinda Gago da Camara, idem

Grupo (duas creanças e uma cabra)
Flôres
Grupo (creança homem e mulher tangendo guitarra)

Flôres

José do Canto, idem

Chalupa — velejando em mar agitado

João Maria Leone, idem

Barca portugueza a todo o pano

Jeronimo Luis de Moraes Pereira Trajano, idem

Vista maritima da parte ocidental de P. Delgada

Liceu Açoreano, idem

Coleção de exercicios caligraficos de seus alunos
Cabeças pés, paisagem, (estudos) desesseis dos seus alunos

D. Luiza Guilhermina do Canto, idem

Paisagem (aguarella)

Mariano Athaide de Betencourt, idem

Quadro alegorico a ouro sobre vidro
Semelhante J. T. M. (Emblema)
Semelhante mitologico

D. Maria Ana Lane, idem

Flôres.

D. Maria Izabel d' Andrade, idem

Corpo de mulher.
Flôres.
Semelhante.
Vazo de Flôres.
Semelhante.

D. Maria da Conceição Paula Botelho, idem

Jerogliphicos do homem natural, ou arvore dos desvarios do Homem largado á Natureza, ou o furor das suas paixões.

Manuel José de Sales, idem

Ruinas de uma habitação (paisagem).

Pedro d' Alcantara Leite idem

Cabeça (Estudo).
Semelhante («)
Semelhante de mulher («)
Pé («)
Mão («)
Cabeça imitação de escultura(«)
Tulipa
Ramo
Semelhante
Um pescador Escocez despedindo-se da Consorte.

Aula Sociedade

24 desenhos—olhos, orelhas, narizes, cabeças, pés, paisagem, de Leite Junior, Pedrinho, C. Moraes, Max. Jnr.—Herculano, Ernesto do Canto.

?

Um album contendo muitos desenhos nacionaes e extrangeiros pertencente ao S ?...
Um album com desenhos feitos n'esta Ilha pertencente ao Snr. José Joaquim d'Oliveira Machado.
Uma vista da Ilha Brand?, toda a areia, cores naturaes

D. E. Ferin

Um vaso etrusco com flôres.

D. Mariana Rebelo Bettencourt, idem
Paisagem—(aguarela.)
Lane
Um rapaz tocando clarinete.
Uma cabeça de creança
Walkar?
Corpo de guerreiro.

ESCULTURA

Bento José de Torres, Ponta Delgada
Publio Scipião (baixo relevo) em barro, desenho de Marris.
João Ignacio Pereira Toste de Mesquita, idem
Busto de Christo (em barro)
José Duarte de Medeiros, idem
Venus nua (estudo de greda)
D. Maria da Conceição, idem
Cortezão — vultos em barro.
Soldado — « « «
Presepio recamado de conchas marinhas
D. Maria da Gloria, idem
Presepio lavrado em barro com figuras e flôres de conchas marinhas.
Nicolau Antonio d' Azevedo, idem
Rochedo em branco salpicado de conchas
Templo gentilico sobre pedestal elevado
Dito Mahometano
Busto de napoleão
Casa edificada sobre uma motanha
Montanha submarina arcada de branco
Jesus em pedestal levantado de conchas
Jesus deitado n'uma concha
Columna Druidica
Gruta
Cascata
?
Seis presepios de diferentes tamanhos e lavôr
?
Camponezes da Russia
Cinco peças de xadrez de dentes de cavalo marinho
Uma senhora da Conceição de marfim

FLORES

Anonimas no Convento da Esperança de P. D.
Cestinho com flôres e fructos (cera)
Ramo de saudades (pano)
Vazo de flôres idem
Camelia branca (penas)

Cabaz de flôres e fructos (seda)

D. Ana e Maria da Guia de Freitas

Ramos de alecrim, murta e rosas (penas)

D. Eusebia Carlota Leite P. Delgada.

Grinalda de flôres brancas (requife)

Ramo grande (seda e pano)

Ramo Grande (cêra)

José Feliciano de Menezes—do Livramento, idem.

Flôres trez de lã e uma de cabelo.

D. Jacinta Carlota Botelho Ambar Lagoa.

Vazos com flôres conchas marinhas

Flôres (pena)

Liceu Açoreano (educandas) P. Delgada.

Vaso de flôres (pano)

D. Mariana Isabel Deodata, idem

Ramo de alecrim (pena)

Ramo de morangos (pena)

D. Mariana Leite, idem

Rosas brancas (cêra)

D. Mariana do Carmo e Canto Ribeira Grande

Ramo grande de flôres (pena)

D. Maria Venancia do Canto, idem

Grande roseira do japão com flôres brancas (penas)

D. Margarida Augusta da Mota Sequeira, P. Delgada.

Vaso e grande ramos de flôres conchas marinhas

Nicolau Antonio de Azevedo, idem

Flôres idem

Vieiras, idem

Ramos conchas marinhas =Diz-se que foi o primeiro ensaio em obras d'este genero feito n'esta Ilha.

MARCENARIA

José Caetano Dias do Canto Medeiros, idem

Costureira com todos os preparos interiores inherentes.

?

Escrevaninha polida e chapeada de metal

João Nicolau Ferreira, idem

Rabeca Trabalho de curioso

Viola « « «

?

Banca costureira

?

Rabeca de uma só peça — trabalho de uma creança de 12 anos, com cordas proprias por ela fabricadas, tocando muitas peças sem saber musica

OURIVESARIA

José Pen.ª
Um broche de ouro lavrado
Um alfinete representando uma rosa de prata, semelhante ao primeiro
?
Portugal
Uma caixa de prata com vista esmaltada
Uma caixa arrendada—filagrama
Um pavão sobre uma salva pequena—filagrama, esmaltada
Semelhante
Uma caixinha d'ágatha, engastada em ouro
Semelhante
José Jacintho
Oito duzias de cabos de talheres de prata sob a direção de José Caetano Dias do Canto Medeiros—a caixa feita por João Valentim Shemal—a fechadura de prata pelo mesmo José Caetano.

OLARIA

Manuel M. Vila Franca do Campo.
Perfumador de barro envernisado a branco

PINTURA

Alfredo Lambert, P. Delgada.
Paisagem—ponte sobre um rio
Cão deitado sobre um coxim
Henrique Walker, idem.
São Pedro em prisão
Vista da Ilha de St.ª Helena
Uma catadupa
D. Henriqueta Walker, idem.
Vista maritima da Costa da Ilha da Madeira
José Machado de Medeiros idem.
Ecce—Homo
Quadro de fructos
Outro de mariscos
Outro de aves
Outro de peixes
Ananaz
Retrato de Antonio Pedro Gomes
D. Maria Guilhermina Taveira do Canto, idem.
Grande transparente de varanda.
Um riacho
Manuel Monteiro, idem.
Cabeça de Christo

Retráto do autor
O escravo de Murilo—Sebastião Gomes.
Uma vista do vale das Furnas na Ilha de S. Miguel
Tres cabeças de cavalos
Vistas de motanhas da America
O prisioneiro de Girors

Marciano Henriques da Silva, idem.

Um pastor tocando flauta
O filho prodigo
O Senhor da Apresentação
Retrato de Fr.º Henriques
Outro de um preto mendigo
Um cão ao colo de uma dama
Corpo de dama
Adoração de Jesus

PAPEL TEZOURADO

Antonio Boaventura—Evaristo do Rego (Lisboa).

Busto de Camões cercado de silva bordada a seda e ouro
A rainha abraçando o busto de D. Pedro
Retrato de José Caetano Dias do Canto Medeiros

D. Mariana Eulalia G. Serrão.

Um quadro (arvoredo)

Freira do St.º Christo.

Um bordado

PICADOS A AGULHA

?
Um ramo levantado em papel a bico de agulha
Uma caçada de viados idem
Um ramo

Luiz Felipe Leite.

Um busto de Canova em papel

TECIDOS

Anonimas

Quatro capachinhos quadrados de linha
Luvas de seda preta arrendadas

? Villa Franca

Finissima cambraia

?
Meias d'algodão arrendadas

? Ribeira Grande

Duas belas colchas de algodão

?
Brim branco de linho rival dos melhores da Grã—Bertanha
?
Pulseira de cabelo
? P. Delgada.
Par de meias de algodão colhido preparado e tecido em casa de D. Francisca Candida de Medeiros Brum Machado n'esta cidade.
D. Ana Adelaide do Canto, idem.
Bolsa de rede de retroz salpicada de missangas metalicas.
? idem
Bolsa de missangas
Escorrega R. Grande.
Renda bordada e bicada
D. Fortunata Moraes Pereira, P. Delgada.
Fita bordada, aberta e tecida de trança de cabelo
Fr.° Augusto Martins, idem.
Cestinho tecido de tiras de papel
Guilherme Augusto Cordeiro Lima, idem.
Escova
D. Helena Fava, idem.
Mantilha tecida de missangas multicores
D. Izabel Moraes Pereira, idem
Bonet tecido e bordado de trança de palha
João Soares.
Bonet tecido de fitas de vime
Luiza Maria da Camara
Renda bordada bicada e aberta de quatro polegadas de largo.
Vieiras P. Delgada
Cestinho tecido de tiras de papel
? Nordestinho
Casemira azul ferrete mesclada de encarnado.
D. Mariana Machado Soares d'Albergaria
Bolsa
?
Um pano de barba tecido em renda aberta.
Limas graciosa
Um par de luvas de linha arrendadas
Um par de meias arrendadas
Um jardim com figuras levantadas de linha
?
Um tumulo de cabelo do filho mais velho de D. F. C. de Medeiros Brum Machado.
D. E. Ferin
Uma caixa ocupada de flôres de linha.

CATALOGO

DA

EXPOSIÇÃO DE ARTES, SCIENCIAS E LETRAS MICHAELENSES

Inaugurada nas salas do Lyceu Nacional de Ponta Delgada

NO DIA 7 DE MAIO DE 1882

O curto espaço de tempo (tres semanas apenas), dentro do qual se planeou e realisou a pequena exposição dos objectos mencionados n'este catálogo, desculpará tudo quanto ela possa ter de deficiente.

A exposição de artes, sciencias e letras micaelenses é apenas um ensaio, um programa vivo de futuras tentativas n'este sentido. Desejar receber a maxima prova do acolhimento publico como impulso para essas tentativas, e estimular futuros expositores, taes são as rasões da realisação prematura d'uma festa d'esta natureza.

Se uma grande exposição universal deixa lições para toda a Humanidade, a mais modesta exposição local ensina sempre alguma cousa. Acompanhando a lembrança d'isto pelos factos, os nossos esforços, na exposição definitiva que projectamos, serão por certo duplamente coroados de bom exito.

A nossa idéia é, como se vê, aproveitar tudo quanto possa deixar o mais pequeno traço, não só do nosso progresso; mas tudo o que possa historiar-se nos nossos usos e costumes. Devemos manifestar aqui o interesse especial que tomamos pela arte popular em todas as suas manifestações e detalhes. O meio oçoriano possue evidentemente condições particulares: nos poucos homens que mais poderosameute teem renovado a men-

talidade portugueza contam-se alguns açorianos. O maior grau d'esta particularidade reside incontestavelmente no povo — mais directamente em relação com as condicções naturaes, menos facilmente desviado na sua evolução pela influencia de meios estranhos. O estudo dos seus contos e cantigas, da sua economia domestica, da arte do seu vestuário e dos seus enfeites, tem pois um papel na historia que não pode ser substituido. Estas considerações explicam a exposição de certos objectos que á primeira vista, possam parecer assaz conhecidos e poucos eloquentes, e pedem a cooperação especial de todos os que possam coadjuvar-nos, n'este sentido, no proseguimento da nossa empreza. Merece ainda mais a nossa attenção toda a Industria.

Faltariamos a um dever se aqui não manifestassemos desde já o mais profundo reconhecimento—

a todos os expositores que tão obsequiosamente nos confiaram o importante material d'este certamen;

ao Snr. Dr. Carlos Maria Gomes Machado, Reitor do Lyceu Nacional de Ponta Delgada, que tão bondoso acolhimento nos deu, franqueando-nos as salas d'aquelle estabelecimento.

A Comissão promotora da Exposição de artes, sciencias e letras michaelenses:

Antonio Manuel de Vasconcelos—Eugenio Moniz—Francisco d'Arruda Furtado—Henrique Maria d'Aguiar—Joaquim Candido Abranches— José Ignacio d'Arruda—José Botelho de Mello —Julio Gomes de Menezes—Manuel Antonio de Vasconcellos.

NOTA—Os primeiros nomes são os dos autores, os segundos os dos expositores.

1 Camponezas de Agua de Pau (tecelagem e tinturaria), tres chales de algodão, José Botelho de Mello.
2 Fabrica de tecidos da rua de S. João de Deus em Ponta Delgada (tecelagem), doze chales de algodão, a Fabrica.
3 Idem, a Fabrica diversos padrões de chales de algodão.
4 Idem, um faisão bordado a laias, A. d'A. Albuquerque.
5 D. Maria de Moraes, um S. José bordado a froque, Nicolau A. Ferreira.
6 Maria Emilia Amorim Borges, uma Virgem bordada a missanga, Alvaro B. de Souza.
7 Idem, um pequeno açafate de flores feito de conchas e musgos, D. Maria das Mercês Andrade Borges.
8 D. Maria Hortensia Sequeira de Moraes, um quadro de figuras chinezas (bordado de applicação), Barão da Fonte Bella (Jacintho).
9 D. Jacintha Cymbron Soares de Albergaria, uma corôa de flores bordada a retroz em seda, D. Maria Hortensia Sequeira de Moraes.
10 D. Luciana Blanc Moreira da Camara Falcão, paisagem com figuras bordadas a missanga, Heitor do Canto Falcão.
11 D. Maria Carolina Gomes de Carvalho Ferreira, suspensorios bordados a missanga, Julio Gomes de Menezes.
12 D. Jacintha Cymbron Soares de Albergaria, flores bordadas a retroz, D. Maria Hortensia Sequeira de Moraes.
13 D. Maria Augusta do Canto, flores bordadas a pó de laias, Julio Gomes de Menezes.
14 M. A. C. C., flores bordadas a froque e ouro sobre espelho, Antonio Machado de Faria e Maia.
15 D. Maria Leopoldina de Carvalho Ferreira, suspensorios bordados a missanga, Julio Gomes de Menezes.
16 D. Luciana Blanc Moreira da Camara Falcão, uma scena domestica bordada a missanga, Heitor do Canto Falcão.
17 D. Evangelina Cabral, um bibo a crochet, João Cabral.
18 D. Adelina Costa, uma pequena coberta de rede, a authora.
19 Idem, arabescos bordados a ouro ornando um quadro de S. João, Luiz Leopoldino Borges Bicudo.
20 D. Ignez Sequeira Moraes, uma renda, Luiz Maria de Moraes.
21 D. Luciana Blanc M. da C. Falcão, um grupo de figuras bordadas a missanga, Heitor do Canto Falcão.

22 D. Evelina Justa Machado, flores a froque sobre espelho, a authora.
23 D. Amelia Augusta Canto, flores bordadas a pó de laias, a authora.
24 Idem, um ramo a missangas, D. Maria Hortensia S. Moraes.
25 D. Lucianna Blanc Falcão, paisagem com figuras bordadas a missanga, Heitor do Canto Falcão.
26 D. Elisa Sequeira de Moraes, figuras chinezas (bordado de applicação), Luiz Maria de Moraes.
27 M. C. B. C., figuras bordadas a missanga com este titulo: «Amor maternal», Alvaro Borges de Souza.
28 D. Adelina Costa, fructas bordadas a pó de laias, a authora.
29 D. Evelina Justa Machado, um leão bordado a laias, Fructuoso José de Medeiros.
30 M. C. A. B., um quadro a missanga representando «Clemente 10.º ensinando Joanna d'Arc», Alvaro Borges de Souza.
31 João Borges Bicudo, cadeias de relogio feitas de cana, Julio G. de Menezes.
32 D. Felicidade Silveira Pontes, um lenço bordado, Francisco do Rego Silveira Pontes.
33 D. Maria Isabel Soares Albergaria, um porte-montre de veludo e seda bordados a ouro, D. Maria Hortensia Sequeira Moraes.
34 D. Felicidade Silveira Pontes, um lenço bordado, Francisco do Rego Silveira Pontes.
35 D. Maria Celestina S. Pontes (8 annos), uma pequena mala de casemira bordada a retroz, Francisco do Rego Silveira Pontes.
36 D. Evangelina Arabella Quintino, carteira de couro bordada a froque e ouro, D. Maria Hortensia Sequeira Moraes.
37 D. Marianna Sequeira, um limpa-pennas, D. Maria H. S. Moraes.
38 D. Amelia Augusta Canto, carteira de setim bordada a ouro e veludo, Julio Gomes de Menezes.
39 D. Maria Leocadia Botelho, um limpa-pennas, D. Maria Hortensia Sequeira de Moraes.
40 D. Maria Hortensia Simy Buzaglo, um pequeno açafate de cartão bordado para segurar novellos, D. Maria H. S. Moraes.
41 D. Amelia Augusta do Canto, um passe-partout de seda bordado a retroz, D. Maria H. S. Moraes.
42 D. Maria Amelia Silva, um porte-lenços, D. Maria H. S. Moraes.
43 Joaquim Maria da Ponte, um emblema da Fiscalisação externa da Alfandega bordado a ouro, o author.
44 D. Ignez Dulan, uma charuteira bordada a froque e seda, a authora.
45 João Borges Bicudo, cadeia de relogio feita de cana, A. M. Vasconcellos.
46 Idem, um porte-montre de couro, D. Maria Hortensia Moraes.
47 D. Felicidade Silveira Pontes, um porte-lenços, Francisco do Rego Silveira Pontes.
48 Idem, uma pasta de couro com flores do mesmo, José Maria Raposo do Amaral Junior.
49 D. Maria Isabel Soares Albergaria, uma pequena mala de couro a veludo bordada a ouro, D. Maria H. S. Moraes.
50 D. Maria Leonor de Menezes Pamplona, uma bilheteira de linhas ornada, Julio Gomes de Menezes.
51 D. Marianna Isabel Ferreira, uma pregadeira de couro e seda, João Furtado.
52 D. Maria do Carmo Carvalho, uma pasta de dependurar de casemira bordada a retroz, D. Maria H. S. Moraes.

53 D. Carolina de Jesus Fernandes, folhas desenhadas por moldagem em lã branca, a authora.
54 José Ignacio d'Arruda, quadro em laminas de cortiça representando as ruinas do passeio publico de Evora, José Botelho de Mello.
55 Antonio Manoel de Vasconcellos, quadro em laminas de cortiça representando a Torre de Belem em Lisboa, Antonio Joaquim da Arruda.
56 D. Maria Laurentina Peixoto, «Mignon», figura a escumilha, copia d'uma gravura, a authora.
57 D. Maria José de Medeiros, figuras chinezas (bordado de applicação), D. Maria H. Sequeira Moraes.
58 D. Maria Hortensia Sequeira Moraes, «Le Menetrier» figura a escumilha, Francisco Maria Supico.
59 D. M. Henriqueta Sequeira Botelho, um ramo bordado a ouro e cabello, Salustiano Raposo Botelho.
60 D. M. Hortensia Sequeira Moraes, «Une fille des champs», figura a escumilha, a authora.
61 M. A. M., «Pateo da Universidade», quadro a escumilha, D. Maria das Mercês Andrade Borges.
62 Religiosas da Esperança, um trabalho de miôlo de figueira, Antonio Machado de Faria e Maia.
63 D. Catharina Vasconcellos, um cão com pello imitado em algodão em rama, a authora.
64 D. Luzia Lopes, um ramo de miôlo de figueira, Francisco Lopes.
65 D. Antonia Araujo, emblema em miôlo de figueira, F. M. Supico.
66 Idem, um ramo de miôlo de figueira, Antonio M. de Faria Maia.
67 Idem, um dito, F. M. Supico.
68 Idem, ramos em miôlo de figueira, Padre João Luiz d'Amorim.
69 D. Angela Leopoldina Chaves Pedreira, um ramo de miôlo de figueira, Diogo de Chaves.
70 Idem, emblema em miôlo de figueira, Padre João Luiz d'Amorim.
71 D. Maria Filomena, uma saia de crochet, Francisco d'Andrade Albuquerque.
72 D. Amelia A. Canto, um açafate de crochet para suspender, J. G. de Menezes.
73 Francisco José de Azevedo, uma roca ornada de palhas, José d'Arruda.
74 Camponezas da Bretanha (tecelagem e costura) uma saia de lã e algodão, Francisco d'A. Furtado.
75 D. Amelia Augusta Canto, uma gravata de senhora, de cassa bordada, Julio Gomes de Menezes.
76 Camponezas dos Arrifes, um lenço bordado a branco, Francisco d'Arruda Furtado.
77 D. Maria L. Menezes Pamplona, uma saia de creança com entremeios, Julio Gomes de Menezes.
78 D. M. L. M. Pamplona, uma camisa bordada para creança, Julio G. de Menezes.
79 D. M. L. M. Pamplona, uma saia de crochet para creança, Julio G. de Menezes.
80 D. Evangelina A. Quintino, uma gravata de senhora, de cassa bordada, D. M. H. S. Moraes.
81 D. M. L. M. Pamplona, uma pequena coberta de linhas, J. Gomes de Menezes.
82 D. Maria José de Medeiros, uma gravata de senhora de filó bordado, D. M. H. S. Moraes.

83 Camponezas da Bretanha (tecelagem e costura), uma saia de lã e linho, F. d'A. Furtado.
84 D. Maria Augusta Deiró, uma saia de crochet, Francisco de S. Deiró.
85 D. Maria Laurentina Peixoto, um S. João bordado a froque sobre espelho, Eugenio S. Peixoto.
86 D. Maria do Carmo Carvalho, um capacho de banca de casemira bordado a retroz, D. M. H. S. Moraes.
87 D. Maria Laurentina Peixoto, um Salvador bordado a froque sobre espelho, Eugenio S. Peixoto.
88 D. Jacintha Cymbron Soares Albergaria, uma pasta de seda bordada a veludo e ouro, D. M. H. S. Moraes.
89 D. Maria Lucinda Botelho, uma pequena mala de panno bordado, D. M. H. S. Moraes.
90 D. Rosa Bettencourt, um gato bordado a laias (ponto alto), a authora.
91 Idem, uma coberta de crochet, Barão de Fonte Bella (Jacintho).
92 D. Leopoldina (Recolhida de S. Barbara), um pavão bordado com froque e pennas de pavão sobre espelho, F. M. Supico.
93 D. Maria Laurentina Peixoto, um ramo bordado a retroz, Eugenio S. Peixoto.
94 João Augusto da Silva, mostras variadas de crochet, Jacintho C. da Silva.
95 D. Carlota Hercilia Faria, flores bordadas a retroz, Augusto de Faria.
96 José d'Arruda, um trabalho a linhas ornado com oleographias, o author.
97 D. Albertina Lopes, um cesto de cartões recortado, Francisco Lopes.
98 Idem, uma almofada com um leão bordado a ponto alto, F. Lopes.
99 Idem, figuras chinezas (bordado de applicação), José Maria Raposo do Amaral Jr..
100 D. Maria Isabel Soares Albergaria, uma almofada de casemira com um ramo de ponto alto, D. M. H. S. Moraes.
101 D. Carlota Amelia Raposo Brocas, uma almofada de panno e reps com uma ave bordado a laias e flores a ponto alto, Manoel d'Araujo Brocas.
102 D. Amelia Augusta Canto, uma almofada de panno bordada a applicação, D. M. H. S. Moraes.
103 D. Carlota Amelia Raposo Brocas, uma almofada de panno e reps com flores a ponto alto, Manoel d'Araujo Brocas.
104 Idem, uma almofada de setim de lã com figuras chinezas bordadas a applicação, Fructuoso José de Medeiros.
105 D. Rosa Leopoldina Carreiro (12 annos) uma almofada de laias com flores a ponto alto, F. d'A. Furtado.
106 D. Anna Bicudo, uma almofada de casemira com flores de dita, Manoel Ferreira Cordeiro.
107 João Soares Teixeira, uma bilheteria, um açafate e uma costureira de palha e vime, Francisco d'Andrade.
107ª D. Margarida Riley, um ornato para vaso embutido de palhas coloridas, Dr. Aristides Moreira da Motta.
108 Camponezas dos Mosteiros, cestas pyramidaes e quadrangulares de palhas coloridas, Luiz Ambar Botelho Arruda.
109 D. Maria Isabel Soares d'Albergaria, uma pregadeira de seda e casemira bordada a ouro e retroz, D. M. H. S. Moraes.
110 D. Maria Leonor de Menezes Pamplona, um porte-montre de cartão recortado e bordado a retroz e seda, Julio G. de Menezes.
111 D. Amelia Augusta Canto, um porte-montre de seda bordado a retroz, Julio Gomes de Menezes.

112 D. A. A. Canto, uma bilheteria de linha ornada com oleographias, Julio G. de Menezes.
113 D. Ignez Sequeira Moraes, um porte-montre de seda bordado a froque e ouro, a authora.
114 D. Maria Leonor de Menezes Pamplona, um limpa-pennas bordado a froque, Julio G. de Menezes.
115 D. Odilia de Medeiros, um porte-montre, Fructuoso José de Medeiros.
116 D. Maria A. Garcia, a casca d'um ovo ornada de conchas e formando um sacco, Henrique Maria d'Aguiar.
117 Idem, uma almofada de seda bordada a retroz, Fructuoso José de Medeiros.
118 D. Maria Christina S. Pontes (8 annos), um limpa-pennas ornado, Francisco do R. Pontes.
119 D. Catharina Vasconcellos, uma bolsa de seda dentro d'uma noz, a authora.
120 Idem, uma cesta de sola ornada, Antonio H. d'Andrade.
121 D. Odilia Aureliana M. Medeiros, uma carteira de seda bordada a ouro, Fructuoso José de Medeiros.
122 D. Antonia Amelia Pereira Raposo, um chapeu de senhora, Antonio Raposo.
123 Idem, uma almofada de casemira com bordados de applicação e retroz, José Maria Raposo do A. Jr..
124 D. Maria do Carmo Carneiro e Supico, uma pasta de cartão bordado a retroz, a authora.
125 D. Rosa Leopoldina Carreiro, uma pregadeira de seda bordada a fio de seda e coberta com uma renda, F. d'A. Furtado.
126 D. Maria Helena de Arruda, uma almofada de setim bordada a ouro e fio de seda, Sebastião d'Arruda Botelho.
127 D. Maria do Carmo Carneiro e Supico, uma pregadeira de seda bordada a missanga, a authora.
128 D. Elisa Moraes, uma colcha de crochet, Luiz Maria de Moraes.
129 D. Helena Bicudo, uma colcha de crochet, a authora.
130 Idem, uma colcha de crochet bordada a lã, Dr. C. d'Andrade.
131 D. Marianna Isabel Ferreira, uma colcha de crochet, João Furtado.
132 D. Maria A. Deiró e D. Capitolina Deiró, uma colcha de crochet, Francisco S. Deiró.
133 Idem, uma colcha branca (tecida na Ribeirinha), F. d'A. Furtado.
133ª Idem, uma manta branca de retalhos (Ribeira Grande), idem.
134 D. Thereza Adelina Motta Vasconcellos, uma colcha de crochet, José Maria de Sousa Vasconcellos.
135 Idem, uma colcha branca (tecida na Grotinha), F. d'A. Furtado.
136 Idem, uma colcha branca (tecida nos Fenaes da Luz, F. Furtado.
137 D. Maria do Carmo Carneiro e Supico, uma coberta de crochet, a authora.
138 Idem, uma manta branca de retalhos (Grotinha) F. d'A. Furtado.
139 Idem, uma colcha branca (tecida na Ribeira Grande) F. Furtado.
140 D. Laura Borges, uma colcha de crochet, a authora.
141 Idem, uma colcha de retalhos (tecida na Ribeirinha), F. d'A. Furtado.
142 Idem, uma colcha de retalhos branca e vermelha, Dr. Caetano d'Andrade.
143 D. Maria Guilhermina de Vasconcellos, um panno de marca. (Letras, algarismos, figuras, & bordados com linhas de côres em panno de linho e fazendo parte indispensavel do fundo artistico de uma menina da geração passada), F. d'A. Furtado.

144 Idem, uma coberta de crochet, José Maria Raposo do Amaral Junior.
145 D. Eufrosina Aurelia Barradas, um panno de marca, F. d'A. Furtado.
146 D. Catharina Vasconcellos, um panno de marca, a authora.
147 D. Eufrosina Aurelia Barradas, um panno de marca, F. d'A. Furtado.
148 D. E. A. Barradas, um panno de marca, F. d'A. Furtado.
149 Idem, uma coberta de crochet ornada, José Maria Raposo do Amaral Junior.
150 D. Anna C. da Camara, um panno de marca, F. A. Furtado.
151 D. A. C. da Camara, um panno de marca, F. A. Furtado.
152 Camponezas dos Arrifes (tecelagem, tinturaria e mão d'obra), uma jaqueta e calças de estamanha azul, F. A. Furtado.
153 D. Maria Thereza do Rego, dois capaxos de banca de crochet, a authora.
154 Camponezas dos Arrifes (tecido e mão d'obra). uma camisa com punhos bordados. Este genero de bordados e o seu uso são uma particularidade local, e será curioso saber-se que os peitilhos que hoje são lizos, é que eram d'antes esmeradamente trabalhados, F. A. Furtado.
155 Idem, uma fronha bordada, Dr. Caetano d'Andrade.
156 D. Adelina Costa, uma coberta de crochet e minhardise, a authora.
157 João A. da Silva, uma coberta de crochet, Jacintho C. da Silva.
158 D. Evangelina Cabral, uma capa de creança de crochet com rendas, João Cabral.
159 D. Marianna Isabel Ferreira, uma toalha bordada, João Furtado.
160 D. Virginia Amelia Vasconcellos, um lenço de cassa bordado, José Maria de Souza Vasconcellos.
161 D. Amelia Augusta Canto, uma coberta de crochet. J. G. Menezes.
162 D. Elvira Angelina de Vasconcellos. uma coberta de crochet, José Maria de Souza Vasconcellos.
163 João A. da Silva, uma coberta de crochet, Jacintho C. da Silva.
164 D. Catharina Vasconcellos, uma coberta de tafetá de seda, a authora.
165 D Rosa Bettencourt, uma coberta de cadarço e crochet, a authora.
166 Idem, uma toalha de cambraia bordada, Dr. Caetano d'Andrade.
167 D. Evelina A. Deiró, uma coberta de meza de jogo bordada a applicação, ornada com cartas de figura bordadas a retroz, Francisco de Souza Deiró.
168 D.. Evangelina A. Quintino, um tapete de casemira bordado a applicação e a retroz, D. Maria Hortencia Sequeira Moraes.
169 João A. da Silva, um tapete de retalhos, Jacintho C. da Silva.
170 D. Maria C. S. Pontes (8 annos), uma pasta de casemira com bordados d'applicação, Francisco do Rego Pontes.
171 D. Maria F. Machado, um tapete de castiçal, Francisco d'Andrade Albuquerque.
172 Idem, idem, idem.
173 D. M. do C. Carvalho, um bordado d'applicação, D. M. H. S. Moraes.
174 D. Maria F. Machado, um tapete de castiçal, Francisco d'Andrade Albuquerque.
175 Idem, idem, idem.
176 D. M. José de Medeiros, um abafador de bule bordado de applicação, D. M. H. Sequeira Moraes.
177 D. Helena Bicudo, uma coberta de retalhos de casemira, João Borges Bicudo.
178 Carlos Maria Bettencourt (Estufador e Selleiro e Correiro), um sacco de viagem de lona com correias, o author.
179 Idem, idem, idem.

180 Idem, uma mala de viagem de pelle de vitella, o author.
181 Idem, idem, idem.
182 D. Maria de Moraes, um quadro grande com animaes bordados a laias (ponto alto), Luiz Maria de Moraes.
183 Carlos M. Bettencourt, uma pequena carruagem de 4 rodas para creanças, o author.
184 Fabrica de sabão michaelense, Rua da Canada, Ponta Delgada, n.º 125, differentes mostras de sabão, o fabricante, João de Chaves.
185 Fabrica de chapeus de palha «Pereira» em Ponta Delgada, differentes mostras de chapeus de palha para homens, a Fabrica.
186 D. M. Leonor Menezes Pamplona, um tapete de retalhos, J. G. de Menezes.
187 D. Ignez Miquelina de Menezes Ferreira, uma toalha com franja aberta na mesma peça, J. G. de Menezes.
188 D. Olympia Telles Palhinha, uma coberta de meza de hollanda bordada de applicação e lãs, José Maria Cabral Ramalho.
189 D. M. Carolina G. C. Ferreira, uma coberta de crochet, J. G. Menezes.
190 D. Ignez Miquelina Menezes Ferreira, uma toalha com franja aberta na mesma peça, J. G. Menezes.
191 D. Ignez M. M. Ferreira, uma colcha de crochet, J. G. Menezes.

.....

196 Fabrica de louças da Lagoa, varias peças de uso commum de louça invernisada, a Fabrica.
197 Idem, varias peças de louça de barro vermelho, fabricadas em Villa Franca, Antonio Manoel de Vasconcellos.

.....

200 Joaquim Candido Abranches, «Album michaelense» com lithographias, o author.

.....

251 João M. Aguiar, paisagem a dois lapis, Henrique M. d'Aguiar.
252 Luiz Carlos Garcia de Miranda Junior, uma marinha imitando gravura em madeira, o author.
253 Idem, paisagem. aguarella, o author.
254 Duarte M. de F. e Maia, marinha a lapis, o author.
255 D. M. S. Albergaria, paisagem a oleo, D. Heitor A. Cabido.
256 A. M. Vasconcellos, retrato a oleo, o author.
257 Idem, um quadro de costumes, Padre J. da Ponte.
258 Idem, idem, idem.
259 Idem, uma vacca do natural oleo, D. M. das Mercês.
260 Marcianno Henriques, retrato de si mesmo, Dr. Carlos Machado.
261 Julio G. de Menezes, marinha a oleo, o author.
262 João Soares Cordeiro, moldura entalhada, J. M. da C. Coutinho.
263 Herculano G. Machado, paisagem em papel Pellé, Dr. Carlos Machado.
264 João S. Cordeiro, moldura entalhada, José M. da Camara.
265 Idem, idem, idem.
266 A. M. Vasconcellos, aves pintadas a oleo, D. Maria das Mercês.
267 Idem, conchas pintadas a oleo, o author.
268 João S. Cordeiro, moldura entalhada, José M. da Camara.
269 Idem, idem, idem.
270 D. Maria V. X. Raposo, uma Virgem a lapis, a authora.
271 Julio G. de Menezes. marinha a oleo, o author.
272 João S. Cordeiro, moldura entalhada, J. M. da C. Coutinho.
273 Herculano G. Machado, paisagem em papel Pellé, Dr. Carlos Machado.
274 João S. Cordeiro, moldura entalhda, José M. da Camara.
275 Idem, idem, idem.

276 A. M. Vasconcellos, Conchas pintadas a oleo, o author.
277 Idem, retrato a oleo, o author.
278 Herculano G. Machado, Torre de Belem, quadro a oleo, Dr. Carlos Machado.
279 Luiz A. B. Arruda, figura a lapis, o author.
280 Manoel C. de Mello, paisagem a aguarella, J. G. de Menezes.
281 Dr. J. P. de C. Costa, paisagem á penna, o author.
282 D. Margarida Riley, figuras a lapis, Dr. Aristides Motta.
283 D. C. de J. Fernandes, rubens a lapis, Manuel Ferreira.
284 Herculano G. Machado, paisagem a oleo, D. M. das Mercês.
285 A. M. Vasconcellos, gravura colorida a oleo, João Maria Sequeira.
286 D. M. J. Cymbron, figuras a aguarella, Vicente Cymbron.
287 Idem, flores a aguarella, Vicente Cymbron.
288 D. C. de J. Fernandes, figuras a lapis, a authora.
289 D. Margarida Riley, figuras á penna, Dr. Aristides da Motta.
290 D. Bibiana d'Andrade, Napoleão a dois lapis, D. Maria das Mercês.
291 A. M. Vasconcellos, figuras a oleo, D. M. das Mercês.
292 D. M. S. Albergaria, paisagem a oleo, Dr. Heitor A. Cabido.
293 A. M. Vasconcellos, alçado e planta do projecto de uma casa, o author.
294 D. Bibiana d'Andrade, figura a lapis, D. Maria das Mercês.
295 A. M. Vasconcellos, retrato photographico colorido a oleo, Antonio Borges da C. Medeiros.
296 João Cabral, paisagem a oleo, o author.
297 A. M. Vasconcellos, Gambetta a lapis, D. Maria das Mercês.
298 Idem, retrato a oleo, o author.
299 João Cabral, marinha a aguarella, o author.
300 Joaquim J. de França, retrato a lapis, o author.
301 Marcianno Henriques, retrato a oleo, Eduardo T. Dulan.
302 J. G. Menezes, paisagem a oleo, o author.
303 Idem, idem, idem.
304 Barão de Fonte Bella (Jacintho) paisagem a oleo (copia de Christino). o author.
305 Antonio d'A. Albuquerque, paisagem a oleo e moldura, Filomeno Bicudo.
306 A. M. Vasconcellos, figura a dois lapis, D. Maria das Mercês.
307 Idem, idem, o author.
308 Idem, retrato photographico colorido a oleo, o author.
309 João Cabral, marinha a oleo do natural, o author.
310 A. M. Vasconcellos, retrato a aguarella (*), o author.
311 João Cabral, paisagem a oleo, o author.
312 D. M. S. Albergaria, quadro de fructas a oleo, Dr. H. A. Cabido.
313 Idem, paisagem a nankin, Dr. H. A. Cabido.
314 José Ignacio d'Arruda, paisagem a aguarella, o author.
315 Idem, Claustro a sepia, o author.
316 David Bitton, paisagem a lapis, o author.
317 A. M. Vasconcellos, paisagem do natural a oleo (Lisboa), Barão de Fonte Bella (Jacintho).
318 A. M. Vasconcellos, figura a oleo, do natural, o author.
319 D. Bibiana d'Andrade, quadro de animaes a aleo, D. M. das M. A. Borges.
320 A. M. Vasconcellos, paisagem com figuras a oleo, Dr. C. d'Andrade.

(*)—Este quadro é exposto á venda pelo author que offerece o seu producto ao museu do Lyceu de Ponta Delgada.

321 J. G. Menezes, paisagem a oleo, o author.
322 D. Rosa de M. da Fonseca Coelho, idem, D. M. das M. A. Borges.
323 A. M. Vasconcellos, Torre de Belem a oleo, do natural, D. M.ª das Mercês A. Borges.
324 F. A. Furtado, paisagem a lapis, o author.
325 H. Gomes Machado, figura a oleo, S. do Canto e Castro.
326 F. A. Furtado, paisagem a oleo (Invenção), o author.
327 J. G. Menezes, paisagem a oleo, o author.
328 João Alfredo Medeiros, fructas a aguarella, o author.
329 José Ignacio d'Arruda, paisagem a oleo, do natural (S. Miguel), o author.
330 Dito, paisagem a sepia, idem.
331 Luiz A. B. Arruda, paisagem a lapis, J. G. Menezes.
332 Luiz Maria de Moraes, esboço de retrato a oleo, L. M. de Moraes (filho).
333 Duarte Machado, Retrato a oleo (copia d'outro), o author.
334 Dr. Julio Pereira de Carvalho e Costa, paisagem a oleo, Idem.
335 D. Maria L. de Menezes Pamplona, Fructos á oriental em lã, J. G. Menezes.
336 José Ignacio d'Arruda, paisagem a oleo, Idem.
337 Dito, Idem, J. Botelho de Mello.
338 A. M. Vasconcellos, paisagem a oleo, do natural (Lisbôa), Antonio Borges da C. Medeiros.
339 D. M.ª V. X. Raposo, «7 cidades» em papel Pellé, a authora.
340 Joaquim J. de França, Retrato a lapis, o author.
341 Luiz Maria de Moraes, paisagem com figuras a oleo, Luiz M. de Moraes F.º
342 A. M. Vasconcellos, quadro de genero a oleo, A. B. da C. Medeiros.
343 D. Mathilde J. Cymbron, Figuras á penna, Dr. C. d'Andrade.
344 A. M. Vasconcellos, cabeça de Christo a oleo, João M. de Sequeira.
345 Herculano G. Machado, paisagem em papel Pellé, Dr. C. M. Gomes M.
346 A. M. Vasconcellos, paisagem a oleo (copia de Christino), Antonio Borges da C. Medeiros.
347 Herculano G. Machado, paisagem em papel Pellé, S. do C. e Castro.
348 D. M. L. M. Pamplona, aves a aguarella, Julio G. Menezes.
349 L. C. G. de Miranda Jr. Paisagem a oleo, o author.
350 D. Margarida Riley, paisagem a lapis, Dr. A. da Motta.
351 Duarte M. F. e Maia, paisagem a oleo, o author.
352 Dr. J. P. de C. e Costa, Idem, o author.
353 F. d'A. Albuquerque, figura a lapis. D. M. das Mercês.
354 A. M. Vasconcellos, figuras a oleo (copia de Annunciação), Idem.
355 Dito, Retrato a oleo (copia d'outro da escola florentina), Idem.
356 Dito, Retrato photografico colorido a oleo, o author.
357 Dito, S. Cecilia. composição a oleo, Banda «Progresso».
358 D. M. J. Cymbron, paisagem á penna com figuras, Dr. C. de Andrade.
359 A. M. Vasconcellos, retrato a oleo, do natural, Ant.º F. de S. Maris.
360 Dito, Duque de Guise, fragmento copia d'um quadro da escola franceza, Barão F. B. Jacintho.
361 D. Margarida Riley, Figuras a lapis, D. A. Mota.
362 D. M. de F. e Maia, paisagem a oleo, com figuras, o author.
363 Dr. J. P. de C. e Costa. paisagem a oleo, o author.
364 D. M. J. Cymbron, figuras á penna, V. Cymbron.
365 M. A. Vasconcellos, figuras a aguarella, Sebastião A. Botelho.
366 A. M. Vasconcellos, paisagem a oleo do natural (Lisbôa), Ant.º B. da C. M.os.

367 D. M. L. M. Pamplona, flôres á oriental em lã, Julio G. de Menezes.
368 José I. d'Arruda, paisagem a oleo,o author.
369 Herculano G. Machado, paisagem em papel Pellé, S. do Canto e Castro.
370 D. Maria Esteves, retrato a lapis, F. M. Supico.
371 Luiz M. de Moraes, paisagem a oleo, Luiz M. de Moraes f.
372 A. M. Vasconcellos, aves do natural, a oleo, Ant.º B. da C.ª M.ºs
373 Manuel C. de Mello, paisagem a carvão, A. M. Vasconcellos.
374 A. M. Vasconcellos, figuras a oleo, H. M, d'Aguiar.
375 Dito, uma vaca do natural, a oleo, o author.
376 José Ignacio d'Arruda, marinha a oleo, idem.
377 A. M. Vasconcellos, idem, copia de Ocon, Ant.º B. da C.ª M.ºs
378 D. M. V. X. Raposo, paisagens e figuras em papel Pellé, a authora.
379 A. M. Vasconcellos, retrato a oleo, Ant.º B. da C.ª M.ºª.
380 Miss Mary Meston, figura a pastel, a authora.
381 João Cabral, paisagem a oleo, Dr. J. P. de C. e Costa.
382 D. M. L. de M. Pamplona, fructos á oriental em lã, Julio G. Menezes.
383 Luiz M. Moraes, paisagem com animaes a oleo, Luiz M. Moraes F.º
384 José Ignacio d'Arruda, paisagem a oleo do natural (S. Miguel), o author.
385 A. M. Vasconcellos, paisagem á penna, o author.
386 Luiz A. B. Arruda, paisagem a lapis, Julio G. Menezes.
387 A. M. Vasconcellos, uma vaca a oleo, do natural, F. A. Furtado.
388 Luiz A. B. Arruda, figura a lapis, o author.
389 A. M. Vasconcellos, retrato de si mesmo a oleo, D. Maria das Mercês
390 Dito, um quadro de costumes, a oleo (copia de Annuaciação), dita.
391 A. M. Vasconcellos, figura a oleo do natural, o author.
392 D. Bibiana d'Andrade, animaes a oleo (Allegoria politica) D. Maria das Mercês.
393 A. M. Vasconcellos, paisagem a oleo do natural (Portugal), A. F. de S. Maris.
394 D. M. A. d'Andrade, figuras a lapis, Dr. Caetano.
395 José Ignacio d'Arruda, paisagem a aguarella, o author.
396 A. M. Vasconcellos, paisagem á penna com figuras (Sepia), A. B. C. M.
397 Luiz A. B. Arruda, figura a lapis, o author.
398 Dito, Marinha a oleo, o author.
399 Duarto M. de F. e Maia, fructas a oleo, o author.
400 F. A. Furtado, esboços do natural a lapis (S. Miguel), o author.
401 Dito, idem, dito.
402 A. M. Vasconcellos, retrato a oleo do natural, Dr. Caetano.
403 José P. Gomes, paisagem a lapis, o author.
404 Dr. J. P. de C. e Costa, paisagem a oleo, o author.
405 A. M. Vasconcellos, uma cabeça de vacca do natural, F. A. Furtado.
406 David Bitton, paisagem a aguarella, o author.
407 A. M. Vasconcellos, quadro de conchas a oleo do natural. A. B. C. Medeiros.
408 Barão das larangeiras, figura a oleo, D. Maria das Mercês.
409 Dr. J. P. de C. e Costa, paisagem a oleo, o author.
410 Herculano G. Machado, marinha em papel Pellé, D. Maria das Mercês.
411 José Ignacio d'Arruda, paisagem a oleo, o author.
412 A. M. Vasconcellos, marinha a oleo (Invenção) o author.
413 F. A. Furtado, paisagem a oleo, o author.
414 Joaquim J. França, retrato a lapis, o author.
415 Marciano Henriques, figuras a oleo (Um dos primeiros quadros pintados por este notavel artista michaelnse,) Barão da F. Bello J.
416 F. A. Furtado, paisagem a oleo, A. M. de Vasconcellos.

417 Herculano G. Machado, quadro de costumes a oleo, D. Carlos Machado.
418 George Mari (*), fantasia com restos de palheta (figuras), D. M. das Mercês.
419 Herculano Machado, paisagem em papel Pellé, Sebastião C. e Castro.
420 José Ignacio d'Arruda, paisagem a oleo, o author.
421 Dito, idem, dito.
422 F. A. Furtado, idem, o author.
423 João Cabral «sete Cidades» a oleo, o mesmo.
424 A. M. de Vasconcellos, uma cabeça de vitello a oleo do natural D. M. das Mercês.
425 Luiz Carlos G. M. Jr, marinha a nankin, o author.
426 A. M. Vasconcellos, «natureza morta» a oleo, Antonio Borges.
427 A. M. Vasconcellos, retrato a oleo, D. M. das Mercês.
428 Herculano G. Machado, esboço de retrato do natural a oleo, Sebastião do C. e Castro.
429 David Bitton, paisagem a lapis, o author.
430 Dr. Julio Pr.ª da Costa, paisagem a oleo o author.
431 D. Mariana Soares A., idem, D. Heit. S. A. Cabido.
432 D. Carolina de J. F., figura a lapis. a authora.
433 Joaquim J. França, retrato a oleo o author.
434 Manuel C. de Mello, paisagem a oleo, A. M. de Vasconcellos.
435 A. M. deVasconcellos, idem, S. d'Arruda Botelho.
436 F. A. Furtado, paisagem á penna (composição do natural), o author.
437 Joaquim J. França retrato de si mesmo a oleo, o author.
438 D. Bibiana A. A. fructos á oriental sobre lã, D. M. das Mercês.
439 A. M. Vasconcellos, paisagem a oleo do natural (Lisbôa), dita.
440 D. Mathilde J. S. figuras a agurella, Vicente Cymbron.
441 Antonio d'Andrade, «sete cidades» a oleo, o author.
442 Sebastião d'Arruda, fructos do natural a oleo, o author.
443 F. A. Furtado, uma rôla do natural a oleo, o author.
444 Luiz M. Moraes, figura a oleo, Luiz M. de Moraes F.º
445 Luiz Carlos Garcia de Miranda Jr. marinha a nankin,o author.
446 João Cabral idem, o author.
447 A. M. Vasconcellos, retrato de si mesmo a esfuminho, idem.
448 Joaquim J. França,retrato a lapis,o author.
449 Idem flôres a aguarella, V. Cymbron.
450 D. Mathilde J. Cymbron, tres miniaturas a agurella, dito.
451 José I. Arruda, marinha a aguarella, o author,
452 João Cabral, idem, idem.
453 F. A. Furtado, paisagem á penna do natural,idem.
454 Dito, paisagem a oleo, idem.
455 Dito, idem, idem.
456 D. Bibiana d'Andrade, fructos á oriental sobre lã, D. M. das Mercês.
457 Miss Mary Neston, marinha a pastel, o author.
458 David Bitton, paisagem a lapis, idem.
459 João de Lima, toucador de mahogny, José M. C. Coutinho.
460 Joaq. C. Abranches, album de desenhos de historia natural michaelense, o author.
461 F. A. Furtado, idem, idem.

(*) Não é michaelense mas residiu por muitos annos em Ponta Delgada.

462 Augusto C. Soares, album de amostras de madeiras michaelenses idem.
463 Luiz José Nunes Jr. (violeiro), uma guitarra, Lucinio Tavares.
464 Estevão José da Silva (coronheiro de c. 11), um contador imitando antigo, José M. C. Coutinho.
465 Manuel A. d'Oliveira, modelo detalhado d'um barco a vapor, com machina de corda, o author.
466 Luiz de S. Vasconcellos Senior*, um pequeno motor a vapor, D. M. das Mercês.
467 João M. Sequeira, uma pequena casa de cortiça para suportar um relogio, o author.
468 Luiz de Souza Vasconcellos**, uma photographia, copia d'outra, D. M. das Mercês.
469 M. A. Vasconcellos, uma cobra de madeira podendo imitar os movimentos naturaes, idem.
470 João Cordeiro, uma besta de madeira, A. M. Vasconcellos.
471 D. Guilhermina e D. Barbara Pinho, ramo de flôres de panno, as authoras.
472 Ditas, idem, Manuel Pereira.
473 D. Mariana Eulalia Serrão, flôres de escamas de peixe, Francisco do R. Pontes.
474 Dita, flôres de casco de lagosta, Museu de P. Delgada.
475 D. Olimpia Medeiros, flôres de pennas, Fructuoso J. de M.os
476 José Alves. um escaparate entalhado, D. M. das Mercês.
477 Linhares (violeiro em Ponta-Delgada), uma rabeca, Luiz A. B. Arruda.
478 Luiz José Nunes Jr. violeiro, um cavaquinho, Ant.º M. de F. Maia.
479 M. A. Vasconcellos, uma pequena casa de madeira entalhada a canivete (gosto suisso para servir de gaiola, o author.
480 J. M. Carvalho (entalhador em Ponta Delgada), uma bilheteira de nogueira e de uma só peça, D. M. das Mercês.
481 Dito, um contador, P. João L. d'Amorim.
482 Idem, um passepartout, D. M. das Mercês.
483 João M. Carvalho, moldura entalhada, o author.
484 Dito, um passepartout entalhado o author.
485 José Botelho (ourives em Ponta Delgada) alfinetes de ouro e de prata para gravata, João M. de Sequeira e Manuel Ferreira.
486 José Correia Picanço (ourives em Ponta-Delgada), um broche d'ouro para retrato D. C. de Vasconcellos.
487 Antigos ourives da Ribeira Grande (anterior a 1800), um pequeno crucifixo d'ouro, D. Margarida de Vasconcellos
488 Joaquim Candido Abranches (ourives em Ponta Delgada), botões de punhos de prata e coral, alfinetes de prata para gravata, Julio G. de Menezes.
489 Manuel do Vale (ourives em Ponta Delgada), alfinete de prata para gravata, Luiz A. B. Arruda.
490 Antonio José Munis e Irmãos (ourives em Ponta Delgada), botões de punhos e berloque de ouro e coral, J. G. Menezes.
491 Antigos ourives da Ribeira grande (anterior a 1800), a medalha de ouro, A. M. Vasconcellos.
492 Jacintho Cordeiro, alfinete d'ouro para gravata, idem.
493 M. A. Vasconcellos, idem, idem.

---

* Foi o primeiro que fabricou e usou machina a vapôr em S. Miguel, sendo a primeira que fez aplicada a moagem de cereaes.
** Primeiro photographo que houve em S. Miguel, fabricando muitas drogas.

494 A M. Vasconcellos (Galvanoplastia), dois objectos de prata dourada, o author.
495 Evaristo Soares de Menezes, um broche de madreperola, idem
496 Luiz de Sousa Vasconcellos Junior (não é ourives de profissão), botões de punho d'ouro e anel, idem.
497 M. A. Vasconcellos, um broche de madreperola, idem.
498 José Pereira, dois berloques e um botão de camisa ouro e coral, J. G. Menezes.
499 Antonio José Muniz & Irmãos, um anel d'ouro com pedra, idem.
500 Jacintho Cordeiro (ourives) F. (obra de cabello), feichos de ouro lavrado n'uma pulseira de cabello, Dr. C. A. Albuquerque.
501 Antonio José Muniz & Irmãos, anéis d'ouro com pedras, botões d'ouro para as orelhas, cadeias d'ouro, os authores.
502 F., uma pulseira de cabello, D. Margarida Seixas.
503 Joaquim C. Abranches, adereço de brilhantes, o author.
504 Idem, anéis d'ouro com pedras, idem.
505 M. A. Vasconcellos, um punhal com cabo esculpido em marfim, Simão A. da Cunha.
506 Joaquim C. Abranches, um paliteiro de prata, o author.
507 Manuel do Vale, uma corôa de prata, idem.
508 José Pereira, uma colher de prata, Dr. C. A. Albuquerque.
509 Joaquim C. Abranches, trez colheres de prata, idem.
510 Manuel do Vale, resplendor, diadema e açucena de prata, Irmandade beneficente de S. José.
511 Antigo ourives de P. Delgada, ornatos d'uma cruz, João A. Alves.
512 Antigos ourives michaelenses, uma corôa de prata, A. M. Vasconcellos.
513 Ditos (Ribeira Grande) (anterior a 1800) uma colher e um garfo de prata, F. A. Furtado.
514 Jacintho Cordeiro, uma urna de prata, José M. R. Amaral.
515 Jacintho Soares Cordeiro, ornatos em madeira para um vaso chinez, D. F. A. Sanches de Gusmão.
516 Idem, uma pianha entalhada, Frederico A. da Silva.
517 A. M. Vasconcellos, taboleta com letras imitando madre-perola, João M. Sequeira.
518 João S. Cordeiro, um cofre de madeira entalhada, o author.
519 M. A. Vasconcellos, um cachimbo turco de pau preto entalhado a canivete, o author.
520 João Maria de Carvalho e Marianno Fernandes, um cofre de madeira ornado, João Maria Sequeira.
521 Marianno J. Machado, uma representação da igreja da Mãe de Deus de Ponta Delgada, feita de cartão dentro d'um frasco, D. Margarida Seixas
522 Idem, uma dita de dois navios, idem idem, Luiz A. B. Arruda.
523 Francisco Thomé Garcia, um copo de buxo torneado e em peças, o author.
524 M. A. Vasconcellos, uma pequena casa de madeira (gosto suisso) D. M.ª das M. Borges.
525 Idem, uma caixa de madeira para retrato, o author.
526 Manuel F. Tavares, uma defficuldade em peças de madeira e linhas dentro de um frasco, idem.
527 João Borges Bicudo, cadeia de relogio de marfim vegetal, J. G. Menezes.
528 João M. Sequeira, ruinas em madeira para um presepio, o author.
529 José M. R. do Amaral uma gaiola para grilos, Dr. C. A. Albuquerque.

530 Dr. A. M. da Motta, uma bilheteira aberta á serra, o author.
531 Domingos dos Reis, modelo de casa de campo em madeira, idem.
532 A. M. de Vasconcellos, encarne de uma imagem, J. G. Menezes.
533 Idem, idem, Candido J. Xavier.
534 Dyonisio (antigo ourives em P. Delgada), um crucifixo de chumbo fundido, A. M. de Vasconcellos.
535 Ant.º José Brazil, calvario em madeira com figuras, D.ª M. das Mercês.
536 M. A. Vasconcellos. idem (incompleto), o author.
537 M. A. Vasconcellos, um Santo Antonio esculpido em madeira e vestido, idem.
538 A. M. Vasconcellos, baixo relevo em madeira de Alexaudre Herculano, Barão de F. B. Jact.º
539 J. C. P. M. R. Grande, um S. João esculpido em marfim. idem.
540 M. A. Vasconcellos, (o conhecido deputado michaelense), um punhal sem cabo com bainha de prata, Francisco A. Furtado.
541 José Soares de Menezes (esculptor), um crucifixo de chumbo fundido e encarnado, com ornatos de prata, J. S. de Menezes,
542 José Jacintho (ourives), dito esculptor Jacintho Cordeiro (ourives), um dito em madeira encarnada com ornatos de prata. A cruz imitando charão, tambem pelo esculptor, idem.
543 M. A. de Vasconcellos (preparador do museu de P. Delgada), preparações texidermicas (aves um crustaceo e esqueleto) Museu de P. Delgada.
544 F. A. Furtado, desenhos da anatomia vegetal e animal, o anthor.

EXPOSIÇÃO D'INDUSTRIAS ARTES E SCIENCIAS

Na Ilha de S. Miguel em 1901 no Relvão

CATALOGO

DO

PAVILHÃO DOS AMADORES

DE

BELLAS ARTES

Nota = alem d'estes quadros de amadores houve tambem uma grande sala de artistas profissionaes.

Dos quadros d'estes ultimos não se fez Catalogo.

O pavilhão dos Amadores de Bellas Artes, de que apresentamos o presente catalogo, encerra sómente trabalhos d'aquelles que, cultivando-as, não as professam. Nenhum de nós é nem tem pretenções a mestre: não entramos em concurso, não acceitamos, individualmente, premio algum.

Temos unicamente dois fins:—concorrer, consoante nossas forças, para as publicas manifestações de regosijo pela augusta visita dos nossos Reis aos Açôres, e mostrar, a quem por esse motivo aqui vier, como na patria de Marcianno Henriques da Silva se presam e cultivam as bellas artes.

A pintura, como o nosso catalogo está mostrando, é a mais cultivada. Concorre para isso a natural tendencia das classes illustradas, e a melhor frequencia de mestres e de amadores distinctos.

Foi aquella tendencia natural que impelliu Marcianno Henriques da Silva a procurar, apenas com 16 annos, as lições de Charles Martin, pintor inglez, que entre nós se demorou em 1847. Foi ainda essa natural tendencia que levou dois cavalheiros d'aqui a proteger Marcianno e a incitla-o a melhores estudos,—tanto em Lisboa como no extrangeiro, em França, na Inglaterra, na Italia, até o verem coroado em 1864 com o diploma d'Academico de merito.

Foi tambem essa natural tendencia, desenvolvida já com agloria alcançada por Marcianno, que determinou o chamamento a Ponta Delgada, em 1864, do scenographo Lambertini, que, acompanhado de Candido José Xavier, veio pintar e decorar o actual theatro Michaelense.

Pode asseverar-se que parte d'esta epocha a generalisação, entre nós, do desenho e da pintura, que desde 1865 entra na educação da nossa mocidade d' ambos os sexos.

Lambertini sahiu, acabado o seu contracto, mas Candido José Xavier ficou, creou aqui a sua familia, e aqui terminou a sua carreira e os seus dias.

Posto não fosse um mestre, um artista distincto, o Snr. Candido José Xavier tinha merecimento, e a arte deve-lhe relevantes serviços Foi elle quem, durante mais de 20 annos, ensinou pacientemente o desenho.

e a pintura adaptando o bom gosto áquelles «expedientes» que não são a arte mas agradam a todos. D'esde o desenho em «papier pellé», e a agoarella á oriental, até á pintura a oleo, Candido José Xavier ensinou tudo. E, mais e melhor do que isso, ensinou a muitos o desenho e a todos incutiu bom gosto e predilecção pela sua arte.

Ainda ahi ha muitos discipulos d'elle, e alguns figuram em distincto logar no nosso pavilhão e n' este catalogo.

Declinava já Candido José Xavier quando ahi appareceu um pintor de talento. cujo nome, comtudo, ficou mais celebre entre nós pelas anecdotas do que pelos quadros que pintou. Queremos referir-nos a Marini, pintor de retratos, alguns dos quaes têem merecimento. Marini porem, era um bohemio: a arte era para elle um recurso e não uma paixão.

Generalisou muito a pintura de retratos, que elle fazia por baixo preço; e fez apreciar a pintura aos nóvos, com quem de preferencia convivia. Mas não deixou um unico discipulo. Foram os de Candido José Xavier e os de Antonio Manoel de Vasconcellos, que ainda professa entre nós a arte e que temos a satisfação de contar no nosso grupo como amador de esculptura, que continuaram a alimentar o sagrado fogo. Existiam, porem, dispersos. Cada um pintava para si, para matar o seu tempo ou para offerecer como lembrança algum pequeno quadro: e faziam-n'o, fizemol-o todos nós, sem incitamento ao abandono de mestres, desacompanhados de bons modelos.

Um dia, em conversa antes da sessão da Commissão pormotora da Exposição Michaelense, nasceu a ideia de concorrermos a ella como amadores, sem pretenções. A ideia era boa e progrediu: aqui estamos a realisal-a.

Os Amadores de Bellas-artes reunem-se n'este modesto grupo pela primeira vez, e contamos que não será a ultima. Novos esforços tentaremos para realizar novo emprehendimento. Se o conseguirmos não ficarão sem fructo os trabalhos e cuidados que nos custou a nossa pequena exposição de bellas artes.

Ponta Delgada 20 de Junho de 1901.

Julio Pereira de Carvalho e Costa
José I. d' Arruda Pereira
Jayme d' Andrade
Manoel A. de Vasconcellos
Antonio Manoel de Vasconcellos
Julio Gomes de Menezes

I

Pintura em porcelana (esmalte)

Ill.ma e Ex.ma Snr.a D. Brites da Cunha e Silva (Angra do Heroismo)

1 Um idilio—Porte-bijoux
2 Tulipas—Idem
3 Grinaldas de flores=Chavena e pires
4 Forget-me-not=Castiçal de toilette
5 Eglantines—prato
6 Forget-me-not—d.º
7 Madresilva em flor—d.º
8 Malmequeres—d.º
9 Bluets=d.º
10 Violetas—d.º

Pertencem á Ex.ma Auctora

II

Pintura em barro

Ill.ma e Ex.ma Snr.a D. Maria Anna d'Andrade

11 Amores perfeitos—prato
12 Rosas e crisantemos—par de jarras

Pertencem á Ex.ma Auctora

Ill.mo e Ex.mo Snr. Jacintho Leite do Canto Pacheco

13 Porto dos Carneiros—prato

Pertence ao Ex.mo Snr. Manoel da Camara

Ill.mo e Ex.mo Snr. Antonio d'Andrade Albuquerque (falecido)

14 Cabeça do boi —prato

Pertencem á Ex.ma Sn.a D. Cecilia Brandão d'Andrade

III

Desenho

Ill.ma e Ex.a Snr.a D. Maria Anna d'Andrade

15 « The sleeping Children»—pontilhado a crayon

Pertence á Ex.ma Auctora

Ill.ma e Ex.maSnr.a D. Helena de Mello
Manoel da Camara Gomes

16 Fadistas —a lapis—(copia)
17 Palacio de Bruxellas —esfuminho—d.ª
18 Marinha —idem d.ª
19 Torre de Vaucluse —lapis—d.ª
20 Uma paisagem do Mondego—lapis
Pertencem á Ex.ma Auctora
Ill.ma e Ex.ma Snr.ª D. Rosa de Vasconcello
21 Virgem da Piedade—crayon—(copia)
22 Paisagem idem d.ª
23 Santo Antonio idem d.ª
24 Primavera idem d.ª
Pertencem ao Ex.mo Snr. José Maria de Vasconcellos
Ill.mo e Ex.mo Snr. Herculano Gomes Machado (falecido)
25 Cabeça d' estudo —crayon
26 Paisagem— papel pellé—(copia)
27 Paisagem idem d.ª
Pertencem ao Ex. mo Snr. Joaquim de Freitas da Silva
Ill.mo e Ex.mo Snr. Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque
28 Gruta —crayon — (copia)
Pertence á Ex. ma Snr.ª D. Maria das Mercês Andrade Borges
Ill.mo e Ex.mo Snr. Antonio d'Andrade Albuquerque
29 Paisagem—crayon—(copia)
Pertence á Ex.ma Snr.ª D. Cecilia Brandão d' Andrade
Ill.ma e Ex.ma Snr.ª D. Mathilde T. Cymbron
30 «The smithy»—penna e lapis—(copia)
31 «Rembrandt and his Wiffe—idem—d.ª
Pertencem á Ex.ma Sns. D. Maria Emilia Borges de Medeiros
Ill.ma e Ex.ma Snr.ª D. Maria Constantina Leite Athaide
31 Busto de creança—pastel—copia de gravura
32 Retrato de senhora—idem—d.ª
33 Um turco—idem—d.ª
Pertencem á Ex.ma Auctora

IV

Agoarella

Ill.ma e Ex.ma Snr ª D. Maria Izabel d'Andrade

34 Flores
35 Flores
Pertencem á Ex.ma Snr.ª D. Maria das Mercês Andrade Borges
Ill.ma e Ex.ma Snr.ª D. Maria Anna d'Andrade
36 Uma carta da familia —estudo
37 Malmequeres e forget-me-not—gouache em gaze
38 Papoulas Gouache em gaze
Pertencem á Ex.ma Auctora
Ill.ma e Ex.ma Snr.ª D. Mathilde T. Cymbron (falecida)
39 Le viatique
Pertence á Ex.ma Snr.ª D. Maria Emilia Borges de Medeiros
Ill.ma e Ex.ma Snr.ª D. Bibiana Izabel d'Andrade
40 Fructos —oriental sobro panno
41 Fructos—idem
42 Fructos—idem
Pertencem á Ex.ma Snr.ª D. Maria das Mercês Andrade Borges
Ill.mo e Ex.º Snr. Ernesto E. Moore
43 Arcada do caes
Pertence ao Ex.mo Snr. Manoel Antonio de Vasconcellos
44 Rua no passeio da Mãi de Deus
Pertence ao Auctor

V

Pintura em vidro

Ill.mo e Ex.mo Snr. Joaquim Candido Abranches

45 Uma jarra com flores
46 Uma jarra com flores
Pertencem ao Auctor
Ill.mo e Ex.mo Snr. Mariano A. de Bettencourt (falecido)
47 A mocidade estudiosa fugindo aos prazeres (allegoria)
48 Virtude entre os vicios (allegoria)
49 Lembrança a seus pais (emblema).

Pretencem ao Exm.º Snr. Augusto Athaide

VI
Miniaturas

Ill.mo e Ex.mo Snr. Jacintho Leite do Canto Pacheco

50 Uma rôla —concha de madreperola
51 A' beira d' agoa—idem
52 Barco da Villa—idem
53 Tres paisagens=moedas de prata

Pertencem ao Auctor

VII
Pintura

(NOTAS:—1.ª — As dimensões dos quadros são tomadas em centimetros de largura por altura.
2.ª — Os quadros que não levam designada a substancia sobre que são pintados, são em tela.

Ill.ma e Ex.ma Snr.ª D. Maria Anna d'Andrade

54 Na toilette—62x43
55 Sobre a meza da cosinha—69 x 53
56 Coleos e rosas—56 x 78
57 Fructos de verão— 69 x 63
58 Fructos d'inverno e orchideas—69 x 47
59 Assucenas—53 x 69
60 Un coin de table—54 x 68
61 Legumes e fructas—70 x 53
62 Coin de Salon—63x 45
63 Azenhrar das Feteiras—26 x 34
64 Natureza morta (copia de um quadro do Morgado Matheus)

Pertencem á Exm.ª Auctora

Ill.ma e Ex.ª Snr.ª D. Rosa de Bettencourt

65 Susana do Monte (Areias)—25x35
66 A esmo (estudo)—35x25
67 Porto dos Calhetas (Rabo de Peixe)—36x25
68 Canada dos Prestes—25x35
69 Ribeira do Parque (Pedras Salgadas)—35x27—(cartão)
70 Ponte Romana (Pedras Salgadas)—27x22—(madeira)
71 Na barras d'Aveiro—35x27—(cartão)
72 Regresso á granja (Suissa)55x39—(copia)
73 Na montanha (Suissa)—55x39—d.ª

Pertencem á Exm.ª Auctora

Illm.ª e Exm.ª Sr.ª D. Bertha B. d' Alcantara

74 Rosas e lilazes—49x63

Pertence á Exm.ª Anctora

Illm.ª e Exm.ª Sr.ª D. Bibiana Izabel d' Andrade

75 Grupo de cães—36x26—copia de gravura
76 Grupo de gatos—36x26— d.ª

Pertencem á Exm.ª Sr.ª D. Maria das Mercês Andrade Borges

Illm.º e Exm.º Sr. Guilherme Arnaud

77 Uma regata de barcos modernos—73x49
78 Um «cruiser» debaixo de vento fresco—73x49
79 Um couraçado debaixo de mau tempo—73x49

Pertencem ao Auctor

Illm.º e Exm.º Sr. Jayme d' Andrade

80 Grammas (concelho da Ribeira Grande)—33x24—(cartão)
81 Serra d' Agoa de Pau e bahia da Lagoa—44x29—(Este quadro foi offerecido pelo Auctor a Suas Magestades, que se dignaram acceital-o)
82 Judeu errante—23x18—copia—(cartão)
83 Paisagem—37x28— d.ª d.º
84 Paisagem—37x28— d.ª d.º

Pertencem ao auctor

Illm°. e Exm°. Sr. Sebastião d' Arruda Costa Botelho

85 Rosas—35x50—(cartão)
86 Morangos—37x40—(cartão)
87 Retrato d' Anthero de Quental—46x62
88 Retrato d' Anthero de Quental—(perfil)—18x22. O ultimo pertence ao Exm.º Sr. Capitão Francisco A. de Chaves, os outros ao Auctor

Illm.º e Exm.s Sr. Commendador Julio Gomes de Menezes

89 Castello e Egreja de S. Pedro —(esboço) 35x24

Pertence ao Auctor
Illm.º e Exm.º Sr. José Ignacio d' Arruda Pereira

90 Caminho do Moinho—(Bretanha) 54x40
91 Pico Vermelho (Bretanha) 25x22
92 A Chan (Bretanha) 25x22. Pertencem á Familia do Exm.º Sr. Dr. Caetano d'Andrade.
93 Camelias 30x43
94 Estudo 53x40
95 Marinha 23x30 copia
96 Bosque 23x33 copia
97 Cõvoada 48x33 copia

Pertencem ao auctor

98 Passagem do comboio 54x33 copia

Pertence ao Exm.º Sr. Dr. Mont' Alverne de Sequeira

99 Moinhos de Collares 23x34 copia
100 Ponte de trajano 28x18 copia

Pertencem ao Exm.º Sr. Manuel Antonio de Vasconcellos
Illm.º e Exm.º Sr. Abel de Frias Coutinho

101 A «Flecha» (marinha) 25x19
102 A canhoneira «Açôr» na doca do Sampayo 19x25 copia (cartão)
103 Uma fragata no Tejo 28x20

Illm.º e Exm.º Snr. Dr. Julio Pereira de Carvalho e Costa

104 Fonte de S. Thiago Aveiro 33x24
105 Ma barra d' Aveiro 35x27 cartão
106 Estrada de Villar Aveiro 27x35 d.º
107 Fonte de S. Roque Aveiro 35x27 d.º
108 Alameda da Estrada d' Ilhavo, Aveiro 31x25
109 Estrada de Salreu Estarreja 33x41 cartão
110 Congosta dos Carvalhos Estarreja 22x28 madeira
111 «Dois gemeos» margens do Antuan Estarreja 54x35
112 Ponte Velha Estarreja 54x35
113 Margens do Marne em Joinville (França)12x19 madeira
114 Margens do Marne em Saint Maur (França)12x19 madeira
115 Crepusculo Estrada de Boticas, Pedras Salgadas 27x22 madeira
116 Susana do Monte (Areias) 27x35 cartão
117 Canada de Pena (casa de campo e quinta do Auctor) 35x38
118 Um balcão na Canada da Pena 19x33 cartão
119 S. Gonçalo (casa de campo do Auctor)38x46 cartão
120 Do meu balcão Manhan de chuva 24x19 cartão
121 Jardim do Botelho 80x60
122 Canada dos Prestes 23x32
123 Ilheu de Rasto de Cão 46x36
124 Furnas Banhos velhos 32x25 madeira
125 A' bolina Bahia de Ponta Delgada 32x24

Pertencem ao Auctor
Illm.º e Exm.º Snr. Amancio Silveira Gago da Camara

126 Retrato de camponeo 60x72
127 Paisagem (copia) 41x32
128 Effeitos de neve (copia) 41x32
129 Estudo 73x40
130 Estudo 73x40

Pertencem ao Auctor
Illm.º e Exm.º Snr. Herculano Gomes Machado fallecido

131 Torre de Belem 65x54
132 Costumes do Directorio 35x25 cartão

Pertencem ao Exm.º Snr. Joaquim de Freitas da Silva
Illm.º e Exm.º Visconde do Porto Formoso

133 Piteiras pintura em madeira 28x22

Exm.ª Snr.ª Viscondessa do Porto formoso

134 Paysagem a oleo 28x42
135 Paysagem a oleo 36x55

Illm.º e Exm.º Snr. Luiz Bernardo da Silveira Corte Real

136 Estudo 31x44
137 Quintal da escola 24x40

Pertencem ao Exm.º Snr. Augusto Athaide
Illm.º e Exm.º Snr. João Urbano da Silveira Moniz

138 Estudo 30x39 cartão

Pertence ao Auctor

139 Pedreiras da Doca 22x18

Pertence ao Exm.º Snr. Manoel Antonio de Vasconcellos
Illm.º e Exm.º Snr. Francisco do Canto Bettencourt

140 Paisagem (copia) 37x31
141 Paisagem (cspia) 40x37

Pertencem ao Auctor

Illm.º e Exm.º Snr. Jacintho Leite do Canto Pacheco

142 Recordações da costa do norte 25x20

143 Caldeiras da Ribeira Grande 59x46

Pertencem ao Auctor

Illm.º e Exm.º Snr. Francisco Alvares Cabral

144 Um hortelão (copia de gravura) 20x41

Pertence ao Auctor

Illm.º e Exm.º Snr. Barão das Larangeiras (fallecido)

145 Ponte d' Agoa d' Alto 18x13

146 Ponte da Praia 19x15

Pertencem á Exm.ª Snr.ª Baroneza das Larangeiras

Illm.ª e Exm.ª Snr.ª D. Marianna Soares d'Albergaria Cabido (fallecida)

147 Scenas pastoris (copia) 121x71

148 Scenas pastoris (copia) 121x71

Pertencem ao Exm.º Snr. Dr. Heitor da Silva Ambar Cabido

Illm.º e Exm.º Snr. Dr. Antonio Machado de Faria e Maia

149 Mocidade e velhice (copia) 37x45

150 Retrato de seu pai 56x71

Pertencem ao Auctor

Snr. José Machado de Medeiros (fallecido)

151 Mulher dormindo (copia) 22x29

Pertence ao Exm.º Snr. Manoel A. de Vasconcellos

VIII

Alto e baixo relevo

Illm.º e Exm.º Snr. Manoel Antonio de Vasconcellos

152 Retrato de meu pai medalhão em alto relevo madeira

153 José Estevam medalhão em alto relevo madeira

154 Retrato do Auctor medalhão em alto relevo madeira

155 Retrato de seu Irmão (Exm.º Antonio de Vasconcellos) medalhão em alto relevo madeira

156 Anthero do Quental medalhão em alto relevo madeira

157 Christo—Busto em baixo relevo—marmore

Pertencem ao Auctor

IX

Esculptura

Illm.º e Exm.º Snr. Antonio Manoel de Vasconcellos

158 Visconde d' Almeida Garrett Busto em gesso

Pertence ao Exm.º Snr. Ferreira Cordeiro

159 S.S. o Papa Leão XIII Busto em gesso

Pertence á Real Capella de S. Pedro

Illm.º Snr. José Custodio (da Ribeira Grande)

160 Nossa Senhora da Conceição Estatueta em marfim

Pertence ao Illm.º Snr. Luiz Soares

X

Lavores em solla

Illm.º Exm.º Snr. Manoel Antonio de Vasconcellos

161 Capas para este Catalogo dezenho do Auctor

162 Uma cadeira de braços, estylo antigo

163 Uma d.ª idem

164 Uma cadeira d'espaldar idem

165 Uma d.ª idem

166 Um mocho, estylo antigo

167 Um d.º idem

168 Um d.º idem

169 Um d.º idem

CATALOGO

DA

Exposição Districtal D'artes e Industrias

DE

PONTA DELGADA NO RELVÃO

Realisada em 18 *de maio de* 1895, *no edificio da Sociedade Promotora d'Agricultura Michaelense*

Á extraordinaria rapidez com que este catalogo foi confeccionado deu logar a grandes lacunas, que já se não podem preencher, e a muitos erros, que não houve tempo nem occasião de corrigir.

Á celeridade que foi preciso dar a todos os serviços não se compadeceu com minudencias proprias de trabalhos feitos com morosidade e cuidadosamente.

O prazo da recepção dos productos destinados á exposição terminava no dia 30 de abril, foi adiado para 5 de maio e por fim para 8; mas a verdade é que entraram até o dia 14 pela porta da condescendencia, que se tornou indispensavel abrir para não asphyxiar esta primeira tentativa de manifestação da nossa actividade.

Apesar de tudo ha especimens que, por terem chegado á ultima hora, apparecem na exposição sem estarem catalogados.

Aproveitamos o ensejo para agradecer á Familia Real, ao governo, ao sr. governador civil, ás camaras municipaes, ás sociedades d'agricultura, d'avicultura, ao sr. Antonio Manuel de Vasconcellos e a todas as senhoras e cavalheiros que nos enviaram premios os auxilios prestados para a realisação d' este concurso do trabalho. Ao publico de S. Miguel e de St.ª Maria

agradecemos tambem a fórma por que acudiu ao nosso appello, concorrendo á exposição, que é uma experiencia feita em condições excepcionalmente difficeis, muito honrosas para o povo d'este districto, que as soube vencer admiravelmente, o que nos apraz testemunhar com elevado reconhecimento.

A exposição districtal d'artes e industrias de Ponta Delgada foi imaginada, planeada, posta em execução e aberta ao publico em 44 dias.

Basta este facto para nobilitar este povo e para nos serem relevadas todas as faltas, que porventura escandalisem a susceptibilidade dos meticulosos.

Ponta Delgada, 17 *de maio de* 1895.

A Commissão

Gil Mont'Alverne de Sequeira
Antonio d'Andrade Albuquerque
Manoel Antonio de Vasconcellos
Ferreira Cordeiro
Arthur Amorim da Camara
José I. d'Arruda Pereira

NOTA=Os primeiros nomes são os dos autores, os segundos os dos expositores.

SECÇÃO I

BELLAS ARTES

CLASSE I

PINTURA

1 Paysagem a oleo, copia, D. Marianna Soares d'Albergaria Ambar, dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, Conc. de Ponta Delgada.
2 Fructas, copia a oleo, D. Marianna Soares d'Albergaria Ambar, dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, idem.
3 Fructas, copia a oleo, D. Marianna Soares d'Albergaria Ambar, dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, idem.
4 Paysagem, copia a oleo, José Ignacio d'Arruda Pereira, idem, idem.
5 Quadro de genero, copia a oleo d'um quadro do morgado Matheus, D. Maria Anna d'Andrade, idem, idem.
6 Fructas e legumes, original a oleo, D. Maria Anna d'Andrade, idem, idem.
7 Paysagem, copia a oleo, D. Marianna Soares d'Albergaria Ambar, dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, idem.
8 Paysagem, copia a oleo, Luiz Maria de Moraes, (fallecido), Victoriano Sequeira, idem.
9 Paysagem, copia a oleo, Luiz Maria de Moraes, Victoriano Sequeira idem.
10 Cabeça de bezerro, do natural, a oleo, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
11 Coelho, copia a oleo, D.Maria da Conceição Vasconcellos Moniz Cordeiro, idem, Conc. da Ribeira Grande.
12 Cabeça de bezerro, do natural a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, idem, Conc. de Ponta Delgada.
13 Paysagem, copia a oleo, D. Marianna Soares d'Albergaria Ambar, dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, idem.
14 Gruta de Napoles, copia a oleo, D. Joanna de Medeiros Albuquerque, idem, idem.
15 Cabeça de vacca, copia a oleo, Jacintho Leite do Canto Pacheco, dr. Aristides Moreira da Motta, idem.
16 Paysagem com animaes, copia a oleo, Joaquim Candido Abranches, idem, idem.
17 Gallo, original a oleo, Jorge Marini, pintor italiano, Candido José Xavier, vende-se por 30$000 reis (Hors concours).
18 Christo e a adultera, esboceto a oleo, original, Marciano Henriques da Silva (fallecido), dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, Conc. de Ponta Delgada.
19 Scena mortuaria, original a oleo, Jorge Marini, pintor italiano, D. Maria das Mercês Andrade Borges (Hors concours).
20 Pomba, estudo a oleo da Academia, Antonio Manuel de Vasconcellos, Manuel Antonio de Vasconcellos, Conc. de Ponta Delgada.
21 Retrato, original a oleo em Madeira, Sebastião d'Arruda Costa Botelho, Augusto Arruda Quental, idem.
22 Retrato do dr. Kopke, original a oleo, Sebastião d'Arruda Costa Botelho, idem, idem.
23 Grupo de cães, copia a oleo, D. Bibiana Izabel d'Andrade, idem, idem.

24 Retrato de Antonio Borges, original a oleo, Marciano Henriques da Silva, D. Maria das Mercês Andrade Borges, idem.
25 Grupo de gatos, copia, allegoria a oleo, D. Bibiana Izabel d' Andrade, idem, idem.
26 Retrato de Candido José Xavier, photographia colorida a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, espositor Candido José Xavier, idem.
27 Paysagem com animaes, copia a oleo, Joaquim Candido Abranches, idem, idem.
28 Paysagem, copia a oleo, D. Marianna Soares d'Albergaria Ambar, dr. Hietor da Silva Ambar Cabido, idem.
29 Quadro de genero, original a oleo, João Carlos Moreira, idem, idem.
30 Retrato de Jacintho Victor Vieira, original a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, D. Maria das Mercês Andrade Borges, idem.
31 Quadro de genero, copia a oleo, Julio Gomes de Menezes, Manuel Antonio de Vasconcellos' idem.
32 Retrato do auctor, original a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos D. Maria das Mercês Andrade Borges, idem.
33 Paysagem, copia a oleo, Ernesto Vieira do Carmo, idem, idem, Preço 8$000 rs.
34 Cabeça de Christo, copia a oleo, Auctor Antonio Manuel de Vasconcellos, André Vaz Pacheco de Castro, idem.
35 Vista de mar, copia a oleo, Luiz Ambar Botelho d' Arruda, idem, idem.
36 Paysagem, copia a oleo, D. Isabel Maria de Medeiros Leite Pacheco, idem, idem.
37 Paysagem, copia a oleo, José Ignacio d' Arruda Pereira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.
38 Varredor, copia a oleo em cobre, Luiz Maria de Moraes (fallecido) Victoriano Sequeira idem.
39 Quadro de genero, original a oleo, D. Maria Anna d'Andrade Albuquerque Bettencourt, idem. idem.
40 Vista de Bosque, Sete Cidades, copia a oleo d'um quadro de Chaume, D. Maria d'Andrade dr. Caetano, d'Andrade Albuquerque, idem.
41 Caldeiras da Ribeira Grande, original a oleo, Jacintho Leite do Canto Pacheco. idem.
42 Vista de bosque, Furnas, copia a oleo d' um quadro de Chaume, D. Maria d' Andrade, dr. Caetano d' Andrade Albuquerque, idem, idem.
43 Quadro de genero, original a oleo, D. Maria Anna d' Andrade Albuquerque, idem.
44 Marinha, chalupa á vela, copia a oleo d' um quadro de João Cabral, D. Maria d'Andrade, Dr Caetano d' Andrade Albuquerque, idem.
45 Paysagem, copia a oleo, José Ignacio d' Arruda Pereira, idem, idem.
46 Paysagem, copia a oleo, José Ignacio d' Arruda Pereira, idem, idem.
47 Paysagem, copia a oleo, Jayme d' Andrade, idem, idem.
48 Cabeça de Christo, copia a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, José Ignacio d'Arruda Pereira, idem.
49 Paysagem, copia a oleo, Jayme d' Andrade, idem, idem.
50 Paysagem, copia a oleo, Joaquim Candido Abranches, idem, idem.
51 Arvore, copia a oleo, Manuel Corrêa de Mello, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem,
52 Retrato de Miguel Angelo, copia a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.
53 Paysagem, copia a oleo, Joaquim Candido Abranches, idem, idem.
54 Castello de S. Braz, original a oleo, Antonio Rodrigues da Silva, pintor do continente. Hors concours.
55 Paysagem, copia a oleo n'um prato, D. Maria Adelaide M. Ferreira, Conc. de Ponta Delgada, idem.
56 Paysagem, copia a oleo n'um prato, Joaquim Candido Abranches, idem, idem.
57 Retrato de Pedro Paulo dos Santos, copia a oleo, Antonio Rodrigues da Silva, Hors concours, idem.
58 Paysagem, copia a oleo n'um prato, D. Maria Adelaide M. Ferreira, idem.
59 Paysagem, copia a oleo n'um prato, Joaquim Candido Abranches, idem, idem.
60 Marinha, luar, original a oleo, Antonio Rodrigues da Silva, pintor do continente, Hors concours, idem.
61 Paysagem, copia a oleo, Joaquim Candido Abranches, idem.
62 Paysagem e animaes, copia a oleo, os mesmos do n.' antecedente.
63 Galinha, copia a oleo, D. Maria da Conceição Vasconcellos Moniz Cordeiro, idem, Conc. da Ribeira Grande.
64 Paysagem, copia a oleo, d'um quadro de Lambertini, Candido José Xavier (fallecido), Candido José Xavier, Conc. de P. Delgada.
65 Paysagem, Casa Telhada, original a oleo, João Cabral, Jayme d'Andrade, idem.
66 Paysagem vista de mar, copia a oleo, d'um quadro de Lambertini, Candido José Xavier,- idem.
67 Gallo, copia a oleo, D. Maria da Conceição Vasconcellos Moniz Cordeiro, idem, Conc. da Ribeira Grande.
68 Marinha, copia a oleo, Luiz Botelho d'Arruda, Conc. de Ponta Delgada.
69 Busto de rapaz a rir, original a oleo, estylo flamengo, Antonio Manuel de Vasconcellos, Pedro Bicudo Corrêa, idem, idem.
70 Maré vasante no Tejo, Marinha original a oleo, João Cabral, dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, idem.
71 Quadro de genero, original a oleo, João Carlos Moreira, Antonio Manuel de Vasconcellos idem.
72 Aqueduto, Composição a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, dr. Caetano d'Andrade

Albuquerque, idem.
73 Morangos, original a oleo, Sebastião d'Arruda Costa Botelho, idem, idem.
74 Retrato, do natural, a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos. D. Maria das Mercês Andrade Borges idem idem
75 Romeu e Julieta, parodia, copia a oleo em Madeira, Antonio Manuel de Vasconcellos, idem, idem.
76 Flôres, original a oleo em vidro, Joaquim Candido Abranches, idem, idem.
77 Retrato d'uma princeza, escola florentina, copia a oleo d'um quadro da Academia de Lisbôa, Antonio Manuel de Vasconcellos, dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, idem.
78 Retrato, miniatura a oleo em marfim, D. Izabel Maria d'Andrade Albuquerque, dr. João Bettencourt Andrade, idem.
79 Paysagem, vista de mar, copia a oleo d'uma gravura, n'um prato de barro da Lagôa, D. Maria Anna d'Andrade, idem idem.
80 Retrato de Antonio d'Andrade Albuquerque Bettencourt do natural oleo., Duarte Maia, Antonio d'Andrade Albuquerque Bettencourt, idem.
81 Retrato do dr. Mont'Alverne de Sequeira .copia a oleo n'um prato de barro da Lagôa. Antonio Manuel de Vasconcellos, José Ignacio d'Arruda Pereira, idem.
82 Marinha, pintura a oleo, Abel Coutinho, idem, idem.
83 Retrato. Miniatura em Marfim, D. Izabel d'Andrade Albuquerque, dr. João de Bettencourt Andrade, idem.
84 Paysagem copia a oleo d'uma gravura n'um prato de barro da Lagôa, D. Maria Anna d'Andrade, idem, idem.
85 Retrato de Manuel Ferreira Cordeiro, photographia colorido, Antonio Manuel de Vasconcellos, idem, idem.
86 Flôres, original a oleo em vidro, Joaquim Candido Abranches, idem, idem.
87 Paysagem, copia a oleo sobre cartão Francisco d'Arruda Furtado (fallecido), Antonio Manuel de Vasconcellos, idem.
88 S. Francisco d'Assis, copia.a oleo, Duarte Maia, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.
89 Interior d'um templo, perspectiva, original a oleo Antonio Manuel de Vasconcellos, Francisco Affonso de Chaves, idem.
90 Paysagem, copia a oleo sobre vidro, Antonio Manuel de Vasconcellos, Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, idem.
91 Perspectiva, copia a oleo, Jayme d'Andrade, idem, idem.
92 Marinha, pintura a oleo, Abel de Frias Coutinho, idem, idem.
93 Moinhos de Collares, copia de Christino a oleo, José Ignacio d'Arruda Pereira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.
94 Marinha, pintura a oleo, Abel de Frias Coutinho, idem, idem.
95 Cabeça de vacca, copia a oleo, Jacintho Leite do Canto Pacheco, idem, idem.
96 Caveira, do natural, a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos. Dr. José Botelho Mello idem.
97 Paysagem, copia a oleo, Julio Gomes de Menezes, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.
98 Paysagem, copia a oleo, Julio Gomes de Menezes, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.
99 O Fogo, aguarella, D. Izabel Maria d'Andrade, (fallecido) dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, idem.
100 Paysagem, copia a oleo, Jayme d'Andrade, idem, idem.
101 Quadro de genero, original a oleo, João T. Silveira Moniz, idem, idem.
102 Vista d'uma feira, copia a oleo, José d'Arruda Pereira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
103 Um garoto, a oleo, Abel de Frias Coutinho, idem, idem.
104 Trez retratos, pintura a oleo, sobre barro da Lagôa, Antonio Manuel de Vasconcellos, idem, idem.
105 Rapariga, copia a oleo, Abel de Frias Coutinho, idem, idem.
106 Quadro de genero, original a oleo, João T. Silveira Moniz.
107 Busto rapaz rindo, original a oleo, estylo flamengo, Antonio Manuel de Vasconcellos, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.
108 Toureiros La Buena Ventura, copia a oleo, José Ignacio d'Arruda Pereira, idem, idem.
109 A agua, copia a aguarella, D. Isabel Maria d'Andrade (fallecida), Dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, idem, idem.
110 Boi Mirandez, cabeça, copia a oleo d'um quadro de A. Mello, Jacintho Leite do Canto Pacheco de Bettencourt, idem, idem.
111 O ar, copia a aguarella, D. Isabel Maria d'Andrade, (fallecida), Dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, idem.
112 Christo no sepulchro ,copia a oleo em vidro, Antonio Munuel de Vasconcellos, idem, idem.
113 A terra, copia a aguarella, D. Isabel Maria de Andrade (fallecida) Dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, idem.
114 Santa Barbara, copia a oleo sobre vidro, Antonio Manuel de Vasconcellos, Jayme d'Andrade, idem.
115 Judeu Errante, copia a oleo, Jayme d'Andrade, Manuel Antonio de Vasconcellos.
116 Ovarinas, do natural a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, D. Maria das Mercês d'Andrade Borges.
117 Margens d'uma lagôa com animaes, copia a oleo d'uma gravura, Antonio Manoel de Vasconcellos, idem idem.
118 Retrato de Joaquim da Costa Peixoto, miniatura em marfim, Damaso José de Castro.

Vasco Sequeira, idem, idem.

119 Paysagem, copia a oleo, José Ignacio d'Arruda Pereira, Dr. Aristides Moreira da Motta, idem.

120 Retrato, miniatura em marfim, D. Isabel Maria d'Andrade Albuquerque, fallecida, dr. João de Bettencourt Andrade, idem

121 Paysagem, entre Collares e Cintra, do natural, a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, Antonio d'Andrade Albuquerque Bettencourt, idem.

122 Marinha, copia a oleo d'uma gravura n'um prato de barro da Lagôa, D. Maria Anna d'Andrade, idem, idem.

123 Quadro com 4 pinturas de paysagem e uma moeda com pintura de flores a oleo sobre moedas. Auct. e exp. das 4 primeiras Jacintho Leite do Canto Pacheco. Auctora e esp. da 5.ª D. Isabel Maria de Medeiros Leite Pacheco.

124 Paysagem com um cavalleiro, copia a oleo d'uma gravura n'um prato de barro da Lagoa, D. Maria Anna d'Andrade Albuquerque, idem, idem.

125 Belchior—rei mago contemplando a estrella de Jacob, composição a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, idem, idem.

126 Praia do Alfeite, do natural, a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.

127 Retrato de João Rodrigues Vieira, do natural, a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, idem, idem.

128 Vaca, copia a oleo, d'um quadro de Antonio Manuel de Vasconcellos, José Ignacio d'Arruda Pereira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.

129 Paysagem, Campolide, do natural a oleo, Visconde de Porto Formoso, Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, idem.

130 Ponte de Trajano, paysagem a oleo copia d'um quadro d'Antonio Manuel de Vasconcellos, José Ignacio d'Arruda Pereira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.

131 Cabeça de vitella, do natural a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, D. Maria das Mercês d'Andrade Borges, idem.

132 Marinha, Porto de St.ª Iria e do natural a oleo, Jacintho Leite Pacheco do Canto Bettencourt, Dr. Duarte d'Andrade Albuquerque Bettencourt, idem.

133 O Viatico, copia a aguarella, D. Mathilde Teixeira Cymbron (fallecida), D. Maria Emilia Borges de Sousa, idem.

134 Paysagem, copia a oleo, Jayme d'Andrade, idem, idem.

135 Paysagem, Grammas, Ribeira Grande, do natural a oleo, Jayme d'Andrade, idem, idem.

136 Paysagem, casa em ruina na canada dos Pavões na Relva, do natural a aguarella- Francisco d'Arruda Furtado (fallecido), Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.

137 Grutta, copia a oleo, Candido José Xavier, (fallecido), Candido José Xavier, idem.

138 Peixe, do natural a aguarella, Francisco d'Arruda Furtado, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.

139 Paysagem, Pedreiras da doca, do natural a oleo, João Silveira Moniz, Mánuel Antonio de Vasconcellos, idem.

140 Figura, do natural a aguarella, D. Maria Anna d'Andrade Albuquerque, idem, idem

141 Paysagem, copia a oleo, Luiz Ambar Botelho Arruda, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.

142 Marinha, aguarella em papel Pellé a nankim, D. Maria Anna d'Andrade, idem, idem.

143 Ruinas e escadaria n'um claustro, copia a oleo, D. Marianna Soares d'Albergaria Ambar, Dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, idem.

144 Paysagem, aguarella em papel Pellé a nankim, D. Marianna Anna d'Andrade, idem, idem.

145 Cabeça de vitella, copia e redução a oleo d'um quadro d'Antonio Manuel de Vasconcellos, Antonio d'Andrade Albuquerque Bettencourt, idem, idem.

146 Paysagem, Rua da Ilha das Flores, do natural a oleo, José Ignacio d'Arruda Pereira, Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, idem.

147 Marinha, copia a lapis e aguarella em papel Pellé, D. Maria Victoria Xavier Raposo, Candido José Xavier, idem.

148 Paysagem, copia a Nankin, D. Marianna Soares d'Albergaria, Dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, idem.

149 Paysagem, copia a aguarella de photographia, Conde de Fonte Bella (fallecido), Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, idem.

150 Gallo e galinha, copia a oleo, Antonio Manuel de Vasconcellos, D. Maria das Mercês d'Andrade Borges, idem.

151 Amores perfeitos, copia a oleo n'um prato de louça branca da Lagôa, D. Maria Anna d'Andrade Albuquerque, idem, idem.

152 Cabeça de vacca, copia a oleo d'uma gravura n'um prato de barro da Lagoa, Antonio d'Andrade Albuquerque Bettencourt, idem, idem.

153 Paysagem, composição a oleo sobre marfim, Antonio Manuel de Vasconcellos, José Ignacio d'Arruda, idem.

154 Miniatura retrato do Dr. João de Bettencourt Andrade Albuquerque, D. Isabel Maria d'Andrade Albuquerque (fallecida), Dr. Duarte d'Andrade Albuquerque Bettencourt, idem.

155 Paysagem, copia a Nankim em papel Pellé, D. M. Riley, Dr. Aristides Moreira da Motta, idem.

156 Por do Sol, copia a aguarella, D. Maria d'Andrade, Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, idem.

157 Flores, do natural a oleo, Joaquim Candido Abranches, idem, idem.
158 Cadella e cachorros, copia a oleo, Antonio d'Andrade Albuquerque Bettencourt, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem
159 Paysagem, castello em ruinas, copia a oleo, José Ignacio d'Arruda Pereira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.
160 Paysagem, copia a Nankim m papel Pellé, Antonio Manuel de Vasconcellos, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.
161 Paysagem castello e egreja de S. Pedro, copia a oleo d'uma photographia, José de Medeiros Silva, idem, idem.
162 Paysagem, copia a oleo, Antonio d'Andrade Albuquerque, idem, idem.
163 Paysagem Salinas d'Aveiro, do natural a oleo, dr. Julio Pereira de Carvalho e Costa, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.
164 Fructas, copia a aguarella sobre flanella, trabalho oriental, D. Bibiana Izabel d'Andrade Albuquerque, idem, idem.
165 Paysagem, copia a aguarella, Joaquim Candido Abranches, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem.
166 Passaro e flores, copia a aguarella sobre flanella, trabalho oriental, D. Bibiana Izabel d'Andrade Albuquerque, idem, idem.
167 Porte-retratos, ramo a aguarella, D. Virginia Silva d'Andrade, Jayme d'Andrade, idem.
168 Porte-retratos, amores perfeitos a aguarella, D. Emilia Azevedo d'Oliveira, idem, idem.
169 Fructos, copia a aguarella sobre flanella, trabalho oriental, D. Bibiana Isabel d'Andrade Albuquerque, idem, idem.
170 Paysagem, copia a oleo, Ernesto Vieira do Carmo, idem, idem.
171 Paysagem, copia a oleo, D. Guiomar Muniz de Vasconcellos, Collegio Vasconcelos Muniz, idem.
172 Rapariga com uma talha, photographia colorida a aguarella, Ernesto Brown, idem, idem.
173 Ermida no campo, copia a oleo, Candido José Xavier (fallecido), Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, idem, idem.
174 Paysagens, cinco copias em Nankin em papel Pellé, Maria Victoria Xavier Raposo, idem, idem.
175 Paysagem, copia a oleo, D. Guiomar Muniz de Vasconcellos, Collegio Vasconcellos Muniz, idem.
176 Flores e photographia, quadro contendo um ramo de flores, copia a aguarella sobre flanella, trabalho oriental e uma photographia colorida tambem a aguarella, Maria Victoria Xavier Raposo, idem, idem.
177 Ruinas d'um templo, quadro a oleo, Candido José Xavier (fallecido), Luiz Maria Xavier, idem.
178 Cofre, rosas e figura pintadas a oleo, D. Thereza Grohnert, artista allemã,(Hors concours), idem.
179 Porte jornaes, figura copia a oleo, D. Hortense Moraes, D. Alice Moderno, idem, idem.
180 Vasos, flores miudas, copia a oleo em barro da Lagoa, D. Maria Anna d'Andrade Albuquerque, idem, idem.
181 Vasos, flores miudas, copia a oleo em barro da Lagoa, D. Maria Anna d'Andrade Albuquerque, idem, idem.
182 Vista do Cairo, gravura colorida a aguarella, Ernesto Brown, idem, idem.
183 Hiate visto de popa, aguarella, Augusto Cabral, idem, idem.
184 A torre Autonomica, aguarella com caricaturas, o mesmo.

CLASSE II

ESCULPTURA

1 José Estevam medalhão em alto relevo em nogueira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, Conc. de P. Delgada.
2 Anthero de Quental medalhão em alto relevo em nogueira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
3 Manuel Antonio de Vasconcellos, medalhão em alto relevo em nogueira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
4 Pastora mugindo uma cabra, quadro em baixo relevo em nogueira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
5 Pio IX, medalhão em alto relevo em nogueira. Auct. do busto Manuel Antonio de Vasconcellos Auct. da moldura João Soares Cordeiro. Exp. D. Laureana Avellar d'Aguiar, idem.

6 Antonio Manuel de Vasconcellos, medalhão em alto relevo em nogueira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
7 Scena domestica, medalhão em alto relevo em nogueira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
8 Luiz de Sousa Vasconcellos, medalhão em alto relevo em nogueira, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
9 José Estevão, medalhão em alto relevo em nogueira,Manuel Antonio de Vasconcellos, dr. Aristides Moreira da Motta, idem.
10 Paysagem, quadro em baixo relevo em nogueira, Joaquim Candido Abranches, idem idem.
11 Figuras, animaes e plantas, doze baixos relevos em ôsso de baleia, José d'Arruda Botelho, idem, A. Serpa. Conc. da Ribeira Grande.
12 Descida da cruz em buxo, copia d'uma gravura, Antonio José de Mattos Brazil (fallecido), D. Maria das Mercês d'Andrade Borges, Conc. de P. Delgada.
13 S. João, feito a canivete em marfim bem como a pianha que contem figura, agua e animaes, Antonio Jacintho Jorge, Manuel de Sousa Jorge, idem.
14 Fructas em madeira, José Augusto (cego de nascimento), idem, idem.
15 Paysagem quadro em baixo relevo em nogueira, Joaquim Candido Abranches, idem, idem.
16 Victor Hugo, medalhão em alto relevo em nogueira, Manuel Antonio de Vasconcellos, Baroneza de Nossa Senhora d'Oliveira, idem.
17 Escala de vôos, quadro em alto relevo mostrando a altura a que sobem diversas aves, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
18 Christo, cabeça, medalhão em baixo relevo em marmore, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
19 Punhal, cabo de marfim esculpturado, Manuel Antonio de Vasconcellos, Simão Amorim da Cunha, idem.
20 Duas esculpturas em marfim, Joaquim Monteiro Bettencourt, idem, Santa Maria.
21 Broche de madreperola, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, Conc. de P. Delgada.

CLASSE III

DESENHO

1 Almoço de mr. Philippon, copia a Comté, Francisco d'Andrade Albuquerque. (fallecido D. Maria das Mercês d'Andrade Borges. Conc. de P. D.
2 Virgem, copia a Comté, Antonio Manuel de Vasconcellos, José Ignacio d'Arruda Pereira, idem, idem.
3 Arabe, busto de mulher, copia a Comté, Francisco d'Andrade Albuquerque (fallecido), dr. João de Bettencourt Andrade Albuquerque, idem.
4 Grupo de pequenos, copia a Comté, D. Maria Anna d'Andrade Albuquerque, idem, idem.
5 Paysagem, copia á penna, João Carlos Moreira da Camara, idem, idem.
6 Paysagem copia á penna, D. Mathilde Teixeira Cymbron (fallecida), D. Angela Gouveia de Medeiros, idem.
7 Paysagem, copia a nankim em papel Pellé, D. Joanna de Medeiros Albuquerque Leite Pacheco, idem, idem.
8 Arabe, busto d'homem, copia a Comté, Francisco d'Andrade Albuquerque (fallecido), dr. João de Bettencourt Andrade Albuquerque, idem.
9 Paysagem, copia a Comté, Francisco d'Andrade Albuquerque (fallecido), Matheus d'Andrade Albuquerque, idem.
10 Paysagem, copia a nankim, representando umas ruinas e que vista detidamente figura uma cara d'homem, João Luiz de Moraes Pereira (15 de outubro de 1862, José Maria da Camara Coutinho, idem, idem.
11 Paysagem, copia á penna, D. Mathilde Teixeira Cymbron, (fallecida), Angela Gouveia de Medeiros, idem.
12 Paysagem, Margens do Mondego, copia a comté, D. Helena Machado de Mello Manuel da Camara, dr. Annibal Gomes Ferreira Cabido, idem.
13 Retrato, do natural a pastel, D. Izabel Maria d'Andrade Albuquerque (fallecida), D. Maria das Mercês d'Andrade Borges, idem.
14 Marinheiro, copia a lapis, Luiz Botelho Ambar, idem, idem.
15 Grupo de figuras—Rembrandt and his wife, copia á penna, D. Maia Teixeira Cymbron,

(fallecida), D. Maria Emilia Borges de Medeiros, idem.
16 Paysagem—vista de mar, copia a comté, Francisco d'Andrade Albuquerque (fallecido), idem.
17 Paysagem, copia a comté, D. Helena Machado de Mello Manuel da Camara, dr. Annibal Gomes Ferreira Cabido, idem.
18 Mulher, copia a pastel, D. Ermelinda Gago da Camara, baroneza da N. S. d'Oliveira idem.
19 Figura, copia a pastel, D. Isabel Maria de Bettencourt Andrade, dr. João de Bettencourt, Andrade Albuquerque, idem.
20 Virgem do Carmo, copia a pastel, D, Marianna Soares d'Albergaria Ambar, dr. Heitor da Silva Ambar Cabido, idem.
21 Veado, copia a esfuminho e Comté, João Carlos Moreira da Camara, idem, idem.
22 Fadista, copia a Comté d'um quadro de Raphael Bordallo Pinheiro, D. Helena Machado de Mello Manuel da Camara, dr. Annibal Gomes Ferreira Cabido, idme.
23 Retrato, copia a esfuminho e Comté, J. França, idem, idem.
24 Retrato, copia a crayon de photographia, Henrique Vieira do Carmo, Ernesto do Carmo Vieira, idem.
25 Retrato, copia a crayon, D. Maria da Conceição Vasconcellos Moniz, Luiz Athayde Junior. Conc. da Ribeira Grande.
26 Retrato de Antonio Borges da Camara Medeiros, copia a crayon e esfuminho, D. Maria da Conceição, Vasconcellos Moniz, Luiz Athayde Junior, Conc. da Ribeira Grande, idem.
27 Um rapaz, copia a esfuminho e comté, Antonio Manuel de Vasconcellos, D. Maria das Mercês Andrade Borges, Conc. de P. Delgada.
28 Retrato, copia a Comté, D. Maria da Conceição Vasconcellos Moniz, Luiz Athayde Jr. Conc. da Ribeira Grande.
29 Estudo, copia de gesso a Comté, Francisco d'Andrade Albuquerque, João Bettencourt Andrade Albuquerque Conc. de P. D.
30 Retrato, copia a esfuminho e comté, D. Amelia Chaves, idem, idem.
31 Pôr do sol, copia a crayon, Antonio d'Andrade Albuerque Bettencourt, Francisco d'Andrade Albuquerque Bettencourt, idem.
32 Retrato, copia a comté, D. Maria da Conceição Vasconcellos Moniz, Augusto Arruda Quental, Conc. da Ribeira Grande.
33 Napoleão Bonaparte, copia a dois lapis, D. Bibiana Izabel d'Andrade Albuquerque, idem, idem.
34 Retrato, copia a comté, D. Maria da Conceição Vasconcellos Moniz, Augusto Arruda Quental, Conc. da Ribeira Grande.
35 Gladiador, estudo a esfuminho, João Carlos Moreira da Camara, idem, Conc. de P. Delgada.
36 Navio, copia a lapis, Luiz Botelho Ambar, idem, idem.
37 Retrato de Francisco Maria Supico, copia a lapis e esfuminho, J. França, idem, idem.
38 Gladiador, estudo a esfuminho, João Carlos Moreira da Camara, idem, idem.
39 Paysagem, copia a lapis, D. Helena Machado de Mello Manuel da Camara, dr. Annibal Gomes Ferreira Cabido, idem.
40 Figura, copia a comté e a esfuminho, desconhecido, dr. Aristides Moreira da Motta, Conc. desconhecido.
41 Estudo a ornato, copia a esfuminho e lapis, João Carlos Moreira da Camara, Conc. de Ponta Delgada.
42 Marinha, copia a comté e a esfuminho, D. Helena Machado de Mello Manoel da Camara, dr. Annibal Gomes Ferreira Cabido, idem.
43 Orchidea, do natural a esfuminho e lapis, D. Guiomar Moniz de Vasconcellos, idem.
44 Porto dos Mosteiros, do natural, a lapis, Francisco d'Arruda Furtado, (fallecido), idem.
45 Figura, estudo a esfuminho, João Carlos Moreira da Camara. idem, idem.
46 Venus, copia incompleta a Comté, Francisco d'Andrade Albuquerque, idem.
47 Retrato de Anthero de Quental, copia a esfuminho, D. Maria da Conceição Moniz Vasconcellos, Augusto Arruda Quental, idem,
48 Retrato de Miguel Henriques, copia a esfuminho, D. Maria da Conceição Moniz Cordeiro, Frederico A. Serpa. Conc. da Ribeira Grande.
49 A avosinha, copia a comté, Henrique Vieira do Carmo, Ernesto do Carmo Vieira, Conc. de P. Delgada.
50 Paysagem, copia a dois lapis, D. Maria Carlota Moreira da Camara, idem, idem.
51 Rapariga. copia a dois lapis, D. Bibiana Isabel d'Andrade Albuquerque, idem, idem.
52 Figura, copia a lapis, Matheus d'Andrade Albuquerque, D. Maria das Mercês d'Andrade, Borges, idem.
53 Ornato de capella, original a lapis, João Soares Cordeiro, idem, idem.
54 Figura de mulher, copia a comté, Francisco d'Andrade Albuquerque, (fallecido), D. Maria das Mercês d'Andrade Borges, idem, idem.
55 Ornato de capella, original a lapis, João Soares Cordeiro. idem, idem.
56 Retrato de Rodrigo Gambôa, copia a carvão, Padre Amaral idem, Conc. do Nordeste.
57 Creança, copia a Comté, Bertha d'Alcantara, idem, Cond, de Villa Franca do Campo.
58 Batalha de Riachuelo, copia a lapis, Antonio Augusto Carreiro, idem, Conc. de Ponta Delgada.
59 Paysagem, copia a croyon, D. Bertha d'Alcantara, idem, Concelho de Villa Franca.
60 Retrato do Dr. Mont'Alverne, copia a carvão, idem, Padre Amaral, Conc. do Nordeste.
61 Pasta com desenhos de ornato (26), Auct. diversos alumnos da Escola de Desenho Industrial. Exp. a mesma escola.

SECÇÃO II

ARTES E OFFICIOS

CLASSE I

OURIVESARIA

1 Alfinetes de gravata, Antonio Augusto Carreiro, Conc. de Ponta Delgada.
2 Thuribulo de prata, Manuel Joaquim do Valle, idem, idem.
3 Urna de prata, Michaelense, Exp. José Maria Raposo d'Amaral, idem.
4 Colher de pedreiro com que se inaugurou os trabalhos do porto artificial, Exp. José Duarte Horta Junior, idem.
5 Estojo com differentes obras, Joaquim Candido Abranches, idem, idem.
6 Bengala de unicornio com castão de ouro, A bengala tem 100 annos, e o castão 50, Jacintho José Cordeiro (fallecido), dr. Francisco Pereira Lopes de Bettencourt Athayde. idem.

CLASSE II

OBRA DE TALHA

1 Moldura de pinho, imitando nogueira, João Soares Cordeiro, José Maria da Camara Coutinho, Conc. de Ponta Delgada.
2 Passe-partout em nogueira preta, João Ernesto de Carvalho idem, idem.
3 Passe-partout de nogueira preta, João Ernesto de Carvalho idem, idem.
4 Moldura de pinho imitando nogueira preta, João Soares Cordeiro, José Maria da Camara Coutinho, idem.
5 Moldura de pinho, imitando nogueira, com aprestimos maritimos, João Soares Cordeiro, José Maria da Camara Coutinho, idem.
6 Moldura de pinho imitando nogueira, com aprestes domesticos, João Soares Cordeiro, José Maria da Camara Coutinho, idem.
7 Moldura com aprestes de cavallaria, João Soares Cordeiro, idem, idem.
8 Moldura com instrumentos de lavoura, João Soares Cordeiro idem, idem.
9 Passe-partout em nogueira preta, João Soares Cordeiro, idem, idem.
10 Moldura com allegorias, João Soares Cordeiro, idem, idem.
11 Moldura com instrumentos de lavoura, João Soares Cordeiro, idem, idem.
12 Porte-montre, João Ernesto de Carvalho, idem, idem.
13 Moldura com allegorias, João Soares Cordeiro, idem, idem.
14 Moldura de pinho imitando nogueira, João Soares Cordeiro, José Maria da Camara Coutinho. idem.
15 Moldura com allegorias, João Soares Cordeiro, idem, idem.
16 Moldura de cedro, João Soares Cordeiro, José Maria da Camara Coutinho, idem.
17 Moldura de Pinho, imitando nogueira, com aprestes maritimos, João Soares Cordeiro, José Maria da Camara Coutinho, idem.
18 Peanha para relogio, João Soares Cordeiro, Clemente Joaquim da Costa, idem.
19 Medalhão para retrato de nogueira preta, João Soares Cordeiro, Conde Jacome Corrêia, idem.
20 Cimalha de guarda-roupa, de mahogany, Jacintho Tavares Carreiro, idem, idem.
21 Florão de talha, Augusto de Araujo, Frederico Augusto Serpa, Concelho da Ribeira Grande.
22 Porta de Sacrario, Augusto d'Araujo, Frederico Augusto Serpa, idem.
23 Cimalha de guarda-roupa, de nogueira preta, Jacintho Tavares Carreiro, idem, Concelho de Ponta Delgada.

24 Moldura, com utensilios de jogo do croquet, João Soares Cordeiro, José Maria da Camara Coutinho, idem.
25 Passe-partout em nogueira, João Ernesto de Carvalho, idem. idem.
26 Peanha para relogio, João Ernesto de Carvalho, Clemente Joaquim da Costa, idem.
27 Coronha de espingarda, Joaquim José da Costa, Francisco de Medeiros Borges, Conc. do Nordeste.
28 Quadro e salão mobilado (miniatura) em rachas de canna, Manoel Soares Botelho de Gusmão, idem, Concelho de Villa Franca.
29 Guarda-joias, João Ernesto de Carvalho, idem, Concelho de Ponta Delgada.
30 Cofre de mahogny João Ernesto de Carvalho, Antonio do Canto Blanc Moreira da Camara Falcão, idem.
31 Chalet feito a canivete, Manuel Antonio de Vasconcellos, dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, idem.
32 Pinha de flores, João Ernesto de Carvalho, idem, idem.
33 Cruz e istrumentos de supplicio, João Soares Cordeiro, D. Maria Margarida Venancio Pereira, idem.
34 Cachimbo turco, Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
35 Gaiola em forma de chalet. Manuel Antonio de Vasconcellos, idem, idem.
36 Estante para musica, João Ernesto de Carvalho, dr. Ernesto do Canto, idem.

CLASSE III

MARCENARIA

1 Secretaria de mahogany, tampa de segredo, Urbano da Rosa Martins, idem, Conc. de Ponta Delgada.
2 Cadeira de nogueira preta, risco de José Maria da Camara Coutinho e João Luiz do Moraes Pereira, Executor José Soares de Figueiredo, ha 22 annos, Exp. José Maria da Camara Coutinho, idem.
3 Sofá e cadeira de pau preto, com torcidos e entalhes, Auctores, marceneiro José Jacintho Ferreira e entalhador, João Ernesto de Carvalho, Expositor José Jacintho Ferreira, idem.
4 Cadeira de nogueira preta entalhada, os mesmos do numero antecedente.
5 Estante de pau oleo, entalhada, Antonio Faustino Fragoso, dr. Aristides Coreira da Motta idem.
6 Commoda de pau preto com tremidos, genero antigo, Victorino Machado, Clemente Joaquim da Costa, idem.
7 Guarda-roupa de jacarandá, com columnas e portas para espelho, José Soares Cordeiro, idem, idem.
8 Espelho de columna, de mahogany, João de Lima, José Maria da Camara Coutinho, idem.
9 Guarda-roupa de nogueira preta, almofadado, marceneiro José Jacintho Ferreira e entalhador João Ernesto de Carvalho. Exp. José Jacintho Ferreira, idem.
10 Escaparate, estylo Luiz XIV, de pau preto, Manuel Alves, D. Maria das Mercês Andrade Borges, idem.
11 Cadeira de mahogany, estofada e entalha. Marceneiro José Soares Cordeiro e entalhador, João Ernesto de Carvalho. Exp. José Soares Cordeiro, idem.
12 Cadeiras (duas), de nogueira preta, João Ernesto de Carvalho, idem, idem.
13 Bufete de jaracandá. Auct. da parte exterior Joaquim Kines. O interior em mosaico é italiano, do século XVII. Exp. dr. Ernesto do Canto, idem.
14 Cadeiras (duas) estofadas e entalhadas. Marceneiro José Jacintho Ferreira, entalhador João Ernesto de Carvalho e estofador Estevam José da Silva. Exp. José Jacintho Ferreira.
15 Porte-flores de nogueira preta, torneado, José Saares Cordeiro, idem, idem.
16 Toilett-commoda, cadeira e secretaria, folhetadas a raiz de tuya. raiz do amarella e molduras de nogueira. Auctor Estevam José da Silva, marceneiro e estufador. Antonio d'Andrade Albuquerque, idem.
17 Poltrona de nogueira preta, entalhada e estofada. Auctores, marceneiro José Soares Cordeiro e entalhador João Ernesto de Carvalho.Exp. José Soares Cordeiro, idem.
18 Cadeira de nogueira, entalhada por João Ernesto de Carvalho. Os couros são do Brazil, dr. Ernesto do Canto, idem.
19 Sofá e cadeira de nogueira preta, estofados e entalhados. Auctores, José Jacintho Ferreira, entalhador João Ernesto de Carvalho e estofador Estevam José da Silva. Exp. Antonio d'Andrade Albuquerque, idem.
20 Banca de costura, de pau preto com tremidos e torcidos. Auctor ..... Exp. dr. Duarte d' Andrade Albuquerque, idem.

21 Estante para livros, de nogueira preta, entalhada e com torcidos, figuras e allegorias. Auctores, marceneiro Estevam José da Silva e entalhador João Ernesto Carvalho. Exp. Estevam José da Silva, idem.
22 Aparador e secretaria de nogueira preta, entalhados e com tremidos de pau preto. Auctores, marceneiro José Jacintho Ferreira e entalhador João Ernesto de Carvalho. Frisos de Estevão José da Silva. Exp. José Jacintho Ferreira, idem.
23 Barra (modelo) que se transforma em guarda-roupa, com espelho e gavetão, João de Medeiros Carvalho, Antonio Claudio de Souza, idem.
24 Barra (modelo) que se transforma em guarda-roupa, com espelho e gavetões, João de Medeiros Carvalho Preços: do modelo 85000 reis; de barrra de casal em mahogany 130$000 reis; o mesmo de pinho resinado 100$000 reis, idem, idem.
25 Guarda-roupa de mahogany, entalhado e com espelho. Auctores, marceneiro José Soares Cordeiro e entalhador João Ernesto de Carvalho. Exp. José Soares Cordeiro, idem.
26 Secretaria de mahogany com puxadores de nogueira, gavetes de segredo e tampa articulada, Urbano da Rosa Martins, idem, idem.
27 Toilette-commoda de nogueira preta, entalhada e com espelho. Auctores, marceneiro José Jacintho Ferreira e entalhador João Ernesto de Carvalho. Exp. José Jacintho Ferreira, idem.
28 Toilette commoda de mahogany, entalhada e com espelho Auctores, marceneiro José Soares. Cordeiro e entalhador João Ernesto de Carvalho. Exp. José Soares Cordeiro, idem.
29 Jardineira de mahogany, entalhada Auctores. marceneiro Estevam José da Silva o entalhador o Exp. João Ernesto de Carvalho.idem.
30 Banca e cadeira.imitação de bambú Auctores. torneiro Francisco Thomé Garcia e estofador José Rodrigues. Forro de meza. imitando Mosaico. de D. Maria Olga Amorim da Camara Alvares Cabral. Exp. Sergio Augusto Alvares Cabral. idem.
31 Meza de bambús genero chinez. Eugenio Botelho da Camara. idem.
32 Contador, genero antigo. de freixo. com pés nespereira e tremidos de pau preto. preparado a fingir pau preto. As madeiras foram produzidas nas Capellas, Estevam José da Silva, (feito ha 20 annos,) José Maria da Camara Coutinho, idem.
33 Estojo de mahogany branco entrançada, com espelho, João de Medeiros Carvalho. Preço 4$000 réis, idem, idem.
34 Copo elastico, de buxo, Francisco Thomé Garcia, José Silveira Santos, idem, idem.

CLASSE XIII
SERRELHERIA

1 Caixa com fechadura de segredo, contendo 25$000 réis, que serão, bem como a caixa, para quem conseguir abril-a, José Pavão de Medeiros. Conc. de Ponta Delgada.
2 Tarracha. José Paulo. Frederico Augusto Serpa. Concelho da Ribeira Grande.
3 Fechadura. José Silverio Machado. Luiz de Figueiredo Lemos Corte Real. Concelho de Villa do Porto.
4 Par de molas de carruagem. Manuel de Souza Amorim, idem. Conc. de Ponta Delgada.
5 Fecadura, Bento José Pacheco, (fallecido). Museu Municipal de Ponta Delgada.
6 Fechadura de segredo. José Corrêa da Silva, idem, Concelho de Ponta Delgada.

CLASSE VI
CERAMICA

1 Collecção de louças de barro, diversas. Bernardino da Silva. Lagôa.
2 Collecção de louças de barro, diversas. Manuel Leite Pereira, Lagôa.
3 Objectos de louça de barro, diversos, João Theodoro de Fontes. Santa Maria.
4 Cangirão de barro encontrado n'umas escavações de Villa Franca. Padre Luciano Tavares Pereira.
5 Moringue de barro encontrada nas mesmas escavações, o mesmo.
6 Morigue de barro. Exp. dr. Aristides Moreira da Motta. Conc. de P. D.

CLASSE XI
TECIDOS E APLICAÇÕES VULGARES

1 Peça de panno de linho Exp. dr. Aristides Moreira da Motta. 2 Amostra de hollanda crua 3 Idem de riscado de linho 4 Guardanapos de linho 5 Toalha de linho 6 Toalha de linho 7 Colcha de linho 8 Tapete de retalhos 9 Peça de linho 10 Tapete de retalhos de casemira Auct. e exp. destes numeros D. Maria José Moreira Conc. de P. D. 11 Manta de Retalhos. Exp. Arthur Amorim da Camara idem. 12 Manta de retalhos. Exp. o mesmo. 13 Coberta de retalhos com ponto de cadeia 14 Coberta de retalhos com ponto de cadeia 15 Peça de retalhos 16 Coberta de retalhos 17 Tapete de Casemira Auct. e exp. destes numeros D. Maria José Moreira Conc. de P. D. 18 Colcha tecida com o nome da dona. Auct. uma analphabeta. 19 Toalha de linho 20 Toalha de linho 21 Toalha feita no tear de pregos Exp. destes numeros Dr. João Cabral de Mello Conc. do Nordeste 22 Toalha de favo. Auct. Amelia de Mendonça, dr. João Cabral de Mello Conc. do Nordeste. 23 Cobertor de lan. Exp. o mesmo. Preço 6$000 reis. 24 Cobertor de lan. Ex. o mesmo. Preço 8$000 réis.

25 Cobertor de lan. Anna Verissima, dr. João Cabral de Mello. Conc. do Nordeste. Preço 8$000 reis.
26 Cobertor de lan. Exp. o mesmo.
27 Cobertor de lan. Exp. o mesmo.
28 Cobertor de lan. Senhoras Franças, dr. João Cabral de Mello. Conc. do Nordeste.
29 Cobertor de lan. Exp. o mesmo.
30 Amostras de picotilhos. Exp. o mesmo.
31 Tecido de lan para fato d'homem. Exp. o mesmo.
32 Tapete de retalhos com ponto de cadeia. Maria da Conceição. dr. João Cabral de Mello. Conc. do Nord.
33 Toalhas de linho. Exp. o mesmo.
34 Colcha de retalhos de casemira. Maria Peregrina da Silveira Cordeiro. Manuel Cordeiro P. D.
35 Colcha de retalhos. D. Margarida Venancio Pereira, idem, Conc. de V. Franca.
36 Colcha de Retalhos. D. Laura N. Borges da Horta, idem. Conc. de P. Delgada.
37 Colcha de retalhos. (incompleta). D. Maria Margarida Venancio Pereira, idem, Conc. de V. Franca.
38 Amostra de riscado. Exp. Frederico A. Serpa. Conc. da R. Grande,
39 Amostra de panno de linho. Exp. o mesmo.
40 Guardanapo de linho, idem.
41 Colcha de lan, idem.
42 Tecido para toalha de mesa, idem.
43 Tecido para colcha, idem.
44 Colcha de algodão, idem.
45 Toalha de linho, idem.
46 Cobertor de dados. Jacintha d'Araujo. Escolastica Rosa. Conc. V. F. Preço 3:250 rs.
47 Cobertor de nós. Escolastica Alforra. Escolastica Rosa. Conc. V. F. Preço 4:000 reis.
48 Novello de linho. Exp. dr. Heitor da Silva Ambar Cabido. Conc. P. D.
49 Coberta de retalhos de casemira. Adelaide G. Pamplona Serpa, Evaristo Antonio Affonso, idem.
50 Coberta de retalhos de casemira, os mesmos.
51 Coberta de lan. Maria da Conceição Fonseca, idem, idem.
52 Manta de retalhas. Marianna Barbara, Jacintho Alves d'Oliveira. Conc. do Nordeste.
53 Manta de retalhos. Auct. e exp. os mesmos.
54 Colcha de retalhos de casemira, D. Maria da Gloria Ferreira d'Oliveira, idem, Conc. de P. D.
55 Colcha de retalhos de sitineta. Auct. e Exp. a mesma.
56 Cobertor de lan. Auct. Maria José do Carmo. Exp. Jacintho José de Medeiros. Conc. do Nord.
57 Cobertor de lan. Auct. e exp. os mesmos.
58 Cobertor de lan, idem
59 Cobertor de lan, idem.
60 Cobertor de lan, idem.
61 Toalha de linho, idem.
62 Pannos de cobertor de lan, idem.
62 Panno de cobertor de fio velho, idem.
64 Retalho de cobertor de lan, idem.
65 Mantas de retalhos, idem.
66 Chale de lan. Auct. filhas de Jacintho José de Medeiros. Exp. o mesmo.
67 Coberta de retalhos para meza, idem.
68 Coberta de retalhos para banca, idem.
69 Coberta de retalhos para banca, idem.
70 Coberta de retalhos para mesa, idem.
71 Coberta de retalhos de chita, idem.
72 Coberta de retalhos de chita, D. Rosa Oliveira Machado, Amancio M. Macedo. Conc. do Nord.
73 Colcha de retalhos de chita, Anna Cabral, idem, idem.
74 Cobertor de algodão, D. Marianna Barbosa, Francisco de Macedo Albergaria Junior, idem.
75 Cobertor de algodão, idem, idem.
76 Coberta de estopa, D. Anna Carreiro, Francisco de Macedo Albergaria Junior, idem.
77 Toalha de meza de linho, os mesmos.
78 Toalha de meza de linho, idem.
79 Colcha de algodão D. Mariana A. de Medeiros, D. Julia Sophia d'Oliveira Machado, Conc. do Nordeste, idem.
80 Cobertor de lan. D. Thereza da Annunciada Franco, Julio Francisco de Mello, idem.
81 Coberta de lan. D Anna Jacintha Lemos, Filomeno de Medeiros Borges, idem.
82 Camisa de lan. Maria Teixeira. Felix Duarte de Medeiros, idem.
83 Camisola de lan. D. Maria Raposo dos Santos Felix Duarte de Medeiros, idem.
84 Coberta de lan. D. Marianna Barbosa, Francisco Macedo d'Albergaria Junior, idem.
85 Coberta de algodão. D. Marianna A. de Medeiros, Hermenegildo A. da Costa, idem.
86 Ceberta de estopa. D. Anna Carreiro, Francisco de Macedo Albergaria, idem.
87 Coberta de lan. Exp. D. Emilia Leite da Gama Alvares Cabral, Conc. de P. D.
88 Toalha de algodão. Senhoras Pereiras, Antonio Joaquim d'Arruda, idem.
89 Colcha felpuda de algodão, os mesmos.

90 Retalho de algodão e linho, idem.
91 Colcha de algodão, idem.
92 Colcha de lan. D. Maria da Conceição Fonseca, idem, idem.
93 Colcha de lan. Exp. Francisco Maria Supico. idem.
94 Colcha de retalhos. Exp. Padre Junipero José Tavares. Conc. da Povoação.
95 Colcha branca. Exp. o mesmo.
96 Colcha branca, idem.
97 Colcha branca, Claudina da Silva, João Severino Gago da Camara. Santa Marira.
98 Colcha branca de retalhos. Exp. D. Emilia das Neves Azevedo d'Oliveira. Conc. de P. D.
99 Colcha branca. Exp. a mesma.
100 Cobertor de lan. Exp. a mesma. Conc. da Povoação.
101 Colcha de retalhos de chita. D. Maria Margarida Venancio Pereira, idem, Conc. de Villa Franca.
102 Colcha de retalhos, a mesma.
103 Toalha de linho tecida ha 100 annos. Exp. Luiz Tavares. Conc. de P. D.
104 Colcha de linho fiada e tecida ha mais d'um seculo. Exp. Luiz Tavares, idem.
105 Cobertor de lan. Maria Pinheiro. Filomeno Bicudo. Conc da Povoação. Preço 3.500.
106 Colcha de algodão. Exp. Filomeno Bicudo. Conc. de Nordeste. Preço 5:400 reis.
107 Amostras de tecidos para toalhas (4) Auct. diversos. João Francisco de Souza. Santa Maria.
108 Pasta com amostras de tecidos Auct. diversos Exp. diversos. Santa Maria.
109 Coberta de retalhos de casemira. D. Maria José Correia, Antonio Claudio de Souza. Conc. de P. D.
110 Colcha de lan. Umbelina Izabel. Luiz de Figueiredo. Santa Maria.
111 Colcha de lan. D. Bernardina Coelho, Joaquim Monteiro, idem.
112 Retalho de tecido, Jacintho Lopes Salvador Filomeno Braga. Santa Maria.
113 Tecido de algodão, Luiza Izabel, idem, idem.
114 Avental de riscado. Urbelina Izabel, idem.
115 Tecidos diversos, os mesmos.
116 Tecidos de lan. Victoria Maria. João Francisco de Sousa, idem
117 Retalho de algodão, Luiza Eufrazia. João Francisco de Sousa, idem.
118 Colcha da lan branca. Exp. Frederico Augusto Serpa. R. Grande.
119 Colcha de retalhos. Exp. o mesmo.
120 Toalha de algodão em relevo. D. Margarida Izabel de Medeiros Vieira. Victorino José Vieira. Nordeste.
121 Toalha de algodão em relevo. Exp. Dr. Duarte d'Andrade Albuquerque Bettencourt. Conc. da Povoação.
122 Colcha de algodão. Exp. o mesmo.
123 Colcha de retalhos. D. Margarida Izabel de Medeiros Vieira. Victorino José Vieira, idem.
124 Lençoes de linho. Exp. dr. João Cabral de Mello, idem.
125 Colcha de algodão, Maria Izabel Silva, Francisco Manoel do Rego Costa. Conc. de Villa Franca.
126 Colcha de côr. os mesmos.
127 Toalha de algodão, idem.
128 Cobertor de lan, Maria dos Ramos. D. Maria das Mercês Andrade Borges. Conc. de P. D.
129 Cartão com sapato de aurelo e corpo de vestido. Maria dos Ramos, D. Maria das Mercês d'A. Borges, idem.
130 Coberta de retalhos de casemira. D. Eugenia A. Barbosa, idem, idem.
131 Coberta de retalhos, D. Maria Leopoldina de Sousa, D. Eugenia A. Barbosa. idem.
132 Colcha branca de dados. Helena do Placido, Escolastica Rosa. Conc. de Villa Franca. Preço 3$750 rs.
133 Colcha branca de nós. os mesmos. Preço 3$000 reis.
134 Duas camisas de lan, dois pares de meias e dois pares de punhos. Auct. diversos. Exp. José Filomeno Braga. Santa Maria Vende-se por 3$250 rs.
135 Par de meias de lan. Emilia Adelaide. Jacintho S. M. Bettencourt, idem.
136 Par de meias de lan. Antonio Jacintho de Chaves, Joaquim Monteiro, idem.
137 Camisa de lan. D. Maria da Purificação Cordeiro, Victor Soares Cordeiro, idem, Vende-se por 2$500 rs.
138 Barrete de lan. A. C. João Francisco de Souza, idem.
139 Par de meias de lan. Jacintho B. Cabral, Jacintho S. M. Bettencourt, idem.
140 Meias de lan. Lucinda Moraes. Joaquim Monteiro, idem.
141 Meias d'Algodão, C. M. Jacintho Soares Monteiro, idem.
142 Meias de algodão, Maria Tavares. Luiz de Figueiredo Lemos do C. C. Real, idem.
143 Meias de lan. Filomena da Costa, Joaquim Monteiro. idem.
144 Meias de algodão, Auct. Marianna do Nascimento. João F. de Souza, idem.
145 Meias de lan. Marianna do Nascimento. João Francisco de Sousa, idem.
146 Par de meias. Lucinda de Moraes, Joaquim Monteiro, idem.
147 Camisa de lan. Rosalina d'Almeida. Joaquim Monteiro, idem.
148 Camisa de lan. Jacintha B. Cabral. Henrique da Paz, idem.
149 Barrete de algodão. Exp. Francisco Manuel de Rego Costa. P. D.
150 Barretes de lan. Exp. o mesmo.
151 Meia para creança, Patrocinia Couto, dr. João Cabral de ello. Nordeste.
152 Meia para creança. D. Maria Augusta, dr, João Cabral de Mello, idem.
153 Barretes de lan. Maria José Nunes e Otilia Sarah, idem, Ponta Delgada. Preço 500 reis.

154 Manta de retalhos. Ex. José Vaz Pacheco de Castro. Conc. Pov.
155 Manta de retalhos. Exp. José Vaz Pacheco de Castro. Pov.
156 Manta de retalhos, idem.
157 Retalho de panno de linho, Anna Bento, o mesmo, idem, idem. Conc. R. Grande.
158 Colcha d'algodão, idem, idem.
159 Panno de linho, idem, idem.

SECÇÃO 5ª

CLASSE Iª

Bordados, Rendas, Crochets

1 Flores a lã ponto alto, D. Bernardina da Silva Mello, Francisco A. conc. da Ribeira Grande.
2 Cão a lã ponto alto. D. Emilia da Costa Soares, collegio de Santa Barbara, Conc. de Ponta Delgada.
3 Leão a lã ponto alto. D. Maria N. Camara, José Filomeno de Braga. Santa Maria.
4 Indispensavel em tapessaria. D. Maria da Conceição Raposo. Dr. João Cabral de Mello. Con. do Nordeste. Vende-se por 1$800 reis.
5 Escoveira a lã matiz. D. Bernardina da Silva Mello, Frederico A. Serpa. R. G.
6 Sacco matiz. Maria Jorgina de Souza, D. Maria do Carmo Sequeira.
7 Coberta a lã. Auctora S. M. exp. Jacintho Soares Monteiro. St. Maria.
8 Coberta de crochet lã. D. Adelaide Pamplona Serpa. Evaristo Antonio Affonso. P. D.
9 Leão a lã ponto alto. D. Maria da Conceição Pereira. collegio de St. Barbara, idem.
10 Papagaio e flores a lã ponto alto. D. Elisa A. Paula Silva, idem, idem.
11 Sapatos a lã. D. Maria Ludovina Pereira, José Filomeno de Braga. St. Maria.
12 Flores a lã ponto alto. D. Maria Themudo Machado. Frederico A. Serpa R. G.
13 Gatos a lã ponto alto. D. Maria da Conceição Vieira, Francisco de Macedo Albergaria Jr. Nordeste.
14 Pavão a lã ponto alto. D. Alice da G. Faria Rezende, idem, P. D.
15 Cão a lã ponto alto. D. Maria Izabel Pereira Pacheco. Evaristo A. Vieira, idem.
16 Coxim de velludo bordado a lã, D. Maria d'Oliveira, Collegio Vasconcellos Moniz, idem.
17 Coxim, a lã ponto alto. D. Maria Laurentina Peixoto de Souza Brandão, idem, idem.
18 Quadro a missanga, D. Luciana Blanc Moreira da Camara Falcão, idem, idem.
19 Quadro a missanga. D. Hermelinda Pacheco Jorge, idem, idem.
20 Quadro a missanga, D. Catharina Alvares Cabral, Sergio A. Cabral, idem.
21 Quadro a missanga, D. Maria Carlota Borges da Camara Medeiros, Dr. Pereira Athayde, idem.
22 Quadro a missanga. D. Luciana Blanc Moreira da Camara Falcão, idem, idem.
23 Quadro a missanga, a mesma do antecedente, idem, idem.
24 Quadro a missanga. D. Maria Carlota Borges da Camara (fallecida), Laureano Jorge Pinto da Camara Falcão, idem.
25 Quadro a missanga, Auct. e exp. a mesma do n.º 23, idem.
26 Quadro a missanga, D. Carlota Hercilia de Faria e Maia. idem, R. G.
27 Charuteira a missanga, D. Carolina Augusta Paula, idem, P. D.
28 Bordado a missanga, D. Hermelinda Pacheco Jorge, idem, idem.
29 Porte-montre a missanga. D. Elvira Cardoso Chaves da Camara Falcão, idem, idem.
30 Coxim a vidrilhos. D. Maria Amelia, Jacintho Soares Monteiro Bett, S. M.
31 Almofada a vidrilhos. D. Maria A. Moraes, idem, P. D.
32 Porte-jornaes a matiz. D. Irene Moraes de Carvalho, Jayme d'Andrade idem.
33 Passe-partout a matiz. D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. G.
34 Coxim a matiz. D. M.ª da Gloria Estrella Serpa, Frederico A. Serpa R. G.
35 Biombo a matiz, D. Maria do Carmo Sequeira Moraes, D. Maria Emilia Borges de Medeiros, P. D.
36 Sapatas a matiz, D. Maria Ernestina P. Santos, idem, idem.
37 Quadro a matiz. D. M.ª da Conceição Sousa Xavier, idem, idem.
38 Quadro a matiz. D. Carlota Hercilia de Faria idem, R. G.
39 Quadro a matiz. D. Ursula Gil de Sousa, idem, P. D.
40 Passe-partout a matiz, D. Hedwiges Vasconcellos, Clemente A. de Vasconcellos, Lagoa.
41 Passe partout a matiz. D. Maria da Conceição Ribeiro Alves, Alice Moderno, P. D.
42 Cobertas de cadeira a matiz. D. Guimar Muniz de Vasconcellos, Collegio Vasconcellos Muniz,
43 Porte-montre a matiz. D. M.ª Thereza Amaral, Miguel Ignacio do Amaral. Lagoa.
44 Passe-partout a matiz, D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. G.
45 Sapato a matiz. D. Georgina da Silva Carvalho, D. Maria do Carmo Sequeira Moraes, P. D.
46 Estojo de thesoura a matiz. D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. G.

47 Quadro a matiz. D. Ursula Gil de Sousa, idem, P. D.
48 Coberta de cadeira a matiz, D. Maria Olga A. da Camara Alvares Cabral, idem.
49 Panneau bordado a matiz, D. Marianna Sequeira, idem, P. D.
50 Quadro a matiz, D. Thereza Gronhert, (allemã) (Hors concours), idem, P. D.
51 Coberta a matiz, D. Maria Olga A. da Camara Alvares Cabral, idem, idem.
52 Sacco a matiz, D. Maria da Gloria Estrella Serpa, Frederico A. Serpa, R. G.
53 Coberta a matiz, D. Maria Helena A. S. de Medeiros Silveira, idem, P. D.
54 Passe-partout a matiz de pavão. Georgina da Silva Carvalho. D. Maria do Carmo Sequeira Moraes, idem.
55 Sacco de velludo a matiz, desconhecidos.
56 Quadro a matiz, D. Luiza Athayde, Collegio Vasconcellos Muniz, idem.
57 Coberta a matiz, D. Maria Olga A. da Camara Alvares Cabral, idem, idem.
58 Coberta a matiz em pellucia. D. Maria Helena A. S. de Medeiros Silveira, idem, idem.
59 Quadro applicação em espelho. D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. G.
60 Quadro applicação de froc em espelho, D. Isabel Bessone de Medeiros, idem, P. D.
61 Quadro applicação de froc em espelho. D. Adelaide Arruda Quental. collegio Vasconcellos Muniz, idem.
62 Quadro a penna de pavão. D. Maria da Conceição Ferreira. Collegio de St.ª Barbara, idem.
63 Quadro a applicação sobre espelho, D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. G.
64 Quadro a matiz, D. Maria Laurentina Peixoto de Sousa Brandão, idem, P. D.
65 Quadro a matiz, D. Marianna Sequeira, idem, idem.
66 Quadro a matiz, D. Maria Leopoldina de Mello, Victorino José de Mello, idem,
67 Quadro a matiz, D. Maria Leopoldina de Mello, Victorino José de Mello, idem.
68 Quadro a matiz. D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. Grande.
69 Quadro a matiz, D. Maria Laurentina Peixoto de Sousa Brandão, P. Delgada.
70 Idem a matiz, D. Maria Laurentina Peixoto de Sousa Brandão, idem. idam.
71 Colcha a matiz, D. Guiomar Vasconcellos Moniz, collegio Vasconcellos Moniz, idem.
72 Lamberquim matiz, D. Maria Evelina Pimentel, idem, idem.
73 Lamberquim a matiz, a mesma, idem.
74 Passe-partout a matiz. D. Hortensia Moraes. D. Alice Moderno, idem.
75 Passe-partout a matiz, as mesmas, idem.
76 Facha a matiz, Auct. a consorte do exp. João Felix Machado. Nordeste.
77 Cochim de velludo a matiz. D. Maria Helena A. S. de Medeiros Silveira, idem, P. D.
78 Abafador a matiz. D. Maria F. da Silveira Cordeiro, Manuel Cordeiro, idem.
79 Cochim a froc e ouro. D. Maria da Conceição Pereira, collegio de Santa Barbara.
80 Panno de flanell a a matiz. (?) exp. João Carvalho.
81 Pregadeira a matiz. D. Maria da Gloria Estrella Serpa. Frederico A. Serpa. R. Grande.
82 Pasta de velludo a matiz. D. Esther Bensaude Oulman, D. Sarah Bensaude, P. D.
83 Pasta a matiz, D. Maria Thereza Amaral, Miguel Ignacio do Amaral. Lagoa.
84 Port-montre a matiz, D. Maria das Neves Silveira Cordeiro, Manuel Cordeiro P. D.
85 Abafador matiz, D. Maria Evelina Pimentel, idem, idem.
86 Cochim a matiz, D. Maria Helena A. S. de Medeiros Silveira, idem, idem.
87 Pregadeira a matiz, D. Camilla Leite, idem, Lagoa.
88 Cochim a matiz, D. Adelaide Pereira, Collegio de S. Barbara, P. D.
89 Pregadeira d'applicação, D. Maria do Carmo Sequeira Moraes, idem, P. D.
90 Pregadeira a matiz. D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. G.
91 Pregadeira a matiz, D. Rolimia Bessone de Medeiros, idem, P. D.
92 Sachet a matiz. Auct. (?)
93 Roza a matiz. Auct. (?) Exp. João Cabral de Mello N.
94 Algibeira de panno a matiz, D. Honorina Pacheco, idem.
95 Porte-jornaes a matiz, D. Maria do Carmo Sequeira de Moraes, idem, P. D.
96 Coberta de lã incompleta, idem, D. Maria da Gloria de Souza.
97 Voile de fantenil applicação, D. Hortencia de Moraes. Clemente A. de Vasconcellos.
98 Sapatos applicação, D. Maria das Neves da Silveira Cordeiro, Manuel Cordeiro, P. D.
99 Sacca bordada, D. Maria da Gloria Estrella Serpa, Frederico A. Serpa, R. G.
100 Coberta applicação, D. Maria Olga da Camara Alvares Cabral, idem, P. D.
101 Coberta a matiz, D. Maria Henriqueta Barros Abreu e Lima, idem, idem.
102 Coberta de cadeira a matiz, D. Maria Henriqueta Barros Abreu e Lima, idem, idem.
103 Coberta de cadeira a matiz e applicação, Auct. e exp. da mesma.
104 Coberta bordada a lã Auct. e exp.
105 Coberta applicação matiz, Maria Helena A. S. de Medeiros Silveira , idem. P. D.
106 Sacco bordado a matiz Auct. exp.
107 Sapatos. Maria Evelina Pimentel, idem.
108 Coberta Maria das Neves Silveira Cordeiro, idem, P. D.
108 Facha a matiz. Auct. a consorte do exp. João Felix Machado, N.
109 Facha a matiz, Auct. a consorte do exp. João Felix Machado N.
110 Pasta a matiz. D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. G.
111 Passe-partout a matis. Anct. (?) exp. João Carvalho.
112 Passe-partout com flores. D. Maria Helena A. S. de Medeiros Silveira, idem, P. D.
113 Pasta a froc, D. Maria Georgina de Souza, D. Maria do Carmo Sequeira Moraes, idem. idem.
114 Banco a matiz, D. Marianna Sequeira, idem, idem.
115 Quadro a escomilha, D. Maria Hermelinda Moraes de Vasconcellos, Clemente A. de Vasconcellos, idem, Lagoa.

116 Quadro a escomilha, D. Maria Laurentina Peixoto, dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, P. D.
117 Quadro a cabello, D. Maria da Luz Muniz, Frederico A. Serpa. R. G.
118 Quadro a escomilha, D. Hortencia Moraes, os Bombeiros Voluntarios, P. D.
119 Retrato da Rainha a escomilha, D. Hortencia de Moraes, Dr. Hermano de Medeiros e Camara, idem.
120 Quadro a Cabello, D. Maria da Conceição Souza Xavier, idem, idem.
121 Quadro a escomilha D. Hortencia Moraes, Laureano George Pinto da Camara Falcão, idem.
122 Quadro a escomilha, D. Maria Izabel de Sá Betioncourt e Vasconcellos, idem, P. D.
123 Quadro a escomilha, Auct. José Maria da Camara Coutinho, P. D.
124 Idem a escomilha, D. Hortencia Moraes, D. Alice Moderno, idem.
125 Idem a escomilha, D. Maria Laurentina Peixoto de Souza Brandão, idem, idem.
126 Coberta com applicação, D. Antonia do Carmo Reis, Luiz Tavares, idem.
127 Coberta crazzy work, D. Maria Anna da Silveira Cordeiro, Manoel Cordeiro, idem.
130 Fructeiro bordado a branco, D. Rozalina Borges, idem, idem.
133 Cobrejão bordado, Auct. Varios, exp. D. Laura N. Borges da Horta, idem.
134 Passe-partout bordado a ouro, D. Maria Thereza do Amaral, Miguel Ignacio do Amaral, Lagoa.
137 Coberta a matiz e applicação, D. Isolina Adelaide Soares, idem, P. D.
138 Idem de fantasia, Auct. a filha de Jacintho José de Medeiros, Nordeste.
140 Idem, crochet, D. Honorina Pacheco, idem.
143 Colcha crazzy work, D. Maria Margarida Pereira da Ponte, idem.
144 Quadro bordado a ouro, D. Maria Thereza Amaral, Miguel Ignacio do Amaral, Lagoa.
145 Colcha crazzy Work, D. Henriqueta Barros Abreu e Lima, idem, P. D.
146 Capacho applicação, D. Virginia da Silva, D. Maria das Mercês A. Borges, idem.
149 Porte-montre d'argolas, D. Georgina Amelia de Medeiros Sousa, João Luiz Carreiro idem.
152 Cartão com amostras, Maria dos Ramos, D. Maria das Merces d'Andrade Borges, C. D. P.
153 Quadro bordado a escamas, D. Maria José de Medeiros, idem.
154 Reposteiro crazzy work, diversos, D. Maria Emilia Borges de Medeiros P. D.
155 Coberta d'album, D. Barbara da Silva Mello, Frederico A. Serpa, C. R. G.
156 Idem d'album, M. A. José Filomeno de Braga Santa Maria.
157 Idem, d'Album, Auct, filha do exp. Jacintho José de Medeiros, Nordeste.
158 Idem crazzy Work, D. Marianna Sequeira, idem, P. D.
159 Idem crazzy work, D. Etelvina Pereira Botelho, João José da Silva, idem.
160 Quadro bordado a ouro e escamas, D. Maria Adelina Medeiros Ferreira, Francisco Innocencio Ferreira. idem.
161 Idem a ouro e casca de fava, D. Maria Amalia Forjaz Pacheco, idem.
168 Cornucopia bordada, D. Luciana do C. B. M. da Camara Falcão, idem, idem.
169 Porte-journaux, tapessaria, D. Maria G. Pamplona de Serpa, Evaristo Antonio Affonso, idem.
170 Quadro com bordado a branco, D. Eugenia A. Barbosa, Francisco Alves d'Oliveira,
171 « com amostras de rendas, Asylo d'Infancia Desvalida, idem, idem.
173 Porte-retratos, D. Virginia da Silva d'Andrade, Jayme d'Andrade, idem.
175 Coberta de crochet, D. Adelaide G. Pamplona de Serpa, Evaristo Antonio Affonso, idem.
176 Livro com amostras de rendas e crochets, diversos, idem, (Furnas).
177 Cochim com applicações, D. Izabel M. Monteiro, Jacintho Soares Monteiro, Villa do Porto.
178 Vestidos de boneca, bordados, D. Sophia Gil da Silveira, idem, P. D.
179 Cochim bordado a cazulos, D. Angelica Ferreira, dr. Mont'Alverne, idem.
180 Cochim com aplicações, (desenho original), D. Elisa Amelia Silva Cabral da Camara, idem, idem.
181 Abafador com applicações, D. Maria de Sá Bettencourt, Frederico Augusto Serpa, R. G.
182 Cochim, Robinia Bessone de Medeiros, idem, idem.
183 « as mesmas do n.º antecedente.
184 « D. Maria Carlota Moreira da Camara, idem, idem.
185 Abafador, D. Georgina Amelia de Medeiros Souza, João Luiz Carreiro, idem
186 Limpa-pennas, D. Rosa de Sequeira Moraes, D. Maria do Carmo Sequeira, idem.
187 Renda de bilros com aparelho, D. Beatriz Meyrelles, idem, idem.
188 Cesto para ovos, D. Maria do Carmo Sequeira Moraes, idem, idem.
189 Cesto de velludo applicações, D. Elvira Cardoso Chaves da Camara Falcão, idem, idem.
190 Caixa de papel picado, bordada, D. Maria da Gloria Oliveira, Jacintho Alves d'Oliveira, Nordeste.
199 Renda de bilros com apparelho, D. Elvira C. C. da Camara Falcão, idem, P. D.
200 « de bilros com apparelho, D. Luciana do Canto B. M. da Camara Falcão, idem, idem.
202 Idem de bilros com apparelho, D. Beatriz Meyrelles, idem, idem.
214 Bilheteira de velludo, applicações, D. Emilia Chaves de Lacerda, D. Elvira Cardoso Chaves da Camara Falcão, idem.
215 Sapatos bordados a ouro, D. Sophia Gil da Silveira, idem, idem.
216 Banca bordada a matiz, M.me Colomb (Hors concours), idem, idem.
225 Borboleta bordada, D. Maria Margarida Pereira da Ponte, idem, idem.
237 Quadro a escomilha (incompleta), D. Maria Laurentina de Sousa Brandão, J. M. de Sousa Brandão, idem.

238 Coberta de retalhos de seda, D. Laura da N. Borges da Horta, idem, idem.
239 Coberta de retalhos de seda, D. Hermelinda Pacheco Jorge, idem, idem.
240 A. Almofada a matiz. D. Maria Diamantina Raposo, collegio Vasconcellos Moniz, idem.
240 B. Almofada bordada a matiz e ouro, D. Maria Cecilia Botelho, dr. Antonio da Silva Cabral. Concelho de Villa Franca.
240 C. Pregadeira matiz de lã, os mesmos do antecedente, idem, idem.
240 D. Quadro a matiz e froc sobre espelho, D. Maria Eufrosina da Costa, idem, idem.
240 E. Assento de cadeira bordado a tapessaria, D. Elisa Amaral da Silva Cabral Camara, idem, P. D.
241 Lenço bordado, D. Maria da Gloria Tavares, D. Emilia das Neves d'Azevedo Oliveira, idem.
242 Cabeção e mangas, D. Maria Thereza d'Arruda, D. Maria das Mercês d'Andrade Borges, idem.
243 Colcha de guipure, D. Virginia Albuquerque Athayde, Antonio d'Albuquerque, idem.
244 Peito de camisa, D. Maria Thereza Arruda, D. Maria das Mercês d'Andrade Borges, idem.
245 Vira para lençol, bordada, D. Maria N. Camara, José Filomeno de Braga, Villa do Porto.
246 Lenço de guipure. D. Antonia do Carmo Reis, Luiz Tavares, P. D.
247 Coberta de cabeceira guipure, D. Thereza Gronhert (Hors concours), idem, idem.
248 Lenço bordado, D. Maria José d'Oliveira, André Vaz Pacheco de Castro, R. G.
249 Coberta de cabeceira, bordada, os mesmos do antecedente, idem. idem.
250 Camisa com rendas, D. Viriata de Carneiro e Snr.as Pachecos, Frederico A. Serpa. Recebem encommendas, idem.
251 Lenço bordado, D. Maria Izabel F. Pacheco, idem, P. D.
252 Lenço de guipure, D. Helena do Nascimento Franco, idem, idem.
253 Almofada D. Joaquina Soares de Freitas, Fernando Amorim da Cunha, idem.
254 Lenço a guipure, D. Maria Thereza da Silveira Cordeiro, Manuel Cordeiro, idem.
255 Renda, D. Constantina Tavares Moreira, Frederico A. Serpa. Recebe encommendas, R. Grande
256 Letras bordadas, D. Maria Izabel e Isabel Maria, Jacintho Moniz Botelho.
257 Fructeiro de crochet, D. Luciana do C. B. Moreira da Camara Falcão, idem, P. D.
258 Renda guipure, lenço. D. Adelina Bitton Gago da Camara, JoãoSeverino Gago da Camara, Vila do Porto.
259 Camisa com rendas, D. Constantina Tavares Moreira, Frederico A. Serpa. Recebe encommendas, R. G.
260 Penteador de renda de bilros feito de 1710 a 1715, dr. Ernesto do Canto, P. D.
261 Meias de crochet, D. Maria Telles, João Francisco de Souza, Villa do Porto.
262 Almofada bordadas, D. Guiomar Moniz de Vasconcellos, Jacintho Amorim da Cunha, idem, P. D.
263 Toalha de mãos, bordada, D. Georgina Amelia de Medeiros Souza, João Luis Carreiro,
264 Lençol bordado, D. Maria José Flaviana O. de Medeiros, a mesma.
265 Vestido de baptisado, bordado, D. Carolina d'Aragão Monteiro, Jacintho Soares Monteiro, Villa do Porto.
266 Coberta de renda, ingleza D. Maria das Neves da Silveira Cordeiro, Manuel Cordeiro, P. D.
267 Cabeceira bordada, D. Maria José d'Oliveira, idem, R. G.
268 Lenço de renda ingleza, D. Sophia Gil da Silveira, idem, P. D.
269 Bordado, D. M. Josepha d'Arruda, D. Maria das Mercês d'Andrade Borges, idem.
270 Édredon bordado a matiz, D. Guiomar Moniz de Vasconcellos, collegio Vasconcellos Moniz, idem.
271 Lençol bordado a branco, os mesmos do n.º antecedente.
272 Lenço de cassa bordado, D. Georgina Amelia de Medeiros Souza, João Luiz Carreiro, idem.
273 Renda de guipure, D. Maria L. Peixoto de Souza Brandão, Antonio Maria de Souza Brandão, idem.
274 Toalha de linho com renda de bilro, Feito em 1802 por D. Thereza Ermelinda Reis, fallecida, Exp. Luiz Tavares, idem.
275 Renda de filó, D. Maria do C. Motta Ambar, a mesma.
276 Renda ingleza, D. Anna Silveira Leite, D. Emilia das Neves d'Azevedo Oliveira, P. D.
277 Coberta d'album, guipure, D. Constantina Tavares Moreira, Frederico A. Serpa, R. G.
278 Lenço bordado e guipure, D. Maria do Carmo de Sequeira Moraes, idem, P. D.
279 Uma toalha de lavatorio, bordada, D. Virginia Silva d'Andrade, Jayme d'Andrade, idem.
280 Coberta de crochet, D. Honorina Pacheco, idem, R. G.
281 Lenço a guipure, D. Margarida Pereira da Ponte e Silva, idem, P. D.
282 Toalha bordada, Medeiros Velhos, D. Elisa Amaral Silva Cabral da Camara Concelho da Lagoa, idem.
283 Lenço de cassa bordado a branco.
284 Manga de roquette a guipure, D. Jacintha do Carmo, D. Lima, João Luiz Carreiro, P. D.
285 Fronha bordada, D. Maria N. Camara, José Filomeno de Braga, Villa do Porto.
286 Toalha de renda, F. A. Exp. João Francisco de Souza, idem
287 Toalha de cara, D. Angelina da Silva Moniz, Frederico A. Serpa, R. G.
288 Lenço de renda guipure, D. Maria Ernestina Pereira Santos, idem, P. D.
289 Renda, D. Maria Ernestina Pereira Santos, J. Carvalho, idem.
290 Lenço bordado a branco, D. Thereza Ermelinda dos Reis, D. Izabel Pereira d'A. Athayde Bettencourt, idem.
291 Bordado para gola e punhos, Duarte d'Andrade Albuquerque, idem.

292 Peito de camisa, D. Maria Josepha d'Arruda, D. Maria das Mercês Andrade Borges, idem.
293 Amostra de crochet, C. M. Jacintho S. Monteiro, Villa do Porto.
294 Seis cobertas de crochet, Auct. Filhas do Exp. Jacintho José de Medeiros, Nordeste.
295 Corpo de saia bordado, D. Maria José Lopes, José Filomeno de Braga, Villa do Porto.
296 Capacho de crochet, I. J. D. Fnncisco Xavier da Camara Falcão, idem.
297 Coberta para escaparate, D. A. Luiz F. L. D. Corte Real, idem.
298 Vista de ponto de rede, Anna Helena, dr. João C. de Mello, N.
299 Toalha de paninho com renda, Exp. dr. João Cabral de Mello, idem.
300 Coberta de crochet, Auct. consorte do exp. Manuel Moniz de Medeiros, idem.
301 Coberta de crochet, D. Rubina Bessone de Medeiros, idem, P. D.
302 Coberta de crochet, D. Idalina Augusta da Camara Gabriella, José Gabriel.
303 Amostra de renda frioleira, M. A. José F. de Braga, V. Porto.
304 Gola e mangas de camisa de crochet, D. Emilia Carreiro Carvalho, João E. de Carvalho, P. D.
305 Toalha de linho com renda de crochet, Exp. dr. João Cabral de Mello, N.
306 Toalha de rosto, barra de crochet, D. Maria G. F. Oliveira, Jacintho Alves d'Oliveira, idem.
307 Franja d'algodão, D. Hortense Moraes, D. Maria do Carmo Moraes, P. D.
308 Toalha de ponto de rede, D. Anna Helena, dr. João C. de Mello, N.
309 Gola de crochet para camisa, D. Maria Thereza da Silveira Cordeiro, Manuel Cordeiro, P. D.
310 Almofada de crochet, D. Maria José, dr. João Cabral de Mello, N.
311 Fronha de crochet, Auct. filha do exp. Jacintho José de Medeiros, idem.
312 Coberta de crochet, D. Maria do Carmo, Manuel Moniz de Medeiros, V.
313 Toalha de fios tirados, D. Maria Angelina, dr. João Cabral de Mello, N.
314 Coberta de crochet, D. Adelaide G. Pamplona Serpa, Evaristo Antonio Affonso, P. D.
315 Coberta de cachemira, Maria dos Ramos, D. Maria das Mercês Andrade Borges, idem.
316 Coberta de crochet, D. Maria Thereza da Camara Pereira, Antonio J. da Camara, idem.
317 Renda de crochet, Patrocinia do Couto, dr. João Cabral de Mello, N.
318 Entremeio, os mesmos do antecedente, idem, idem.
319 Amostras de rendas, F. L., João Francisco de Souza, V. Porto.
320 Fructeiro de crochet, D. A. G. P. Serpa, Evaristo Antonio Affonso, P. D.
321 Toalha de renda de rede, Exp. Frederico A. Serpa, R. G.
322 Amostras de renda, V. D. José Filomeno de Braga, V. Porto.
323 Coberta de renda, Exp João Carvalho.
324 Fronha bordada a torçal, D. Julia Sophia d'Oliveira, idem.
325 Roupão bordado, D. Maria Telles, João Francisco de Souza, V. Porto
326 Coberta de rede, D. Maria Izabel da Camara, Antonio Jacintho da Camara, P. D.
327 Coberta de crochet, Auct. Filha do Exp. Jacintho José Medeiros, N.
328 Toalha de lavatorio, Medeiros Velho, D. Elisa Amaral S. C. da Camara P. D.
329 Vira de lençol-guipure, D. Maria T. S. Moniz, Frederico Augusto Serpa. R. G.
330 Panno de crochet, D. Angelica Ferreira, idem, R. G.
331 Coberta de crochet, Auct. Filha do Exp. Jacintho José de Medeiros, N.
332 Sacco de crochet e seda, D. Diamantina d'Oliveira e Silva, João José da Silva, P. D.
333 Frente de camisa de crochet, D. Ernestina, João José da Silva, idem.
334 Toalha com barra de renda, Exp. Padre Junipero José Tavares, idem,
335 Coberta de cama, Roza Piloto, dr. João Cabral de Mello, N.
336 Renda de crochet, Expositor dr. João Cabral de Mello, idem.
337 Renda de seda, D. Maria Thereza Arruda, D. Maria das Mercês Andrade Borges, P. D.
338 Renda de bilros, Snr.as Pachecos, Frederico Augusto Serpa. R. G.
339 Vista de crochet, D. Maria da Conceição. dr. João Cabral de Mello, N.
340 Fronha bordada a torçal, D. Julia Sophia d'Oliveira, idem.
341 Coberta para album, D. Marga ida Oliveira de Souza. idem.
342 Coberta de crochet, D. Maria Adelina Themudo, Frederico Augusto Serpa, R. G.
343 Coberta de crochet, D. Maria Thereza da C. Pereira, Antonio Jacintho da Camara, P. D.
344 Renda de crochet, D. Roza Carolina d'Oliveira Raposo, idem, idem.
245 Lençol com renda de crochet, D. Maria Augusta, dr. João Cabral de Mello. N.
346 Almofada de fios tirados, Roza Pacheco, Dr. João Cabral de Mello, N.
347 Toalha bordada, D. Maria José da Camara, Jacintho José de Medeiros.
348 Renda, F. A., João F. de Sousa, St.a M.a.
349 Amostra de crochet, A. M., João Francisco de Sousa, idem.
350 Coberta d'Album de crochet.
351 Franja de crochet, D. Helena do Nascimento Franco, idem.
252 Renda de crochet, Maria José Nunes, Othilia Sarha, P. D. vende-se por 500 reis
353 Coberta de Guipure D. Maria Thereza da Camara Pereira. Antonio J. da Camara, P. D.
354 Lenço de renda ingleza, Maria das Neves da Silva Cordeiro, Manuel Cordeiro, idem.
355 Toalha de crochet, Auct, Filha do Exp. Jacintho José de Medeiros, N.
356 Coberta de meia, D. Maria dos Anjos Soares, idem, P. D. vende-se por 1$500 reis.
357 Coberta de crochet de linha crua, D. Tereza Ermelinda dos Reis, Luiz Tavares.
358 Toalha de mãos, Rosa Pacheco, dr. João Cabral de Mello, N.
359 Coberta tecida, Exp. dr. João C. de Mello, idem.
369 Coberta de rede, D. Maria Izabel da Camara, fallecida, Antonio Jacintho da Camara, P. D.
361 Meias de ponto aberto, D. Luiza Maria Pinto, João Maria de Braga, S. M.
362 Toalha de linho bordada a ponto de cruz, D. Maria Thereza d'Arruda, idem, P. D.
363 Vistas de crochet. D. Maria dos Anjos, João Cabral de Mello, N.
364 Capuchos de crochet. J. I. M. Francisco Xavier da Camara, S. M.
365 Amostra de renda de crochet para altar,

366 Coberta de crochet, Auct. Filhas do exp. Jacintho José de Medeiros, N.
367 Toalha de Ponto de rede, Anna Helena, dr. João Cabral de Mello, idem.
368 Coberta d'album, D. Maria Ernestina Pereira Santos, idem, P. D.
369 Fructeiro de crochet, D. Maria da Gloria Oliveiro, N.
370 Coberta de crochet, Auct. as filhas do exp. Jacintho José de Medeiros, idem.
371 Fructeiro de crochet, D. Maria da Gloria F. Oliveira, Jacintho Alves d'Oliveira, idem.
372 Coberta de crochet, R. V., Henrique Paz, St.ª M.ª
373 Coberta de crochet, D. Maria José, Manuel Moniz de Medeiros, N.
374 Pregadeira bordada a ouro, D. Maria Thereza Amaral, Miguel Ignacio d'Amaral, Lagoa.
375 Pregadeira bordada a matiz, D. Maria do Carmo Sequeira de Moraes, idem, P. D.
376 Par de sapatos bordados a ouro, D. Lucinda do Canto B. M. da Camara Falcão Chaves, idem, idem.
377 Sachet a matiz, D. Maria da Gloria Tavares, D. Emilia das Neves Oliveira, idem.
378 Pregadeira bordada a matiz e ouro, Maria Leopoldina de Mello, Victorino José de Mello idem.
379 Carteira bordada a matiz e ouro, Georgina Mello, Victorino José deMello, idem.
380 Port-Montre a ouro, D. Carlota Amelia Jorge, Manuel de Sousa Jorge, idem.
381 Ramo a seda sobre setim, Maria Vasconcellos, Clemente A. Vasconcellos, Lagoa.
382 Pasta de plucia bordada, D. Maria Margarida P. da Ponte e Silva, idem.
383 Sapatos bordados a ouro, D. Maria da Gloria Machado, João Tito de Medeiros Macêdo N.
384 Carteira a ouro, D, Ermelinda Pacheco Jorge, Yacott Ben Saude, P. D.
385 Pasta a ouro e penna de pavão, Georgina A. da Silva Carvalho, D. Maria do Carmo Sequeira de Moraes. idem.
386 Sachet a matiz e ouro, D. Maria do Carmo Sequeira de Moraes, D. Alice Moderno, idem.
387 Carteira de velludo a ouro, D. Luciana do Canto B. M. da Camara Falcão Chaves, idem, idem.
388 Pregadeira de seda bordada a ouro, D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. G.
389 Port-montre de veludo bordado a ouro, D. Anna Virginia Xavier, D. Maria G. Gago. St.ª Maria.
390 Perfumador para lenço bordado, D. Irene Moraes de Carvalho, Jayme d'Andrade, P. D.
391 Pasta borda a matiz, Carlota Amelia Jorge, Manuel de Souza Jorge, idem.
392 Pregadeira com ramo a ouro, D. Sophia Gil da Silveira, idem, idem.
393 Bordado a matiz em cartão, D. Luciana do Canto B. M. da Camara Falcão Chaves, idem, idem.
394 Cofre bordado a matiz e ouro, D. Barbara da Silva Mello, Frederico A. Serpa, R. G.
395 Port-bobines bordado de pennas de pavão, D. Hortense Moraes, D. Maria Emilia Borges, de Medeiros, P. D.
396 Pasta bordada, D. Virginia Silva d'Andrade, Jayme d'Andrade, idem.
397 Charuteira bordada a ouro e matiz, D. Barbara da Silva Mello, Frederico A. Serpa.
398 Port-montre bordado a ouro, Alina Candida Raposo, Collegio de St.ª Barbara, P. D.
399 Caixa de cortiça, D. Maria A. F. Pacheco, idem.
400 Pasta bordada a ouro, (desconhecido), dr. Duarte d'Andrade Albuquerque Bettencourt, idem.
401 Port-montre bordado a matiz, D. Maria Thereza Amaral, Miguel Ignacio d'Amaral, Lagoa
402 Estola de setim rôxo, D. Maria da A. Horta Rezende e D. Thereza da H. Rezende, idem, P. D.
403 Veo de Pixed bordado a ouro. D. Anna da Gloria Mendonça (Maia), F. A. Serpa, R. G,
404 Pasta de velludo bordado, D. Angelica Ferreira, dr. Mont'Alverne de Sequeira P. D.
405 Manto bordado a ouro, D. Maria da Gloria Machado, João T. de Medeiros Macêdo, N.
406 Relicario bordado a ouro, D. Maria de Medeiros Sá Bettencourt, F. A. Serpa, R. G.
407 Capa do Senhor da Pedra bordada a ouro, D. Maria da A. Horta Rezende e Thereza da Horta Rezende, idem, P. D.
408 Pixed bordado a ouro, D. Maria da Gloria Machado, João T. de Medeiros Macêdo, N.
409 Vêo d'hombros, D. Maria da A. Horta Rezende e D. Thereza Horta Rezende, idem, P. D.
410 Porte-lettre bordada a ouro, D. Carlota Hercilia de Faria, idem. R. G.
411 Pregadeira bordada a matiz, Auct. Esposa do exp. Manuel Angusto de Medeiros, N.
412 Pasta bordada a ouro e matiz, D. Sophia Gil da Silveira, idem. P. D.
413 Passe partout bordado a ouro, Auct. e exp. D. Luciana do Canto B. M. da Camara Falcão, idem, idem.
414 Passe-partout bordado a ouro, D. Maria Georgina de Souza, D. M. do Carmo S. Moraes, idem.
415 Bilheteira bordada a ouro, D. Sophia Gil da Silveira, idem, idem.
416 Sachet bordado a matiz e ouro, D. Hortense Moraes, D. Alice Moderno, idem.
417 Sapata bordada, D. Maria da Gloria Machado, João Tito de Medeiros Macêdo, N.
418 Passe-partout bordado a matiz, D. Adelaide Ascenção Pereira, Collegio de Santa Barbara, P. D.
419 Sachet bordado a matiz, D. Carlota Hercilia de Faria, idem. R. G.
420 Passe-partout de metal bordado a seda, do bordado, D. Emilia Adelaide Borges, Pereira. de Bettencourt Athayde, dr. Pereira Athayde.
421 Bilheteira bordada a matiz, D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. G.
422 Limpa pennas bordado, D. Silia Bessone de Medeiros, idem, P. D.
423 Coberta bordada a laia, D. Ursula Gil de Sousa, idem, idem.
424 Travesseira bordada com letra=R—Auct. a consorte do exp. Amancio Machado Macedo, N.
425 Toalha bordada a vermelho Auct. Filhas de D. Emilia Rosa Machado, P. D.
426 Cabeceira bordada, Auct. Filhas do exp. Jacintho José de Medeiros, N.

427 Lenço bordado, Auct. Consorte do exp. Manoel Augusto de Medeiros, N. idem.
428 Camisa de crochet, D. Emilia Carreiro Carvalho, João Ernesto Carvalho P. D.
429 Travesseira bordada com lettra—A—Auct. a consorte do exp. Amancio Machado Macedo, N.
430 Roupão bordado, D. Maria José Lopes, idem, P. D.
431 Camisa bordada, D. Maria Telles, João Francisco de Souza, S. M.
432 Almofada bordada a branco, D. Elisa Souza Gaspar, Frederico A. Serpa, R. Grande, Recebe encomendas.
433 Toalha de linho bordada, Exp. Dr. João Cabral de Mello, N.
434 Almofada bordada a branco, D. Maria Cecilia Botelho, 14 annos d'edade, idem, V. F.
435 Ligas, D. Maria Thereza Arruda, D. Maria das Mercês d'Andrade Borges.
436 Almofada bordada, Auct. consorte do exp. Manuel Augusto de Medeiros, N.
437 Par de cabeceiras bordadas, D. Luciana do Canto B. M. da Camara Falcão Chaves, indem, P. D.
438 Fronha bordada a torçal, D. Julia Sophia d'Oliveira, idem.
439 Saia bordada, D. Maria José Lopes, idem.
440 Saia de croche., D. Onorina Pacheco, idem.
441 Toalha bordada, D. Adelaide G. Pamplona Serpa, Evaristo Antonio Affonso, P. D.
442 Toalha bordada a vermelho, Auct. Filhas da exp. D. Emilia Rosa Machado, N.
443 Gola para camisa, D. Jor ina Amelia Sousa, João Luiz Carreiro, P. D.
444 Toalha de crochet, D. Adelaide G. pamplona Serpa, Evaristo Antonio Affonso, idem.
445 Guardanapos de crochet, os mesmos.
446 Toalha bordada a torçal, D. Julia Sophia d'Oliveira, idem.
447 Amostra de crochet, C. M., Exp. Jacintho Soares Monteiro, S. M.
448 Lenço bordado, D. Maria N. Camara, José Filomeno Braga, idem.
449 Coberta de catalagarça bordada a laia, D. Adelaide G. Pamplona Serpa, Evaristo Antonio Affonso, P. D.
450 Toalha de crochet, D. Maria N. Camara, José Filomeno Braga, S. M.
451 Coberta de crochet, Auct. filhas do exp. Jacintho José de Medeiros, N.
452 Coberta de crochet. I. J. M., Exp. Francisco Xavier da Camara Falcão, S. M.
453 Toalha de crochet, D. Maria da Conceição, dr. João Cabral de Mello, N. Vende-se por 4:500 rs.
454 Toalha de linho. com renda de crochet, Exp. dr. João Cabral de Mello, idem.
455 Coberta bordada a laia, Sarah Bensaude, idem, P. D.
456 Amostra de franja, José Raposo de Medeiros, idem, idem.
457 Coberta de crochet, D. Adelaide G. pamplona Serpa. Evaristo Antonio Affonso, idem.
458 Toalha de rede, D. Maria da Gloria Ferreira Oliveira, Jacintho Alves d'Oliveira, N.
459 Coberta de crochet, Auct. consorte do Exp. Manuel Moniz de Medeiros, idem.
460 Sacco de noite bordado, D. Maria Ernestina P. Santos, P. D.
461 Toalha bordada a panno, D Julia Sophia d'Oliveira, idem.
462 Toalha a pontos de labyrinto, D. Maria da Gloria F. Oliveira, Jacintho Alves d'Oliveira, N.
463 Saia ds crochet, D. Maria Theodora Sequeira Moraes, idem, P. D.
464 Almofada, Exp. dr. João Cabral de Mello, N.
465 Cabeceira bordada a vermelho, Auct. filhas da exp. D. Emilia Rosa Machado.
466 Vira bordada, D. Jorgina Amelia Medeiros Sousa, João Luiz Carreiro, P. D.
467 Camisa bordada. D. Maria José Lopes, José Filomeno de Braga, S. M.
468 Amostra de crochet, D. Maria Thereza Arruda, D. Maria das Mercês Andrade Borges, P. D.
469 Fronhas bordadas, D. Maria da Gloria Machado, Hermenegildo Augusto da Costa, N.
470 Cabeça de toalha de crochet, D. Christina dos Reis, Luiz Tavares, P. D.
471 Fronha de cabeceira bordada, D. Eugenia Ferreira, Manuel Ferreira d'Andrade, S. M.
472 Manta de malha, D. Barbara da Silva Mello, Frederico A. Serpa, R. G.
473 Toalha bordada, D. Maria da Conceição Raposo, dr. João Cabral de Mello, N. preço 1$875 reis.
474 Panno de crochet, D. Angelica Ferreira, idem, P. D.
475 Coberta bordada, D. Maria da Gloria Tavares, D. Emilia das Neves A. Oliveira, idem.
476 Golas para camisa, Georgina A. M. Souza, João Luiz Carreiro, idem.
477 Toalha de linho bordada a vermelho, Exp. Frederico A. Serpa, R. G.
478 Lenço de caça bordado, Exp. dr. João C. de Mello, N.
479 2 lenços bordados, D. Maria N. Camara, Luiz de Figueiredo, S. M.
480 Lenço Bordado, D. Maria da Conceição Raposo, dr. João C. de Mello, N.
481 Fronha bordada, D. Maria N. Camara, José F. Braga, S. M.
482 Toalha bordada, D. Maria da G. Tavares, D. Emilia N. d'Azevedo Oliveira, P. D.
483 Lenço de cassa bordado, D. Maria da Conceição Raposo, dr. João Cabral de Mello, N.
484 Toalha de linho bordada, Exp. dr. João C. de Mello, idem.
485 Renda Guipure, D. Maria Theodora da S. Moniz, Frederico A. Serpa, R. G.
486 Almofada a froque, Maria do Carmo Chaves, 11 annos d'edade, idem, P. D.
487 Pregadeira a fitas, o mesma.
488 Colcha de crochet, D. Elvira R. Tavares, Luiz Tavares, idem, idem.
489 Colcha de crochet, D. Maria da Gloria R. Moniz, Manuel Moniz F. Rezendes, P.
490 Colcha de crochet, D. Henriqueta G. de Mello, Antonio J. Botelho, idem.
491 Colcha de malha d'algodão, D. Maria P. Serpa, Frederico A. Serpa, R. G.
492 Colcha de malha d'algodão, D. Izabel M. da Silva, Frederico A. Serpa, idem.
493 Colcha d'algodão, D. Angelica Ferreira, idem, P. D.
494 Colcha d'algodão, D. Adelaide de G. Pamplona Serpa, Evaristo A. Affonso, idem.
495 Colcha de crochet, D. Maria do Carmo Cabral, D. Maria das Mercês A. Borges, idem.

496 Colcha de algodão, D. Angelica Ferreira, idem, idem.
497 Colcha d'algodão, D. Adelaide G. Pamplona Serpa, Evaristo A. Affonso, idem.
498 Colcha de retalhos a ponto de meia, Maria do Carmo, Francisco Alves d'Oliveira, id, id.
499 Colcha a ponto de meia, Exp. dr. João C. de Mello, N.
500 Colcha de crochet, Amadeu Cardoso, João José da Silva, P. D.
501 Colcha de malha d'algodão, D. Anna da Gloria Mendonça, Frederico A. Serpa, R. G.
502 Colcha de crochet, Auct. a consorte do exp. Manuel Moniz de Medeiros, N.
503 Colcha de meia d'algodão, D. Rita C. Supico, Francisco Maria Supico, P. D.
504 Colcha de crochet em algodão, D. Luciana do Canto B. M. da Camara F. Chaves, id, id.
505 Colcha de malha d'algodão, D. Rita P. Serpa, Frederico A. Serpa, R. G.
506 Colcha de crochet, D Thereza E. Reis, Luiz Tavares, P. D.
507 Colcha d'algodão, D. Maria José Moreira, idem, idem.
508 « d'algodão, a mesma.
509 Lençe de linho e renda de bilro, feito ha mais de cem annos. Exp. José Vaz Pacheco de Castro, idem.
510 Coberta bordada a laia, Yacott Bensaude, idem. idem.
511 Coberta de casemira para meza com applicações, D. Maria Olga A. C. A. Cabral, id, id.
512 « de casemira bordada a applicação D. Maria da Conceição Reis, Luiz Tavares, idem, idem-
513 Coberta de casemira bordada a applicação, D. Christina Reis, Luiz Tavares, idem.
514 Coberta bordada a laia. Auct. D. Maria da Gloria Arnaud D. Maria E. de Medeiros, id, id.
515 Tapete bordado a laia, Maria Peregrina S. Cordeiro, Manuel Cordeiro, idem.
516 Sacco bordado, D. Lucianna do Canto B. M. da Camara F. Chaves, idem, idem.
517 Saia de crochet em lã, D. Maria N. Camara, José F. Braga, S. M.
518 Duas mantilhas de lã. Auct. as filhas do exp. Jacintho J. de Medeiros do N.
519 Chaile de lã em crochet, Maria da Conceição Oliveira, Luiz J. Borges, P. D.
520 Tapete bordado a laia, D. Carlota H. Faria, R. G.
521 Coberta de casemira bordado a applicação, as mesmas.

CLASSE II

FLORES ARTIFICIAES E TRABALHOS DIVERSOS

128 Quadro flores miolo de figueira, D. Maria da Conceição Sousa, idem, P. D.
129 Quadro flores artificiaes, as mesmas.
131 Leque de palha, D. Luciana do Canto Blanc Moreira da Camara Falcão, idem, idem.
132 Port-montre de carneira, Maria Guilhermina de Souza Pereira, idem, idem.
135 Quadro flores miolo de figueira, Exp. Padre Junipero José Tavares, idem.
136 Passe-partout bordado a ouro e a escamas, D. Maria Carlota Moreira da Camara. id, id.
139 Quadro com um ramo a canutilho, D. Maria Amalia Forjaz Pacheco, idem, idem.
141 Mosqueiro de palha de trigo, Maria da Gloria Pacheco, Arthut A. da Camara, idem.
141 Passe-partout em carneira, D. Alice da Gloria Faria Resende, idem, idem.
147 Pregadeira carneira, D. Maria da Gloria Oliveira, Jacintho Alves d'Oliveira, idem, N.
148 Quadro papel picado, D. Rosa Carolina d'Oliveira Raposo. idem, P. D,
150 Capacho flores, D. Henriqueta Guilhermina de Mello, Antonio Joaquim Botelho, P.
151 « « D. Sophia Gil da Silveira, idem, P. D.
163 Quadro com dourado em vidro, D. Maria Paulina Barcellos, Machado Soares, Marcelino José Soares, idem.
164 Quadro miolo de figueira, Auct. a esposa do exp. Romão José Infante de Sequeira, idem.
165 Quadro com rodellas de papel recortado, D. Marianna Ferreira dos Reis, idem. idem.
166 Quadro miolo de figueira, D. Estephania Belmira de Sá Bettencourt Raposo, Manuel Soares Botelho de Gusmão, V. F.
167 Quadro miolo de figueira, Auct. e exp. os mesmos.
172 Quadro miolo de figueira, Auct. D. Maria Amilcar de Resende, exp. Francisco Maria Supico, P. D,
174 Banco de carneira, Auct. D. Maria L. P. de S. Brandão e exp. Antonio M. de Souza Brandão, P. D.
191 Cofre joias de cortiça, D. Emilia Chaves de Lacerda, exp. D. Luciana do Canto Blanc. M. Falcão, P. D.
192 Carteira papel picado, Auct. D. Maria da Gloria Oliveira, exp. Jacintho Alves d'Oliveira, Nord.

193 Bilheteira de conchas, D. Elvira C. Chaves da Camara Falcão, idem, P. D.
194 Porte-joias de cartão, D. Emilia Chaves Lacerda, D. Luciana C. B. M. da C. Falcão idem.
195 Quadro com ramos de miolo de figueira, Freiras da Esperança, padre Junipero José T.
196 Cesto de canudos de papel, D. Elvira C. C. da Camara Falcão, idem, P. D.
197 Rosa de laia descanço de relogio, Auct. a esposa de Manuel Moniz de Medeiros, N.
198 Porte-montre de flores de laia, D. Barbara da Silva Mello. Frederico A. Serpa, R. G.
201 Rosa de laia, Auct. a esposa do exp. Manuel Augusto de Medeiros, N.
203 Flores n'uma almofada, Auct. e exp. D. M. da G. Souza.
204 Broche de cabello, D. Catharina da Silva Taveira, Francisco Macêdo Albergaria, Jr. N.
205 Rosas de castanhas e pinhas, Auct. e exp. as mesmas.
206 Ramo azaleas, D. H. G. de Mello, Antonio José Botelho, idem, P.
207 Ramos de madresilva, os mesmos.
208 Rodudendum, os mesmos.
209 Palma de flores, Auct. filha do exp. J. J. de Medeiros, N.
209 A) Ramo de flores. Auct. filhas do exp. Jacintho José de Medeiros, idem.
210 Ramo de flores artificiaes, Auct. e exp. D. Emilia Ribeiro Alves.
211 Amores perfeitos e roxos.
212 Saudade, D. Henriqueta Guilhermina de Mello, Antonio Joaquim Botelho, idem. P.
213 Bilheteira bordada com applicações de sola, Auct. e exp. D. Maria Evelina Pimentel.
217 Mosqueiro de papel recortado, D. Marianna Ferreira dos Reis, idem, P. D.
218 Indispensavel com conchas, D. Elvira C. C. da Camara Falcão, idem, idem.
219 Dois passe-partouts de cartão recortado, D. Georgina da Silva Carvalho, D. Maria do Carmo Seqneira Moraes, idem, idem.
220 Cofre com applicações. D. Emilia Chaves de Lacerda, D. Luciana C. B. M. C. F. Chaves, idem, idem.
221 Flores de laia, D. Rosa Carolina d'Oliveira Raposo, idem, idem.
222 Guarda-joias de carneira, D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. G.
223 Corbeille de carneira, D. Barbara da Silva Mello, Frederico A. Serpa, idem, idem.
224 Indispensavel, chapeu e capachos d'aparas de madeira, Exp. dr. Duarte d'A. Albuquerque, P. D.
226 Marrafa de cabello, Auct. D. Maria Palmira Avilla Cardoso Pereira, P. D,
227 Bilheteira de sola, D. Maria Constantina Costa, Collegio Vasconcellos Moniz idem.
228 Quadro a miolo de figueira, Snr.ª Mesquita do Convento da Esperança, dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, idem.
229 Quadro estampado a Nankin, D. Carolina de Jesus Fernandes, idem, idem.
230 Flores de miolo de figueira, D. Maria do Carmo Cabral, D. Maria das Mercês d'Andrade Borges, idem, idem.
231 Quadro de conchas, Auct. D. Maria do C. Cabral, D. Maria das Mercês d'Andrade Borges, idem.
232 Gurda-joias de cortiça, D. Emilia Chaves, de Lacerda, D. Elvira C. C. da C. Falcão, id.
233 Bilheteira, D. Georgina da Silva Carvalho, D. Maria do Carmo Sequeira Moraes, idem.
234 Quadro de flores de cabello, D. Maria Amilca de Rezende, Francisco Maria Supico, idem.
235 Quadro de flores de cabello, os mesmos.
236 Quadro a junco, D. Maria da Gloria Joyce Chalupa, João Alberto Chalupa, P. D.
246 Papeis recortados, D. Carlota Hercilia de Faria, idem, R. G.

EXPOSIÇÃO
REALISADA EM 3 DE FEVEREIRO
DE 1912

PELO PROFESSOR

DA ESCOLA INDUSTRIAL

CONSTANCIO DA SILVA

e seus discipulos

EM PONTA DELGADA

(RUA ANTONIO JOSE D'ALMEIDA)

Alumnos de CONSTANCIO DA SILVA

*Ex.*mas *Snr.*as

D. Gilda Cabral da Camara
3 estudos de figura, copia de estampa
3 estudos de paisagem a carvão.

D. Laura da Luz Leal
5 estudos de flores e fructos.

Pintura a oleo

D. Luiza Motta
1 estudo de figura, copia de estampa
2 estudos de paisagem a carvão.

D. Margarida Alcantara
2 estudos de figura, copia de estampa
3 estudos de figura, copia do gesso

D. Maria dos Anjos Peixoto de Viveiros
2 estudos de figura, copia do gesso
1 estudo de paisagem, a carvão
5 estudos a oleo do natural

D. Maria do Carmo Quintanilha
3 estudos de figura, copia de estampa
6 estudos de figura, copia de gesso
2 estudos de paisagem a carvão

D. Maria da Conceição Tavares
4 estudos de figura, de estampa
10 estudos de figura, copia do gesso
2 estudos de paisagem a carvão

D. Maria de Paula Viveiros
4 estudos de figura, copia de estampa
8 estudos de figura, copia do gesso
4 estudos de paisagem, a carvão

D. Maria Thereza de Gusmão
2 estudos de figura, copia de estampa
2 estudos de paisagem a carvão

Ex.mos Snr.os

Amancio Gago
1 estudo de pintura, a oleo

Francisco Bettencourt
5 estudos de figura, copia de estampa
2 estudos de paisagem, a carvão

Joviano Lopes
3 estudos de figura, copia de estampa

Miguel d'Almeida Junior
4 estudos de figura, copia de estampa
2 paisagens, a carvão

Theotonio da Silva
1 estudo de figura, copia do gesso
3 estudos de pintura a oleo

Vasconcellos Franco
3 estudos de figura, copia de estampa
1 estudo de figura, copia do gesso

Do professor:

(pintura a oleo do natural)

1	Retrato da Ex.ma Snr.a D. L. I. R. V.		
2	Retrato do Ex.mo Snr. A. G. S.		
3	Estudos de Velho		
4	Caminho de S. Gonçalo		250$000
5	Fonte da Grota	(Capellas)	30$000
6	Fonte do Sertão	»	30$000
7	Caminho do Porto	»	30$000
8	No Campo	»	30$000
9	Grota da Cadima	»	15$000
10	Grota da Cadima	»	15$000
11	Casas do Sertão	»	15$000
12	Estrada Nova	»	15$000
13	Thecho da Grota	»	7$500
14	Casal	»	7$500

EXPOSIÇÃO D'AGUARELAS

NO SALÃO NOBRE DO THEATRO MICHAELENSE

de

João Cabral

EM 12 DE ABRIL DE 1912

Estudos, croquis, manchas
e apontamentos

NOTA——As medidas são em centimetros e referem-se á superficie aguarelada
Os preços são em moeda forte

1	Barca de pesca	Tejo	12 x 17	3$000
2	Estrada de Bellas	Lisboa	12 x 17	3$000
3	Barcos da V.ª Franca de Xira		24 x 17	6$000
4	Casas de Pescadores	Ericeira	28 x 14	4$000
5	Fragata, barco do Tejo		12 x 17	2$500
6	Asinhaga (arco de D. Isabel)	Evora	23 x 14	5$000
7	Uma nóra	Lisboa	23 x 15	3$500
8	Praia	Cascaes	12 x 17	4$000
9	Botes, catraeiros	Cacilhas	12 x 17	3$000
10	A' bolina	Tejo	12 x 17	3$000
11	Vapor á carga	«	12 x 17	3$000
12	Praia de S. João	Estoril	12 x 17	3$500
13	Moleta, barco de pesca	Tejo	12 x 17	3$000
14	Fragata, Alcochete	«	12 x 17	3$000
15	Romper da manhã	Estoril	12 x 17	4$000
16	Entrada da barra	F.ª da Foz	12 x 17	4$000
17	O Pinheiro do Campo Grande	Lisboa	12 x 17	3$500
18	Castelo dos Mouros	Cintra	12 x 17	5$000
19	Na boca do inferno	Cascaes	12 x 17	4$000
20	Tarde de verão	Estoril	26 x 18	6$000
21	Maré baixa	P. d' arcos	12 x 17	3$500
22	Tarde de verão		26 x 18	6$000
23	Torre de S. Julião, effeito de sol		26 x 18	3$000
24	Santa Marta	Cascaes	26 x 18	3$000
25	Peixes		24 x 17	4$000
26	Na Costa de S. João	Estoril	24 x 17	3$000
27	Fragata encalhada	Tejo	24 x 17	3$500
28	Bote d'Alcochete	«	12 x 17	3$000
29	Casas velhas	Lisboa	29 x 14	8$000
30	A um largo		27 x 18	7$000
31	Yacth «Idalia»		27 x 18	8$000
32	Rua na Ericeira		27 x 18	6$000

33	Cahique do norte		27 x 18	7$000
34	Forte de Caixas		37 x 17	8$000
35	Doca de Sampaio	Cacilhas	37 x 17	8$000
36	Primavera (mancha)	Lisboa	37 x 17	7$000
37	Tunel	Cacilhas	27 x 18	8$000
38	Entrada da quinta S. Antonio	Estoril	23 x 14	5$000
39	Brincando na Praia	F.ª da Foz	27 x 18	8$000
40	Peixes		36 x 17	6$000
41	Estrada dos Pisões	Cintra	27 x 18	6$000
42	Caminho velho, Freixianda	Thomar	27 x 18	15$000
43	Typo Rifenho		27 x 18	25$000
44	Espadachim		27 x 18	25$000
45	Castello d'Almourol		13 x 21	6$500
46	Torre do Bugio	Lisboa	13 x 21	6$500
47	Em calma	Tejo	18 x 24	10$000
48	Trecho da Boca do Inferno	Cascaes	12 x 17	3$500
49	Os moinhos	Ericeira	23 x 17	7$000
50	Barreiras do Tejo	Abrantes	18 x 27	6$000
51	Palacio da Pena	Cintra	16 x 29	45$000
52	Poente, Doca d'alcantara	Lisboa	29 x 23	15$000
53	Na pastagem	Cintra	53 x 36	60$000
54	Ponta de Cascaes, poente			2$500
55	Barreiro	Tejo		2$500
56	Ribeiro da Atalaya	Alemquer		36$000
57	Na Boca do Inferno	Cascaes	29 x 23	25$000
58	Riacho da Carvoeira	Ericeira	35 x 25	20$000
59	Mãe d'agua	«		8$000
60	Costa de Santa Martha	Cascaes	29 x 15	8$000
61	Praia do Norte		36 x 18	30$000
62	Costa do matadouro	Ericeira	18 x 14	3$000
63	Effeito de sol, (inverno)	Tejo	27 x 18	20$000
64	Costa do matadouro	Ericeira	46 x 29	30$000
65	A parreira, Quinta do Franco	Lisboa	23 x 14	7$500
66	Santo Amaro	Oeiras	23 x 14	6$000
67	Estudo de mar		23 x 14	5$000
68	Na Serra de Cintra		23 x 14	6$000
69	Sol de verão		23 x 14	7$000
70	Na Fóz do Arêlho		26 x 18	10$000
71	Estrada dos Pisões	Cintra	46 x 29	36$000
72	Furnas	Ericeira	58 x 46	36$000
73	Casas do Algodio	«	27 x 18	8$000
74	Costa das Furnas	«	46 x 29	25$000
75	Praia do Sul	«	29 x 23	8$000
76	Alto do moinho		27 x 17	8$000
77	Chegada da pesca	P.ª Maçãs	37 x 27	20$000
78	Patacho Jorgense ao oeste da Barra de	Lisboa	37 x 27	18$000
79	Sahida do Pinhal	Estoril	27 x 17	8$000
80	Casebres	Cintra	29 x 11	5$000

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

DE

DOMINGOS REBELLO

OUTUBRO—912

Das 11 ás 4 horas da tarde

RUA D'ARQUINHA—7

1	*Fajã de Cima* (Pertence aos Ex.mos Condes d'Albuquerque	
2	*Arredores de Pont l'Abbé* (Pertence ao Ex.mo Snr. Dr. Duarte Manuel de Andrade Albuquerque)	
3	*Aguarella* (*Pico do Salomão*) Pertence á Ex.ma Sr.a D. Maria Carolina de Andrade Albuquerque	
4	*Serra d'agua de Pau* (Aguarella)	6$000
5	*Rua da Bretanha* (*Pico Vermelho*) Adquirido pelo Ex.mo Sr. Marquez de Jacome Corrêa)	200$000
6	*Estudo* (*figura*) Adq.° pelo mesmo Sr.	50$000
7	*A Rocha* (*Bretanha*) Foi para Pariz	150$000
8	*Estudo* (*S. Gonçallo*)	12$500
9	« (Mercado do gado)	15$000
10	*Estudo* (*Mercado do gado*) Foi para Pariz	6$000
11	*Estudo* (*Terras largas*)	20$000
12	*Quintal* (Adquirido pelo Ex.mo Sr. Abel de Frias Coutinho)	7$500
13	*Estudo* (*Pico de Salomão*)	10$000
14	*Sete Cidades* (Effeito nevoeiro,	30$000
15	*No quintal*	30$000
16	*Fajã de Cima*	30$000
17	*Flores e fructos*	10$000
18	*Naturesa morta* (Ao ar livre)	60$000
19	*Retrato* (*familia*) Foi para Pariz	

20	*Sete Cidades*	25$000
21	*Naturesa Morta*	200$000
22	*Os Remedios* (*Pico vermelho, Bretanha*) Adquirido pelo Ex.^mo Sr. José Maria R. D' Amaral	200$000
23	*Arcueil Cachan* (*França*) Pretençe ao Ex.^mo Sr. Arthur J. V. May.	
24	*O pasto da meza* (*Bretanha*) Foi p.^a Pariz	250$000
25	*Retrato do Ex.^mo Sr. João Soares Cordeiro* idem	
26	*Retrato do Ex.^mo André V. P. C. e Castro*	
27	*Retrato do Ex.^mo Sr. João Maria Pereira*	
28	*Estudo* (*carvão*) Foi para Pariz	8$000
29	« « Adquirido pela Ex.^ma Sr.^a D. Maria Ernestina Canto	6$000
30	*Estudo* (*carvão*)	6$000
31	« «	6$000
32	« (*familia*)	
33	*Manhã de sol*	15$000
34	*Estudo* (*Bretanha*) Pertence ao Ex.^mo Sr. Paulo V. P. C. e Castro	
36	*Auto-retrato*	

José Maria Rebello

TRABALHOS SEM MESTRE

1 *Caminho de S. Gonçallo*
2 *No quintal*
3 *Fructos*
4 *Serra de Agua de Pau*
5 *Caminho para a Grotinha* (*Lado do Pico do Salomão*
6 *Vapor Cretic*
7 *Um abrigo n'uma Quinta*
8 *Uma parte da cidade* (*Aguarella*)
9 *Fajã de Cima*
10 *Caminho de Sant' Anna.*

Exposição d'aguarelas

DE

JOÃO CABRAL

E ESTUDOS D'ALGUNS DOS SEUS DISCIPULOS NA SALA SUL DA ASSOCIAÇÃO "SECULO XX" (AVENIDA ROBERTO IVENS) NO LARGO 5 D'OUTUBRO=PONTA DELGADA

M.me Africa Cabral

A	Barcos d' Espinho (estudo)	5$000

D. Sabina Vasconcellos

AA	Inverno (estudo)
B	Barca de passagem (estudo)
C	Casa rustica (estudo)

D. Maria Carreiro

D	Paysagem (estudo)
E	Barcos Italianos (estudo)
F	Paysagem (estudo)

Tiberio Pimentel

G	Estudo de mar
H	Estudo de paysagem
I	Estudo de marinha

JOÃO CABRAL

1	Estradinho, Ponta Delgada	27 x 16	10$000
2	Ilheu de Villa Franca	«	8$000
3	Quebra mar, Ponta Delgada	36 x 18	12$000
4	Nas pedreiras da doca, Ponta Delgada	27 x 16	10$000
5	Effeitos de sol, Nordela	29 x 15	8$000
6	Porto dos Carneiros, Lagoa	36 x 18	12$000
7	Lagoa das sete cidades (croquis)	12 x 17	5$000
8	Farelhão e Ilheu, Villa Franca	»	5$000
9	Costa do Norte, Fenaes	»	6$000

10	No quintal do Augusto, Ponta Delgada	»	6$000
11	Poente (entre S. Miguel e Terceira a bordo do Germania em 5-6-912	»	5$000
12	Ponta dos Rosaes, S. Jorge	29 x 15	10$000
13	Porto de Pipas, Terceira	»	10$000
14	Monte-Brazil, «	»	10$000
15	Ponta da Negra, Graciosa	12 x 17	5$000
16	Ponta do Carapacho, Graciosa	»	5$000
17	Porto Pim, Fayal	»	6$000
18	Ponta Furada, Faial	37 x 27	36$000
19	Espalamaca e doca, Fayal	29 x 15	10$000
20	Costa de Cascaes	12 x 17	5$000
21	Sitio do Brejo, Alferrarede—Beira Baixa	«	6$000
22	Domingo na Praia, Paço d' Arcos	«	6$000
23	Na quinta do Vinagre, Collares	27 x 15	15$000
24	A Pedra Furada, Ericeira	36 x 18	15$000
25	Na Lagoa Grande, Sete Cidades	27 x 18	7$000
26	Cumieiras « «	12 x 17	6$000
27	Estrada da Olaya, Candelaria	27 x 18	10$000
28	Lagoa, Valle das Furnas	37 x 27	36$000
29	Castello da Pena. Cintra	46 x 29	40$000
30	Doca do Sampaio, Cacilhas	37 x 17	12$000
31	A parreira, Estoril	23 x 14	8$000
32	Castello dos Mouros, Cintra	17 x 12	5$000
33	No porto das Capellas	29 x 15	8$000
34	Caldeiras, Furnas	27 x 18	10$000
35	Os Moinhos, Nordella	37 x 27	30$000
36	Costa das Capellas	36 x 18	18$000
37	O Castanheiro, (Quinta do Dr. Manuel d' Arriaga Horta, Fayal	37 x 27	40$000
38	Ponta da Nordella, P. Delgada	27 x 18	15$000
39	No Parque do Marquez da Praia e Monforte, Furnas	27 x 18	15$000
40	Entrada d' um pateo, Furnas	29 x 15	10$000
41	Ribeiro no parque Fonte Bella, Furnas	«	15$000
42	Ribeira dos Tambores «	27 x 18	12$000
43	Os Ilheus, Mosteiros	36 x 18	12$000
44	O Moinho do Pasteleiro, Fayal	37 x 27	30$000
45	Chalupa da Lagosta	18 x 13	6$000
46	Moleta (barco de pesca). Tejo	27 x 18	12$000
47	Nas pedreiras, Ponta Delgada	»	10$000

Os preços acima são em moeda insulana.
As medidas são em centimetros

A exposição será encerrada no dia 3 de Julho proximo

EXPOSIÇÃO D'ARTE

DE CONSTANCIO GABRIEL DA SILVA E SEUS DISCIPULOS

Catalogo Geral

DOS

Trabalhos Expostos

NA

SALA DO SECULO XX
AVENIDA ROBERTO IVENS

JANEIRO DE 1913

PONTA DELGADA

EXPOSITORES:

Constancio da Silva e suas Discipulas as Ex.mas Senhoras

D. Alice Pimentel
D. Bertha Tavares Netto
D. Carlota Canavarro Borges Alves
D. Gilda Cabral da Camara
D. Laura da Luz Leal
D. Margarida d'Alcantara
D. Maria Clementina Faria e Maia de Souza
D. Maria da Conceição Tavares
D. Maria de Paula Viveiros
D. Maria dos Anjos Viveiros
D. Maria Luiza Motta
D. Maria Thereza Gusmão

DESENHO ARTISTICO

D. Bertha Tavares Netto

4 Estudos de paisagem (carvão)
3 Estudos de figura (crayon)

D. Carlota Canavarro Borges Alves

5 Estudos de paisagem (carvão)
7 Estudos de figura (carvão)

D. Gilda Cabral da Camara

4 Estudos de paisagem (carvão)
2 Estudos de figura (carvão)

D. Margarida d'Alcantara

8 Estudos, copia do gesso

D. Maria Clementina F. e Maia de Souza

5 Estudos de paisagem (carvão
7 Estudos de figura

D. Maria de Paula de Viveiros

Estudos de paisagem (carvão)
Estudos, copia do gesso

D. Maria Luiza Motta

4 Estudos de paisagem (carvão)
2 Estudos de figura (carvão)

ESCULPTURA

D. Margarida d'Alcantara

1—Perfil de mulher, copia do gesso
2—Agrippa, « « «
3 Busto de creança « « «
4—Leão, cabeça « « «
5—Estudo do natural

PINTURA A OLEO

D. Alice Pimentel

6—Cabeça de velho, natural
7—Cabeça de velha, «
8—Costurando, «
9—Cabeça de expressão «

D. Gilda Cabral da Camara

10, 11, 12 e 13—Estudos de flôres—copia
14—Fructos—copia
15—Crisanthemos—natural
16—Natureza morta—natural

D. Laura da Luz Leal

17, 18, 19 e 20—Paisagens, copia
21 e 22—Marinhas, «
23, 24, 25, 26, e 27—Flôres «
28 e 29—Estudos de figura, copia
30—Charco da Madeira—natural
31—Grota de João Luiz—Termo=natural
32—Caminho de S. Vicente—natural
33—Grota—Relva—natural

D. Maria da Conceição Tavares

34 e 35—Paisagens, copia

D. Maria de Paula Viveiros

36—Estudo de fructos

D. Maria dos Anjos Viveiros

37 e 38—Paisagens, copia
39—Flôres, «

D. Maria Luiza Motta

40—Flores, copia
41—Fructos «
42—Natureza morta, natural

D. Maria Thereza Gusmão

43—Flôres, copia
44 e 45—Marinhas, copia

Constancio da Silva

46	Estudo (Retrato)	
47	Manhã de Sol	200$000
48	Lavadeiras	200$000
49	Velho Açoreano	60$000
50	Ao ar livre	20$000
51	Uma barrella (Sete Cidades)	18$750
52	Hortenses	18$750
53	A porca da Tia Florinda (Sete Cidades)	20$000
54	Lagôa verde « «	10$000
55	Lavando « «	10$000
56	Effeito de nevoeiro « «	10$000
57	Manhã nevoenta « «	10$000
58	Estradinho (Ponta Delgada)	10$000
59	Pôr do Sol (Estradinho)	10$000
60	Casa do Correio (Sete Cidades)	10$000
61	Mattas de D. Izabel « «	10$000
62	Trecho da estrada « «	10$000
63	Jardim de José do Canto (Ponta Delgada)	6$250
64	Rua Principal (Sete Cidades)	7$500
65	Entrada na matta « «	6$250
66	Manhã « «	6$250
67	Trecho da lagôa « «	6$250
68	Calheta (Ponta Delgada)	5$000
69	Casas de Santa Clara (Ponta Delgada)	5$000
70	Casas do Dr. Francisco Machado (Termo)	5$000
71	Nenuphares (Sete Cidades)	5$000
72	Lagôa—norte « «	5$000
73	Rocio da cidade (caminho das Capellas)	6$260
74	Moinho de Santa Clara (Ponta Delgada)	5$000
75	Effeito de nevoeiro (Sete Cidades)	3$750
76	Rua Principal « «	3$750
77	Na Matta « «	4$000
78	Trecho da lagôa « «	3$750
79	Estudo para quadro « «	3$750
80	Lagôa Verde « «	3$750

81	Na lagôa (vaccas) (Sete Cidades)	3$750
82	Pôr do Sol (Stª Clara—Ponta Delgada)	3$750
83	Reflexão (Sete Cidades)	7$500
84	Cabanas « «	7$500
85	Movel—Secretária para Senhora Estylo Allemão Constructor—Manuel Luiz d'Almeida Desenho de Constancio da Silva	

CATALOGO

DA

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES

Inaugurada em Ponta Delgada no dia 27 d'abril de 1913 na casa do Seculo xx-Avenida Roberto Ivens

A favor das instituições de beneficencia

SECULO XX

COZINHA ECONOMICA

E

ALBERGUE NOTURNO

Escultura

Ex.mo Sr. Ernesto do Canto Faria e Maia

1 Busto de creança (em barro)
2 Idem
3 Grupo (em barro)
4 Tres estatuetas (em barro)
5 Vendendo-se (em gesso) cada exemplar, 5$000
Fotografias de esculturas do artista, feitas em Paris e em Lisboa.

Ex.mo Sr. João Vaz Pacheco de Castro

6 Estudo (em gesso)

Ex.ma Sr.a D. Margarida Alcantara

Discipula de Constancio da Silva

7 Busto de creança
8 Estudo de figura
9 Busto de minha mãe

Pintura

Ex.mo Sr. Abel de Frias Coutinho

9A Marinha

Ex.ma Sr.a D. Alice Maria Pimentel

Discipula de Arthur May, Conceição Silva e Constancio da Silva

10 Velha do Asylo
11 O meu caseiro

Ex.mo Sr. Arthur May

Discipulo de Silva Porto — Mensão Honrosa na Exposição de Bellas-Artes do Gremio Artistico em 1899

12 Aproveitando uma aberta
13 Ao cair da tarde (Furnas)
14 Rio Tejo (manhã)
15 Troncos (Sete-cidades)

Ex.ma Sr.a D. Bertha Gomes d'Alcantara

Discipula de D. Albertina Falker

16 Natureza Morta
17 Natureza «
18 Natureza «
19 Flôres
20 «
21 «
22 «
23 Estudo de Figura
24 « « «
25 « « «
26 « « «
27 « « «
28 Estudo de flores
29 « « «
30 « « «

Ex.ma Sr.a Condessa de Albuquerque

30a Fructas e legumes
30b Dans mon Salon (Colcha amarella)
30c Quadro de genero (Colcha azul)
30d Fructos d'hynverno
30e Fructas de verão
30f Aprés le bal
30g Coim de Salon
30h Flores de Serpentina
30i Mesa de Cozinha
30j No Parque (Furnas)
30k Azenha (Feteiras)

Ex.mo Sr. Constancio Gabriel da Silva

Discipulo de Velloso Salgado

31 Caminho de S. Gonçalo
32 Manhã de sol
33 Tipo Michaelense
34 Estudo do nú
35 Retrato
36 No campo (Capellas) 25$000
37 Fonte da Gróta (Capellas) 20$000
38 Marinha (S. Roque) 18$750
39 Adormecida 400$000

Ex^mo Sr. Domingos Rebello

Discipulo de Jean Paul Laurens

40	Rua da Bretanha (Pico Vermelho)	
41	Estudo de Figura	
42	Estudo (S. Gonçalo)	12$500
43	Estudo (Mercado do gado)	15$000
44	Estudo (Terras largas)	20$000
45	Estudo (Pico do Salomão)	10$000
46	Sete Cidades	30$000
47	No quintal	30$000
48	Fajã de Cima	30$000
49	Flores e fructos	10$000
50	Natureza morta (ao ar livre)	60$000
51	Sete Cidades	25$000
52	Natureza morta	200$000
53	Retrato do Ex.mo Sr. João Maria Pereira	
54	Estudo (Familia)	
55	Manhã de Sol	15$000
56	Auto-retrato	
57	Retrato do Ex.mo Sr. André Vaz Pacheco de Castro	
58	Remedios (Bretanha)	

Ex.mo Sr. Duarte Machado de Faria e Maia

59	Retrato do Ex.mo Sr. José da Camara
60	Retrato do Ex.mo Sr. Rodrigo Rodrigues
61	O tio Panella
62	Vaqueiro
63	Au Cabarêt (Bretagne)
64	Cabeça de estudo (Bretagne)
64a	Mendigo

Ex.ma Sr.a D. Emilia d'Azevedo Maldonado

65	Natureza Morta
66	Interior

Ex.mo Sr. Francisco Alvares Cabral

67	Pico da Cruz
68	Reflexos d'agua
69	Sob os ôlmos
70	Uma ninhada de pintos
71	Nevoeiro nas Sete-cidades
72	Porto dos Mosteiros
73	Fructas ao ar livre
74	Cabeça de italiana
75	Natureza Morta
76	Natureza morta
77	Jardim do Collegio
78	Canteiro de galhardias
79	Crisantemos
80	A casa do Fôrno

Ex.mo Sr. Ezequiel Pereira

Discipulo de Silva Porto, de Jean Paul Laurens e de B. Constant-Medalha de 3.ª classe na 4.ª exposição do Gremio Artistico

81 Bordando (Sete-cidades)
82 Estudo de paisagem (Sete cidades)
83 3 manchas « «
84 2 « « «
85 1 « « «
86 1 « « «
87 Paisagem (P. Delgada)
88 « (Sete-cidades)
89 «

Ex.mo Sr. Jacintho Leite do Canto Pacheco

89a Valle das Caldeiras

Ex.mo Sr. José d'Arruda Pereira

90 Sr.ª da Ajuda (Bretanha)
91 Palhoça (Bretanha)
92 Natureza morta
93 Camelias
94 Jardim do Ex.mo Sr. Antonio Borges

Ex.mo Sr. José Maria Rebello

95 Caminho de S. Gonçalo
96 No quintal
97 Fructos
98 Montanha de Agua de Pau
99 Caminho para a grotinha
100 Vapor Cretic
101 Um abrigo n'uma quinta
102 Fajã de Cima
103 Caminho de Sant'Anna

Ex.mo Sr. Dr. Luiz Bernardo Leite Athaide

Discipulo de Arthur May e Carlos Reis

104 Ilheo de Rôsto de Cão
105 Moinhos de St.ª Clara (poente)
106 Fructas
107 Calhao da Panchinha
108 Areal grande (S. Roque)
109 Puy de Dôme (França)
110 Fructas de verão
111 Cobre e fructas
112 Prato com fructos
113 Parque do Ex.mo Sr. Marquez da Praia (Furnas)
114 Idem
115 Poente de Janeiro
116 Idem

117 Anoitecer
118 Arieiro (Lisboa)
119 Calhao da Panchinha
120 Terras das Larangeiras
121 St.ª Clara (P. Delgada)
122 Interior
123 Tarde de Julho

Ex.ma Sr.ª D. Maria dos Anjos Peixoto de Viveiros

Discipula de Constancio da Silva e de Mr. Webster

124	Ponta de St.º Antonio vista das Capellas	30$000
125	Cabeça de Pescador das Capellas (José Pequenino	25$000
126	Sobida do Môrro das Capellas e caminho do porto	18$000
127	Estudo de prata antiga	30$000
128	Estudo de vidro	35$500

Ex.mo Sr. Sebastião d'Arruda da Costa Botelho

129 Retrato de Anthero de Quental

Aguarellas, carvões, etc.

Ex.mo Sr. Augusto Cabral

130 117 aguarellas de interiores, paisagens, marinhas, costumes, caricatura, etc.

Ex.mo Sr. Domingos Rebello

131	Estudo (carvão)	6$000
132	« «	6$000
133	Paisagem (aguarella)	6$000

Ex.mo Sr. Francisco Alvares Cabral

134 Retrato a carvão

Ex.mo Sr. João Carlos Moreira da Camara

135 Gatos (aguarella)

Ex.mo Sr. José Maria Rebello

136 Uma parte da cidade (aguarella)

Ex.mo Sr. Marciano Henriques da Silva

137 Figura (desenho)

Ex.ma Sr.ª D. Maria Sabina de Vasconcellos

Discipula de João Cabral e Roque Gameiro

138	Mulher do Moinho (Perfil)	10$000
139	A Francisca (creada.	10$000
140	Saloia	30$000

NOTA=O Sr. A. Cabral apresenta um catalogo especial dos seus trabalhos

		25$000
141	Caminho da Grotinha .Arrifes	30$000
142	Dhalias e crisantemos	18$750
143	Fórte Velho (Madeira)	15$000
144	Ilheo de Rôsto de cão	7$500
145	Peros	7$500
146	Peixes	15$000
147	Lunch	
148	Canôas baleeiras no porto das Capellas (aguarellas)	

CATALOGO

DA

EXPOSIÇÃO D'AGUARELLAS

DE

AUG. CABRAL

PONTA DELGADA—ABRIL DE 1913

NOTA—uma das salas do edificio do Seculo XX foi exclusivamente destinada ás aguarelas do Sr. Augusto Cabral

1	Mé!	6$250
2	Bisbilhoteiras	6$250
3	Effeitos puros	3$750
4	Calouro	3$750
5	40.º (á sombra)	3$750
6	O Bei	6$250
7	Manhoso!	6$250
8	Chegou dos bancos	3$750
9	Gatinha Borralheira	5$000
10	Amores e toilettes	5$000
11	Mizericordia!	5$000
12	Ha uma manchinha d'estrume?	6$250
13	Tudo em Louvor!	6$250
14	Rabeca dos Arrifes	8$750
15	Arrufos	7$500
16	Garças pelos Arrifes	10$000
17	Sopas gordas	18$000
18	Oh! taes adagadas!	7$500
19	Microbio da saude	6$250
20	Querem uma gotinha de leite?	8$750
21	Jeque de pesca, a remos	8$750
22	Lavadeiras	
23	Cáes da Sardinha	6$250
24	Arrenca!	7$500
25	Amor e Arrifes	7$500
26	A coroação é ao meio dia	6$250
27	Viuvez e osculos	5$000
28	Loje dos meirites do mar	15$000
29	A's lapas	8$750
30	Jeque de pesca, á vela	7$500
31	Mé rico Senhô São Pedros	6$250
32	Um dia não são dias	10$000

33	Cheiradoree e moralistas	6$250
34	Ólo, figos, bacalau	8$750
35	Ah! mê Des Senhor!	8$000
36	No dia do pedimento	4$375
37	Um cesto barreleiro	12$500
38	Escrivão da penna grande	5$000
39	Canôa baleeira em calma	
40	Deitar cêdo	15$000
41	Ar puro e leite	15$000
42	Noticias frescas	7$500
43	Escuna	7$500
44	O nosso ancoradoiro, ha 45 annos	4$375
45	Poesia e ruido	8$750
46	Quanto mais velhos	2$500
47	Mousinho da Silveira	18$000
48	O grande dia!	18$000
49	Nau do principio do Século XIX	30$000
50	A moda, ha 113 annos	3$750
51	A moda, ha 113 annos	3$750
52	Um 1800 a uma 1913 (modas)	6$250
53	Not wind, not fish, not nothing	3$750
54	Cruzador do seculo XX	30$000
55	Ilha de St.ª Maria, 20' ao S E da mesma	4$375
56	O Bocage Açoreano	8$750
57	O Companheiro	6$250
58	Maia, ilha de St.ª Maria	6$250
59	A moda no Seculo XVI	3$750
60	Maia, ilha de St.ª Maria	5$000
61	Prioridades	6$250
62	Total geral	5$000
63	Mosteiros, ponta do Escalvado	6$250
64	O pintor João Cabral	7$500
65	A cantora Africa	7$500
66	O concertista Aroldo	7$600
67	Paysagem sonhada	5$000
68	D. M. de la Quadra	7$500
69	Postal telephonico	3$750
70	Apoz um renhido Foot-ball	6$250
71	Bella Vista	6$250
72	Um crysanthemo	7$500
73	Relação entre o raio do Planeta	7$500
74	Embaixador de Thalia	7$500
75	Um doutor bibliophilo	7$500
76	Entrevista (reprodução de antigo desenho)	
77	Defendendo	7$500
78	Novidades	7$500
79	A. Cohen	7$500
80	E. J. G.	7$500
81	Viação acelerada	6$250
82	Telegramma	7$500
83	Piadas por partidas dobradas	8$750
84	Mais telegrammas	6$250
85	Os compadres pianistas	8$750
86	Panela e certã	7$500
87	Um polyglotta	8$750

88	E. de S.	7$500
89	Um republicano	7$500
90	O nosso capitão	6$250
91	Pobrête, mas alegrete	
92	Ora, Capélas!	8$750
93	Ao largar o leme	8$750
94	A. P. P.	7$500
95	Ao deixar o cargo	7$500
96	De guarda-sol	6$250
97	J. B.	7$500
98	O grande cirurgião	10$000
99	T. P.	
100	Em vitral	8$750
101	Poeiras do passado	
102	Um grande canario da terra	
103	Razões da minha exposição	
104	O «Bull Dog»	6$250
105	Alternativa na Praça da Sciencia	8$750
106	Mosteiros, ilheu da terra e ruinas do forte da Areia	25$000
107	Mosteiros ilheu da terra	7$500
108	O maior compadre	5$000
109	Jeque de pesca, em calma	7$500
110	Barco «da Villa»	7$500
111	O' cabras, ó bodes!!	5$000
112	Jeque de pesca, á vela	5$000
113	A. da C.	7$500
114	Barco «da Villa»	7$500
115	Mamã é que disse	
116	Jeque de pesca, á vela	5$000
117	Lua cheia, velha	

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

DE

DOMINGOS REBELLO

NO SECULO XX

26 DE OUTUBRO DE 1913
PONTA DELGADA

PINTURA

1	Estudo decorativo	400$000
2	Estudo decorativo	150$00
3	Flores e fructos	250$000
4	Natureza morta	250$000
5	Idem	50$000
6	Idem	50$000
7	Retrato	
8	Retrato do Ex.^{mo} Snr. João M. Pereira	
9	Retrato do Ex.^{mo} Snr. Ernesto C. F. M.	
10	Retrato do Ex.^{mo} Snr. Manuel G. Bentes	
11	Retrato do Ex.^{mo} Snr. Manuel M. Rebello	
12	Auto retrato	
13	Cebaça de estudo	40$000
14	Retrato d'um hespanhol	200$000
15	Estudo	100$000
16	Estudo (Bretanha)	50$000
17	Terras largas	6$000
18	Serra d'Agua de Pau	8$000
19	Pochade	5$000
20	Efeitos de sol poente	10$000
21	Pont-l'Abbe (França)	7$500

22	Uma larangeira	4$000
23	Uma parreira	5$000
24	Estudo (Senhora da Rosa)	7$000
25	Estudo de nuvens	7$000
26	Estudo (Mercado do gado)	10$00
27	Manhã de sol	8$000
28	Pochade	6$000
29	Idem	10$000
30	Idem	8$000

CARVÕES

1	Cabeça de rapariga
2	Natureza morta
3	Idem

AGUARELLAS

1	Natureza morta	3$000
2	« «	3$000
3	« «	4$000
4	« «	3$000

EXPOSIÇÃO DE DESENHO E PINTURA

DO

SR. CONSTANCIO GABRIEL DA SILA E SEUS DISCIPULOS

NO ASYLO DE INFANCIA DESVALIDA

Catalogo dos Trabalhos Expostos

PONTA DELGADA

Março de 1914

EXPOSITORES

Constancio Silva e suas discipulas ex.ms senhoras

D. Alice Pimentel
D. Bertha Tavares Netto
D. Christina C. Mendonça
D. Gilda Cabral da Camara
D. Gilda Ivens
D. Laura da Luz Leal
D. Margarida d'Alcantara
D. Maria Luiza Motta

D. Alice Maria Pimentel

1 Moinhos de St.ª Clara (natural)
2 Dóca (vista do Extradinho) (natural)
3 No jardim de Antonio Borges (natural)

D. Bertha Tavares Netto

4 Malmequeres
5 Fructos
6 Estudos de paisagens a carvão (7)
7 Estudos de figura (3)

D. Christina Chaves Mendonça

8 Pratas e christaes (natural)
9 Flores (natural)

D. Gilda Cabral da Camara

10 Natureza morta (natural)
11 Marinha
12 Flores
13 Marinha
14 Fructos
15 Marinha
16 Estudos de paisagem a carvão.

D. Gilda Ivens

17 Estudos de figura a carvão (4)
18 Estudos de paisagem a carvão (9)

D. Laura da Luz Leal

19 Estudo a oleo
20 Estudos de figura (4)
21 Cabeça de Christo a carvão

D. Margarida d'Alcantara

22 S. Vicente—Na quinta da D. Alice Pimentel (natural)
23 No Jardim de Antonio Borges (natural)
24 Estradinho (natural)
25 Uma ninhada (natural)

D. Maria Luisa Motta

26 Na serra—paisagem
27 Marinha
28 Flores
29 Marinha
30 Pescando, marinha
31 Marinha
32 Estudos de paisagem a carvão

Constancio da Silva

33	St.ª Cecilia (assumpto decorativo)	
34	Lagoa das Furnas	200$000
35	Furnas—Na quinta do Marquez da Praia	125$00
36	Olaias em flor—Mãe de Deus	150$000
37	Agua quente—Furnas	50$000
38	Noveloes	20$000
39	Fonte da Grota—Capellas	20$000
40	Furnas—Na quinta do Marquez da Praia	7$500
41	« « « «	7$500
42	S. Vicente—Na quinta de A. Pimentel	10$000
43	Casas de St.ª Clara	6$250
44	Furnas—Na quinta do Marquez da Praia	7$500
45	« « « «	7$500

CATALOGO

DA

2.ª Exposição de Bellas-Artes

INAUGURADA NO DIA 17 DE MAIO

NAS SALAS DO PAÇO

DO

Ex.mo Sr. Barão de Fonte Bella

PONTA DELGADA, 17 DE MAIO DE 1914

Atravessando a arte em Portugal uma phase de notavel prosperidade claramente provada pelas numerosas exposições que ha alguns annos a esta parte se tem aberto no Continente, sobre-sahindo pelo seu valor as promovidas pela Sociedade Nacional de Bellas Artes, justo era que em esta importante Ilha se acompanhasse tambem esse valioso movimento de renascimento da Arte Nacional e assim, seguido a mesma orientação, foi realisada uma exposição em Ponta Delgada o anno passado, a qual sendo coroada de bom exito, animou os seus impulsionadores a organisar o presente certamen d'arte.

Os sinceros desejos de estimular e bem orientar as predisposições artisticas do nosso meio e de concorrer por consequencia para o crescente progresso d'esta terra, foram as determinantes do actual emprehendimento, que esperamos continuará a repetir-se nos annos futuros, para que d'elle resultem os beneficios que ambicionamos.

A exposição constará de pintura—esculpura—desenho—aguarela—pastel, etc.—Arte aplicada—Obra de talha—ficando pertencendo á comissão organisadora 5$^{0}/_{0}$ dos preços das vendas realisadas na exposição, destinados a constituir um fundo auxiliar de futuras exposições e a proteger a secção d'arte do museu municipal de Ponta Delgada

Ponta Delgada 17 de Maio de 1914

A Comissão

Adelino Casanova Travassos
Arthur May
Constancio Gabriel da Silva
Domingos Xavier Rebello
Duarte Machado Faria e Maia
Francisco Alvares Cabral
Dr. Luiz Bernardo L. Athaide

OLEO

Alcantara (D. Margarida)

Discipula de Constancio da Silva, Carlos Reis e Simões d' Almeida (sobrinho)

1	Natureza morta	50x40	60$00

Assis (D. Branca)

Discipula de R. Raphael Andrade 23 1.º Lisboa

2	Cabeça de Velha	50x62	90$00
3	A amuada	60x70	60$00

Athayde (Dr. Luiz Bernardo Leite

Discipulo de Arthur May e Carlos Reis=Ponta Delgada

4 Poente
5 Hortensias
6 Dhalias
7 Parque do Marquez da Praia (Furnas)
8 Ermida das Larangeiras

Bastos (Julio Teixeira)

Discipulo de José Malhôa

9 Souto de castanheiros

pertencente ao Ex.mo Sr. Luiz Bernardo Leite Athayde

Cabral (Francisdo Alvares)

Discipulo de Carlos Reis e Frei Hervon Habermam

9A	Rosas	75x75
9B	Nocturno	1,m60x1,m40

Cardoso (Arthur Alves)

Discipulo de Carlos Reis e de F. Cormon
medalha de 2-ª Classe na Sociedade Nacional de Bellas Artes

10	O monte (Alemtejo)	70x55	90$00
11	Pelo Ribatejo (estudo de nuvens)	70x61	90$00
12	Ao tear	65x54	100$00
13	Um canto de Aljustrel	24x19	20$00
14	Poente «	24x19	20$00
15	Casa da Mequelina—Douro	23x16 1|2	15$00
16	Estudo de nuvens—Roma	23x16 1|2	15$00
17	Effeitos do Vesuvio—Italia	24$16 1|2	18$00

Carlos (Bonvalot)

Discipulo da Escola de Bellas Artes e de Velloso Salgado
3.ª madalha na Sociedade Nacional de Bellas Artes
R. dos Poyaes de S. Bento 71—4.º—Lisbôa

18	A defesa	60x80	60$00
19	Il dolce farniente	65x80	30$00
20	Morane	40x50	40$00

Condeixa (Ernesto Ferreira)

Discipulo da Escola de Bellas Artes, e de Cabanel, premiado em varias exposições, Sociedade Promotora de Bellas Artes, Exposição Industrial de Lisbôa e Gremio Artistico

21 Um homem do mar

Esteves (Francisco Romano)

Discipulo de Comlumbano. Menção honrosa e medalha de 3,ª
Classe na Sociedade Nacional de Bellas Artes

22	Azoia de Baixa—Santarem	27x22	20$00
23	Pescador	33x41	18$00
24	Fructos	30x41	18$00
25	Cabeça	17x22	18$00
26	Arribana	30x40	20$00
27	Flores	38x49	18$00

Gil (Maria Izabel Fernandes)

Discipulo de Arthur May

27A Flores 60x50

Hurt (Louis B.)

28 Paisagem da Escocia
pertencente ao dr. Luiz Bernardo Leite Athayde

Faria e Maia (Duarte Machado)

Discipulo de Silva Porto e Luc. Olivier Merson
Menção honrosa na Sociedade Nacional de Bellas Artes de Lisbôa

29 Ermida de Santo André—Ribeira Grande
pertencente ao dr. Luiz Bernardo Leite Athayde

29A Rêveuse
29B Amitié
29C Um trecho das Furnas
29D Tempo humido

Malhôa (José)

Medalha de honra na Sociedade Nacional de Bellas Artes. 2.ª Medalha em Madrid, menção honrosa «Salon», Paris; medalha de honra no Rio de Janeiro etc, etc. Lisbôa=Avenida 5 de Outubro n.º6

30 Amanhã os arranjarei (o mestre escola). Este quadro foi exposto no Salon, e medalhado na exposição de Bellas Artes em barcelona 1,24x86 1.000$00
31 Basta meu pae 60x73 1|2 500$00

May (Arthur)

Discipulo de Silva Porto—Menção honrosa no Gremio Artistico

32 Troncos (Sete-Cidades)
pertencente ao dr. Duarte Manuel d'Andrade Albuquerque Bettencourt

Mendonça (D. Christina)

Discipula de Constancio da Silva

33 Natureza morta 36x46

Pereira (Ezequiel)

Discipulo da Academia de Bellas Artes de Lisbôa, de Silva Porto, de Jean Paul Laurens e de B. Constant, medalha de 3.ª classe.
R. Thomaz d'Annunciação, 106—4.º, Lisboa

34 Tarde de verão 35$00
35 Azinhaga (Algarve) 25$00
36 Cruz Quebrada—Lisbôa 50$00
37 Rio Jamor 50$00

Pereira (José Ignacio d' Arruda)

Discipulo de Ezequiel Pereira Rua do Contador—Ponta Delgada

38 Ruinas da Casa do Capitão Luiz=Bretanha 60x50
39 Caminho Velho, Bretanha 30x60

Piedade (Antonio Ferreira da)

Discipulo de Carlos Reis

40 Senhora da Rocha—Aljés 23x16 16$00
41 Azinhaga da Esperança—Figueira da Foz 33x24
pertencente ao Sr. Adolino Pereira
42 Tasca de Corroios 23x16 15$00

Rebello (Domingos Maria Xavier)

Discipulo de Jean Paul Laurens R. d' Arquinha—Ponta Delgada

43 Retrato da Ex.ma Snr.a Condessa d'Albuquerque

44 Retrato da Ex^ma Snr.ª D. Maria do Carmo Berquó d'Aguiar Rebello
45 Retrato da Ex.^ma Sr.ª D. Maria Thereza Vaz Pacheco de Castro
46 Retrato do Ex^mo Sr. Prior Jacintho da Ponte
47 Retrato do Ex.^mo Sr. Domingos Joaquim d'Azevedo

Reis (Carlos)

Discípulo de Silva Porto Premiado com varias recompensas em Portugal e no estrangeiro Arieiro—Lisboa

48	Gerânios e Malvarosa	1,65x1,30	600$00
49	Pedrogam da Serra	55x37	200$00

Reis (João

Discipulo de Carlos Reis

50	Ceu nublado	30x20	30$00
51	Ceu da tarde	39x54	50$00
52	Dia de Sol	39x54	50$00
53	Estudo em maio	37x28	30$00

Reis (Zoé W. Batalha)

Rua de S. Domingos á Lapa—46—Lisboa

54	A chavna de Chá	50x75	50$00
55	Friarenta	60x75	50$00
56	Cigania (perfil)	33x40	50$00
57	Rapariga da mantilha		55$00
58	Estudo (cabeça de velho)	26x24	20$00
59	Estudo (costas)	23x29	20$00
60	Cravinas	25x28	15$00
61	Estudo (pequena)	22x22	15$00

Renou (Fernando)

Discipulo de Mr. Harpignies (pintor francez) Travessa do Corpo Santo 10—3.º E. Lisboa

62	Paisagem (na tapada d'Ajuda) 35x23 Instituto Superior Agronomico de Lisboa		25$00
63	Casas brancas, no Cazalino de Ajuda	34x23	25$00

Ribeiro Junior (José Nunes)

Discipulo da Escola de Bellas Artes de Lisboa e Condeixa. Medalhas de 3.ª e 2.ª classe na Sociedade Nacional de Bellas Artes, e de prata no Rio de Janeiro Lisbôa

64	Uma barrella Sete Cidades	40x32	90$00
65	Um recanto das Sete Cidades	35x27	90$00
66	Oleiro	55x66	

Salgado (José Velloso)

Discipulo da Escola de Bellas Artes de Lisboa, Ferreira Chaves e Delaunay. Medalha de honra na Sociedade Nacional de Bellas Artes e Hors—cocours no Salon de Paris etc., etc. R. da Quintinha 99—Lisboa

67	Lavradeira do Norte	27x35	60$00

68	Envergonhada	30x35	60$00
69	Casas de Leça da Palmeira	33x25	50$00

Santos (Abel)

Discipulo de Carlos Reis Rua de S. Ciro 113 —1.º Lisbôa

70	Trecho das Lapas Torres Novas	85x57	70$00
71	Ruinas do Cosme-Collares	18x28	15$00
72	Barcos de pesca Leixal	29x17	18$00

Santos (D. Beatriz Rollin)

Discipula de Conceição Silva R. de St.º Antonio da Gloria 97-3.º Lisbôa

73	Estudo	33x43	20$00
74	« (cabeça)	26x36	25$00
75	« «	33x46	25$00
76	« «	33x45	15$00
77	«	36x43	20$00
78	«	36x49	20$00

Silva (Constancio Gabriel da)

Discipulo da Escola de Bellas Artes e de Velloso Salgado. Ponta Delgada

79	Olaias em flôr (Mãe de Deus)	56x41	80$00
80	No Tanque—Furnas	38x56	60$00

Silva (D. Maria de Jesus Conceição)

Discipula de Conceição Silva R. Escola Politechnica 231-1.º Lisboa

81	Fazendo meia	25x35	30$00
82	Velho mendigo	25x33	15$00
83	Velha	25x33	18$00
84	Garoto	25x35	18$00

Trigoso (João de Mello Falcão)

Discipulo de Carlos Reis Lagos=Algarve

85	Viveiros e Amendoeiras—Lagos	35x30	25$00
86	Margens da Lua—Paris	27x35	26$00
87	« « Meuse-Belgica	40x33 1/2	35$00
88	Uma mancha de côr—Versailles	27x35	26$00
89	De tarde—Versailles	36x27 1/2	25$00
90	Margens do Sena—França	35x27	25$00
91	Pôr do Sol—Versailles	35x27	25$00
92	Junto ao Meuse—Belgica	40x32 1/2	26$00

Vasconcellos (Maria Sabina Pereira)

Discipula de João Cabral e Roque Gameiro Rua da Canada—Ponta Delgada

93	Porto das Calhetas	57x35
94	Peros	63x51

Victorino (Tulio)

Discipulo de Conceição Silva

95	Auto=retrato	57x69	
96	Retrato da distincta aluna do Conservatorio Ernesta Settimelli	28x38	
97	Casa do Prior da Minha Terra	24x55	20$00
98	Um dia triste no castello dos mouros	27x38	20$00
99	Estudo do nú	26x36	10$00

Viveiros (Maria dos Anjos)

Discipula de Constancio da Silva, Capellas

100	Rua de André Manuel (Capellas)	20$00
101	Rocha do Santo Christo «	20$00
102	Natureza Morta «	25$00

ESCULPTURA

Alcantara (D. Margarida)

Discipula de Constancio da Silva, Carlos Reis e Simões d' Almeida, sobrinho

1	Busto de rapariga—gesso	60$00
2	Velho modelo—bronze	240$00
3	Velha (gesso)—preço em bronze	240$00

Almeida (José Simões d') Sobrinho

Discipulo de Simões d'Almeida Junior medalha de 1.ª Classe na Sociedade Nacional de Bellas Artes, de prata na exposição de Bruxellas e 2.ª na da America Lisboa-Escola de Bella Artes

4	Cabeça de velha —bronze	200$00
5	Estatua «O Despertar»— «	230$00

Castro (João vaz Pacheco de)

Discipulo de Simões d' Almeida Jr.

6	O Filho prodigo
7	Maquette para o monumento a José Jacome Correia

PASTEL

Carneiro (D. Anna Emilia d' Aguiar)

Discipula de Conceição Silva Rua dos Prazeres 87—Lisboa

1	Dá licença	40x90	40$00
2	Flores	48x54	30$00

Santos (D. Beatriz Rollin)

Discipula de Conceição Silva R. de S.to Antonio da Gloria 97-3.º Lisboa

3	A tia Anna	34x50	30$00

Silva (Antonio Thomaz da Conceição)

Discipulo da Escola de Bellas Artes, e Ferreira Chaves e Jean Paul Lautens

4	Velho modelo	34x47	40$00

Silva (D. Maria de Jesus Conceição)

Dicispula de Conceição Silva R. Escola Politechnica 231-1.º Lisboa

5	Cabeça de Velha	27x37	25$00

AGUARELAS

Aug. Cabral

1	Trocadilho	25x15	5$00
2	Ponta Delgada Elegante	26x18	4$00
3	Jeque de pesca, em calma	24x16	5$00
4	Muito peixe, ó Farcisco?	32x17	6$00
5	Jeque de pesca, á vela	26x17	5$00
6	Manhoso!	17x12	3$20
7	Um cêsto barreleiro	26x18	5$00
8	Oh! Taes fadagadas!	26x16	4$00
9	Prioridades	23x14	3$00
10	Ponta do Escalvado (Mosteiros)	28x15	4$00
11	Duas Magani-dinhas	26x15	4$00
12	Jeque de pesca, á vela	22x15	4$00
13	Na Avenida a fazel-a	25x17	4$00
14	Oh! mar, mar!	24x15	4$00
15	Jeque de pesca, a remos	29x19	4$00
16	S. M. El Peixe Caro	25x17	4$00
17	Jeque á pesca	25x16	4$00
18	Quanto mais velhos	25x17	4$00
19	Jeque de pesca, á vela	24x22	4$00
20	Nau do principio do Seculo XIX	43x32	20$00
21	Horas d'ocio	27x18	4$80
22	Forasteiros	21x14	4$00
23	N. S. dos Prazeres (St.ª Maria)	22x17	4$00

Cabral (João)

24	Travessia do Mondego	53x35	Coimbra	40$00
25	No Mondego	33x25	«	20$00
26	Barca de passagem, Mondego	36x26	«	20$00
27	Caminho, em Vilarinho	28x15	«	6$40
28	Entardecer	23x14	«	4$00
29	Domingo	36x26	Tejo	14$40
30	Vapor carvoeiro	27x20	«	10$00
31	Varino	28x22	«	8$00
32	Vapores de Cacilhas	26x18	«	8$00

33	Bote cacilheiro	23x13	«	4$00
34	Vento de feição	23x13	«	4$00
35	Fragata	17x11	«	3$20
36	Calmaria	17x11	«	2$40
37	Barcos	17x11	Tanger	3$20
38	Naudaka de	37x26	«	20$00
39	Um atalho	21x14	Collares	5$60
40	Ao pôr do sol	18x12	«	3$20
41	Casa do vinagre	21x14	«	3$20
42	Palacio da Pena	25x36	Cintra	20$00
43	Estrada para a Fonte dos amores	28x22	«	14$40
44	Porta de uma Mesquita (Castello dos Mouros)	28x22	«	14$40
45	A's Ave Marias	24x18	«	5$60
46	Baixa-mar	46x29	Cascaes	24$00
47	O varar dos barcos (praia da Aguda)	28x22	Granja	12$00
48	Barco rabélo	22x13	Douro	4$00
49	Chalupa franceza	17x11		3$20
50	Na volta do mar	22x14		4$00
51	Na pastagem	28x21	Odivellas	10$00
52	O pilôto	36x23		20$00
53	Volta da vindima (Praia das Maçãs)	53x36	Collares	50$00

Casanova (Enrique)

54	Meditando	31x49	500$00
55	Arredores de Aranjuez (Hespanha)	31x49	500$00
56	Figura Luiz XVI	31x49	400$00

Marques (João)

Discipulo de Leopoldo Batistini' menção honrosa na Sociedade Nacional de Bellas Artes Avenida Almirante Reis—21—4.º Esq. Lisbôa

57	Chafariz de Linda-a-Velha (arredores de Lisboa)	46x35	25$00
58	Casal velho	48x37	200$00
59	Chafariz de S. Paulo Lisboa	36x52	25$00
60	Lavadeiras na Ribeira de Friellas (arr. de Lisboa)	46x35	30$00
61	Casa do moleiro Carnaxide	48x30	25$00
62	Uma azinhaga	36x28	10$00
63	Um caminho em Linda-a-Velha	34x24	10$00

Quaresma J.or (Antonio Ferreira)

Discisulo de Roque Gameiro Travessa de St.ª Gertrudes 32—1.º Lisboa

64	Lago dos meninos (Queluz)	11x17	28$00
65	Entre-pontes «	11x17	25$00
66	Jardins de « (Pegaso)	11x17	25$00
67	Rio da Fônte (Agualva	11x17	22$00
68	Eucaliptos (Trafaria)	11x17	12$00
69	Costa de Caparica	11x17	16$00

Souza (Alberto de)

Discipulo de Roque Gameiro—medalha de 2ª classe na Sociadade Nacional de Bellas Artes =R. das Trinas 48—2.º Lisbôa

70	Moinhos nos arredores de Lamego	19x14	60$00

71	Rua em Villa Real-Traz os Montes	10x15	35$00
72	Torre da Egreja de S. Domingos (Villa Real)	10x15	20$00
73	Egreja de S. Domingos (Villa Real	10x15	25$00
74	Torres da Egreja de S. Pedro (Villa Real)	10x15	25$00
75	Rua de S. João de Tarouca	10x15	30$00
76	Rua em Silves	10x15	30$00

Travasos (Adelino Casonova)

Discipulo de Alberto de Souza e da Escola de Bellas Artes de Lisbôa—Ponta Delgada—R. Antonio José d' Almeida

77	Estudo d'uma arvore	22x33
78	Um estudo	22x33

Vasconcellos (Maria Sabina Pereira)

Discipula de João Cabral e Roque Gameiro

79	A Ribeira da Lomba da Cruz—Candelaria	47x40
80	Trecho das Sete Cidades	34x30
81	« da estrada nova das Feteiras	57x33
82	« » « « da Candelaria	27x33
83	Covoada—Grota do Contador	57x33
84	Ilheu de Rosto de Cão	40x26
85	Arco da Tapada do Ex^{mo} Snr. Conde dos Fenaes (Capellas)	26x35
86	Amores perfeitos	27x19
87	Barco de Villa Franca	19x27

DESENHO

Campos (D. Laura)

Discipula de Gonceição Silva Rua Antonio Pedro

1	Mendigo	60x50	22$00
2	Cabeça (estudo) velho	45x60	10$00
3	« de mulher	46x58	10$00
4	Espanhola	40x50	10$00
5	Cabeça de velha	28x40	8$00

Trigoso (João de Mello Falcão)

Discipulo de Cralos Reis Lagos—Algarve

6	Paul=Lagos—Algarve	34x26	8$00
7	Rochas na Baia de Lagos	34x26	8$00

Os preços d'estas obras d'este catalogo são em moeda forte

TERCEIRA

EXPOSIÇÃO DE BELAS-ARTES

REALISADA NO PALACIO

DO

Ex.mo Sr. Barão de Fonte Bela

PONTA DELGADA

9 DE MAIO DE 1915

Consta esta Exposição de esculturas, desenhos e pinturas — a oleo, aguarela, pastel e carvão — de miniaturas, e de arte aplicada, pertencendo á comissão organisadora 5% sobre os preços das vendas, que são em moeda forte, destinados a auxiliar a compra de produções de arte para o Museu Municipal d'esta cidade.

A COMISSÃO

Adelino Casanova Travassos
Arthur May
Constancio G. da Silva
Domingos X. Rebello
Ernesto do Canto
Duarte Machado Faria e Maia
Francisco Alvares Cabral
José I. d' Arruda Pereira
Luiz Bernardo Leite Alhayde

OLEO

Alves Cardoso (Arthur.)

Discipulo de Carlos Reis e F. Cormon, medalha de 2.ª classe em pintura e desenho.
Entre Campos 42, Lisboa.

1 O Monte da bôa Fortuna 0,70 por 0,57 80:00 esc.
2 Serviço matinal 0,74 por 0,61 80$00 esc.
3 Cabeça de mendigo 0,57 por 0,65 60:00 esc.
4 Poente 0,53 por 0,45 50:00 esc.
5 Paysagem de verão 0,53 por 0,45 50:00 esc.
6 Canto na aldeia 0,28 por 0,34 20:00 esc.
7 Paysagem 0,34 por 0,28 20:00

Andrade (Alberto da Cunha e)

Discipulo de Carlos Reis.

Rua do Bombarda M. R. 13, 3.º, D. Lisboa.

8 Rosas 0,82 por 0,72 60:00
9 Oliveiras 0,74 por 0,59 50$00
10 Pinheiros 0,55 por 0,45 30$00
11 Tarde 0,13 por 0,41 15$00
12 Eucalyptos 0,42 por 0. 37 10$00
13 Poente 0,35 por 0,27 10$00
14 Manhã 0,32 por 0,25 10$00

Athayde (Luiz Bernardo Leite.)

Discipulo de Arthur May e Carlos Reis.

15 Flores e Fructos 0,90 por 0,65
16 Rua da aldeia (Arrifes) 0,55 por 0,40
17 Sévres e Flores 0,45 por 0,45.

Battistini (Leopoldo.)

Premiado com varias medalhas ouro e prata.

Rua do Alecrim, 20, A., 1.º D. Lisboa

18 Pensativa 0,60 por 0,26 30$00
19 Reflexo verde 0,40 por 0,63 45$00
20 Cabeça de Velho 0,46 por 0,25 30$00
21 Sé velha (Coimbra) 0,85 por 1,m 300$00

Bonvalot (Carlos.)

Discipulo de Salgado e da Escola de Lisboa, 2.ª medalha.
Rua Nova do Loureiro, 83, 1,º, D., Lisboa

22 Romanticismo 2,54 por 1,50 250$00
23 Deixae vir a mim as creancinhas 0,65 por 0,80 50$00

Cabral (Francisco Alvares.)

23A Jardim dos Ginetes 0,80 por 0,45

Calderon (Leandro João.)

Discipulo de Carlos Reis, menção honrosa.
Rua Visconde de Seabra, c. á. c. 7|c Lisboa

24 Cosinha aldeã 0,80 por 0,60 90$00
25 Pateo da Thereza Carapinheira do Campo 0,60 por 0,45 40$00
26 Ao cahir da tarde (Alcobaça) 0,60 por 0,45 45$00
27 Pôr do Sol no rio Almonda (Torres Novas) 0,39 por 0,30 25$00

Castello Branco (Maria Eduarda.)

Discipulo de Emilia Santos Braga.
Rua Visconde Valmôr, V. C. J. 2.º Lisboa

28 Oração 0,45 por 0,57 60$00
29 Merendando 0,47 por 0,37 30$00

Catalão (Evaristo Alves.)

Discipulo de Velloso Salgado e da Escola de Bellas-Artes.
Asylo D. Maria Pia, Lisboa

30 Natureza morta 0,34 por 0,32 27$00
31 Rio Sacavem 0,42 por 0,32 30$00
32 Esperando a maré 0,34 por 0,24 20$00
33 Margens do Tejo 0,27 por 0,21 15$00
34 Impressões 0, 40 por 0,17 15$00
35 Saveiros 0,33 por 0,21 30$00
36 Abandonados 0,27 por 0,22 25$00

Esteves (Francisco Romano).

Discipulo de Columbano, menção honrosa e medalha de 3.ª classe na Sociedade Nacional de Bellas-Artes.

37 Cabeça 0,28 por 0,37 20$00
38 Effeitos do Alcool 0,30 por 0,40 18$00
39 Casa da aldeia 0,24 por 0,16 15$00
40 Bahia de Cascaes 0,27 por 0,22 12$00
41 Nascer da Lua 0,24 por 0,20 12$00

Faria e Maia (Duarte Machado).

Discipulo de Silva Porto Luc Olivier Merson.

42 Um canto da Exposição de Bellas-Artes de Ponta Delgada em 1914 (pertence ao Ex.mo Sr. Barão de Fonte Bella) 0,143 por 0,230
43 Um jardim á beira mar 0,240 por 0,143
44 Parque nas Furnas 0,240 por 0,143

Faria e Maia (Dr. Jacintho Gago Machado).

45 Impressões do Porto Formoso 0,21 por 0,30
46 Impressão da Costa da Lagoa 0,21 por 0,30
47 Impressão da Costa da Lagoa (pertencente ao Ex.mo Sr. Marquez de Jacome Correia

Faria e Maia (D. Leonor Machado).

48 Manhã no Vulcão 0,55 por 0,40
49 Estudo 0,40 por 0,50

Gil (Maria Izabel Fernandes)

Discipula de Arthur May.

Porto Formoso

50 Gerâneos 0,51 por 0,67

Guedes (Pedro).

Discipulo de Velloso Salgado.

Rua Ferreira Borges, 120, 1.º, Lisboa

51 Arrabaldes de Cintra (Algueirão 0,34 por 0,28 25$00
52 Aguapé (pochade) 0,19 por 0,14 12$00
53 Nuvens (estudo) 0,19 por 0,14 10$00

Hubner (Adolfo).

Praça Luiz de Camões, 6, Lisboa

54 Egreja da Madre de Deus, (Coimbra) 0,44 por 0,32 25$00
55 Fructas 0,36 por 0,28 15$00

Lopes (Joaquim)

Discipulo de Marques d' Oliveira.

Rua da Rosa, 822, Villa Nova de Gaia

56 Meditação 0.56 por 0,73 100$00
57 Ao fim da tarde 0,16 por 0,23 15$00
58 No alto da montanha (Gerez) 0,16 por 0,23 15$00
59 Marinha 0,33 por 0,25 30$00
60 Entardecer no Douro 0,16 por 0,23 15$00

May Arthur)

Discipulo de Silva Porto, menção honrosa no Gremio Artistico.

Rua Castilho 15, Ponta Delgada

61 A casa da tia Thereza (Turnas) 0,30 por 0,38 40$00

Mello (David de).

Discipulo de Carlos Reis e Paulo Laurens (Academia Julien-Paris) medalha de 2.ª classe, na Sociedade Nacional de Bellas Artes e 3.ª medalha em S. Luiz, Estados-Unidos.
Atelier—Rua d'Alegria 100, Lisboa

62 Caldeireiro 1,60 por 1,8 120$00

Mesquita (Ayres Pinto de).

Rua d'Alegria, 22, 3º Frente

63 Natureza morta 0,51 por 0,81 65$00
64 « « 0,63 por 0,50 40$00
65 Limões 0,35 por 0,30 25$00
66 Uvas Ferrais 0,35 por 0,45 36$00
67 Estudo 0,35 por 0,45 27$00
68 Perdiz 0,47 por 0,32 30$00
69 Ouriços 0,36 por 0,25 30$00

Oliveira (M. do Espirito Santo).

Discipulo de Ferreira Chaves e da Escola de Bellas-Artes de Lisboa.
Rua de S. João dos Bemcasados. 140,^{m}|c. E.

70 Rio do Porto (arredores de Cintra) 0,55 por 0,40 65$00
71 A casa da Bezerra, Logar dos Francos (arredores de Cintra 0,55 por 0,40 65$00

Pereira (Ezequiel).

Discipulo da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, de Silva Porto, de Jean Laurens e de Benjamin Constant, medalha de 3.ª classe.
Rua Thomaz d' Annunciação, 106, 4.º, Lisboa.

72 Cruz Quebrada 0,24 0,33 3$00
73 Moinho (S. Pedro do Sul) 0,37 por 0,45 70$00
74 Cruz Quebrada 0,20 por 0,26 0,26 25$00
75 Casas rusticas (S. Pedro do Sul) 0,40 por 0,32 60$00
76 Impressões (cada quadro de 4) 0,19 por 0,12 70$00
77 « («) 0,19 por 0,12 70$00
78 « («) 0,19 por 0,12 70$00
separadamente, cada tabua 18$00, sem moldura

Pires Chaves (D. Maria Alexandrina).

Loreto de S. Pedro, Faro.

Discipula de Ezequiel Pereira.

79 Porta de quinta 0,17 por 0,21 15$00
80 Trecho algarvio 0,31 por 0,48 25$00
81 Fructos 0,35 por 0,44 20$00

Portocarrero (Albano d' Almeida).

Praça d' Alegria, 31, Lisboa

82 Velho lendo 0,48 por 0,35 36$00

Rebello (Domingos M. Xavier).

Discipulo de Jean Paul Laurens.

Rua d' Arquinha, Ponta Delgada

83 Costumes Açoreanos 2,40 por 1,82 500$00
84 O Quintal 1,20 por 0,93 300$00
85 Natureza morta 0,49 por 0,32 60$00
86 Costa de Santo Antonio 0,40 por 0,32 50$00
87 Capellas 0,40 por 0,32 50$00
88 Poços (Capellas) 0,40 por 0,32 50$00
89 Poços (Capellas) 0,40 por 0,32
90 Sol e sombra 0,40 por 0,32
91 Retrato 0,61 por 0,52

Reis (João).

Discipulo de Carlos Reis menção honrosa pela Sociedade Nacional de Bellas Artes.

Arieiro, Lisboa

92 Primavera 0,55 por 0,37 60$00
93 Nuvens 0,31 por 0,22 30$00
94 Outomno 0,46 por 0,34 60$00
95 No milheiral 0,38 por 0,2 60$00

Renda (Gilberto Ventura).

Discipulo de Velloso Salgado e Luciano Freire; ex-pensionista Valmór em Paris (1913-1914); diplomado pela Escola de Bellas-Artes de Lisboa, com 1.ª medalha e premio pecuniario; menção honrosa na Sociedade de Bellas-Artes e 1.ª classificação no concurso Annunciação (Premio monetario).

Rua Alexandre Herculano 111, Lisboa.

96 Chrysantemos 0,41 sor 0,32 50$00
97 Tarde (Minho, Portugal) 0,41 por 0,33 30$00
98 Estudo de Atelier 0,41 por 0,31 25$00
99 Caminho de Seixas, (Minho, Portugal) 0,40 por 0,34 30$00
100 Rio Loin (França) 0,40 por 0,333 35$00
101 Estudo de cabeça (Minho, Portugal) 0,32 por 0,24 20$00
102 Casa d'aldeia («) 0,40 por 0 33 25$00
103 Tarde Seixas («) 0,17 por 0,27 20$00
104 Arredores de Paris 0,40 por 0,30 40$00
105 Minho e Galiza (Portugal) 0,33 por 0,24 30$00
106 Arredores de Lisboa 0,40 por 0,31 35$00

Ribeiro (D. Izabel)

106A Flores
106B Crisantemos
106C Velha
106D Papoulas
106E Natureza morta

Ribeiro Junior (José Nunes).

Discipulo da Escola de Bellas Artes de Lisboa e Condeixa medalha de 3.ª e 2.ª classe na Sociedade Nacional de Bellas-Artes, e da Parte no Rio de Janeiro.

Academia de Bellas Artes—Lisboa.

107 Porta do Alcaçar (Tanger) 0,40 por 0,32 70$00
108 Casal saloio 0,27 por 0,29 50$00
109 Moinho de S. Silvestre (Minho) 0,47 por 0,35 70$00

110 Estrada da Fonte (arredores de Lisboa) 0,23 por 0.17 40$00

Salgado (José Velloso.)

Discipulo da Escola de Bellas-Artes de Lisboa, Ferreira Chaves e Delaunay, medalha de honra na Sociedade Nacional de Bellas-Artes e Hors-concours no Salon de Paris, etc., eta.
Rua da Quintinha 99. Lisboa

111 Esperando 0,58 por 0,38 150$00
112 Humilde 0,27 por 0,20 50$00
113 Na Fonte 0,27 por 0,20 50$00
114 Casas de Caldellas 0,27 por 0,22 40$00
115 Pateo do Minho 0,24 par 0,33 40$00
116 Pescador 0,35 por 0,24 60$00
117 Lavradeira 0,22 por 0,27 50$00

Santos D. Beatriz Rollin.)

Discipula de Conceição Silva, mensão honrosa, na Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes em 1914.
Rua Santo Antonio da Gloria, 97, 3.º, Lisboa.

118 Estudo de cabeça 0,31 por 0,38 30$00
119 Natureza morta 0,44 por 0,35 25$00

Santos (Abel).

Discipulo de Carlos Reis.
Escola Industria Frederico da Silveira, Portalegre

120 Sol da tarde (Azeitão) 0,86 por 0.56 100$00
121 A rua dos Amores (Colares) 0,36 por 0,28 50$00
122 Caminho florido (Seixal) 0,26 por 0.24 25$00

Santos (M.elle Miranda.)

123 Por do Sol na Foz do Arêlho 0,70 por 0,50 25$00

Saude (Antonio Manuel da.)

Ex-pensionista do Estado, discipulo de Carlos Reis—Premiado com 3.ª medalha pela Sociedade de Bellas-Artes, e medalha de prata na Exposição do Rio de Janeiro de 1909
Rua da Amargura, 31, Santarem

124 Estrada de Dave (Namur Belgica) 0,22 por 0,27 50$00
125 Margens do Sena (Snresnes Paris) 0,40 por 0,33 80$00
« « « 0,40 por 0.33 50$00
126 Estudo (Versailles) 0,40 por 0,33 50$00
127 Campino Santarem 0,37 por 0 29 30$00
128 Poente Framagal Estudo—0,22 por 0,16 30$00
129 Poente Ribeira de Picalho =Villa de Feira—0,22 por 0,16 30$00
130 Estudo Azenha—Villa de Feira 0,22 por 0,16 30$00
131 Campos do Valle Santarem 0,32 por 0,15 30$00

Silva (Antonio Thomaz da Conceição.)

Discipulo da Escola de Bellas Artes, Ferreira Chaves e Jean Paul Laurens.
Rua Escola Polytechnica, 281, 1.º,—Lisboa

132 Relegioso 0,94 por 0,22 80$00

Silva (Constancio Gabriel da).

Discipulo da Escola de Bellas Artes e de Velloso Salgado.
Rua da Boa Nova, 14, Ponta Delgada

133 Novellões 0,35 por 0,27 15$00
134 Costa das Capellas 0,24 por 0,33 12$00
135 Estradinho 0,35 por 0,27 15$00
136 Lagoa das Sete Cidades 0,85 por 0,57

Travassos (Adelino Casanova).

Discipulo de Alberto de Souza e da Escola de Bellas Artes de Lisboa.
Ponta Delgada, Rua Antonio José d' Almeida

137 Richardias 0,65 por 0,49 24$00
Edgworthia papyrifera 0,23 por 0,34 12$00

Trigoso (João de Mello Falcão).

Lagos

Discipulo de Carlos Reis.

138 Uma feira em Lagos 0,56 por 0,30 60$00
139 Sentinella á sombra 0,57 por 0,29 50$00
140 Margens do Mouse (Belgica) 0,46 por 0,33 45$00
141 Uma pochade 0,29 por 0,42 30$00
142 Sol entre nuvens (Sena França) 0,41 por 0,33 30$00
143 O Caes de tarde (Lagos) 0,35 por 0,27 30$00

Vasconcellos (Maria Sabina Pereira).

Discipula de João Cabral, Roque Gameiro e L. Battistini.
Rua da Canada, Ponta Delgada

144 Na fonte (Capellas) 0,30 por 0,38 30$00
145 Por do Sol (S. Vicente) 0,52 por 0,30 40$00

Vaz (João).

Discipulo de Annuciação e Silva Porto.
Escola Industrial, Affonso Domingues.

146 Praia d'Espinho 0,18 por 0,29 30$00
147 Cousas do tempo antigo (medalhão decorativo) 0,96 por 0,81 170$00
148 Moinho do Liz (Leiria) 0,46 por 0,31 60$00
149 Claustro da Sé de Lisboa 0,46 por 0,31 60$00
150 Alto mar 0,78 por 0,43 160$00
151 Praia da Rocha (Portimão) 0,18 por 0,89 25$00
152 Ruinas do Convento (Portimão) 0,29 por 0,45 60$00

ESCULPTURA

Alcantara (D. Margarida)

15 Preparando o anzol (gesso)—200$00.

Canto (Ernesto do).

153 Amor violento 50$00

154 Amor calmo 50$00
155 Turvas de som materialisadas (tres estatuetas cada) 30$00
156 A Moda 30$00
157 Um Santo 35$00
158 Um beijo 30$00
159 Busto
160 Friso
161 Infelicidade do Amôr
162 Tristeza (estatua) 200$00

Corrêa (Norberto)

163 Da Escola de Bellas Artes de Lisboa

Rua do Calvario N.º 19, 1.º

164 Evocando 100$00

Teixeira Bastos (Ruy Cordeiro)

Praça Luiz de Camões 6, 3.º Lisboa.

165 A avosinha (busto em gesso) 80$00
166 O Januario « » » 100$00

AGUARELLAS

Hubner (Adolfo).

Praça Luiz de Camões 6, Lisboa

167 Sahida do theatro 0,30 por 0,23 8$00
168 Borboleta 0,22 por 0,15 8$00
169 Rua Affonso d'Albuquerque (Alfama) 0,10 por 0,11 6$00
170 Largo Santa Cruz do Castello 0,11 por 0,11 6$00
171 Largo S. Miguel (Alfama) 0,11 por 0,11 6$00

Marques (João)

Discipulo de Leopoldo Battistini, mensão honrosa na Sociedade de Bellas Artes de Lisboa.
Rua de José Estevam, 8, 2.º

172 Puchando as redes para terra 0,57 por 0,48 15$00
173 Cabeça de estudo 0,53 por 0,43 10$00
174 Arco de Jesus (Lisboa) 0,63 por 0,53 18$00
175 Barco de pesca (Espinho) 0,51 por 0,44 10$00
176 Arvore secular (Palmella) 0,52 por 0,45 10$00
177 Vendedeira de fructa (Mercado da Ribeira Nova, Lisboa) 0,67 por 0,45 15$00

Renda (Gilberto Ventura)

178 Coupletista Hespanhola 0,40 por 0,25 50$00
179 Coupletista Franceza 0,40 por 0,33 40$00

Vasconcellos (Maria Sabina Pereira)

Discipula de João Cabral e Roque Gameiro.

Rua da Canada, Ponta Delgada

180 Interior (estudo) 0,50 por 0,35 20$00
181 Velha (estudo) 0,40 por 0,35 12$50
182 O tio André 0,34 por 0,28 12$50
183 Uma rapariga 0,42 por 0,32 10$00

CARVÃO E DESENHO

Esteves (Francisco Romano).

Discipulo de Columbano, menção honrosa e medalha de 3.ª classe na Sociedade de Belas Artes.

Rua da Estrella, 61, Lisboa

183 Cabeça de creança 0,33 por 0,37 5$00
184 Pequeno musico 0,63 por 0,41 7$00
185 Cabeça 0,35 por 0,42 8$00
186 « 0,31 por 0,42 8$00

Faria e Maia (Amancio Gago Machado).

187 Retrato

Ferreira da Costa (Joaquim).

Discipulo de Columbano.

Rua do Arco Limoeiro, 36, 2.º, Lisboa.

188 Estudo (desenho) 0,34 por 0,41 15$00
189 « « 0,34 por 0,41 14$00
191 « « 0,27 por 0,31 13$00
192 « « 0,34 por 0,41 10$00
193 « « 0,25 por 0,32 10$00

Ribeiro (D. Izabel)

194 Estudo 0,99 por 0,54
195 Cabeça de velho 0,59 por 0,69
196 « « 0,69 por 0,35

Sarmento (D Luiza da Cunha de Moraes).

197 Estudo 0,50 por 0,38 10$00
198 « 0,55 por 0,45 10$00
199 « 0,55 por 0,45 10$00

Travassos (Adelino Casanova).

200 Retrato do Ex.mo Sr. José Raposo Benevides Jr. 0,78 por 0,54

PASTEL

Battistin (Leopoldo)

Premiado com varias medalhas de ouro e prata.

Rua do Alecrim, 20, A-, 1.º, D. Lisbôa

201 Ao toucador 0,60 por 0,50 (Pastel) 35$00
202 Esperando 0,60 por 0,50 30$00
203 Cabeça de menina 0,60 por 0,50 35$00
204 Retrato de creança 0,60 por 0,50 30$00
205 Casal de perús (perú e perna) 0,60 por 0,50 30$00
206 A oração 0,60 por 0,50 30$00
207 Cantiga 1,10 por 0,80 120$00
208 Acariciando Bébé 1,10 por 0,80 110$00
209 Cabeça de menina 0,60 por 0,48 30$00

Carneiro (D. Anna Emilia d' Aguiar).

Discipula de Conceição Silva, 3.ª medalha na Sociedade Nacional de Bellas Artes de Lisboa.

Rua dos Prazeres, 47.

211 Cabeça de mulher 0,63 por 0,46 25$00
212 Rosas 0,44 por 0,30 10$00
213 Odalisca 0,43 por 0,30 25$00
214 Estudo 15$00
215 Alfarrabios 0,27 por 0,45 15$00

Castello Branco (Maria Eduarda).

Rua Visconde Valmôr, V. C. J. 2.º Lisboa.

216 Coquettismo 0,36 por 0,39 25$00
217 Innocencia 0,36 por 0,39 25$00

Santos (D. Beatriz Rollin).

Discipula de Conceição Silva, menção honrosa, na Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes em 1914.

Rua Santo Antonio da Gloria, 97, 3.º, Lisboa

218 Estudo 0,45 por 0,60 25$00
219 Cabeça de velha 0,47 por 0,53 30$00

Sarmento (Luiza Moraes).

219A Cabeca de velha
219B Cabeça de creança

Silva (Antonio Thomaz da Conceição).

Discipulo da Escola de Bellas Artes, Ferreira Chaves e Jean Paul Laurens.

Rua da Escola Polytechnica, 231, 1.º, D., Lisboa

219 Sorriso—Pertence ao Ex.mo Sr. Arthur May

Silva (D. M. de Jesus Conceição)

Discipulo de Conceição Silva, mensão honrosa na Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes em 1911,

Rua da Escola Polytechnica, 231, 1.º Lisboa

CARICATURA

Neves (Vasco d'Almeida)

Travessa do Arco (a Jesus) 5, Lisboa

222 Na Praia 0,47 por 0,25 (caricatura) 6$00
223 Inspiração 0,40 por 0,56 7$00
224 Elegante 0,51 por 0,22 5$00
224 Primeiros Arrufos 0,30 por 0,35 3$00
225 Espectativa 0,38 por 0,38 3$50
226 Edade da Pedra 0,65 por 0,32 4$50
227 En la calle 0,49 por 0,25 4$50
228 La valse Brume 0,24 por 0,18 2$50

Rebello (Domingos M. Xavier)

229 9 Cartões (D. Quixote)

MINIATURA

Silva (D. M. de Jesus Conceição)

Discipula de Conçeição Silva, mensão honrosa na Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes em 1911

Rua da Escola Polytechnica. 231, 1º., Lisboa

MINIATURAS SOBRE MARFIM

230 Christo de Guido Reni (copia) 35$00
231 Virgem de C. Dolei (copia) 30$00
232 Retrato de Miss D. W.
233 Ovarina 40$00

Fazem-se retractos n'estas dimensões, ou nas que se combinarem a preço medio de 40$0

ARTE APLICADA

Pinto (José Antonio Jorge)

Azuleijos

234 Junta de Bois (Calçada Ajuda)
235 Lavagem de roupa
236 Estatua de D. José (Terreiro do Paço)

237 Arcos das Aguas Livres
238 Capelas imperfeitas (Batalha)
239 Paysagens
240 Mercado do gado
241 Casal (alto do Duque)
242 Effeito do Luar
243 Quinta das Tapadas (fundão)
244 Paysagem
245 Casa do Armador e cruzeiro
246 Paysagem
247 Riacho
248 Torre de Egreja
249 Paysagens
250 Effeito de manhã (Norte de Portugal). Pintura mate
251 Terre de Belem
252 Cabeça de expressão

Ataide - Notas de arte.

8 - Infante D. Henrique - [illegible]

111 - Aparecem traços de realismo

125 - iluminura

172 - (2) Livros iluminados ?

SVERIGE
KARLSKRONA

Exposição de Pintura

DE

MARIA SABINA PEREIRA VASCONCELLOS

NO SALÃO DO TEATRO MICAELENSE

Novembro de 1915

AGUARELLAS

1	Margarida vai á fonte	10$00
2	Marinha	5$00
3	Fructas	8$00
4	Uma rua (Bretanha)	10$00
5	Perfil (estudo)	3$70
6	Estrada da Matta dos Padres	8$00
7	Marinha (Doka)	15$00
8	Regresso da cidade	5$00
9	Mendiga (estudo)	6$00
10	Rocha da Ajuda (Bretanha)	7$50
11	Moinho dos Remedios	8$00
12	Pico Vermelho	6$50
13	Ladeira de S. Matheus	7$50
14	Galinhas	3$75
15	Paisagem	2$50
16	Pastor	3$00
17	Grota Grande (Bretanha)	3$00
18	Uma rua (Capellas)	5$00
19	Canada do Poço (S. Vicente)	6$00
20	A Lavadeira	5$00
21	Manhã de sol	5$00
22	Canada da Pedreira (Capellas)	3$00
23	Idylio	8$00
24	Moinho velho (Arrifes)	3$00
25	A Fonte Grande (S. Vicente)	5$00
26	Pescando	5$00
27	Barco da carregação	5$00
28	Mousinho da Silveira (rebocador)	6$00
29	Moinho dos Poços (S. Vicente)	5$00
20	Marinha (barco da agua)	5$00
31	Sol e sombra	2$50

32	O Tio Pedreira (Bretanha)	15$500
33	Barco da Villa Franca	6$500
34	Trecho da costa do Norte	3$500
35	Vendedora de fructa	7$550
36	Fructas	15$500
37	Idem	8$500
38	Idem	3$575
38a	Estrada Nova das Feteiras	15$500

OLEO

39	Charco da Madeira	60$500
40	Ao lavar da roupa	50$500
41	Uma madrugada nos Poços (S. Vicente)	25$500
42	Más noticias (estudo)	35$500
43	Á Espera dos barcos	70$500
44	Cabeça de velho	25$500
45	Rua da Conceição (Capellas)	30$500
46	Porto dos Remedios (Bretanha)	30$500
47	A Tia Maria Pequenina	8$500
48	Á porta	15$500
49	Fumando um cigarro (estudo)	25$500
50	Tarde á beira-mar	15$500
51	« da Bretanha	20$500
52	Paisagem (St.ª Barbara)	12$500
53	Garato	6$500
54	Costa do Norte	20$500
55	Alamo	20$500
56	Recolhendo ao redil	25$500
57	Azul sobre azul (estudo)	18$500
58	Peros	30$500
59	Scena d'aldeia	30$500
60	Ás lapas	10$500
61	Uma paisagem da Bretanha	10$500
62	Cigana	50$500
63	Costa do Norte (Calhetas)	50$500
64	Pôr do sol (Bella Vista)	30$500

APENDICE II

AQUISIÇÕES FEITAS PARA O MUSEU DURANTE A IMPRESSÃO D'ESTE LIVRO

Ultimamente foram aumentadas as colecções do museu com novos exemplares aos quais nos vamos referir, completando-se assim a mencionação dos objectos que hoje lhes pertencem.

*
* *

O quadro do insigne pintor Sr. Carlos Reis—,*Geràneos e Malvarosa*—, que figura no catalogo da exposição de Belas Artes de Ponta Delgada de 1914, foi comprado pelos Sr.' Coronel Francisco Afonso de Chaves e Arthur May, tomando nós tambem parte da responsabilidade no emprestimo que contraimos para a sua aquisição.

A tela custou 500$000 rs. fracos, entrando n'esta quantia 63$000 rs. saldo da exposição de Belas-Artes de 1915, e está depositada no museu, devendo pertencer é Secção d'Arte, logo que os seus compradores estiverem desonerados da responsabilidade sua por meio de amortisações sucessivas do capital, com os saldos das futuras exposições, depois de de-

duzidas as importancias para as aquisições necessarias e ainda com a receita proveniente da venda d'este livro.

Pelo Sr. Coronel Chaves foram mais oferecidas duas aguarelas, uma do Sr João Cabral, um trecho da Costa de Portugal, e outra de Marius Borrel, representando a furna da Ilha da Graciosa

Existindo na repartição das Obras Publicas do Estado uma colecção de gessos, representando alguns dos mais interessantes trechos das portadas manuelinas da Matriz de P. Delgada e tendo-nos manifestado ao ilustre engenheiro Sr. Dr. Francisco Xavier Vaz Pacheco de Castro, empenho em serem esses gessos expostos no museu, foram por Sua Ex.ª emprestados á Secção de Arte, e colocados na sala onde estão os azulejos.

Finalmente faltando ainda n'esta colecção bons exemplares de azulejo em relevo do século XV, resolvemos adquirir o frontal da ermida dos Remedios a que já nos referimos.

Tendo caido o tecto desta ermida e não nos sendo garantida a sua reconstrução, propozemos aos actuais proprietarios a compra dos azulejos que realizamos por 25$000 quantia maxima de que podia dispor o museu, no intuito, não só de enriquecer a colecção existente, como ainda de salvar um dos mais antigos exemplares d'esta Ilha impedindo assim um proximo descaminho dado por alguem que olhando ao seus interesses particulares, poderia auferir explendidos lucros negociando-os no extrangeiro. Este quadro está completo tal como se achava no frontal do altar.

Em breve tencionamos ainda, reunir uma colecção de quadros de auctoria micaelense dando o nessesario desemvolvimento a esta parte do museu iniciada já com os quadros de Marciano Henriques da Silva.

De todos os artistas a quem nos temos dirigido, pedindo sua representação no Museu, recebêmos a promessa de uma colaboração, alimentando assim a espeança de em breve estar preenchida essa lacuna.

Indice dos nomes dos artistas e artifices micaelenses e dos extrangeiros que n'esta Ilha exerceram a sua actividade aos quais se faz referencia n'este estudo, não incluindo os que ficam registados nos Catalogos das Exposições.

Afonso Fernandes arquitecto 1550. . . . . pag 162
Afonso Machado arquitecto 1544 160-162
Agostinho da Costa, oleiro, 1735 85
« Ferreira arquitecto, 1664. 167
« da Ponte, ourives, 1704. 85
Alexandre Roxo decorador 1610. . . . . 122 e 123
Amancio Cordeiro, entalhador, 1840 52
Amaro de Lima, ourives, 1692. 85
« de Freitas, decorador, 1697. . . . . 125 e 132
Ana Jacinta—freira florista, 1802 92
André Cabral, oleiro, 1742 85
« Fernandes—lavrante de pedra, 1545 . 62-162-163
« de Fontes, escultor, 1725. 41
« Gonçalves, oleiro, 1666. 80
« Martins, alvanel sec. XVII 167
« do Monte, oleiro, 1677 80
Antonio Alves, tecelão, 1578. 76
« de Brito, ourives, 1710 85
« Correia, entalhador, 1729. 41
« da Cunha, ourives, 1717 85
« Dias, entalhador, 1789. 42
« Luis, oleiro, 1709 85

« Faustino Fragoso, entalhador, sec. XIX 53
« Francisco, ourives, 1718 85
« Gonçalves, arquiteto, 1575 161
« Gonçalves, ourives, 1692 85
« Joaquim Peixoto de Sequeira, prof. de desenho 1848. 147
« Nunes, oleiro, 1735. 85
« Pacheco, entalhador, 1815 . . . . . 51 e 52
« Pereira, oleiro, 1721 85
« Martins, oleiro, 1643. 80
« Moreira de Souza, ourives, 1704. . . 85
« Rodrigues, serralheiro, 1677 80
« « oleiro, 1735 85
« Roiz, oleiro, 1674 80
« Roiz, ourives, 1577 75
Augusto d'Araujo de Lima, entalhador, 1854 43 e 55
Baltazar A. serralheiro, 1612. 80
« Carrasco, serralheiro, 1612. 80
« Rebello, pintor, 1604 . . . . . 103 e 104
Bartolomeu Frz, serralheiro, 1676 80
Bastião de Lima, ourives, 1636 80
Brandt (Pr) prof. de desenho inglez, 1850. . 54 e 142
Braz da Ponte, alvanel, 1533 162
Carlos d'Araujo de Lima, entalhador, 1915 . 43
Candido José Xavier, pintor e scenografo, 1870 . . . . . 55-152 e 153
Carlos de Castro, alvanel sec. XVII. 167
Charles Martin, pintor, 1850? 54-142
Ch. Boutet de Mouvel, francez, sec. XIX. . . 154
Clara, freira florista. 1814 92
Constantino José Márques de Sampaio e Mello-florista-1823 . . . . . 92 a 96
Cosme Damião, ourives, 1575 76
Cristovão Afonso, tecelão, 1578 76
Denise-Vandenpopelier-serralheiro, 1849 . . 87
Diógo Alves, carpinteiro, 1533 163
Damazo José da Costa, pintor, sec. XIX. . . . 151

Diogo Dias, carpinteiro, 1533 163
« Piz, tecelão, 1577 75
« Soeiro, pintor, 1637 123
Dionisio de Fontes, entalhador, 1738 41
Domingos Glz, oleiro, 1577 75
Domingos Jorge, tecelão, 1578 76
D.os d' Oliveira alvanel, sec. XVII 167
Estevão da Ponte, alvanel, 1533 162
Eulalia Querubina freira, florista, 1802 . . . 91
Fernando Sales Almeida, decorador, 1870 . 154
Fernão Alvares, arquiteto, 1520 160
« de Matos, pintor, 1555 102
Floro, decorador, 1780 136
Flamengo, decorador, 1698 125
Francisco Alvares, pintor, 1669 125
« Alves, tecelão, 1578. 76
« d' Andrade Albuquerque, prof desenho, 1848. 147
« Cordeiro, mestre de obras, 1840 . 52
« Cordeiro, entalhador, sec XIX. . . 53
« Duarte, entalhador 1818 51
« Durpoint, tecelão francez 1757 . . 85 e 86
« Furtado de Mendonça, entalhador e escultor 1815. 50
« Martins, escultor, 1735 41
« Moreira de Sá, decorador, 1700 . 132
« da Ponte, ourives, 1718 85
« Renard, pintor francez, 1874 . . . 154
« Tavares, entalhador, sec XIX . . . 53
« Teixeira, imaginario 1555-1626. . 26 e 27
« Teixeira, o moço imaginario, idem . 26 e 27
« Xavier, pintor, 1760 . . . . . 132 a 153
Frei Manuel de St. Maria, pintor? 1669 . . 125
Gabriel Pires, alvanel, sec XVII 167
Gaspar Jorge, alvanel, sec XVII. 167
« Borges, imaginario, 1574 28
« Borges, serralheiro, sec XVI . . . 76 e 77

« Gonçalves, tecelão, 1578 76
« Rois, oleiro. 1678 80
Germain Arnaud, tecelão francez 1757 . . . 85-86
Gervazio d'Araujo, de Lima entalhador, 1851 . 43
Giorgio Marini, pintor italiano, 1870 . . . . . 54, 143 e 144
Gonçalo Enes, serralheiro, 1574 76
Gonçalo Muz. tecelão, 1577 75
Gonçalo de Souza, oleiro, 1682 80
Henrique Ferreira, ourives, 1726, ... 85
Henrique José de Medeiros Cogumbreiro Goes, entalhador, 1840 52
Herculano Maria Gomes Machado-pintor, 1872 151
Hortense de Morais (D.) prof. de rendas, 1915 97
Hy Sandham, aguarelista, inglez, 1895?. . . 154
Inacio da Costa, oleiro, 1676 80
Inacio de Sousa, oleiro, 1735 85
Inacio Martins Pimentel, entalhador, 1733 . 41
Inacio Pereira, decorador, 1749 136
Izidoro d'Almeida, arquiteto e desenhista, 1522 . . . . . 104 e 105
Jacintho José Cordeiro, ourives, 1825-1880 . 87 e 88
Jacintho Tavares, entalhador, sec. XIX . . . 53
Jeanne Le Roux (M.elle) franceza, pintora, 1896 154
Jeronima do Sacramento freira florista sec. XVII 83
João Albino Peixoto, pintor decorador, 1803-1891 . . . . . 145 e 146
João Bicudo de Mendonça, entalhador, 1708 40
João Cordeiro, entalhador, 1840? 52
João da Rocha, oleiro, 1672 80
« de La Penha, arquiteto biscainho 1507 159
« da Fonseca, entalhador 1687 33
« de Souza Viveiros, oleiro 1735. . . . 85
« de Souza Freire (Vigario) desenhista e amador de arte 1726 . . . . . 38, 170 e 171
« de Souza, oleiro 1699. 80
« Fen.ce, lavrante de pedra 1766. . . . 173

João Frz, oleiro 1574 76
« Gonçalves tecelão 1578 76
« Loução, Constructor naval sec. XVI. . . 177
« Osorio Mungais, pintor 1633 123
« Váz Velho, ourives 1683. 80
José d'Araujo de Lima, entalhador 1757 . . 42 e 45
« d'Araujo de Lima, entalhador 1915. . 43
« d'Arruda, serralheiro, 1735. 85
« d'Arruda, entalhador, 1819 51
« Caetano da Mota, ourives, sec. XIX . . 87
« Costa, alvanel, sec. XVII. 167
« Correia, entalhador, 1755. 41
« Cordeiro, entalhador, 1840 52
« Cordeiro, entalhador 1860? 53
« Duarte, entalhador1818 51
« Fernandes lavrante de pedra sec. XVII . 167
« de Fontes, entalhador, 1789 . . . . 47 e 48
« Francisco, entalhador, 1813 51
« Francisco Pereira, entalhador 1813 . . 51
« Joaquim. decorador e pintor. 1789 . . . 47-136
« Machado de Medeiros, pintor, 1848. . . 127 e 146
« Nogueira, oleiro, 1735 85
« Nunes, decorador, 1760. . . . . 132 e 133
« Paulo Rocha, serralheiro, sec. XIX . . . 88
« Soares de Menezes, decorador, 1819 . . 109 e 141
« Soares, decorador, 1823 147
Jorge Gonçalves, tecelão, 1578. 76
Joseph Martins. ourives, 1718. 85
Joseph de Paiva, lavrante de pedra, 1687 . 67 e 167
« Vieira, ourives, 1730 85
Jules Chaume, pintor francez. 1887. 154
Julio Nogueira, oleiro, 1730 85
« Martins, ourives, 1730. 85
Kines, marceneiro italiano, 1850. 53
Lambertini, scenografo, italiano, 1864 . . .55, 153 e 154
Lourenço Teixeira, o moço imaginario, 1593 27 e 28
Lopo Vaz, tecelão, 1578. 76

Louis Tinayre, pintor francez, 1904 154
Luiz Duarte, entalhador, 1818 51
Luis José de Medeiros, ourives sec. XIX. . . 88
Luis José de Medeiros, serralheiro sec. XIX . 88
Luis (Muniz ?) entalhador 1722. 41
Luis Nunes da Cunha, oleiro 1850 89
Luis Rodrigues, entalhador 1725 41
Luis da Rocha, oleiro 1687. 85
Lupedo, arquiteto 1530 162
Manuel Barbosa, serralheiro 1677 80
« Borges de Sousa, entalhador 1703 . . 41
« Botelho Sampaio, pintor 1726 . . . 132
« Correia, entalhador 1729 41
« « pintor 1610. 123
« « serralheiro 1722. 85
« da Cunha, entalhador 1755. 41
« d'Almeida Quental, ourives 1710. . . 85
« d'Andrade, entalhador 1725 41
« d' Araujo, oleiro 1735 85
« de Freitas da Silva, serralheiro 1757 84
« da Costa, oleiro 1735 85
« da Costa Oliveira, decorador 1714. 132
« d' Oliveira, oleiro 1735. 85
« da Costa, alvanel, sec XVII 167
« de Souza oleiro, 1735. 85
« de Fontes, alvanel, sec XVII 167
« de Mello, oleiro 1735 85
« Dias, tecelão 1614 80
« Dias, oleiro 1703 85
« Dias, serralheiro 1637 80
« da Silva, ourives 1735 85
« Dias Rovoredo, alvanel sec XVII. . . 167
« Frz, oleiro, 1677. 80
« Fernandes, serralheiro, 1687 85
« Fernandes, decorador, 1673 124
« João, serralheiro, 1732. 85
« Josè Gomes Machado, decorador 1819 109-141

« José de Sales, prof. desenho, 1848 147
« Leite Pereira, oleiro, sec. XIX 89
« Lopes, tecelão, 1578 76
« Monteiro, prof. desenho, 1848. . . . 147
« de Melo, oleiro, 1721 85
« Machado, entalhador, 1721. 41
« Martins, oleiro, 1693. 85
« Machado, arquiteto, 1551 . . . . . 103 e 160
« Machado, ourives, 1742 85
« Nunes, ourives, 1575 76
« Pinheiro, pintor 1671. 126
« « Moreira, pintor 1685. . . 127
« Pires, alvanel sec XVII. 167
« Quental, serralheiro 1722 . . . 85
« Romeiro, entalhador 1708. 33
« Rodrigues, oleiro 1735. 85
« Roiz, lavrante de pedra sec XVII. . 167
« de Souza, entalhador 1759 41
« Tavares, arquiteto 1614. 167
« da Silva, ourives 1765. 85
« Teixeira, lavrante de pedra sec XVII. 167
Marcelino Ivo Pereira, decorador sec XIX. . 146
Marcos Frz, serralheiro 1666. 80
Marciano Henriques da Silva, pintor, 1831-1873. 148-152
Marius Borrel, pintor francez, 1888. 154
Mateus Rodrigues, oleiro, 1735. 85
Martinho, decorador, 1743 132
Mateus da Costa, oleiro, 1722. 85
« Roiz, serralheiro, 1676 80
« d'Arruda, ourives, 1730. 85
« de Lima, ourives, 1614 80
Matias de Souza, oleiro, 1721. 85
« Rodrigues, entalhador, 1699 33
« Roiz, serralheiro, 1687 85
Miguel Machado, entalhador, 1722. 41
Matias de Melo, oleiro, 1735 85

Miguel de Medeiros, entalhador, 1722 41
« da Cunha, oleiro, 1735 85
« Pereira, ourives, 1582. 76
« Romeiro, entalhador, 1675-1707. . . 33 a 36
Murphy. pintor americano, 1911 155
Nicolau Domingues, imaginario, 1606-1660. 31 e 32
« Domingues, imaginario, 1676. . . . 32
« Fernandes, lavrante de pedra, 1545 . 62-162 e 163
Pedro d'Araujo de Lima, entalhador, 1789. . 42 e 51
« d'Araujo de Lima, entalhador, 1845. . 42
« d'Araujo de Lima, entalhador, 1915 . . 43
« d'Alcantara Leite, prof. desenho, 1848 . 147
« d'Arruda, entalhador 1819 51
« da Costa, oleiro, 1721 85
« de Frias. florista, 1637 82
« Lopes, entalhador, 1717 40
« Machado, arquiteto, 1545 160
« de Lima, oleiro, 1693. 85
« Machado, entalhador, 1768. 41
« Martins, espadeiro, 1712 85
« Muniz, espadeiro, 1723. 85
« Nolasco Nogueira, decorador, 1826 . . 145
« de Souza. oleiro, 1735. 85
« Fernandes, carpinteiro, 1533 163
Pero Maeda, arquitecto biscainho, 1551. . . . 160
Richebourg Le Roy, cerieiro francez, 1720 . 87
Roberto Guld, inglez decorador, 1734. . . . 132
Sebastião de Lima, ourives, 1612 80
« de Souza, oleiro. 1779. 85
Soares Rego (viuva), oleira, sec. XIX 89
Teodomiro d'Almeida Coelho, entalhador, 1915 53
Tomaz Benedito, arquiteto italiano 1550. . . 160
« Carpinteiro, ourives 1677. 80
« Dias, oleiro 1716. 85
Tome de Paiva, oleiro 1716. 85
Tristão Luis, tecelão 1578. 76
Ventura Soares, decorador 1843 132

Vicente Malio, pintor 1835. 143
Welester, pintor americano 1911 155
Wovdbury, pintor americano 1911 155

INDICE

PREFACIO pagg 7-24

CAP. I

OBRA DE TALHA ESCULTURA E MARCENARIA 25-57

CAP. II

AZULEJOS PORTUGUEZES E EMBREXADOS 59-73

CAP. III

OUTRAS FORMAS DE ARTE APLICADA 75-97

CAP. IV

PINTURA E DECORAÇÃO 99-157

CAP. V

ARQUITECTURA RELIGIOSA E CIVIL 160-174

CAP. VI

CONSTRUÇÃO NAVAL 175-182

CONCLUSÃO 183-191

APENDICE I

TRANSCRIÇÃO DOS CATALOGOS DAS EXPOSIÇÕES DE BELAS ARTES 1848-1915 192-338

APENDICE II

NOVAS AQUISIÇÕES FEITAS PELO MUSEU MUNICIPAL 339-340

INDICE DOS NOMES DOS ARTISTAS 341

ERRATAS

Aparecendo numerosos erros no decorrer d'este livro, determinados pelas condições especiais em que foram revistas as provas, passamos a fazer as erratas principais.

Pag.	Onde se lê	Leia-se
22	uma arte original para	uma para arte original
23	dentro do limita ambito	dentro do limitado ambito
45	voltando ainda a fallar da igreja de S. José	de S. Francisco, egual engano encontra-se repetido
49	n'uma palavra releva bem	n'uma palavra revela bem
82	segundo nos afirmam José Clemente	segundo nos afirma José Clemente
87	auctor de duas explendidas lampadas a matriz	auctor de duas explendidas lampadas da matriz
88	em nada inferior está dos melhores artistas	em nada inferior á dos melhores artistas
114	de estilo flamengo século XVI	de estilo flamengo do século XVI
137	A qual encontramos em um dos	a qual encontramos esboçada em um dos
139	Que denunciasse a sua autoria	que denunciasse com precisão a sua autoria
142	Bartolozzia	Bartolozzi
153	em 27 de Abril de 1870	em 27 de Abril de 1879
165	Estevão da Ponta Braz da Ponte de Portugal e Tomaz Benedito que se nos afigura ser tambem Continental	Estevão e Braz da Ponte de Portugal e Tomaz Benedito italiano
185	Irisações de virulentas	irisações virulentas
339	desonerados da responsabilidade sua	desonerados da sua responsabilidade sua
340	Recebemos a promessa de uma colaboração	recebemos a promessa de uma valiosa colaboração

227 O catalogo da exposição de 1895 devia entrar n'esta pagina e o da exposição de 1901 a pagg 237

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00018 8371